

Biblioteca Euphrosyne — 11

D. Jerónimo Osório

Osório

Tradutor da Ilíada?

Joaquim Mendes de Castro



ISBN 972-667-176-0

Biblioteca
Euphrosyne

11

Joaquim
Mendes de Castro

D. Jerónimo Osório
Tradutor da Ilíada?

Preço de capa: 2000\$00

Centro de estudos
CLASSICOS

[EST]CAS-J.JER-OSO-TRA-LI

Ministério da Educação

Instituto Nacional de Investigaçã

Instituto Nacional de Investigação Científica

**D. JERÓNIMO OSÓRIO,
TRADUTOR DA ILÍADA**

D. Jerónimo
Osório
Tradutor da Ilíada?

Joaquim Mendes de Castro

TÍTULO

D. JERÔNIMO OSÓRIO. TRADUTOR DA ILÍADA ?

1.* edição — 199.1

Série: Biblioteca Euphrosyne - 11

ISBN 972-667-176-0

AUTOR

Joaquim Mendes de Castro

Prefácio de Maria Helena Urena Prieto

EDIÇÃO

Tiragem: 1 000 exemplares

Instituto Nacional de Investigação Científica

CAPA

Arranjo gráfico de Mário Vaz

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

BARBOSA & XAVIER, LIMITADA

Rua Gabriel Pereira de Castro, 31-C — 4700 Braga

DISTRIBUIÇÃO

IMPRESA NACIONAL - CASA DA MOEDA

Rua Marquês de Sá da Bandeira, n.º 16 — 1000 Lisboa

Depósito Legal n.º 45596/91

© Copyright Joaquim Mendes de Castro



Instituto Nacional de Investigação Científica
Centro de Estudos Clássicos da
Universidade de Lisboa
Lisboa
1991

PREFÁCIO

Em 1982-83, o Dr. Mendes de Castro frequentou a cadeira do seminário de Mestrado em Estudos Clássicos regida por mim na Faculdade de Letras de Lisboa. Sugeriu-me então que, como trabalho de cadeira, apresentasse um estudo sobre a tradução dos primeiros oito cantos da Iliada atribuída a D. Jerónimo Osório e cujo apógrafo se encontra nos Reservados da Biblioteca Nacional de Lisboa. Desse estudo resultou a introdução à obra, que ora se propõe para a publicação.

A introdução foram, sucessivamente, adicionadas a cópia diplomática e as notas à mesma. Os numerosos lapsos, atribuíveis ao copista ou aos sucessivos copistas do autógrafo, aconselhavam uma anotação minuciosa para tornar a leitura do apógrafo útil ao leitor não especializado. A cópia diplomática e as anotações exigiram muito tempo e muito trabalho ao Dr. Mendes de Castro, motivo por que só agora a obra se encontra em condições de ser proposta ao INIC para uma edição do Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa. Estimamos que ela possa sair em breve dos prelos, enriquecendo o nosso conhecimento da actividade de tradutor do humanista insigne que foi D. Jerónimo Osório e o núcleo de traduções portuguesas do grego.

Lisboa, Outubro de 1988

MARIA HELENA DE TEVES COSTA URENA PRIETO

Introdução

MUITAS PROMESSAS

O estudo do grego em Portugal quinhentista terá conhecido uma aparição espectacular, segundo as notícias que do tempo nos ficaram. É geralmente sabido o entusiasmo de Clenardo ao descrever a seus conterrâneos e amigos holandeses a sua admiração pelo que vira na academia coimbrã: o mestre explicava Homero em grego aos discípulos, os quais também conseguiam exprimir-se na difícil língua original

Coimbra não era um caso isolado. André de Resende, na *Oratio pro Rostris* proferida em 1 de Outubro de 1534 e nesse mesmo mês editada na tipografia de Germão Galharde, quando ainda a Universidade sediava em Lisboa, exortava com veemência ao estudo da língua grega os jovens que se dedicavam ao estudo sério das letras, ao estudo sério da Gramática. Gramática latina e gramática grega, pois do consórcio das duas derivaria grande progresso para a literatura^{1 2}.

O louvor que o erudito humanista faz das vantagens do conhecimento do grego por parte dos alunos supõe que o estudo desta disciplina já era professado na Universidade. Nos Estudos Gerais de Lisboa teriam recebido os rudimentos, que pelas universidades da Europa ao depois aperfeiçoaram, muitos que vieram a adquirir notável renome³. Entre esses eruditos figura o nome de Luís Teixeira, que mais tarde D. Frei Manuel do Cenáculo há-de recordar, juntamente com o de Aires Barbosa, que alardeou o seu conhecimento da língua

¹ Cfr. M. Gonçalves Cerejeira, *Clenardo e a Sociedade Portuguesa do seu tempo*, Coimbra Editora, 1943³, pp. 112-113 e 371-404.

² Cfr. André de Resende, *Oração de Sapiência (Oratio pro Rostris)*, Tradução de Miguel Pinto de Menezes, introdução e notas de A. Moreira de Sá, Lisboa, 1956, pp. 38-39. Uma sentença do texto passou a lema do Instituto André de Resende.

³ André de Resende, *op. cit.*, p. 55.

grega nas Universidades de Salamanca, Alcalá e Coimbra⁴. A propósito, o Prelado de Beja enumera o nome de portugueses que gozaram fama de eruditos na Europa de seu tempo, com saliência para D. Luís do Amaral, bispo de Viseu, que no Concílio de Basileia foi escolhido para ir à Grécia, não somente pela sua autoridade, mas também por saber a língua do país⁵. E o Prelado crê que nenhuma temeridade haverá em julgar-se que já naquela primeira metade do século XV ia em bom caminho o estudo do grego nas Hespanhas... Pelo bom caminho queria ele também que fosse o «Ordinando», depois de se haver entretido «no Lácio primeiro e devidamente, se o quiser bem entender, e dilatar mais a sua erudição, se atreve às dificuldades da Língua Grega, pois feia cousa lhe parece que Homero seja para alguns eruditos igualmente cego que mudo»⁶.

POUCOS FRUTOS

Se o grego foi estudado em Portugal com certo afinco, pena é que os frutos hajam sido tão escassos. No seu estudo dedicado a *Temas Clássicos na Poesia Portuguesa*, a Professora M. Helena da R. Pereira mostra-se a este respeito bastante céptica com excepção de António Ferreira: «... para outras figuras (do nosso renascimento literário) apenas a formação latina se pode dar por comprovada; só no caso de António Ferreira ela se conjuga com a grega, à maneira dos grandes humanistas»⁷. E logo a seguir: «não será temerário afirmar que António Ferreira deve ter sido dos poucos a receber esse duplo influxo cultural. Mas o influxo directo ter-se-á limitado à versão livre de um ou outro tema de Anacreonte, ou, na maioria dos casos, algumas das imitações tardias, conhecidas por Anacreonteia»⁸.

Por seu lado, o P.^o António Freire, S.J., nos seus *Estudos de Cultura Greco-Latina*, no capítulo que dedica aos «Cultores do grego em Portugal», limita a sua apreciação ao «passado mais próximo e ao presente» apreciando extensamente a tradução da *Oração da Coroa* por Latino Coelho e citando nomes da actualidade, entre eles o da Professora Rocha Pereira⁹.

⁴ D. Frei Manuel do Cenáculo Vilas-Boas, *Cuidados Literários do Prelado de Beja...* officina de Simão Thaddeo, 1891, p. 50.

⁵ Cenáculo, *ibidem*, p. 504.

⁶ Cenáculo, *ibidem*, p. 532.

⁷ Maria Helena da Rocha Pereira, *Temas Clássicos na Poesia Portuguesa*, Editorial Verbo, 1971, p. 41.

⁸ Maria Helena da Rocha Pereira, *ibidem*, p. 42 e nota 1.

⁹ Antonio Freire, S.J., *Estudos da Cultura Greco-Latina*, Porto, Livraria Apostolado

Dada esta pobreza de elementos, justifica-se a tentativa de M.L. Buescu para evitar que Homero fique «cego e mudo» no nosso qui-nhentismo. Seria interessante poder-se afirmar com verdade que a epopeia camoniana filha raízes nos poemas homéricos, servindo a *Eneida* apenas de «correia de transmissão»^{10 11}. Mas a argumentação da apreciada investigadora não convence, como não convence a simplificação do papel atribuído à influência da epopeia latina no poema de Camões 'L

É certo, porém, que a galeria dos estudiosos do grego em Portugal contou com outros vultos bem representativos. Assim, consta que Sá de Miranda possuía uma edição da *Iliada* na língua original, a qual ia enriquecendo de notas da sua lavra¹². E não deve ficar sem menção outro nome ilustre do nosso Humanismo, o gramático Jerónimo Cardoso, a quem se reconhece «contacto razoável com a

da Imprensa, 1960, pp. 325-352. O mesmo tema foi abordado por outro membro da Companhia, J. Pereira Gomes em «Frei Manuel do Cenáculo. Da História da Lógica», *Brotéria*, 1958, pp. 9-22.

¹⁰ Maria Leonor Carvalhão Buescu, *Aspectos da herança clássica na cultura portuguesa*, Biblioteca Breve/Volume 33, 1979, p. 61.

¹¹ O principal argumento aduzido a favor do conhecimento do grego por parte do nosso épico —ou seu platonismo— perdeu toda a validade desde que o P.^o Mário Martins demonstrou sem sombra de dúvida que a mais platónica composição de Camões, as redondilhas *Babel e Sião*, não se deve a qualquer leitura do filósofo grego, mas a um comentário ao *Breviarium in Psalterium*, que ao tempo corria sob o nome de S. Jerónimo (*Brotéria*, 1951, pp. 391-394).

Já depois de redigido este trabalho, a Prof. M.H. Rocha Pereira publicou *Novos Ensaios sobre Temas Clássicos na Poesia Portuguesa*, onde há um capítulo sobre os nomes gregos em Camões, pertinente ao assunto.

¹² José de Sousa Machado, *Sá de Miranda ou o Poeta do Neiva*, p. 17. O Autor recolheu esta notícia na *Vida do Doutor Francisco de Sá de Miranda*, a qual vem no prefácio das obras do Poeta, de 1614. A mesma notícia foi recolhida por Carolina Michaelis em *Poesias de F. de Sá de Miranda*, X, nota 1.

língua grega» *³. Mas do livro de Sá de Miranda não ficou rasto, e J. Cardoso não deixou qualquer versão do grego.

Parece mesmo que os humanistas não sentiam necessidade de traduzir os Clássicos, uma vez que os liam e comentavam na própria língua. E assim é que só no século passado começaram a surgir com certa frequência versões do grego ao menos no que respeita a Homero. Com efeito, do século passado é a tradução dos primeiros 67 versos do canto I e de todo o canto VI da *Iliada* por A. José Viale, e a versão integral da *Iliada* e da *Odisseia* por J. Félix Pereira^{13 14}. Ainda no mesmo século, José Maria da Costa e Silva, conhecido continuador da tradução da *Eneida* de Barreto Feio, deu à estampa a versão do livro primeiro da *Iliada*, acrescido dum «juízo crítico ao livro e algumas anotações»^{15 16}. Pelo mesmo tempo ou pouco depois, F. Xavier Monteiro de Barros traduzia «livremente o canto Iº da *Iliada*» em versão que se conserva inédita¹⁶. Também no século XIX, mas com bastante antecedência, a Marquesa de Alorna verteu em oitavas uma parte do mesmo canto I¹⁷. Entretanto, no Brasil, o poeta Odorico Mendes traduzia a *Odisseia* em estilo cuidado¹⁸. Se a este rol juntarmos um passo do Canto VI traduzido por Elpino Duriense e outro por Mendes Leal, teremos feito o inventário das versões portuguesas de Homero anteriores ao século XX.

UMA EXCEPÇÃO?

Será que Homero ficou mesmo «cego e mudo» perante tantos séculos em língua portuguesa, na saborosa expressão do Bispo de Beja?

Existe na Biblioteca Nacional um manuscrito que contém a tradução de 8 cantos da *Iliada do Divino Homero, passada em lingoagem portuguez por D. Hyeronimo Osório, Bispo de Silves, Cópia antiga e fiel de um mss. que existia*

¹³ Jerónimo Cardoso, *Oração de Sapiência...*, rep. fac-similada da ed. de 1550. Trad. de M.F. Menezes, Introdução do Doutor Justino Mendes de Almeida, Lisboa, 1965, p. 38.

¹⁴ António José Viale, *Miscellanea Hellenico-Litteraria*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1868; João Félix Pereira, *A Iliada de Homero*, trad. do original por (...), Lisboa, na Imprensa de Lucas Evangelista Torres, Vols. I e II (O vol. 2.º é de 1890). J. Félix traduziu ainda a *Odisseia*, obra muito rara, mas de que se conserva o manuscrito na Biblioteca Nacional.

¹⁵ José Maria da Costa e Silva, *Iliada de Homero*, traduzida em verso português por (...), Lisboa, na Imprensa Regia, 1811.

¹⁶ Francisco Xavier Monteiro de Barros, *Odisseia*, canto Iº traduzido livremente por (...), ms. da Biblioteca Nacional 10.569⁵.

¹⁷ Marquesa de Alorna, *Obras Poéticas* de D. Leonor d'Almeida Portugal Lorena e Lencastre (...) III, Lisboa, na Imprensa Nacional. «Iliada de Homero», Canto I, pp. 234-274.

¹⁸ Manuel Odorico Mendes. *Iliada em verso* por (...), Rio de Janeiro, 1834. A *Odisseia* só foi publicada em 1928.

no Cartorio da mesma cidade, no Algarve, anno de 1527.

São 236 fólhos em 24 cadernos soltos, de bom papel e letra bem legível até ao fólho 147, e mau papel, que absorvia a tinta, a partir do fólho 148 até ao fim. A mão é sempre a mesma, com uma elegante caligrafia de tipo inglês do século XVIII. O papel tem marca de água com escudo, coroa e letras; mas não é fácil determinar-lhe a data, nem o problema tem interesse de maior, já que se trata duma cópia e há outros elementos para a situar no tempo¹⁹.

O valor deste documento foi diversamente apreciado, ainda não há muito, por dois estudiosos, um de Espanha e outro de Portugal.

Julio Palli Bonet tem como certo que o manuscrito é cópia duma «tradução que se conserva num cartório» da cidade de Silves, e opina que «está feita com grande esmero, embora o tradutor se permita algumas liberdades na versão dos adjectivos e na colocação das frases, alterando assim a estrutura ideológica do original»²⁰.

Entre nós, L. de Sousa Rebelo no capítulo «Tradução de clássicos gregos e latinos em Portugal» inserto no seu livro *A Tradição Clássica na Literatura Portuguesa*, traz uma breve referência ao nosso manuscrito: «Da *Iliada* há um ms. datado de 1527 e conservado na Biblioteca Nacional de Lisboa (Secção de Reservados, Caixa 10), uma tradução dos 8 primeiros cantos que se atribui erradamente a Jerónimo Osório»²¹.

Provavelmente há que navegar entre a credulidade de Bonet e o cepticismo de L. de Sousa Rebelo. Antes, porém, importa esclarecer a génese da posição dos antagonistas. É que o estudioso catalão introduziu na notícia que vem na sobrecapa do ms. da Bibl. Nacional alterações profundas: escreve *existe* onde a notícia traz *existia*; diz *num* cartório onde aquela traz *no* cartório.

Por sua vez o crítico lusitano remete a demonstração do seu *erradamente atribuída* para as notas do fim do capítulo (p. 193), quer dizer, para a recensão que J. Mendes de Almeida fez à tese de Bonet, *Homero em Espana*²². Acontece, porém, que o crítico se autoriza por seu lado com um juízo de A.J. Viale, emitido em aditamento à sua *Miscelânea*, onde o conceituado helenista assevera:

«Basta ler com atenção alguns poucos versos, para logo se conhecer que

¹⁹ O estudo de A. Faria e Melo, *O Papel como elemento de Identificação* é muito incompleto, e o de C.M. Briquet, *Les Filigranes*, é omissivo quanto a obras peninsulares.

²⁰ Julio Palli Bonet, *Homero en Espana*, Barcelona, Imp. Elzeviriana y lib. Cazi, 1953, p. 5. O autor transcreve os primeiros 15 versos do original.

²¹ Luís de Sousa Rebelo, *A Tradição Clássica na Literatura Portuguesa*, recentemente editado, no capítulo «Traduções de Clássicos Gregos e Latinos em Portugal».

²² *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*, t. 22, 2.ª série, n.º 1, pp. 335-338.

não pode ter sido feita pelo douto e exímio escritor, cujo nome se lê na primeira página da cópia moderna do suposto ms. original antigo, cópia, para dizê-lo de passagem, cheia de erros grosseiros de transcrição e ortografia»²³.

DE PORTIMÃO À BIBLIOTECA NACIONAL

Do que atrás escrevemos se conclui que ambas as partes fazem finca-pé na notícia que vem na folha que serve de capa exterior, a qual reza, como dissemos: «Ilíada do Divino Homero passada em lingoagem Portuguez por D. Jeronimo Osório, Bispo de Silves. Cópia antiga e fiel de um ms. que existia no Cartório da mesma cidade, no Algarve, Anno de 1527». Esta notícia, porém, está repetida na folha que serviu de capa à tradução, mas agora pela mesma mão do tradutor, com ligeiras alterações ortográficas, de teor mais antigo. Donde se segue que o apógrafo da Biblioteca Nacional é cópia doutra cópia, e esta sim é que devia ser cópia antiga e fiel do ms. que existia no Cartório de Silves, pois é evidente que o copista não podia chamar à sua obra «cópia antiga».

Ora o que se deduz logicamente do título, parece confirmá-lo uma referência ao nosso manuscrito, inserta no «Discurso Preliminar» com que A. Lourenço Caminha, professor de Retórica em Vila Nova de Portimão, abre a sua edição de *Obras Inéditas de D. Hieronimo Ozorio*, e na qual afirma a dado passo:

«Nos instantes vagos, que me restavam do laborioso exercício da minha carreira, trabalhei em coligir, quanto me foi possível, as Obras deste grande Bispo. Pude arrancar das mãos do tempo, que tudo reduz a pó volúvel, não só este monumento (as *Obras Inéditas*) como o de 8 livros da Ilíada do Divino Homero, de cuja lição, encantado o grande arcebispo de Évora, D. Fr. Manuel do Cenáculo, me rogava o desse à luz e para cujo fim me deu algum auxílio»²⁴.

²³ A.J. Viale escolhe os primeiros 26 versos como testemunho do que afirma certificando-nos ainda em nota à p. 384, haver corrigido «os muitos e graves erros que estão na cópia, de que foram extraídos». E já nos informara na página anterior que foi através de um dos seus colegas da Biblioteca Nacional, «o sr. Goes, primeiro oficial da 3ª repartição» que soubera da existência do manuscrito, e que o mesmo «inteligente e muito instruído logo declarou não acreditar que a tradução fosse realmente obra do egrégio escritor a que era atribuída».

²⁴ António Lourenço Caminha, *Obras Inéditas de D. Hieronimo Ozorio, Bispo de Silves no Algarve...* dedicadas ao muito alto e poderoso Senhor Dom João VI — por (...), Lisboa, na Impressão Regia, 1818. O manuscrito deve ser muito anterior, quando o Marquês

Entretanto o professor de Retórica subiu dos Algarves a Lisboa, em trânsito por Ourique, e na capital obteve ao depois ser nomeado por D. João VI oficial da Biblioteca Pública da mesma cidade, sendo-lhe levado à conta da sua remuneração «o donativo que fizera àquele estabelecimento dum porção de livros velhos e alguns manuscritos»²⁵.

Um desses manuscritos eram seguramente os cadernos com a tradução da *Ilíada do Divino Homero*. Só é de estranhar que outro oficial da mesma Biblioteca, «o sr. Goes», amigo de A.J. Viale, lhe não conhecesse a proveniência. Mas já tinha passado mais de meio século.

em tudo mandava, como se deduz das louvaminhas de que está cheio o «Discurso».

²⁵ Cfr. Inocêncio, *Dicionário Bibliográfico...*, pp. 188-189, o qual acrescenta com uma ponta de azedume que o ordenado era de 300 mil réis e que o oficial, junto com inéditos ia publicando obras de sua lavra «de que tirava grande proveito».

O VALOR DUM TESTEMUNHO

Contra A. Lourenço Caminha milita uma certa desconfiança, não bastando a lhe repor a sua credibilidade a invejável condição de Cavaleiro da Real Ordem de S. Tiago. A suspeição tem a ver com a sua subserviência a respeito de seus protectores, defeito, aliás, não raro em escritores do século XVIII, e também com o conceito de ineditismo que reivindica para as suas publicações. Efectivamente, na edição de 1818 figuram três cartas que já dera à estampa em 1807, as quais por sua vez já havia publicado Diogo Barbosa Machado em 1747. No entanto, a edição de 1818 encerra algumas cartas absolutamente inéditas, entre elas a carta ao Padre Luís Gonçalves da Câmara, além de outras de cuja autenticidade honestamente reconhece subsistirem dúvidas mas que ele encontrara encorporadas no «antigo e original manuscrito» que conhecera²⁶. Destas últimas não quis dar outra prova, e opina um conhecido bibliófilo que lhe faleceria autoridade para o fazer²⁷.

A modéstia de Caminha condiz com o facto corrente de existirem colecções privadas de manuscritos de diversos autores em maneira de antologia, e merece que examinemos o título que deu à tradução de que nos ocupamos.

I

O MANUSCRITO DA BIBLIOTECA NACIONAL
É UMA CÓPIA

Os erros grosseiros que Viale diz ter encontrado no manuscrito tanto podem ser de tradução como de cópia, ou de ambas as coisas.

Que a responsabilidade de muitos se fica a dever ao copista, não temos dúvidas. Com efeito, este não só confunde ao alto da página por vezes a numeração dos cantos, como omite grande parte do canto VI, precisamente aquela que nenhum peninsular olvidaria: a saudosa e comovedora despedida de Heitor e Andrómaca. Pois o nosso copista saltou várias folhas, ligando deste

²⁶ António Lourenço Caminha, *op. cit.*, p. 94, nota.

²⁷ F. Leite de Faria em «As muitas edições de obras de Dom Jerónimo Osório», separata da «Revista da Biblioteca Nacional, n.º 1.º, 1981, p. 13. A reserva de L. de Faria diz respeito precisamente à carta de suplicação de El-Rei D. João VI ao Papa Paulo III, carta escrita em latim e que, segundo Caminha, D. J. Osório verte para português.

modo o episódio de Belero- fonte ao Canto VII²⁸.

Descendo ao exame do texto, logo nos ocorre a confissão que A.L. Caminha faz no citado «Discurso Preliminar»: «Cuidamos, quanto em nós esteve, de conservar o primitivo dialecto em que foram escritos, trabalho louco e desassizado, por efeito do tempo ter apagado e quase desfeito os caracteres em muitas partes»²⁹. Mas o nosso Cavaleiro era destemido e, onde não lia, imaginava, não sem que, valha a verdade, da ousadia nos fosse advertindo³⁰.

²⁸ Os fólhos deviam ainda existir na 1.ª cópia. Mais adiante voltaremos ao assunto.

²⁹ A. Lourenço Caminha, *op. cit.*, p. III.

³⁰ Assim fez com o vocábulo *difamantes*, «palavra obscuríssima e ilegível no original» e com a expressão *República do Senhor*. «Esta no original está imperceptível» (cfr. *op. cit.*, p. 41, nota 1 e p. 102, respectivamente).

O copista parece ter-se descuidado muitas vezes na interpretação do seu manuscrito. Citemos a título de exemplo:

qu'os Gregos, em vez de *qu'aos Gregos* (I, 3r. 4)³¹;
Esento, em vez de *E tendo* (I, 3v. 12);
desta corte, em vez de *desta sorte* (I, 3v. 12);
labigeros, em vez de *lanígeros* (I, 4v. 13);
males nossos, em vez de *males vossos* (I, 8r. 16);
filha de Antenor, em vez de *filho de Antenor* (III, 80r. 10);
coltando, em vez de *ocultando* (VI, 179v. 13);
Menelao, em vez de *Heleno* (VI, 181 r. 13);
Ligureo, em vez de *Licurgo* (VI, 181 v. 7);
horrozo, em vez de *horroroso* (VI, 185v. 13 e 187v. 2);
Gregos, em vez de *Troianos* (VI, 189v. 14); *Boldre*, em vez de *coldre* (VI, 189v. 1).

Conclusão idêntica se pode tirar da hesitação com que transcreve os nomes próprios. Escolhemos três casos: o primeiro é o de Belerofonte que aparece com a forma de *Belorophonte* em VI,185v.8; 186v.13; 188r. 11; 189v.12; *Bolorophonte* em VI,186r.4,9,16; 187v,10,14; 188r.7; 189r.ló; 189v.2; *Borolophonte* em VI,187r.15.

Agora o nome do rei Proto que aparece escrito desta forma em VI,185v.12; mas já sob a forma de *Proteo* em VI,186r.6, e logo na de *Praeto* em VI,186v.2.

Finalmente o nome de Hipóloco que reveste as seguintes formas: *Hyppoloco* em VI,183v.5; *Hupoloco* em VI,184v.16; *Hipolocho* em VI,188r.8; *Hippoloco* em VI,188v.7.

Na mesma conclusão de que se trata duma cópia nos confirmam alguns versos incompletos que, além de não formarem o habitual decassílabo, contorcem a lição que por toda a parte se revela fluente e clara. Vejamos:

No Canto III,80r.14, lê-se a propósito dos labores de Helena:

Ah! serviam todos os combates
quando no texto original se devia ler sem dúvida:

Ali se viam todos os combates
Qu'os valorozos Gregos e Troyanos A seu respeito sustentado
tínhão.

No Canto VI, 189r.l 1-13 lê-se:

³¹ Damos o canto, o fôlio e a linha.

Tinha então por amigo neste tempo A ti na ingente Argos e a mim na generosa Licia.

No segundo verso falta o pronome *tu* cuja inclusão dá uma leitura inteligível e bem ritmada:

Tinha então por amigo neste tempo A ti na ingente Argos, e tu a mim na generosa Licia.

Vamos trazer para aqui os três primeiros versos do episódio de Glauco e Diomedes:

*Em ambos os exercitas rompentos Hyppoloco e Glauco
s'ajuntárao
E igualmente de Tydeo o filho* (VI,183v.4-6).

Desta leitura deveríamos concluir que três eram os intervenientes no duelo o qual, por definição, é luta a dois. Ora o tradutor disso tem plena consciência como é patente do que escreve duas linhas abaixo:

Mas apenas chegárao frente a frente, Diomedes a Glauco assim dizia...

II

DO TEXTO ORIGINAL

Os lapsos que apontámos e outros do mesmo género tanto se podem atribuir ao primeiro copista como ao segundo, podendo admitir-se que alguns remontem ao tradutor. Rigorosamente devíamos falar de cópia «antiga e fiel» do texto original. Dado, porém, que dessa cópia não temos qualquer vestígio, ela e o texto original consideramo-los como um só. De qualquer maneira as faltas registadas não obstam a que estejamos perante uma composição de bom nível literário, como o que escrevermos a partir deste momento o demonstrará e desde já uns ligeiros apontamentos o deixarão entrever:

A) Atentemos na fluência do discurso, na riqueza e propriedade da adjectivação, no uso oportuno de artificios literários e no bom ritmo dos decassílabos. Estas qualidades distribuem-se por todo o texto, pelo que o melhor seria lê-lo todo. De facto, as secções maiores que havemos de transcrever não obedecem propriamente à singularidade de seu valor artístico,

como diremos. Por agora vamos respigar noutros passos, a fim de proporcionarmos uma visão bastante completa do valor literário do conjunto e de seu estilo verdadeiramente épico.

a) Sejam primeiro estes versos em que Agamémnon traça o rigor do destino da filha de Crises:

Tua filha perdeu a liberdade
E minha escrava será até que o tempo
Do rosto lhe roube as vivas cores³².

b) Agora o símile dos grous:

Um confuso alarido às nuvens se ergue. Ao estrondo semelhante
que os grous fazem Quando fugindo vão ao frio Inverno E do
Centurião às grandes chuvas, As quais, enchendo o ar de mil
quebros, Parar ultimamente vão nas praias Do espantoso
Oceano...³³

c) E esta bela passagem, onde Helena deixa transparecer o remorso e a saudade e até o pejo que experimentava na cena da «teicoscopia»:

O justo céu quisesse que possível
Me fora ser a morte preferida
Ao pejo que passei quando roubada
Pelo teu filho fui, triste deixando
Palácio, esposo e minha cara filha, Como dos meus irmãos a
companhia Que leda possuía lá na Esparta.³⁴

d) E ainda a elegância com que ela define o carácter de Ulisses:

Este é, ó caro Pai, o grande Ulisses, Do bom Laerte filho, o qual,
suposto Que na pequena Itaca foi nado, Ilha grosseira e tosca, não

³² Canto I, 4v. 9-11. Compare-se com a versão de A.J. Viale e note-se a frouxidão desta última, sobretudo no derradeiro verso onde a aliteração em *r* (com onomatopeia) e a transposição, que dá relevo a *rosto* e *cores*, se reveste duma evidência profundamente significativa.

³³ Canto III, 73 v. 4-10.

³⁴ Canto III, 85 r. 6-12. Esta bela tradução faz lembrar a de António Valia, mas enquanto o nosso ms. insere o nome da terra —Esparta— Valia fez o mesmo quanto ao nome da filha de Helena —Hermione—. A versão latina de A. Valia, de que se conserva um exemplar mutilado na Biblioteca Nacional, foi editada *ad nonas Junii* 1510 e pertenceu ao Colégio das Artes, tendo servido entre outros ao P.^e Luís da Cruz, conhecido pelo seu teatro académico.

ignorava Estratagemas mil do márcio jogo.³⁵

³⁵ O nosso tradutor, que ignorou sistematicamente os epítetos homéricos, aqui completou a informação respeitante à origem de Ulisses nascido de pai honrado em acanhado berço — com excelente perífrase do adjectivo noXútiriTiç: «conhecedor de estratagemas mil do márcio jogo».

A propósito da tradução dos «adjectivos fixos», que acompanha o nome dos heróis, já foi observado que esta era difícil e que, embora a sua omissão falsifique a poesia, a sua versão constante nas línguas modernas lhe empresta uma ênfase que não possuem

B) Atenção mais cuidada merece o uso de adjetivos. Por via de regra, qualquer substantivo se faz acompanhar do artigo e de um ou mais adjetivos, e estes dizem com a acepção do nome que qualificam. Alguns exemplos recolhidos a esmo:

O oceano tanto pode ser vasto como espantoso ou ainda um espaçoso campo.

A lira é sonora;
 o sanha é horrível;
 o reino de Plutão é escuro;
 o aspecto da discórdia é tenebroso;
 o céu, rotundo; o abismo, cego;
 a epidemia, cruel; as riquezas, infinitas;
 os Gregos, belicosos;
 Dardânia, soberba;
 o sacerdote, fiel;
 o murmúrio, doce e complacente;
 os cofres, chapeados;
 o velho, importuno e imprudente;
 a pátria, amada;
 os oradores, sábios;
 a velhice, pesada;
 a peleja, cruenta;
 os trabalhos, ásperos.

A voz pode ser indinada, dura e soberba, mas também serena e amante; o dia pode ser triste; a sorte pode ser feliz; a compaixão pode ser intempestiva; os lances da fortuna são arriscados; os capitães devem ser intrépidos; as esposas são amáveis e os seus braços ternos.

Os inimigos são sempre pérfidos; as mães, carinhosas e os meninos, inocentes.

na língua original (cfr. Griffin, *Homer*, 13). De notar que também o nosso tradutor recorreu ao uso de formulários na sua versão dos epítetos originais, que, segundo a tese de Milman Parry, mais serviam a métrica do que a informação (cfr. M. Thorpe, *Homer*, 23-25).

Não se deve esquecer também que, para o humanista do século XVI os deuses homéricos serviam para fazer versos bonitos, enquanto no poema grego as divindades eram mais que deuses literários (cfr. Griffin, *Homer on the life and death*, cap. V «Gods and Goddess»).

Contrariamente à tese de Griffin, Ana Paula Quintela Sotto Mayor num pequeno estudo «Acerca da tradução dos epítetos homéricos por Elpino Duriense», *Revista da Faculdade de Letras*, opina que os epítetos raramente são supérfluos ou vazios de sentido.

Neste capítulo da adjectivação merece uma referência especial a maneira como o tradutor verte os atributos das divindades e personagens notáveis do

poema.

Aquiles é forte e valoroso;
 Atrides é fero (Agamémnon);
 Apoio é grande e rutilante;
 íris é formosa e divina;
 Laodice, a mais bela das filhas de Príamo;
 Helena é bela;
 Menelau é valente;
 Climena, formosa e cândida;
 Ulisses é grande;
 Laerte é bom;
 Diomedes, cruel e hórrido, horrível e nocivo;
 Baco, insano e rei louco;
 Tétis é bela;
 Os ombros de Heitor são robustos;
 Os aliados dos Troianos são magnânimos;
 A Primavera é linda;
 A Lícia é deleitosa;
 Sírio é flamígero.

Por esta breve enumeração se vê que o tradutor desprezou os epítetos homéricos, quer lhes desvirtue o sentido original, quer os substitua por uma perífrase muito livre, quer os suprima de vez. Júpiter, Juno e Minerva perdem qualquer conotação arcaica; Apoio contenta-se com ser brilhante, já que é o Sol; Baco, esse é um rei louco.

Em geral às deusas e às beldades basta-lhes o serem belas ou formosas, o que certamente é muito mais poético do que terem olhos de boi ou de coruja ou até pés ligeiros³⁶.

Os heróis contentam-se com serem magnânimos, denodados, valentes, esforçados.

Não é que a ideia do texto original se desvaneça completamente. Deslocada for força das leis da retórica ou por exigência do ritmo e até da lógica, reaparece surpreendentemente quando menos se espera. E nem se diga que o tradutor é menos feliz na sua liberdade.

Veja-se, por exemplo, esta versão do vocábulo *yepaiàç* da *II. VI,87* por «as mais nobres e ínclitas troianas», pois que, evidentemente, não era a idade mas a categoria que no caso interessava³⁷.

³⁶ No Canto III da *Ilíada*, o Poeta introduz íris a que sucessivamente chama *árreXoç*, *noSaç wtxea* e *8eà* (w. 121, 129, 139) que o tradutor verte respectivamente por *ligeira*, *divina*, *formosa*. No v. 122 de *Climene* se diz que era *Poõiniç*, *formosa e cândida*, na nossa versão (cfr. ms. fls. 80r, l. 3; 80v, l. 2; 81 r, ll. 11-12).

³⁷ A.J. Viale traz «matronas» e *Mazon*, «anciennes». Segundo o nosso tradutor,

C) Se o tradutor, como vimos, se move com agilidade e elegância no que respeita à adjectivação, o mesmo acontece relativamente aos substantivos. Ele sabe encontrar para o mesmo vocábulo grego uma vasta gama de sinónimos, poupando deste modo ao seu texto quer a ambiguidade quer a monotonia de tantos passos do poema homérico. Assim ele, que fizera equivaler [iaxiq a *choque, luta, combate, refrega e peleja*, vai traduzir em poucas linhas do episódio de Beloro- fonte o vocábulo yevpr] por *idade, geração, origem, nascimento e genealogia*, acepções que emprestam variedade à frase e revelam aspectos curiosos do pluralismo semântico do termo.

O mesmo se pode dizer da propriedade dos verbos e da beleza de certas perífrases. Evidentemente que a selecção do vocabulário se faz em função do arranjo estilístico, decorrente do ritmo ou dos artificios retóricos inerentes à epopeia. E neste ponto importa reconhecer que o uso frequente de transposições, inclusões, simetrias, poliptotos e de tropos dá à nossa versão um brilho literário que em vão procuraremos em traduções posteriores.

Alguns exemplos:

a) ...Laodice
De Helicaon valente cara esposa (111,80 r.9)

(simetria concêntrica ou quiasmo: subs.-adj. / adj.-subs.).

b) ...à Rainha
cuida de lhe dizer que de agitar cuide (VI,182r.4)

(simetria concêntrica, inclusão e poliptoto: verbo finito-verbo infinito / verbo-infinito-verbo finito, mais 2 modos do verbo cuidar que abrem e fecham a frase).

c) Repare-se nesta metonímia com que só um poeta era capaz de traduzir o verso homérico:

... tépievoi;...
xakón cpuraXi^ç xai àpóúpt)ç nupoçópoiou (VI, 194-195)

...vastas campinas
onde Baco e Ceres habitavam. (VI, 188 r.6)

as nobres troianas formam um «esquadrão belo», reminiscência da «falange» do v. 6, o que leva a traduzir àXóxovç do v. 95 por donzelas troianas — interpretando o vocábulo pelo valor adjectival que tem no epíteto de Artemis, completando, porém, a frase, com alguma surpresa: «e seus filhos».

d) Nem foge ao tradutor o efeito da sonoridade peculiar das vogais:

Os escudos se tocam e se cruzam;
Misturam-se os gemidos e os alentos Dos fortes combatentes; um
horível E lúgubre estampido já retumba. (IV,123r.13-16)

Aqui o som do *i* e do *u*, casado com a aliteração em *r* e a onoma- topeia das palavras *estampido* e *retumba*, sob o denominador comum do assíndeto, expressa com muita felicidade o pavor duma luta de gigantes que se entregam à morte.

D) Demos agora voz livre aos textos, que já vai sendo tempo de os deixar falar por si.

Escolhemos os primeiros versos do Canto I e o episódio de Bele- rofonte Canto VI, não porque os reputemos superiores ao resto da versão, mas porque podemos cotejar com a tradução de A.J. Viale que ao nosso texto se refere com certa acrimónia. Por isso mesmo transcrevemos «os erros grosseiros» a que se refere o douto helenista, actualizando apenas a pontuação e separando as palavras, segundo o uso moderno.

Para a invocação e a proposição transcrevemos, a título de comparação a versão inédita de F. Xavier M. de Barros, e no Canto VI anotaremos as emendas que J. Félix Pereira fez ao texto de A.J. Viale. Completamos com a versão de Costa e Silva.

Na primeira fase, dada a pequena extensão dos textos, quase é possível lê-los em forma de sinopse.

A.

1) *Versão de D. Jerónimo Osório (?)*

Cantemos, Musa, com sonora lira, Do Filho de Peleo a horrível sanha, Esta sanha nociva e formidável, Qu'os Gregos mutivou tantas desgraças E que la de Plutão no escuro Alvergue Dos Heroes sepelio infindas Almas, Seos corpos entregando aos cãens em preza E às carniceras Aves de rapina Depois do fatal dia qu'a Discórdia Levantou o aspecto tenebroso Entre o filho de Atreo e o forte Achilles Desta sorte se cumprirão os Decretos De Jupiter, Senhor do Ceo rotundo Mas qual dos Deozes nesse cego Abismo De cruas dicensõens lançar os pode De Jupiter o filho e de Latona

1. A.J. Viale transcreveu estes versos na sua *Miscelânea*, p. 384 corrigindo «os muitos e graves erros de ortografia que estão na cópia de que são extraídos». Mas leu mal no verso 12 «d'est'arte» em vez de *desta sorte*, no verso 17 «que espalhará» em vez de *quem espalha*, no verso 20 «Achiles» em vez de *Atrides*. Devemos convir que é muito em tão pouco espaço. *Cantemos*, compromisso entre *canta* da *Ilíada* e *canto* da *Eneida*.
3. *formidável*, no sentido etimológico de terrível.
4. *Qu'os Gregos* — ler Qu'aos Gregos.
5. *Alvergue de Plutão* — saborosa versão do termo grego *hades*. Mas também não deixa de ser curioso que A.J. Viale use o mesmo vocábulo alvergue em II. VI (*Miscelânea*, p. 26, v. 543) e no Canto I.º v. 18 da *Odisseia* (*Misc.*, p. 33).
6. *Sepelio*, latinismo cujo uso os Dicionários geralmente não registam. Coraminas diz que é um termo arcaico.
9. *Discórdia* — divindade cuja presença foi sugerida pelo verbo *ipifa*.
12. *sorte*, o copista escreveu *corte* que parece ter querido emendar para sorte.
13. *Ceo rotundo* — acrescento do tradutor, expressão favorita para significar o firmamento.

Contra o Rey irritado he quem espalha Cruel Contagião por todo o campo, Qu'os innocentes Povos contrastava Por ter Atrides fero, injustamente, O Sacerdote Crises maltratado Dos Gregos aos Baixeis Crises sobia A fim que sua filha resgatasse De infinitas riquezas carregado Esento então nas maons do grande Apoio Cetro d'oiro, e os recamados cintos Aos belicozos Gregos supplicava:

2) *Versão inédita de Xavier de Barros*

Do Pelides a ira, ó Deoza, entoa. Ira que tanto mal cauzou aos Gregos Que tão grandes Heroes em annos verdes De Plutão remetteo ao Reino escuro: Os inânimes corpos dando em pasto Do ceo às Aves, da Campina às feras: (Os seus desígnios prehenchia Jove) Des que rompêrão em discórdia o Atride Comandante da Armada e o Divo Achilles Entre elles suscitou funesta rixa De Latona e Jupiter o filho. Este em cólera aceza contra o Atride Mortífera moléstia manda aos Gregos E sofre o Povo a peste pela injuria que fez o chefe sacerdote ao Chryses. Para a filha remir a bordo Chryses Ido tinha às dos Gregos naos ligeiras Com imenso resgate e tendo em punho Ricas insignias, que lhe dera Apollo.

18. *Contagião* — palavra de agradável sabor arcaico. No «Argumento vem contagio».
25. *Esento*: ler E tendo.

Versão de J.M. da Costa e Silva

A cólera funesta ó Deoza canta Do Péleo Achylles dolorosa aos Gregos, Que ao Inferno baixar de Heróes valentes Mil Espíritos fez, e déo seos corpos A cães e aves em pasto: assim de Jove Se cumprio o Decreto des qu'en odio Inimizára súbita contenda
Atrides d'Homens Rey, e o divo Achylles, Qual dos Numes soprou nos dois discórdia, E os levou a pugnar? O filho augusto De Jove, e de Latona, Elle irritado Pestífera doença sobre as Tropas (Que ao mal cedião) despargio furiozo, Porque offendêra irreverente Atrides A Chryses seo Pontífice valido.
Veio o bom Sacerdote à Grega frota Remir, com preço immense, a filha escrava, Nas mãos erguendo auri-luzente sceptro, E as venerandas infulas d'Apollo.

Versão de A. José Viale

Do filho de Peleu, do bravo Achilles Ó Musa, canta a cólera funesta, Causa de males mil ao povo achivo, E que tantas de heroes inclytas almas Para o Orco arrojou, seus corpos dando Em pasto aos cães e às aves de rapina (O que a Jupiter prouve assim cumpriu-se) Desde que, porfiando a vez primeira, Em discórdia fatal se separaram O rei supremo Atride e o divo Achilles. Quem à lide impelliu os dois guerreiros? De Jupiter o filho e de Latona, Que contra Agamemnon, em ira acceso, Lethal morbo espalhou na grega armada:

Victimas d'elle, aos centos, succumbiam;
Porque o filho de Atreu desacatára Ao sacerdote Chryses.
Supplicante, Este viera às naus da frota argiva, A filha a libertar, offerecendo Riquíssimo resgate. Um sceptro de ouro Na mão trazendo, e as fochas consagradas Do jaculante Apollo, aos gregos todos, Mormente aos dois Atrides, que das hostes Eram summos caudilhos, dirigia
Taes rogos...

*

Destes textos, os dois primeiros são inéditos, os últimos foram impressos. Lidos de ânimo desprevenido, não há dúvida que a escolha do vocabulário (sanha, alvergue, contágio, carregado de infinitas riquezas...), o ritmo da

frase, a sonoridade do texto, a arrumação das sentenças (incluindo a deslocação da frase entre parêntesis), a maleabilidade das transposições, a naturalidade das imagens, tudo isto confere ao primeiro texto um lugar de honra entre as demais tentativas. De notar que todas elas são versões poéticas, usando naturalmente o decassílabo; mas de poético, algumas, mormente a de A.J. Viale nada têm excepto a métrica. De Viale pode arrogar-se a primazia na fidelidade ao texto original grego. Mas as contorsões a que o obrigaram mal compensa as informações que o apego à letra consegue transmitir.

Com surpresa, observamos que a beleza literária é tanto maior quanto mais recuada no tempo é a tradução. O que tem o seu valor.

B. O episódio de Belerofonte

Transcrevemos agora o primeiro grande episódio do Canto VI, e praticamente o único, já que a cópia termina abruptamente no fim dele, omitindo mesmo o comentário do Poeta à prodigalidade do herói lígio. Para não alargar demasiado o espaço, anotaremos em rodapé referências à versão de A.J. Viale e às correcções que lhe faz J.F. Pereira.

32 A escolha do episódio como transcrição maior do manuscrito da Biblioteca Nacional resulta do facto de desejarmos confrontá-lo com a dita versão de Viale, o qual apenas traduziu o Canto VI da *Iliada* e os primeiros versos do Canto I. Por seu turno o manuscrito ostenta uma grande lacuna no mesmo Canto como dissemos.

O episódio ocupa os versos 119-236 do Canto VI da *Iliada* e as folhas 183v-190r.

Em ambos os Exércitos rompentes Hyppoloco e Glauco s'ajuntarão E igualmente de Tydeo o filho Ardendo de impaciência em Mareio fogo.

5 Mas apenas chegarão frente a frente

Diomedes a Glauco assim dizia:

«Acaso serás tu o mais vallente

De todos os mortaes ? por qu'inda hoje Avistar-te não pude neste Choque.

10 O teu vallor já notto pois t'atreves, A todos excedendo em

vallentia Acometer comigo frente a frente: Porem debes saber q' não existem

184r Ja hoje sobre a terra os fortes Pais

15 Daquelles que ouzárão combater-me.

2-3. Tradução defeituosa que atribuímos a leitura deficiente do copista. Hyppoloco e Glauco não são duas personalidades, mas apenas uma: Glauco filho de Hipóloco. Viale e F. Pereira reduzem Τιάτς e υιόç a um só vocábulo, acrescentando ambos um adjectivo: valorosos e bravos, respectivamente.

4. *Mareio fogo*: expressão muito do agrado do tradutor.

6. Omite-se o epíteto de Diomedes, como aliás o fazem Viale e Pereira Ποτῖν ἀφάδò; (notável pelo seu gritar guerreiro).

7. *o mais vallente*: predicativo em vez de vocative.

8. *De todos os mortaes?* Colocação exacta do sinal de interrogação, o que não fizeram nem Viale nem o seu corrector que a deslocam para o fim do verso 12, onde o nosso manuscrito usa a expressão *frente a frente* depois do verbo acometer para traduzir «aguardas a minha comprida lança».

9. -15. Não se compreende muito bem o sentido destes versos que, no original grego, lamentam a sorte dos pais, privados de filhos que se atrevam a combater contra Diomedes. Parece que o tradutor terá confundido

S'acaso porem hes algum dos Deozes Que do sublime Olympo descendeu Eu te declaro já que não combato Em campo aberto com os fortes Numes O filho de Drias Ligureo forte, Por ter arrojo d'errostar aos Deozes, Depreça foy punido e castigado. Confuso e aturdido hum dia inteiro De Nize polas íngremes montanhas De Baco as Armas perseguia insano A tempo que as

orgias celebrávão. Cheias de medo as pavorosas Nimfas Os Tyrsos lanção sobre a dura terra, E Baco amedrontado se despenha No espaçoso Campo de Neptuno A bella Tetis no seu Ceio o acolhe E o frio medo lhe tirou do peito. Tanta impreção lhe fes este Rey loco. Este espantoso cazo então impelle Qu'os Deozes contra elle se conjurem.

25

ΣΥΟΤΗΜΩÇ com Gvritwv e entendeu a passagem no sentido de que os jovens que se atrevessem a lutar contra Diomedes já não podiam esperar que os pais os vingassem.

17. *sublime Olympo*: no grego simplesmente οvpavðu.

19. *fortes Numes*: no texto grego «deuses celestes».

20. *Ligureo*: ler Licurgo.

21. Deozes — omite «celestes».

184v. 30

22. *Depreça foy punido e castigado*: tradução aceitável do grego que propriamente quer dizer «não viveu muito tempo». O tradutor evita a repetição da mesma ideia que vem expressa algumas linhas abaixo.

23. *confuso e aturdido*: não se encontra no grego, mas faz boa simetria com *insano* (v. 25) e insinua uma aproximação subtil entre o estado de espírito do herói e as orgias bacanaes.

35

24. *íngremes montanhas* em vez de «monte sagrado».

27. *pavorosas Ninfas*: efeito pela causa — «acossadas pela

aguilhada...»

30. *espaçoso Campo de Neptuno* — bela metáfora para dizer as ondas do mar.

32. *frio medo*: sugestiva metonímia que lembra simultaneamente o efeito do medo e a frialdade das águas do mar. Frequente na poesia de Camões, mas que o tradutor leu no verso seguinte: «tremia todo...»

35. *Deozes*, sem qualificativo original «que vivem sem fadiga».

O filho de Saturno o torna cego E, logo delle
apos, a escura morte O fim lhe prescreveo à
curta vida. E, quando não tivesse algum
exemplo, Jamais devera ir contra os Imortaes.

40 Porem s'acazo hes de mortal Raça E dos
terrenos fruttos t'alimentas Chega, chega
depreça, qu' o meu braço Veloz te fara hir ao
Reyno escuro. De Hupoloco o filho lhe
responde: Magnanimo filho de Tydeo, Por que
45 cauza saber queres quem seja ? Bem como são
as folhas dos arbustos, Assim na face da
escura terra Os humanos contemplo
desditosos. Aquellas qu' oje fôrmão o
ornamento Das arvores sombrias amanha
50 Pássão a irrizão dos soltos ventos. Assim
como a floresta qu' oje existe Adornada e
coberta de verdura Polo favor da linda
Primavera;

55 Assim são dos homens as idades: Huma
geração passa outra renasce. Mas se queres
saber a nobre origem Do nascimento meu, tão
conhecido

60

39. *E, quando... exemplo*: boa perífrase para explicitar a ideia de concessão inclusa no optativo grego. Viale escreveu «Com tal exemplo...», fórmula que J. Félix Pereira aceita.
47. *quem seja?* A partir desta interrogação, o tradutor trata com muita liberdade, mas sem fugir ao sentido, o original grego. A adjectivação adopta um critério de íntima conformidade entre o nome e o seu qualificativo de que resulta uma descrição de grande beleza literária.
50. *desditosos* — o adjectivo, que não faz parte do original, adapta-se bem ao fundo melancólico peculiar à fugacidade da vida humana.
53. *soltos ventos*: binarismo usado com frequência pelo tradutor e que aponta para o mito Eolo.
55. *Adornada e coberta*: desdobramento do adjectivo verbal *viqkedówaa*.
58. *passa... renasce*: ordem lógica da sequência das gerações, ao invés do original grego, e de harmonia com o símile.
60. *nascimento*: último sinónimo dos vários que nesta perícopa o tradutor encontrou para o vocábulo grego *-ftveT*).
62. Verso próprio da tradução.

185v. Em toda a vasta terra, eu to declaro, Do q' não
terei pejo nem vergonha. No território d'Argos,
65 assas fértil D'Excellentes Cavallos, jas Ephyro Ou
Coryntho chamada, aonde agora De todos os
mortaes Reyna o mais sabio E prudente Sysipho,
filho d'Eolo. Este a Glauco gerou, o qual foi Pay
Do grão Belorophonte, a quem os Deozes A
belleza em partilha concederão E hum vallor
guerreiro, e por isso Distincto o fes do resto dos
70 mortaes El Rey Proto, então apoderado D'um
horrozo ciúme, destinou Destruir-lo, de todo
despresando As mais tristes e feas consequências;
E por este motivo o lansou fora Do seu Pátrio País
que desfructava, Por que dos altos Principes de
75 Argos Elle hera o mais possante, e o grande Jove
Sugeito tinha ja Bolorophonte Ao seu sublime
império. Esta a cauza

186r.

80

65. *Ou Coryntho*: o aposto não vem no grego, mas parece enquadrar-se na prática dos tradutores quinhentistas que explicavam ou explicitavam passagens do texto, como o faz Nicolau Valla ao inserir o nome da filha de Helena — Hermione — no canto III, v.175.
- 65-66. *agora... Reyna*: um presente que não corresponde ao imperfeito do grego.
67. *Eolo*: a palavra é esdrúxula, segundo as regras da métrica.
68. *gerou... foi Pay*: sinónimos que traduzem o mesmo verbo grego, embora em tempos diferentes.
69. *grão*, propriamente «intemerato».
- 75-76. *despresando... consequências*: próprio da tradução.
79. *altos Principes*: o texto grego diz apenas que Proto era o mais poderoso dos habitantes de Argos.
82. *Esta a cauza...*: episódio incluído na história de Belerofonte e que tem correspondência com o da mulher de Putifar e José do Egipto. O texto grego traz o nome da adúltera.

Do furor de Proteo: Sua Esposa Tomada
então d'amor por este Heroe,
85 Esquecida de sy, o solicita;
Porem Bolorophonte, em quem habitão
Unicamente pensamentos de honra Ja mais
consenço deu aos seos desejos. Ultrajada a
Princeza dos repúdios,
90 Ajunta ingente copia de calunias
E, chegando ao Esposo, assim dizia: He
preciso, Senhor, que tu acabes Ou q' Bolorophonte a vida
perca, 186v. Pois o arrojo teve de offender-me.
95 Acabou de fallar e então Praeto, Acreditando
tudo, em chamas arde D'uma cruel e
hórrida vingança. Este Príncipe logo não
extingue. Pois teme da justiça a mão
Divina
100 Por manchar os direitos d'amizade; Porem
decimulando a Lycia o manda, Dando-
lhe pera o Rey qu'era seu sogro,

- 84-85. *Tomada... d'amor... solicita*: versos delicadamente eufemísticos que distribuem de maneira peculiar o significado dos vocábulos gregos.
86. *Bolorophonte* — uma das várias grafias do nome próprio.
87. *pensamentos de honra*: excelente versão da expressão grega.
88. *Ja mais consenço deu aos seos desejos*: verso feito à base dos versos 160, 161 e 162 do texto grego. O substantivo *desejos* fora anunciado no grego pelo verbo éire(xf)varo (verso 160).
89. *Ultrajada... repúdios*: verso cinstuído sobre o sentido geral do episódio.
90. *Ajunta... calunias*: amplificação dum único vocábulo grego.
91. *chegando*: gerúndio inspirado no prefixo do verbo KpoorjōSa.
94. *arrojo teve de offender-me*: verso correspondente ao verso 85, que no grego usa praticamente a mesma terminologia. Na tradução nota-se um cuidado constante de evitar a monotonia.
95. *Acabou de fallar e então...*: traduz com muita felicidade uma forma homérica seguida de adversativa.
99. *Pois teme... Divina*: no grego «teve escrúpulos de consciência». Mas a tradução é excelente, pois aproveita a etimologia do verbo *acpáaaa-to* e explica no verso seguinte o receio do Rei, apelando para os direitos sagrados da hospitalidade.
103. *Perniciosas Cartas*: No grego *ofiixata luy pá*, que A. J. Viale verte por «noxias cifras» e J. Félix mantém.
104. *c'o seu sello*: isto é, numa tabuinha dobrada e certamente selada.

- Perniciosas Cartas c'o seu sello, Nas quaes lhe patentea a
sua offença D'um vil traidor, pedindo-lhe vingança. Ja
105 finalmente Belorophonte parte Escudado dos Deozes
protectores, Da Candida inocência e bravidade. Do Xante as
ferteeis margens ja aferra; O Rey decimulado aly o recebe
Com mostras d'amizade; nove dias A sublimes Banquetes o
convida, Sacrificando aos Deozes hum novilho Bem como
em gratidão da sua Viagem Mas quando a bella Aurora aos
187r. HO mortaes trouxe O memurando dia, as Cartas pede Qu'o
Genro seu Ih'escreve. Elle depreça Logo que ler as pode, a
este Heroe Enva a extinguir a grãa Chymera Monstro
horrendo e ferro, mas divino.
115 A frente he de Leão e de Dragão a cauda; De cabra o corpo,
e das negras fauces

120

107. *Escudado... protectores*: excelente versão do verso correspondente em grego.
108. *Da Candida inocência e brabidade*: o tradutor desligou as duas últimas palavras do texto grego da acção protectora dos deuses, que antecipara para o verso anterior, e relaciona-as com Belerofonte para sublinhar a sua inocência e probidade. (No texto, *bravidade* é leitura defeituosa do copista).
109. *aferra*: isto é, lança âncora, depois duma viagem por barco, de Corinto à Licia, cujo nome o tradutor omite por desnecessário.
110-111. *Recebe com mostras d'amizade*: traduz com muita propriedade o vocabulário grego *xiev*.
113. *hum novilho*: entenda-se por dia, o que dá um total dos nove do texto grego.
115. *bella Aurora*: no grego Aurora traz o epíteto costumado *poBoBáxxuXoç* (dedos rosados).
119. *grãa*, isto é, «invencível».
120. *ferro*, ler fero.

Ingentes turbilhões de fogo exala. Berolophonte então
obedecendo

125 Aos signaes qu'os Deozes lh'enviárão 187v. A fim de o
conduzir a esta empreza,

O horrozo Monstro poem por terra. Contra os fortes Solymos
só Combate, Confessando depois ter mais entrado

130 Em tão cruel e horrido Doello.

Vencidos os Solymos, enfim parte Contra as fortes e duras
Amazonas E igualmente delles tem triumpho. Então El Rey
de Lycia ad'vertindo

135 Do grão Bolorophonte a vallentia, Vendo que deste lance se
salvava, Em emboscada o poem c'os fortes Lycios; Porém
desventurados todos fôrão, Porque Bolorophonte a todos
mata

140 Certeficado o Rey das suas grandes E immortaes proezas, e por
certo 188r. Que dos Deozes seria derivado,
Huma filha lhe dá em Cazamento, Com a metade dos seos
bens por dotte.

145 Do Monarcha seguindo o exemplo, os Lycios
Igualmente lhe dão vastas campinas Aonde Baco e Ceres
habitavão.
Desta Princeza Bolorophonte teve Isandro, Laodamia e
Hipolocho.

150 De Laodamia Jove enamorado Sarpedon descendeu; porem
depois Que o grão Belorophonte desgraçado A cólera dos
Deozes atrahio, Tomado de tristeza alta e profunda,

155 Por ásperos desertos só vagava,
Devorar vendo o Coração de magoa.
Mavorte nunca farto de Carnagem

Iggy. Hum filho lhe matou em crua guerra
Contra os Solymos feita, e Diana,

160 Qu'os bipotentes ares vem rasgando Num argentino carro a
Laudamia Com suas Settas despojopu da vida. Destes tres
filhos seos hoje só resta Hippoloco que vez estar presente:

165 Elle pois m'enviou pera Dardania E me roga na triste
despedida,

-
127. *horrozo*, ler horroroso; *poem*, ler pôe.
- 129-130. *Confessando... Doello*: a tradução não é clara. Para o ser é preciso ler jamais em vez de *mais*, embora o verso fique com uma sílaba a mais.
131. *Vencidos os Solymos*: o tradutor evita a enumeração 1º, 2º, 3º do texto grego, talvez por ser pouco poética.
132. *fortes e duras*: dois adjectivos para traduzir o grego que inclui a ideia de virilidade.
133. *dellas*: ler delas.
137. *poem*: ler pôe.
fôrtes Lycios: em vez do superlativo os mais fortes da Lícia.
138. *Porem ... fôrão*: no original grego «nenhum regressou a casa».
139. *Bolorophonte* sem o epíteto.
- 140-141. *grandes e immortais proezas*, sem correspondência no original, mas sugerido pelos dois epítetos de Belerofonte que omite: ἄπτύπουv e Σαφύποvi.
143. *em Cazamento*: para reter junto de si o herói, segundo o texto grego.
144. *bens*: mais compreensível que «honras».
146. *vastas campinas*: em grego ténevoç.
147. *Aonde... habitavão*: terras de vinho e de pão, sem personificações mitológicas.
150. *Jove enamorado*: em forma de ablativo oracional.
151. *descendeu*: De Laodamia, segundo o grego. Na versão pode entender-se por mantendo a ambiguidade.
153. *A cólera dos Deozes*: bela tradução inspirada no epíteto de Diana que omite no respectivo lugar.
155. *ásperos desertos*: propriamente («pela planície Aleia», mas aleia pode ser o feminino do adjectivo que significa pobre, sem cultura, deserto. *Só*, isto é, evitando os caminhos dos homens.
159. *feita*, erro do copista por «fortes».
160. *bipotentes*: ler bipatentes.
161. *Num argentino carro*, em vez de «de rédeas de ouro». Sugestivo que também A.J. Viale escreva «que rege o argenteo carro». Ele mesmo já antes tinha escrito «inmerso todo em lugubre tristeza», sem correspondência no grego, mas que se lê mais poeticamente no v. 154 da tradução.
164. *que vez estar presente*: entenda-se, na pessoa do filho.

	Mais que todas as couzas q não perca Ocaziao alguma de peleja Ainda c'os Heroes mais exforçados, 170 Cuidado tendo sempre a toda a hora De não escurecer o illustre nome De meus Progenitores tão famosos Que Lycia e o Epyro tanto honravão.	190
189r.	Esta a nobre e real Genealogia, 175 Este o famozo e esclarecido Tronco De que me vangloreio ter nascido. Acabou de fallar, e, Diomedes, De o ouvir transportado, a forte lança Sobre a terra firmou, e com palavras Aonde a amizade só respira	195
	180 Deste modo lhe diz: Pois estou vendo Que do Pay e do filho estou liado Polo sacro nó da hospedagem, Por quanto o grande Oneo lá noutro tempo Belorophonte em seo Palacio tendo	200
	185 O espaço feliz de vinte dias Com grão magnificência o tratou sempre. Prendando-se por fim na despedida. Oneo deu ao sublime Bolorophonte	
189v.	De rica purpura hum Boldre bordado, E Bolorophonte deu-lhe uma aura taça. Eu a deixei no meu rico Palacio, Voltando pera Troya, e he por elle Que de nossos Avós eu sube a linha, Por quanto nunca ver pude a meu Pay, Pois hera ainda rapás quando Tydeo Pera Thebas partio, q' tão nociva Foy sua fatal perda aos fortes Gregos. Tinha então por amigo neste tempo A ti na ingente Argos e (tu) a mim Na generosa Lycia, e por isso, Deixemos a peleja, pois não faltão Gregos ou Aliados sobre os quais Descarregar eu possa os rijos golpes, S'acazo me valler o grão Mavorte: Como igualmente a ty não faltarão Gregos a quem o pó faças morder. Mas antes que daqui hoje t'apartes, Troquemos mutuamente as fortes armas, A fim que os dois Exércitos conheção Desta nossa amizade o mais interno.	190r. 205
		210

FIM

171. *nome...* *Genealogia* (v. 174): sempre o cuidado de variar o vocabulário. Em grego, termos da mesma raiz: *yévoç*; *yevēfjç*.
173. *Epyro'*: antes *Ephyro*.
- 174-175. *nobre e real...* *famozo e esclarecido*: tendência para a simetria por meio de binarismos constantes.
177. *Diomedes*: desacompanhado do habitual *Pofià-j-aáóç*.
179. *Aonde...* *respira*: um verso inteiro para traduzir uma única palavra (*xēiXi/foiat*).
180. *Ihe*: no grego «pastor dos povos».
- 181-182. perífrase bem conseguida do verso 215 da *Iliada*, enriquecida ainda com um discreto sabor medieval.
183. *grande*: em grego *8wç*.
184. *Belorophonte*, sem o epíteto habitual *à(iú)jiova*.
Palacio: em grego *ixeyápoiai*. A. Viale escreve «alvergue».
187. *Prendando-se*: forma engenhosa de traduzir o pronome recíproco.
189. *Poldre*: erro de transcrição em vez de *coldre*.
190. *aura taça*, de duas asas acrescenta o grego.
192. *por elle*, isto é *Oneo*: interpretação do tradutor.
193. *sube*, ler «soube».
195. *rapás*, isto é criança.
199. (tu): reconstituição exigida pelo sentido e pela métrica.
202. *Gregos*: equívoco em vez de Troianos.
204. *grão Mavorte*: especificação da divindade, por ser o deus da guerra.
210. *o mais interno*, isto é, que nos ufanamos da hospedagem paterna. *Fim*: termina aqui abruptamente o Canto VI, mesmo antes de terminarem os versos finais do episódio. Do facto nos ocuparemos nas páginas seguintes.

III

DO BISPO DE SILVES?

A leitura dos trechos que transcrevemos haverá servido para nos certificar de duas coisas: do bom nível literário da versão e de alguns lapsos que não podem atribuir-se ao género poético mantido pelo tradutor e às liberdades que se permite. Por sua vez, estas falhas convencem-nos de que o tradutor trabalhou sobre o texto grego, já que não se podem conceber certos erros perante uma versão latina, que, evidentemente, ele conhecia^{38 39 40}.

Somos levados a pensar que se trata duma obra de juventude, íamos a dizer, duma espécie de exercício escolar, duma exercitação ao estudo dos poemas homéricos que, muito provavelmente, não se destinava à luz da publicidade. Sendo assim, o tradutor sentia-se livre para interpretar o texto a seu modo, inclusive para se aventurar a versões dúbias, quando não penetrava facilmente no grego homérico. Podia até dar-se ao luxo de corrigir a monotonia resultante da repetição contínua de fórmulas, muito veneráveis na sua antiguidade e mesmo preciosas para se determinar o processo de transmissão da matéria épica nelas inclusa, mas pouco grata a ouvidos habituados à maleabilidade da poesia erudita. Era assim que pensava Costa e Silva, e as versões de Quinhentos confirmam-nos nesse pensar. No caso concreto da

³⁸ Nomeadamente a versão em prosa de Lourenço Valia, de 1502, *De Omeri Poeta clarissimi Ilias per Laurentium Vallensem Romanum e Graece in Latinum translata...* que trata o texto original com a liberdade que as primeiras linhas aqui transcritas deixam entrever:

Scripturus ego quantum exercitibus Graiis Clader excitaverit Achilliis furens indignatio... te, Calliope vosque sorores... invoco».

É possível que D. Jerónimo Osório (?) haja seguido o exemplo de L. Valia, ao converter o convite à deusa para que cante, em súplica à mesma para que o inspire, o que, diga-se de passagem, não foi seguido pelas traduções que depois apareceram, como a de 1606 — *Ilias, Odysea, Batrachomyomachia... Aureliae Allobrogum... Caldoriana Societas* e a de 1749 — *Homeri operum omnium quae existant, tomus prior sive Ilias Graece et Latine, juxta edit, emmendatissimam et accuratissimam Samuelis Clarke, Amstelaedari, apud I. Wetstenium*. O mesmo poderemos dizer da excelente versão de António Valia, de 1510, embora ao exemplar que pudemos consultar falem os cantos I e H.

³⁹ Como não se destinava a ser dada à estampa a versão de Lourenço Valia, segundo afirma o editor no prólogo. Caso contrário teria mais cuidado em não se afastar do texto original.

⁴⁰ Lourenço Caminha.op. cit., pp. 4 e 37.

INTRODUÇÃO

nossa versão, estamos em crer que houve um intuito de domesticar o legado clássico, o que conviria ao zelo cristão dum teólogo ainda pouco experiente.

Voltando agora ao teor literário da nossa tradução, impõe-se, para corroborar a hipótese de que seu autor tenha sido o Bispo de Silves, um confronto com as obras de D. Jerónimo Osório em português. Ora estas restringem-se ao género epistolar e compreendem poucos exemplares. Não obstante as suas características e a sua parcimónia, denotam gosto pela variedade, pelas enumerações e pelas antíteses. E em textos que dispensam alardes de erudição, D. Jerónimo Osório não se coíbe de ir buscar o exemplo dos costumes atenienses para aconselhar D. Sebastião, e aos malefícios de Páris e Helena para advertir o Padre Luís Gonçalves da Câmara. E, embora só a título de curiosidade, registamos a expressão «a lealdade não tem pejo» que lembra imediatamente outra similar do episódio de Belerofonte: «do que não terei pejo nem vergonha».

Que D. Jerónimo Osório se exercitava na língua grega como na latina, crê poder afirmá-lo D. António Caetano de Sousa: «Continua- mente lia Platão, porque lhe estimava a ciência, e pela eloquência a Marco Túlio, de que foi imitador»⁴¹.

Na Universidade de Salamanca, onde ingressara cumpridos os doze anos, aperfeiçoou o latim e aprendeu o grego. Já em Silves, leccionava aqueles idiomas aos seus familiares, e de «seu séquito de homens doutos e virtuosos, saíram uns grandes latinos e outros eruditos nas letras gregas»⁴².

⁴¹ Cfr. *Agiologio Lusitano dos Santos e Varões Illustres em Virtude do Reino de Portugal* composto por D. Antonio Caetano de Sousa, Tomo IV, Lisboa, na Regia Officina Sylviana e da Academia, 1744, p. 608.

⁴² D. Antonio Caetano de Sousa, *ibidem*, p. 614.

IV

A NOSSA PROPOSTA

Dissemos que o manuscrito da Biblioteca Nacional é uma segunda cópia e que para o nosso estudo identificávamos a primeira com o texto saído das mãos do tradutor. Mas não incluímos no texto o argumento dos cantos. Estes temo-los como devidos à mão do primeiro copista. Não são do tradutor, como logo o denuncia a duplicação de títulos no princípio dos cantos: «Livro Iº...» «Argumento do Canto Iº. «Canto Iº». E assim até ao canto 8º. Acresce a verificação de que o vocabulário é diferente: enquanto no texto Agamémnon é sempre Agamenon, à boa maneira dos escritores de Quatrocentos, no argumento aparece Agamenon; e do mesmo modo a medieval «conta- gião» evolui para «contágio» e o «agoureiro» moderniza-se em «adivinho».

Já devemos atribuir ao segundo copista o epíteto de «divino» conferido a Homero no título, não só porque ao depois ao alto das folhas se escreve simplesmente «Ilíada de Homero», mas porque este falar condiz com a notícia da folha que serve de capa.

Que os argumentos dos cantos se não devem a este segundo copista, resulta, com clareza mais que suficiente da mutilação do canto VI, que o autor do argumento conheceu na integridade dos episódios, nomeadamente «a fala de Heitor com *secura*. Encontro deste mesmo heroe com Paris no quarto deste e a entrada destes dois guerreiros no Campo Mareio».

Posto isto, talvez nos encontremos em situação de afirmar:

- a) O manuscrito da Biblioteca Nacional, já em meados do século XVIII era atribuído a D. Jerónimo Osório, segundo o testemunho qualificado de Damião de Faria e Castro, a cujas mãos deve ter ido parar a primeira cópia em péssimo estado de conservação⁴³;

⁴³ Damião António de Lemos Faria e Castro, rico proprietário algarvio (1715-1789) que da riqueza tirava partido para se dedicar à cultura e ao mecenato (cfr. João Baptista da Silva Lopes, *Corographia do Algarve*, p. 417). Foi Damião de F. e Castro quem forneceu o ms. da *Ilíada* a Lourenço Caminha. Cfr. L. Caminha, *op. cit.*, Discurso preliminar, II.

Aproveitamos esta última nota para referirmos que o 4.º centenário da morte de D. Jerónimo Osório foi celebrado com uma série de conferências por mestres e especialistas e ainda por vários artigos nos periódicos algarvios *Folha do Domingo* e *Correio do Sul*. Ao nosso caso interessa sobretudo o artigo de Mário Lister Franco publicado no *Correio do Sul* de 23 de Outubro de 1980 a propósito do espólio existente na Biblioteca Bodleiana

- b) Esta fora obra dum dos discípulos do Bispo de Silves, que tivera acesso a este «exercício» do Mestre, o qual o não destinava à publicação;
- c) Era um trabalho dos 20 anos e, como tal, ainda hesitante, mas denunciador da ousadia com que nesta idade se resolvem todos os problemas, mesmo os dum versão eriçada de dificuldades;
- d) Para algumas destas ousadias, o tradutor podia autorizar-se com o exemplo das versões latinas do princípio do século, mormente a de Lourenço Valia⁴³.

Por outro lado, a presença de vários termos medievais na tradução convém a um período de transição para o humanismo, o que nos leva a aceitar a data de 1527 para a sua feitura.

Naturalmente a tese jeronimiana da tradução defronta-se com a afirmação olímpica e despiciente de A.J. Viale que com todo o peso da sua sabedoria helénica parece esmagar o amadorismo do modesto professor de retórica. Mas convém advertir, o que ninguém suspeitava, que A.J. Viale, se manuseou o códice, fê-lo apressadamente, assacando erros a uma leitura que não tinha menos. Se não fora o

de Oxford, o qual teria pertencido a D. Jerónimo Osório e para lá teria sido levado pelo Conde de Essex. De facto, os livros pertenceram ao Bispo D. Fernando de Mascarenhas, sucessor de D. Jerónimo Osório e era quem em 1596 estava à frente do Bispado do Algarve. Mas o único manuscrito algarvio que faz parte dessa colecção é uma *Vida do Glorioso São João Baptista*. Preciosidades bibliográficas não as levou o Conde que apenas se interessou pelos livros mais bem encadernados. Resta notar que nenhum dos conferencistas das solenes comemorações aludiu a qualquer manuscrito do Bispo de Silves.

aperfeiçoamento de certas expressões curiosas a que fizemos referência no devido lugar, atrever-nos-íamos a sugerir que o preceptor real não leu sequer o manuscrito, mas confiou nos apontamentos do «amigo senhor Goes», oficial da Biblioteca Nacional, o mesmo cargo que antes ocupara Caminha.

Será legítima a dúvida quanto à autenticidade do manuscrito. Do que ninguém poderá duvidar é que *A Ilíada do divino Homero, passada em Lingoagem Portuguez* é a mais antiga versão portuguesa de parte notável dum poema homérico e que, se não é a mais fiel, é seguramente a mais bela.

Transcrição diplomática do Manuscrito

Illiada
do
Divino Homero

Ilíada
do
Divino Homero

[i]

*Passada em Lingoagem Portuguez, por D. Hyeronimo Ossorio
Bispo de Silves.*

Copia antiga e fiel, de hum MSS. que existia no Cartorio
da mesma Cidade, no Algarve.

Anno
de
1527

ILLIADA DO DIVINO HOMERO

[2]

Livro Iº

ARGUMENTO DO CANTO Iº

Chries Sacerdote de Apolo veyo ao Campo dos Gregos, a fim de resgatar sua filha, a qual entre os despojos das cidades conquistadas cahio em partilha a Agamenon; esse porem a recuza com grande crueldade. Apoio vinga o insulto feito ao seu Menistro. O contagio graça polo Campo dos Gregos. Achilles interroga Calcas, e o Adevinho / responde, que a repugnância de Agamenon irritava a cólera do Deos.

Disputa de Achilles e Agamenon. Briseis he roubada a Achilles. Briseis se entrega a seu Pay. Thetes vem do ceyo das ondas consular a seu filho, e empenha Jupiter a tomar parte na sua vingança. Lamen- taçoens de Juno. Ameaças de Jupiter. Concelho de Vulcano.

CANTO 1º

[3]

Cantemos Muza com sonora Lira ¹ Do Filho de Peleo a horrível sanha, Esta sanha, nociva e formidável, Qu'os Gregos mutivou tantas desgraças, E que la de Plutão no escuro albergue Dos Heroes sepelio infindas almas Seos corpos entregando aos caêns em preza, E as carniceiras aves de rapina, Depois do fatal dia qu'a Discórdia Levantou o aspecto tenebrozo Entre o filho de Atreo, e o forte Achilles.

Desta sorte se cumprirão os Decretos De Jupiter Senhor do Ceo rotundo, Mas qual dos Deozes nesse cego abysm o [3v.]

De cruas dicensoêns lançar os pode ?

De Jupiter o filho e de Latona

Contra o Rey irritado he quem espalha Cruel contagação por todo o campo, Qu'os innocentes povos contrastava Por ver Atrides fero injustamente O Sacerdote Crises maltratado.

Dos Gregos aos baxeis Crises sobia A fim que sua filha resgatase De infinitas riquezas carregado E tendo então nas maõns do grande Apoio O cetro d'oiro, e os recamados cintos, Aos belicozos Gregos supplicava Como tão bem d'Atreu aos grandes filhos. «Filhos d'Atreu, lhe diz, e vós ó Gregos

A quem os grandes Deozes q' no Olimpo As cellestes moradas habitando, A graça vos concendem da conquista² Da soberba cidade de Dardania, E de vos conduzir aos patreos Lares De palmas e d'espojos carregados; Aceitai este don que vos offerto E mandai se m'entregue minha filha. De Jove respeitai a hum seu Menistro Hum fiel sacerdote qu'os incenços Nas aras de seu filho destrubue.»

Com hum doce murmurio e complacente Foy dos Gregos a supplica adoptada, Acentando que fossem seos presentes Em chapeados cofres recolhidos ³ E d'Apolo o Menistro respeitado.

Agamenon porem ardendo em raiva

Apascentando os olhos sobre Chrieses Com indinada vos, dura e soberba, «Vai-te daqui, lhe diz, velho importuno. No campo meu jamais entres ouzado Nem faconteça mais voltar a elle S'acazo não dezejas ver inúteis

As insignias do Deos, de que he Ministro⁴. Tua filha perdeo a liberdade, E minha escrava sera, athe qu'o tempo Do rosto seu lhe roube as vivas cores. Eu a verei servindo em meu palacio Os labigeros fios retrocedendo⁵ Soportando o rigor do seu Destino; E se tu nos teos dias poes cautela Aparta-te de mim velho imprudente.»⁴

[4]

[4v.]

Com lugubre silencio o Velho parte [5]
 Abatido de dôr e d'amargura.
 E chegando ao logar, onde se quebrão Do furioso mar as rijas ondas, E
 escondido no centro dum rochedo Ao rutilante Deos em altas vozes⁷ Os
 seos vottos derige, e assim lhe fala: «Soberano Smintheo cujos decretos
 Em Thenedos se adorão respeitáveis Brilhante Deos do suspirado dia A
 minha vos attende internecida; Se de ricos festoêns, de brancas tellas
 Adornei o teu templo sumptuozo; Se polas minhas mãos forão cortadas As
 vitimas a par dos teus altares, E fiz qu'o quente sangue ali correse De
 gordos toiros, de silvestres cabras, [5v.J
 Lansa sublime Deos, sobre esses Gregos Tuas agudas formidáveis armas
 E com duros tromentos e trabalhos Estas ardentes lágrimas enchuguem».
 Acabou de fallar, e o Deos iroso, Apenas lhe ouve a supplica fervente,
 La dos cumes do Olimpo a terra desce Nos agitados ares bipatentes Sobre
 as largas espadoas retinião Dentro na aljava as refulgentes settas; E
 semelhante à noite tenebroza Dum negro nevoeiro rodeado Longe das
 vastas naos tomou acento, Com horrisono son do seu rico arco D'horriavel
 mortandade o campo cobre,

Não se vendo por todo o vasto campo mais [6]
 que d'horror objectos implacáveis, Vião se
 ardentes fogos cujas chamas Os montoêns de
 cadaveres consumião; Nove dias durarão os
 impulsos Do vingativo Deos, os golpes feros;
 No decimo porém ja consternados Os Gregos
 todos do cruel castigo, Achilles qu'o distino
 lastimava, Inspirado por Juno favoravel⁸ Fez
 os Gregos juntar n'hua asemblêa, Logo que
 juntos forão por seos turnos Com hua voz
 pezada e lastimoza Levantando-se entre elles
 assim falia: «Devemos esperar em paz
 tranquila⁹ Hum funesto destino, sem recurso,
 Proximos a morrer infelizmente Pola peste
 q'o campo nos extingue, Para salvar os dias
 que nos restão A tantos malles contra nos
 unidos? Quão tardamos ó Principes Supremos [6v.]
 Em surcar outra ves os vastos mares ? Mas
 antes de buscar neste retiro Hum remedio tão
 torpe e vergonhozo, Consultemos primeiro os
 adivinhos, Os sagrados interpretes dos
 Deozes, Consultemos dos sonhos os effeitos,
 (Que os sonhos vem de Jove derivados) A fim
 que nos declarem sem reserva S'ó colérico
 Apólo os seos altares Quer vingar irritado das
 offenças Se podemos c'o sangue dos
 cordeiros

D'ua ves aplacar sua vingança».

[7]

Acabou de fallar, e nesse instante

Calcas, que era interprete Divino E que com penetrante e aguda vista O presente, o passado e o futuro Penetra dos arcanos sempiternos, E que do mesmo Apoio hera adivinho, Qu'aquellas margens conduzira os Gregos, Levantando-se em pe assim lhe falia, Em termos propios d'um saber profundo: «Mandas-me ó Achilles que declare (Ô Principe dos Deozes tão amado) A cauza dos furores por que Apoio Os belicozos Gregos sacrifica Da implacável Parca a foice impia S'eu agora me destino a obedecer-te Nas tuas maons entrego o meu destino;

[7v.]

Porem por hum sagrado juramento Os dias meos segura dos perigos Pois talvez falando livremente, Offenda algum dos Gregos confedrados, Q'a ofença d'um inclito monarcha Sempre gerou terríveis consequências, Elle pode imolar as suas iras O objecto qu'inspira a sua ofença.

E s'acazo se esquece por hum tempo Com simulada traça, quando chega Da severa vingança o cruel prazo Satisfaz o seu odio inveterado. Se pois constante queres defender-me, Eu falarei sem susto e sem cautella».

«Sabio Velho, lhe dis o forte Achilles:

Por testemunha tomo ao Deos Supremo, Que la do sabio peito a vós t'inspira, Qu'em quanto respirar esta aura livre Eu te haja de salvar das maos dos Gregos, E desse grande Rey, desse Monarca Desse soberbo Agamenon vallente, Do qual, e com rezão o ultraje temes. Declara-nos pois ja esses segredos Qu'os favoráveis Deozes te revellão».

[8]

O velho Sacerdote qu'isto ouvira Dum forte animo, cheo e rezuluto, Sem hezitar responde ouzadamente:

«Apoio não vingou os seos altares Mas o seu Sacerdote q'ultrajado Foy por aquelle Chefe sem acordo. Esta a origem he dos malles nossos, E que inteira ruina pronostica A qual não sofrera ja mais lemite Sem deste Pay as lagrimas ardentes Enchutas serem no seu rosto annozo, E sem q' se lhe entregue sua filha, Sua formoza filha sem resgate, E sem se lhe fazer na sua Crisse Hum sublime e pompozo sacrificio».

[8v.]

Assim vociferando toma acento, Porem Agamenon entre elles logo Pola boca exalando ardentes xamas Chamejando-lhe os olhos de continuo Do lugar se levanta, e assim prosegue:

«Ó tu Profeta indino e desbocado, Q' por costume contra mim conspiras,¹⁰ Eu atrahi de Apolo a sua ira

Por possuir de Crisse a forma amavel [9]
 da qual adoro as graças e a belleza Adorando-a mais q' a minha Espoza ¹¹
 Porem embora preze a companhia Desta cara troyana voluntário A seu
 Pay a darei cheio de gozo, Pois antes vencer quero os meos dezejós, Ao
 Povo meu fazendo hum sacrificio O qual só prezo ver em paz tranquilla
 Porem ja q' este prémio me arrebatão (Que foy do meu vallor hum justo
 preço) Dos Gregos todos sendo unicamente A quem se roba a justa
 recompença, Do vosso Cheffe a honra esclarecida Ultrajada a vereis
 infamemente, S' hum prémio me não deres decorozo

Q' bem pago me deixe do que perco». [9v.]

Não disse mais Agamenon soberbo;
 E Achilles q' o ouvia ardendo em raiva Alçando a voz soberba e
 formidável Neste discurço rompe e nestas vozes: «Q' ouzas tu pertender
 Monarca indino, E inçaciavel dessas vans riquezas ? Q' prémios te darão
 os fortes Gregos? Não forão já por sortes repartidos Dessas tristes cidades
 os despojos ? Como se pode agora novamente Intentarmos partilha tão
 renhida? Deves sacrificar sem repugnância Ao Deos do claro dia outros
 thezouros,¹² E se Troya por fim das nossas armas For despojo infilice,
 hum grande prémio

Alcançaras de nos que remunere Essa que julgas [10]
 impreciavel perda».

«Deixa, responde Atrides desgostozo, Esse q' me
 propoens novo arteficio, Pois pertendes de mim hum
 holocausto Só por q' a gloria tenhas d'humilhar-me,
 Os teos projetos vejo refalçados E dessas tuas traças
 mofo e zombo, Qu' o teu odio insinua, e o teo
 orgulho, Pois se Criseis entrego, a quem adoro He
 bem justo q' os Gregos satisfação Ao meu coração
 esta violência Propondo-me de novo outra donzella
 Igual à q' me rôba o cruel fado;

E quando assim não seja, eu mesmo iroso Hirei
 d' hua tomar segura posse, Mil ariscados lances
 afrontando Embora d' Ajas seja, ou dum Ulisses Ou
 inda finalmente a tua mesma;

E desgraçado aquelle em quem a sorte Haja então de
 cahir nesta interpreza: Agora so se apreste com [10v.J
 cuidado Hum velleiro navio de remeiros, Carregue-
 se das victimas sagradas, Que possão completar a
 hecatomba E a bella Criseis nelle se embarque,
 Tomando algum dos Reys, ou algú dos Chefes Da
 sua condução o nobre encargo Ou seja Idomeneu, ou
 seja Ulisses Ou o vallente Ajas, ou inda mesmo Tu,
 Rey q' dos mortaes hes o mais fero, A fim q' o claro
 Apoio modifique

Dentro no peito seu a ira ardente». [11]
 Achilles com os olhos inflamados
 D'um horrível furor assim lhe fala: «Orgulhozo Monarca revestido Do
 interesse vil e da impostura, Que trazes a injustiça no semblante, Como te
 atreves com injusta idea Querer impor-nos leys, querer mandar-nos E ser
 de tantos Reys obedecido?
 Se tu vallor não tens para os combates ?
 Que crimes cometerão os Troyanos Contra mim, ou qu'ofença me fizerão
 Para qu'eu venha com fatal violência Vingar-me d'huã afronta
 imaginaria? Pizarão por ventura as minhas terras ? Tomarão-me os meos
 gados nas pastagens ? Fizerão-me ruina nos meos portos? [11v.]
 Foi por ti orgulhozo certamente ¹³ E só por Menelao que aqui viemos
 Castigar contra ty suas offenças.
 E he so com desprezo e com injurias Que tu pagas ingrato os meos
 serviços ? Tu ouzas atrevido ameaçar-me Qu'as-de vir arrancar-me dos
 meos braços O prémio merecido ao meu trabalho Tu cuja confiança e
 inútil fausto Teve tão dezigual a recompença Com o oprobio de Achilles e
 dos Chefes,¹⁴ Que vem pera ajudar-te nesta empreza, Achilles
 qu'afrontando a horrenda morte Sustinha todo o pezo dos combates;
 Fineza he ariscar a doce vida,

Por fazer aos ingratos este obzequio, Eu parto, e a [12]
 Thesalia me transporto Desgostozo de ter tantos
 perigos, Inda qu'o coração lizongevão. Neste lugar
 te deixo sem apoio, Sem honra consumindo em vãos
 projectos As idéas fantasticas somente
 Por que a caza de Atrides s'enriqueça». «Foge,
 responde o Rey, eu não te prendo.
 Vai a outros levar os teos secorros, Que para mim
 inúteis conjecture Pois em Jupiter firmo a confiança,
 Outros muitos sem ti a minha cauza Defenderão
 valentes e exforçados. O tumulto dos campos e a
 discórdia São o teu sanguinário mantimento. Tu não
 sabes, cruel, que s'exforçado Sostentas nas batalhas
 que do Jove Hum tão grande valor que te mana?
 Parte qu'agora o mar vejo tranquilo E de servir o
 vento te convida Com os teos companheiros emfim
 parte E a Larissa vai unicamente Falar como senhor [12v.]
 aos rudes povos, Que aquy só commando eu e os
 teus passos ¹⁵ Os demoro ja mais, nem do teu odio Eu
 formo as ameaças que respondão Os devidos effeitos
 às palavras Aos deznios d'Apolo he qu'obedeço, E
 por isso t'afirmo que se entrego A candida Crisseis
 que logo, logo, Hirei aos navios dos Achivos,¹⁶

Roubar do teu amor o digno objecto [13]
E a farei entrar na minha tenda.

E então conheceras por experiencia

A distancia entre nos, qu' o Ceo prescreve E so com este ouzado
atreuimento Encherei de pavor e de respeito Quem aspirar comigo à
igualdade».

Achilles q' isto ouuio ardendo em raiva Em duvidar hesita vingativo S' o
peito passaria ao inimigo Ou domaria a dôr que o inflamava. Existia
suspenço, e a longa espada Já tinha da bainha meia fora Quando Minerva
qu' isto vio baixando ¹⁷ Do alto cume do sagrado Olimpo Para os medrozos
Gregos corre logo.

E enrolando na mão os seos cabellos [13 v.]

Qu' estavam irrisados sobre a fronte De collera e furor lhe prende os passos.

Ficou o heroe suspenço deste acazo, E inda mais furiozo e mais ardente: A
cabeça volteia a varias partes E vendo ser Minerva qu' isto obrava Cujos
formozos olhos sintilantes Relâmpagos no ar aparecião. «Filha do grande
Jove, elle lhe exclama Que te move a fazer tão grande excesso? Vens acazo
taxar à minha afronta? E a magoa qu' o peito me devora? Eu juro que por
prémio deste arrojo O author insolente dos meos males Lhe cubra a
sepultura o torpe orgulho».

«Espera, lhe dis Palias brandamente, Falando-lhe da [14]
nuvem que a cobria, Eu te venho aplacar a ardente
sanha Qu' o ardente discurço falucina. Por Juno sou
mandada que te escuda. Doma pois os transportes
furiozos Que d' ambos os juizos te soffoca; Não saia
da bainha a tua espada, Pois basta q' reprimas esta
afronta Com duras reprehensões, com fortes
termos Que assim castigaras huma alma ingrata.
Pode ser qu' algum dia este Monarca Teos grandes
benefícios implorando Bem caro saptisfaça os tristes
males Que procura fazer-te, não duvides A ley
obedecer da grande Deoza». «Convenho, disse
Achilles já sereno, He percizo qu' eu cumpra o seu
perceito Crua ley na verdade, mas conheço Que
quem escuta os Deozes obedece». Assim dizendo a
fulgente espada Aplacando recolhe na bainha, E a
Palias desta ação assaz gostava¹⁸ A morada dos [14v.]
Deozes se retira; Mas Achilles querendo dezafojo A
sua indignação tempestuoza Agamenon ultraja deste
geito: «Monarca Rey d' ambição intumecido Cuja
pérfida audacia illimitada Mostra q' estas de vinho
embriagado, Que dum cão descarado tens os olhos E
que de cervo o coração pessues,

Tu a quem nunca vimos nos combates [15]

Expondo-te a guiar os teos soldados Porque temes a morte como um fraco
E os arriscados lances te horrorizão, Tu achas q'he melhor no aureo throno
Ser tímido expector destes perigos Querendo q' por ti as nossas armas Vão
combater os fortes inimigos: Do inocente sangue dos escravos A tua
ambição cevas, torpe e fêa, Tu os reprehendes quando os vez cobardes, Sem
q' saibas da honra inda os direitos. Ouve agora e atende hum juramento, Que
cheio de razão fazer-te quero, Pelo sagrado sceptro qu'hoje empunho
Qu'antigamente o aguçado ferro

Cortou num denço bosque cujo ramo [15v,]

De seu fecundo tronco se devide, E que sem nutrimento qu'o anime Jamais
produzira as verdes folhas, Por este sceptro digo que ornamento He das
mãos vallerozas q'o empunhão, Eu te juro, e crê meu juramento, Qu'ha-de
tempo chegar qu'os Gregos todos, Vendo-se inutilmente arrependidos E
aterrados por Heitor vallente, Achilles chamarão mas sem remédio; Tu os
veras debaixo dos teos olhos Aflitos perecerem desolados, E então teu debil
braço em seu socorro Ha-de querer mover-se porem fraco, De remorços
cruéis deilascerado

Em vão has-de chorar tão dura offença Com que [16]
insultaste o mais valente grego».

Acabou de fallar, e o aureo sceptro Arrojando
por terra, toma assento. Então Atrides fero se
levanta, Mas o sabio Nestor correndo ouzado
Destes dois chefes o furor rebate. Da boca deste
velho a ellequencia Bem como o mel corria
saborozo, Qu'abelha industrioza as flores rouba; Já
duas geraçoens tinhão passado E na terceira
entrava venturozo Mil sabias leys em Pillos
promulgando E logo que falou sua facúndia Sobre
os viventes todos se derrama.

«Que malles justos Deozes nos contrastão, Dizia
o sabio e elequente velho, Que triunfo que vejo pera
Troya E pera os filhos do seu Rey potente S'elles
vem a saber tão desvairado E demudado excessos sem
acordo

De sanha e de vingança entre dois Chefes Entre
dois Reys famosos e eminentes. Escutai pelo que
rivais insanos ¹⁹ Hum velho qu' vos fala com
prudência Que frequentou na sua verde idade Os
Reys e os Heroes de toda a Grécia Que forão como
vos tão valerosos, E ja mais desprezarão meos
concelhos: Ah, que não vivem ja e os nossos olhos
Enganados procurão neste mundo, Porem em vão
os imitar forcejão,

[16v.]

Polifemo, Thezeo e Perithoro [17]
 E outros finalmente desta estofa,²⁰ Qu'ouizados desprezavão muitas vezes
 Hua facil victoria e sem trabalho;
 Qu'ou fossem vencedores ou vencidos De monstros mil o mundo
 despovoarão Os tiranos centauros e odiondos Lhe derão sobre a terra
 eternal nome. Foi com estes Heroes na tenra infancia²¹ Qu'eu de Marte
 aprendi as Leys ceveras; Eu fui parceiro seu em mil empresas, E com
 respeito ouvião meos concelhos. Posso agora esperar ó nobres Chefes, Por
 honra de vilhice encanecida, Qu'observaes nas rugas do meu rosto, Qu'as
 vozes despreceis com que vos fallo, S'este favor obtive quando moço?

[17v.]

Deixa pois ó Monarca generozo Só pera galardão de tantas lidas Essa
 beleza que ele adora e preza, E tu de Agamenon respeita o mando, Pois se
 t'inflama o orgulho, o nascimento Que tu Achilles tens, debes vallente
 Sufocar essa idéa intempestiva, Pois este Rey, qu'agora nos governa Tem
 mais poder que tu e mor império: E tu filho d'Atreu, tempera a raiva E
 tem sobre a tua alma algum dominio, Pois s'eu posso aplacar a sua
 ardência Achilles me vera aos pes prostrado Reclamar pera os Gregos seu
 apoio». ²² «Sabio Velho eu oiço outros discursos»,

Atrides lhe responde, Atrides forte D'alta facúndia [18]
 cheo e ellegancia: «Porem acazo he justo qu'este
 império Domine Achilles como soberano?
 Qu'as leys promulgue e as ordens destribua Como
 la lhe ditar o seu caprixo?» Os Deozes lansem
 sobre mim irados As eternas afrontas, disse
 Achilles, S'eu ja mais sujeitar-me aos sentimentos,
 As idéas que buscas de illudir-me.
 Vai buscar n'outra parte alguns sujeitos Qu'as tuas
 ordens tremão pavorozos, Qu'emquanto a mim as
 julgo ineficazes. Ô ouve-me agora e grava as
 minhas vozes No teu mao coração e na tua alma,²³
 Que por hua mulher Achilles forte Em tempo
 algum ja mais tera contendas; outra vez este prémio
 os Gregos tomem, Que se deu justamente ao vallor,
 Outra couza porem qu'abordo tenho Das minhas
 fortes naos ja mais ouzado Me poderás tirar sem [18v.]
 qu'eu primeiro No sangue teu ensope a minha
 lansa».

Assim estes renhidos contendores D'huma ves
 terminarão seos discursos E pera as suas tendas
 promptamente Acompanhados dos seos chefes
 forão.

Mas ja Atrides manda se prepare De bons vinte
 remeiros o navio, Ja sobre as salsas ondas balancea
 De ricos panos todo empavozado;²⁴ Ja no seu vasto
 bojo se introduzem

As off rendas sagradas, e a beleza [19]
 Qu'Apolo pertendia s'entregase Sendo o seu condutor o sabio Olisses.
 Ja s'alongava d'arenoza praya O flamante navio, qu'asoprado D'um vento
 de servir as ondas corta, E tanto que de todo s'esconderão Aos seos
 Agamenon ordena logo A uzansa seguir do antigo rito Qu'os corpos lavem
 das impuras manchas Com as ondas do mar limpas e puras,
 Qu'innumeraveis victimas degolem Cujo sangue ensopando a branca area
 Suba ao Céu em turbilhoens de fumo, E do meio das victimas qu'a Jove²⁶
 Governa toda a vasta redondeza
 Estes ferventes vottos se lhe mandem, [19v.]
 Em quanto isto fazião sobre o campo, Agamenon soberbo e infurecido,
 Não separa do peito a ardente raiva, Elle falia aos heraltos cujo emprego²⁷
 He de levar as ordens polo reyno, E levantando a vos, assim lhe falia:
 «Eu ponho em vossas mãos a minha gloria E a minha vingança
 juntamente, Hide a barraca do soberbo Achilles, Esse filho de Thetis
 orgulhozo, E em meu nome tirai-lhe a Briseis bella, E s'elle s'opozer as
 minhas ordens, Logo da minha gente acompanhado Partirei a punir a sua
 audacia». Assim dizendo as ordens lh'intimava

Os heraltos de susto amortecidos Com vagarozos [20]
 passos vão marxando The chegarem d'Achilles a
 barraca; Apenas elle os ve ardendo em ira Os fes
 imudecer so de respeito, Nada jamais dizendo ou
 perguntando. Achilles então vendo-os neste lanse,
 «Com Deos vindos sejais sacros Menistros Dos
 Deozes e dos homens, disse Achilles; Chegai pois
 insientes sois da injuria Qu'Atrides me derige neste
 transe. Entrega ja Patroc'lo aos heraltos Embora essa
 donzella tão buscada Qu'eu na face da terra aos
 Deozes juro E diante do Rey qu'indino a rouba,
 Qu'inda que o veja no ultimo perigo Perto de perecer
 e a sua gente, Qu'eu ja mais o socorra, e a minha
 espada²⁸ Em seu favor do seu logar se tire».
 Acabou de falar e a real ordem Foy logo de
 Patroc'lo executada; Ja a bella captiva lacrimoza, [20v.]
 Deplorando os seos males dezastrados, Na posse dos
 heraltos vai marchando Com pasos lentos, com
 saudoza vista.
 Achilles depois disto furiozo Com a profunda dor
 qu'o descarrega Pera a praya correo, e os olhos pondo
 Sobre as ondas do mar, suspira e geme, Estende os
 braços, alça as magoas guerreiras ²⁹E para Thetis diz
 desta maneira: «O minha cara may he este o prémio

Que o meu valor merece e a minha gloria? [21]
 Desta arte he que esclareses Meos apoucados, desdetizos dias ?
 Estas as honras são que prometidas Por Jupiter me forão e outros
 Deozes ? Ultrajado sem honra e sem respeito D'Agamenon
 soberbo hoje me vejo Padecendo o rigor da sorte impia».

Ouvio Thetis d'Achilles os clamores, Que no fundo do mar
 estando oculta³⁰ Ao lado do Pay envelhecido Como nos ares a
 ligeira nuvem Ella cortando vem as verdes ondas. E chegando-se
 ao filho carinhoza, Ao filho a quem a dor deslacerava As
 lagrimas lhe enxuga e assim lhe falia:

«Porque choras meu filho, dize a cauza [21 v.]
 Qu'essas ardentes lagrimas te movem, Dize-me a tua dôr, comigo
 falia Qu'extremoza dezejo o teu socego».

Achilles qu'isto ouviu logo arrancando Hum profundo suspiro
 do seu peito, «Tu o sabes, lhe diz, sem que percize De mais
 explicação, mas eu to digo, Tu sabes, que de Thebas no asalto
 Etião perecera juntamente Com o nobre esplendor do seu império
 E que por entre as prezas do despojo, Qu'polos Gregos forão
 repartidos, Criseis foi para Achilles destinada Em prémio do
 vallor qu'ali mostrara, Sabes tão bem que Crises qu' d'Apolo
 He hum grande ministro, aqui viera. [22]

Querendo resgatar a cara filha Trazendo para isto ingente copia
 De sumptuozas dadivas qu'o preço Equilibrar podião do resgate;
 E tendo então nas mãos do sacro Apoio O sceptro d'oiro, os
 recamados sintos Aos belicozos Gregos supplicava, E d'Atreo
 igualmente aos grandes filhos. Todos os fortes Gregos
 concordarão Que recebidos fossem seos presentes, E d'Apolo o
 ministro respeitado. Agamenon porem ardendo em raiva A este
 velho afronta horrivelmente Com asperas reprehensoes e duras
 vozes Contra nos irritado o velho parte

E derigindo Apoio asperas queixas, [22v.]
 Do fulgurante Deos no mesmo instante, Pois era assas [ferido]

querido ouvidas forão». ³¹ Acabou de fallar e o Deos irozo,
 Apenas Ih'ouve a supplica fervente, Ligeiro soperando a ardente
 setta, D'horrivel mortandade o campo cobre, Por todo o arrayal
 so se devizão D'horrivel mortandade mil objectos.
 Então pergunto a Calcas o motivo. Elle em publico falia e nos
 declara Os motivos da cólera d'Apoio.
 Eu o primeiro sou que logo ordeno Qu' se haja d'aplar o Deos
 irado. Agamenon porem ardendo em ira E por mais completar a
 sua audacia

Entregando a Criseis nas mãos dos Gregos [23]

A minha tenda envia os seus heraldos Por que a cara Briseis tão bem me rôbe Briseis do meu amor digno objecto Que os belicозos Gregos m'ofertarão Por prémio dos meus feitos belicозos.

Tu pois poderosa Deozza, se dor sentes Do teu amante e desgraçado filho, Faze por serenar as suas dores, E voando ao Olimpo a Jove falia, Por que nesta vingança s'interrece. Os direitos reclama que se devem Dos serviços que fis a estas gentes, E se tu lhe serviste já d'apoyo Quando todos os Deozes conjurados O quizerão prender c'hum grilhão forte Implorando o socorro de Titano³² [23 v.]

Disforme Briareo, que tem cem mãos Tu salvar o sobeste do attentado, Abraça minha mãe os seus joelhos, Sua ternura invoca e a sua graça Com que dando favor aos bons Troianos Extremine dos Gregos a perfídia, Vejam os seus navios destroçados, Consumidos se vejam no seu campo Huns Gregos sobre os outros com infamia, O soldado perecendo ao Rey maldiga, E veja Agamenon a injustiça, Chore cruel a horrorosa afronta Qu'o mayor dos heroes qu'a Grécia veyo Pode fazer ingrato, e invejoso».

Acabou de falar e Thetis logo

«Ah meu filho, lhe diz enternecida, De lagrimas [24]

banhado o lindo rosto, Por que fatal e barbaro destino Eu a vida te dei? Quando os teos dias Vejo de imença gloria coroados, E brevemente c' dor serão extintos. Antes eu acabara nesse instante Em que fui tua Mãe tão desgraçada, Eu parto promptamente para Olimpo A falar ao Senhor que os raios lança. Os meus votos e os teos serão ouvidos. Tranquiliza-te agora em teos navios. Deixa [and]em paz os Troianos valerosos.³³ Da Ethiopia ardente em suas praias. De todos os mais Deozes torneado Agora assiste Jupiter tonante Nos sagrados festins qu'ali se fazem. Passados doze dias para o Olimpo Voltará certamente, eu te prometo Qu'a minha vos empenhe em persuadi-lo».³⁴

Acabou de falar, e abrindo as agoas Partiu ligeiramente ao seu palacio, Enquanto Achilles [24 v.] dado aos seus transportes Da roubada belleza assas lembrado Jura vingança e castigar a Grécia. Já neste tempo Olises valleroso De Crisa entrava no soberbo porto, Já da velleira nau as pandas vellas Os fortes marinheiros amainavam E o atado pano na comprida verga A marítima chusma o remo empunha. Já da proa se lança o curvo ferro

E marchão pera a praya os navegantes. Condu-
se a hecatomba e a captiva Crisseeis bella,
d'Ulisses conduzida E aos santos altares se
apropinqua, E ao pay entregando-a assim lhe
falia:

«Tua filha recebe, ó Santo Velho, Qu' te envia
por mim o grande Atrides, E esta off renda poem
sobre os altares Do intonso Apoio em favor dos
Gregos, Por qu'assim expiando o seu delicto A
vingadora cólera s'extingua». Surprendido de
gosto e de transporte Banhado o rosto com
alegre pranto Ja apertava Crisses nos seos braços
Com carinhoso amor, terna affeição E logo o
menisterio exercitando De flores enche ao altar
sagrado, E logo por seu turno ali se segue
Explendida hecatomba e aparatoza. Os menistros
dos Deozes purificação Nas puras agoas os
manchados membros E pera a oblação do
sacreficio As sagradas farinhas se preparão.
Chrisses então no meyo a vos alçando Esta
supplica fez ao Deos de S'minta:

«Famozo Deos qu'o arco reffulgente A lus
espalha na celeste esfera Que em Tenedos
imperas magestozo, Sendo grão protector da
Crissa e Cylla, Tu que pera vingar-me sem
demora, Tantos Gregos mandaste ao Reyno
escuro, Digna-te de attender as minhas vozes,
E delles lhe separa o mal horrendo».

Desta arte assim fallava o velho Crisses, Do
refulgente Deos sendo attendido. Logo o curvo
instrumento o boy degola, Espalha-se a farinha
sobre a fronte, As entranhas com este se lhe

[25]

[25 v.]

rasgão; E promptamente separando a carne, O
crepitante fogo ali se acende. Ja o divino Augure
sobre as chamas O rubro vinho espalha
delligente, E as offrendas aos Deozes
consagradas Devorando se vão do intenso fogo,
Ja nas hastes do ferro acicalado Se devidem da
res todos os membros E o calor gozando, o acezo
fogo Pera o sacro festim se aprestam logo. Com
libaçõens a festa se celebra, E os moços da
Grécia prevenidos Formão doces concertos e
alternados, D'altissonas cançoens d'alados
hymnos³⁵ E as vozes retinindo polos ares, Ferem
d'Apolo os plácidos ouvidos; Mas a noite
estendendo o negro manto Todos nos seos
navios se recolhem, Porem tanto qu'a bella e
rouxa Aurora C'os seos dedos de rozas no
horizonte Do almo dia abriu as portas d'oiro,
Logo os Gregos dispõem sua partida, Ja sobe o
marinheiro a alta verga E o dilatado lenho se
desfralda Com deligente e nautica seleuma
Apoio hum brando zéfiro Ih'envia,

[26]

[26v.J]

Que fas qu'as ondas corte apresurado [27]
 E o velleiro navio atras deixando Os altos montes as sublimes
 rocas Da vista finalmente os vai deixando.
 Porem tanto que chegão venturozos
 Aos amplos arrayaes dos fortes Gregos Logo o velos navio he
 conduzido Por sima d'altos rolos pera a terra, E se prende nas
 ancoras tenazes, Os lassos marinheiros tão bem logo Polas tendas
 e naos se dividirão.
 Porem o forte Achilles cuja offença Inda no fundo d'alma
 resentida Dentro dos seos navios se ocultava As sabias
 assembleias despreçando E igualmente os horridos combates.
 Com a forte amargura do seu odio [27 v.]
 He o seu coração alimentado;
 Porem tanto qu'a roxiada Aurora
 Fez rayar no horizonte o almo dia No qual o grão mutur do ceo
 rotundo Entrou na corte c'os celledes Deozes, Logo Thetis qu'a
 muito o esperava, Excitada dos rogos de seu filho, Ligeira surge
 das proffundas ondas E qual a densa nevoa qu'atraida Da fresca
 Aurora foy, qu'no ar se espalha. Pera o celeste Olimpo foy
 voando, Aonde o sacro Jove vio sentado
 Distante dos mais Deozes no seu throno, Aqui s'asenta logo
 diante delle, E abraçando com a mão sinistra

Os joelhos de Jupiter tonante, E pegando-lhe na [28]
 barba co'a direita, Assim lhe dis com arte e com
 ternura: «S'acazo ó sacro Jove, eu algum dia
 D'algo t'proveitei entre os mais Deozes Ou
 polas minhas vozes verdadeiras. Ou ja polos
 meos feitos do meu filho O lugubre destino lhe
 esclarece,³⁶ Pois he na primavera dos seus annos
 A sua doce vida terminada;
 E como s'isto ainda não bastase Com mil feras
 offenças hum rey fero, Agamenon soberbo e
 implacável, Na face dos mais Gregos o afronta,
 Senhor sendo da posse da belleza Qu'em prémio
 de seos feitos lhe foi dada, Repara polo que ó
 grande Jove³⁷ Tão desmedida afronta, fique
 Troya Dos feros inimigos desolada,³⁸ E seos
 amenos espaçozos campos De roxo sangue
 fiquem alagados Athe qu'os fortes Gregos [28 v.]
 condecorem Com magnificas honras o meu
 filho».
 Acabou de falar e o Deos Tonante Não
 dizendo palavra hum grande espaço Num
 profundo sellencio se sepulta, Porem Thetis as
 supplicas dobrando A seos pes outra vez já se
 prostava, Dizendo-lhe com a vos enternecida:
 «Ou a graça me da qu'hoje pertendo Ou
 d'huma ves me nega o que suplico (Pois motivo
 não tens ó grande Jove

Porque hajas ser comigo demoro) [29]
 Assim qu' d'uma ves eu reconheça
 A minha preferencia entre as mais Deozas». ³⁹ «Que serie de
 desordens tão horrendas (Suspirando lhe dis o sumo Jove)
 Pretendes suscitar, ó bella Deoza? Ainda acazo ignoras os
 clamores Com que Juno soberba os ceos atroa? E quanto ardendo
 em odio contra os Teucros Escuda Agamenon com tanto
 extremo? Por esta cauza pois ó Deoza foge E teme te não veja a
 minha espoza, Que a meu cuidado fica o teu negocio, E com este
 sinal em ti o confirmo, Sinal irrevogável que respeitão Nos meos
 decretos os Cellestes todos».

Acabou de falar o grão Tonante, [29
 v.]

E a cabeça logo reclinando Como igualmente as negras
 sobancelhas, Fes tremer de respeito o Olimpo todo, Nos ares os
 cabelos esparzindo Saptisfeitos enfim os seos projectos, O seu
 alvergue cada qual procura.

Ja Thetis deixa o bipatente Olimpo D'um vôo atravessando os
 densos ares E no meyo das ondas se recolhe, E Jove pera a parte
 em que reside. Bem como a bella Deoza se transporta, Logo os
 Deozes deixando os áureos thronos Com apressado passo
 s'encaminhão Para corte fazer ao seu sob'rano. Ja dos seos
 cortezoens Jove cercado

Entra no seu palacio e ao throno sobe E tudo ali [30]
 se cala a sua vista. Mas a cioza Juno que notara
 Que Thetis ao consorte entretivera Com
 indiscretas e amantes vozes Falia ao supremo
 Deos, e assim o argue: «Que devindade audas e
 enganadora Da tua confidencia o asilo teve?
 Nestas amantes praticas não posso Eu ser
 ad'metida ? Outra ditoza O meu lugar ocupa e o
 fogo inflama Contra os meos acertados
 interesses ? He Thetis quem m'offende
 lizongeira⁴⁰ E prostrada a teos pez sôbe illudir-
 te Com refalsadas e fingidas vozes Soube
 arrancar de ty alta promessa De punires os
 Gregos desgraçados Só por honrar ao sob'rano
 filho?» «Suspende, disse o Deos, os atrevidos
 Modos de articular, inda qu'entre ambos O
 império celleste se reparte; [30 v.]

Em vão pertenderás os meos arcanos Descubrir
 ardiloza e penetrante, Delles serias tu
 depositaria⁴¹ Primeiro do que todos os Cellestes
 Porem aquelles qu'em meu peito guardo D'um
 denso véo os cobre a Devindade, E so do teu
 ardor o prêmio justo, Sera unicamente o
 encobrir-tos».

Acabou de fallar, e a grande Juno, Temendo
 destas vozes lhe responde:

«Que vozes proferiste ó grande Jove

Pois nada saber quero nem dezejo [31]
 Dos ocultos arcanos do teu peito;
 S'acazo hoje importuna aqui m'ostento He por temer de Thetis
 qu' t'illuda Com ardilozas traças e enganos, Pois sei qu'hua
 audiência dillatada Esta manhã lhe deste de bom grado E qu'ella
 os teos joelhos abraçando Alcançara de ty hum signal firme,
 Signal que d'hua ves lhe confirmará Encher o filho seu de
 ingente gloria, E de fazer cahir infelizmente Debaixo de seos
 golpes os Troyanos⁴² Do império seu involtos nas ruinas E inda la
 no centro de seus lenhos».

A estas vozes logo o sacro Jove
 Alternado responde e assim prosegue: [31 v.]

«Estes os frutos são, Deoza inquieta,
 Da tua supplicação intempestiva;
 Mas em ves de quererres arrancar-me Os ocultos segredos do meu
 peito, Inúteis serão sempre os teos exforços, Cobrando delles so
 em recompença O seres objecto do meu odio, O qual talvez te
 seja bem molesto. Se verdadeiras são tuas suspeitas, De pouco te
 aproveitão, pois m'agrada E quero se execute o qu'he direito.
 Assenta-te pois ja e te serena, Antes que sobre ti eu descarregue
 Meu invencível, justiceiro braço Pois em vão todos os Deozes do
 Olimpo

Te poderão livrar das minhas iras». Juno tremendo [32]
 destas ameaças

O coração de susto se lhe gella, A cólera sufoca, e
 as suas queixas Os celicoles Deozes todos tremem
 De Jove no soberbo pavimento. Mas das artes o
 Pay industriozo O tentado Vulcano rezoluto Por
 consolar a May na justa magoa Alçando a rude vos
 assim dizia:

«Qu' lugubres dezordens, que combates A
 temível discórdia hoje semea?
 Porque dos vis mortaes os interesses Hão-de a paz
 desterrar do Ceo sereno? O que ha-de sacudir as
 nossas festas Aos nossos jogos, as nossas
 complacências ? Assim os nossos thronos
 refulgentes Serão do alto Ceo exterminados.
 Sabia e formozza Juno, hum pôco agora Modera o
 teu disgosto, e aplacado O grande Jove com
 palavras doces, Torna a dar-nos o gosto ja
 perdido».

Assim dizendo a refulgente taça Que ja tinha
 nas mãos logo Ih'offerta E vai continuando o seu
 discurço:

«Serena ó minha May, esses transportes Que
 contra hum Deos potente nada valem. Da sua
 sanha a exemplo servir posso, Quando lá m'atrevi
 por deffender-te A levantar contra elle a minha
 dextra; Pois logo em recompensa deste arrojo
 Pegando-me num pé, percipitado

[32 v.]

Do Ceo me despenhou na dura terra. [33]
 Polos ares rolando hum dia inteiro, Ja quando o almo sol se
 recolhia, Cahir fui la de Lemnos nas ilhas, Aonde os Seitas todos
 comovidos Com benefica mão me secorrerão, Tornando a mim a
 vida quaze extincta». Acabou de falar e a grande Juno Do filho
 seu escuta com surrizo As engraçadas vozes, recebendo Da sua
 mão a taça refulgente, Porem logo Vulcano dezejozo D'agradar
 aos mais Deozes derramava O saborozo nectar n'outras taças.
 Asaltados de rizo todos elles Fazem soar ao Ceo as altas vozes,
 Pois vião de Vulcano o feo aspecto

[33v.]

] E o ar com que a bebia lhe menistra.⁴³ As Muzas com seu canto
 armoniozo E Apolo co'a lyra que tocava O prazer no Olimpo
 renovavão;
 Porem tanto que o Sol nas verdes ondas O rosto seu furtou à

Fim

mortal gente, Procurando o repozo, os Deozes todos⁴⁴ La nos seos [34]
 sumptuozos apozentos Passar forão da noite as doces horas.

CANTO 2 °

ARGUMENTO

Jupiter instigado das promessas que fizera à Deoza Thetis, invia a Agamenon hum enganozo falas sonho. Este ordena levar os Gregos todos ao combate. Fas-se huma assembleia de todos os chefes do exercito grego. Agamenon os instrue dos seos deznignios. Convoca-se a armada. Agamenon pola traça de hum discurso assaz offeciozo, e do quanto experimenta interna¹ coragem dos seos soldados. Elles se aproveitão pera vol- [34 v.] tar para a Grécia. Ulisses os retem e castiga a insolência de Tercises². Discurso de Nestor e de Agamenon. Os Gregos divididos por tribus se avanção em batalha. Numeração dos Gregos e dos Troyanos.

CANTO 2 °

[35]

Emquanto o brando sono dominava Sobre o plácido mundo adormecido, E qu'os olhos cerrava aos Deozes todos, So Jupiter supremo não dormia; E ocupado em projetos infinitos Na traça de exaltar o forte Achilles, Quer dos Gregos fazer hum sacrificio. Seu profundo saber logo Ih'inspira O modo por qu'urdisse a grande empreza, Enviando hum fraudulento sonho A sumptuoza tenda de Agamenon.

«Sonho impustor, lhe dis, vai promptamente

Com um rápido vôo apresentar-te

[35v.]

Sobre os baxeis dos Gregos bellicozos, E do filho d'Atreo no quarto entrando, Lhe poem no fundo d'alma os meos mandados, Faze qu'os Gregos marchem denodados³ De Priamo vallente pera os Mouros⁴ Cuja conquista lhe faras bem facil: Que ja pera mover a grande empreza Foy Juno quem os vottos todos Dos Deozes imortaes com os seos rogos E qu'a morte cruel em toda a Troya Vay fazer os seos horridos effeitos».

A tenebroza sombra ja fendendo O aligero sonho ao campo chega. Por toda a parte enxerga o são repouzo, E do sabio Nestor tomando a forma,

Nestor de Agamenon o mais prezado Em torno da cabeça revoando Do dormente Monarca assim lhe falia:

[36]

«Atrides, como assim dormes tranquilo ?

Qu'encanto te prendeu os teos sentidos ? Quando hum rey nunca deve os seos trabalhos Deixar nas frias maõs do triste esquecimento Quando a gloria por nos mais s'interessa E quando a salvação da Grécia toda Tu tens no teu dominio; o sumo Jove Por minha vos te falia; Elle te ordena Que fazendo marchar as tuas troppas Empreñão hum assalto valerozo No qual conseguiras logo a conquista Da cidade de Priamo soberba.

Ja por esta interpreza s'empenharão Os Deozes todos em favor de Juno, E a morte cruel sobre os Troyanos Vai derramar a sua horrível furia. Tanto que o sono dos olhos vires⁵ Os carregados ares hir fendendo As ordens cumpre do supremo Jove».

[36v.]

Acabou de faliar, e despregando Aos densos ares as trevozas azas Este príncipe deixa desditozo Fluctuando num mar de mil cuidados A que a sua ambição o conduzia, Entregue de gosto a mil transportes, Ja a forte conquista tem por certa,⁶ Insensato qu'ainda não sabia Quantos duros trabalhos nesta empreza Havião padecer Phrigios e Gregos.

Elle acorda, e soando aos seos ouvidos [37]
 A vos d'aquelle Deos, que o arrebatada E com fingidas traças o illudia, No camarim
 s'asenta apresurado, As vestes reais toma recamadas, O magestoso refulgente manto,
 Calça os ricos cothurnos, e a seu lado Suspende a rica cortadora espada.
 E tendo enfim na mão o immortal sceptro Qu'em prémio do valor seu Pay lhe dera Aos
 baxeis dos Gregos se transporta. Ja no Cêo despontava a roxa Aurora E da noite
 afastando a sombra escura⁷ Espalhava do dia a luz brilhante Quando dos Gregos o
 vallente Chefe Manda qu'as gentes todas se convoquem Pola vos dos heraltos
 costumada; [37v.]
 E na tenda real d'el Rey de Pillos Juntando-se dos velhos hum congreso Estas alegres
 vozes lhe derige:

«Ainda a noite espalhava o negro manto Quando acazo fuy do grande Jove Das
 ordens avizado que destina. Ja ao sono os sentidos entregava Eis qu'ante mim divizo
 huma phantasma,⁸ Que ligeira s'offrece à minha vista; Tinha ella de Nestor figura e
 forma, As vozes, o assento e o mesmo vulto, Ella se chega a mim ella me falia E de
 Jove me d is os sentimentos: Atrides, como assim dormes tranquilo? Qu'encanto te
 prende os teos sentidos

Quando um rey nunca deve os seos trabalhos Lansar [38]
 no esquecimento perigozo,⁹ Quando a gloria por nos
 mais s'interessa E quando a salvação da Grécia toda
 Tu tens no teu domínio; o grande Jove Por minha vos
 te falia, elle te ordena Que fazendo marchar as tuas
 gentes, Empreendas hum assalto vallerozo, No qual
 conseguiras logo a conquista Da cidade de Priamo
 soberba;
 Ja por esta interpreza s'empenharão Os Deozes todos
 em favor de Juno, E a morte cruel sobre os Troyanos
 Vay derramar a sua horrivel furia. Tanto pois q' dos
 olhos carregados O sono te fugir fendendo os ares,
 As ordens cumpre do supremo Jove. O sono então
 me deixa neste instante E as ordens de Jupiter
 respeito Polas quaes escutei novos projectos,
 Façamos a experiencia dos soldados, Os agitados
 ânímos provemos, Do vallor procurando o [38v.]
 desengano. Eu as ordens vou dar de qu'estas prayas
 Vamos abandonar no mesmo instante. Porem vos
 com discursos generozos Fazei-lhe ver o quanto he
 detestável Deixarem desta empreza a grande gloria».

Acabou de falar e toma assento.
 Mas Nestor se levanta e assim lhe falia O seu
 prudente zello publicando:
 «Illustres generaes eu nunca crera

No prodígio d'um sonho fraudulento; [39]
 Porem d'um grande Rey qu'assim o explica. Não pode duvidar-se esta certeza, Cinjamo-nos pois ja aos seos projectos». ¹⁰

Assim fallou Nestor, e os Reys conformes D'Agamenon as ordens obedecem. Ja neste tempo dos guerreiros todos As espaçozas pray as se qualhavão, Bem como na rizonha Primavera Hum enchume d'abelhas sobre as flores Alcatifão do campo a verde face, Dum concavo roxedo amontuadas, Em tropas vão zenindo polos ares: Assim os Gregos todos dos navios E das tendas sahindo em grandes xusmas (Chusmas) Os batalhoens estendem sobre as margens. ¹¹ Ja a fama dos Deozes mensageira [39v.]

A marcha percipita, e a troppa ajunta E aos seos fortes e acellerados passos Retine a terra com hum surdo estrondo

E hum som confuzo de diverças vozes Por entre a vasta troppa s'escutava. Logo os heraltos mandão nas filleiras Asentar os soldados, porq'ouvissem As vozes do Monarca que fallava. Acalmado que foy o grão susurro, D'entre as guerreiras gentes se levanta O grande Agamenon, e assim lhe falia Tendo na forte mão o aureo sceptro (Incomparável obra de Vulcano) Que de presente Jupiter dera ¹² E Jupiter depois dando-o a Mercurio

Este tão bem a Pelope o entrega (Insigne domador de bons cavallos) Este a Atreo o

entrega, e depois disto, Delle mesmo Tiestes o [40]
 recebe, O qual a Agamenon tinha deixado,
 Assim que elle reynase em muntas ilhas ¹³ E
 d'Argos sobre os povos dominase.
 «Companheiros de Marte vallerozos, Elle lhe
 dis, Argivos estimados, Sobre mim estendeu o
 forte braço O formidável e supremo Jove, De
 cujas vans promessas iludido Me fes deixar da
 Grécia a patria amada, De Troya prometendo-me
 a conquista; Mas este cruel Deos falço,
 inconstante Hoje deixar me obriga a nobre
 empreza E que volte para Argos sem vingança
 Levando so por gloria a torpe infamia, D'pois
 d'aqui deixar nestas campinas Sepultos meos
 thezoiros e guerreiros; Porem Jove o destina,
 respeitemos Deste potente Deos as suas ordens,
 D'um Deos que desolou tantas cidades, E tão [40 v.]
 vastas províncias arruina. Que pode contra Jove
 o vão orgulho Do Monarca terreno, quando
 emprehenda Combater sem ventura aos
 inimigos, Senão o conseguir hum eterno
 oprobio ? Nos que sobre os Troyanos vallorozos
 Temos tanta vantagem, tantas forças, Que
 vergonha faremos aos vindouros Se deixando de
 Marte o grande empenho

Os Gregos e os Troyanos confundidos [41]
 Com o rubro licor do santo Bacco A pas se celebrase en nosso
 campo Apennas os Troyanos poderião ¹⁴ As forças esgotando ja
 cansadas, Fornecer a dés Gregos hum convite, Porem dos
 estrangeiros aliança Rebateu o valor dos Gregos todos. Dos
 cellestes decretos tem passado Ja nove annos completos
 successivos Depois que nestes climas nos juntamos, Ja no mar os
 navios apodrecem, Ja nas vergas rasgadas vejo as vellas,¹⁵
 Nossas caras molheres, nossos filhos Morrem de saudade em
 suas cazas E nos inutilmente perecemos.
 Vendo inteiros de Troya os altos muros. [41
 v.]

Deixemos pois as prayas promptamente, Vamos na patria
 rebuscar os lares, Pois que so o ardor que nos demora ¹⁶ Não fara
 dos Troyanos a conquista».

Acabou de fallar e as suas troppas A quem estas palavras
 lizongião Dezejados de ver o pátrio ninho ¹⁷ Com os transportes
 d'alma s'arrebato. Bem como la do Icaro as verdes ondas,
 Quando a obscura nuvem carregada Impelida por Jupiter
 supremo, Vomita os aquiloêns infurecidos, Ou bem como no
 campo inpetuozo O Zéfiro ondear fas as searas Qu'as douradas
 espigas produzirão,

Assim com vozaria toda a troppa Corre sem tino [42]
 procurando o porto Aonde os seus navios
 s' ancoravão. Ja d'espeça poeira os ares cobre Hum
 grande turbilhão, que os pes levantão Qu'escurese
 do Sol a claridade, Huns a outros s'exercitão no
 trabalho, Ja da praya puxando os fortes lenhos
 Pera o mar os arrastam sobre os rollos E os deixão
 nadar nas salsas ondas;¹⁸ E perto de deixar aquellas
 prayas, Erguem ao Ceo alegre vozaria.
 Ao vento enfim terião dado as vellas, Se Juno aos
 seus destinos favorável Não falasse a Minerva
 nestes termos: «Invicta filha do supremo Jove,
 Consentiras que fujão destas prayas Os valerosos
 Gregos inffamados ? Deixando os muros da
 soberba Troya, Qu'a desditoza Helena tem
 captiva, Na sua gloria pondo a escura nodoa ? Vai
 tu depreça impedir-lhes os passos. Não consintas, [42 v.]
 Minerva, na partida».

Assim Juno fallou, e ouvindo Palas La do cume
 do Olimpo a terra desce, E dos Gregos chegando
 aos navios, Ulisses encontrou qu'contemplando No
 caprixo dos Gregos, hera immovel Penetrado de
 magoa e sentimento.

«Famozo Laertiades, sabio Ulisses ¹⁹
 Qu'espectaculo he este? Ihe dis Palias, Que grande
 novidade te constringe

A tornar sobre os mares inconstantes [43]
 Hir tranquilo buscar a patria amada? Deixarás essa Troya sem
 castigo, E Priamo gozando a ingente gloria De pessuir Helena e
 os seus thezouros, Pola qual tantos Gregos vallorozos
 Desterrados da patria perecerão?
 Não seja pois assim, ó grande Ulisses, Os teos povos instiga, e a
 elequencia Tão natural em ti exercitando, Faze mudar os Gregos
 do projecto Qu'os seos ingentes feitos Ih'aniquilla».

Ouve Ulisses da Deoza as altas vozes, E lansando por terra o
 regio manto, O qual logo ergue Euribates egregio D'Agamenon
 empunha o aureo sceptro E pera os Reys correndo apresurado
 [43 v.]

«O Principes, lhe dis, que fuga he esta,²⁰ Como assim distruis os
 sentimentos Qu'immortaes nos farião sobre a terra? Não sabeis
 d'Agamenon esta traça, Com que os chefes dos Gregos
 experimenta, Por conhecer os ânimos traidores, E o castigo lhe
 dar, qu'elles merecem? Nos todos não ouvimos no concelho As
 vozes deste Rey astuciozas, Deste Rey, a quem ama o grande
 Jove?

Vos deveis respeitar o seu império, E temer do seu braço alta
 vingança». Acabou de fallar e sem demora Correo pera os
 soldados apressado, Ja reprime dos grittos a desordem,

Ja fere, ja suspende, e ameaça E co' nome de [44]
 fracos os insulta.

«Suspendei desgraçados a manobra, Elle dizia
 em cólera abrazado Que tens comedido deligentes
²¹ Respeitai esses chefes vallerosos Tão promptos
 nos combates e concelhos²² Que so por comandar-
 vos tem feito Nos combates iguaes e nos
 trabalhos. Por acazo sois vos reys igualmente Que
 pizeis estas margens sem respeito Qu'o comando
 dos chefes subordinão? O direito dum rey não tem
 partilha O supremo poder nada o contrasta, So
 d'um chefe nas maons depositado Vedes este
 poder e d'um Monarca, A quem o grande Jupiter
 confia Todas as suas leys e o seu império».

Assim reprehende Olisses estas gentes, As
 quaes todas ouvindo estas vozes, Em torno delle
 segunda ves s'ajuntão Hum confuzo susurro [44 v.]
 alevantando, Bem como as ondas fazem quando
 quebrão Polos rochedos das profundas grutas;
 Mas ja todos se callão socegados Excepto so
 Terrestes atrevido,²³ O qual movendo a vos
 desenfreada Insultava dos reys o nobre império E
 em nova cedição lansava os povos. E afetando
 desprezos orgulhozos Ao rizo movia os seos
 soldados Torpissimo varão qu' veyo a Troya

Dos olhos vesgo, dambos os pez coxo, [45]
Os hombros sobre o peito c'o a corcova Trazia comprimidos, e a
cabeça Em o alto tinha aguda, onde o cabelo Dirias por ser raro,
não nascera.

Mas sendo tão disforme o seu semblante Mais hera inda a malicia
qu'encerrava. A todos os heroes aborrecia E Achilles e Ulisses,
de tal forma Qu'a gloria destes Chefes tão famosos Fazia a sua
pena e o seu suplicio E porque onde mais aos combatentes²⁴ Os
corações dispostos ao tumulto, Agamenon insulta com taes
termos:

«Filho d'Atreu, lhe dis, de q'te queixas Contente inda não es
dessas bellezas, Qu'em teu poder conservas prezoneiras [45
v.]

Prémio do nosso sangue derramado? De thezouros não tens cheas
as tendas?

Pera a tua ambição inda não bastão A infinda multidão de tantos
prezos Queres que vamos a soberba Troya Roubar algum troyano
nos seos muros, Por qu'o preço te venha do resgate? Queres
ardendo em amoroza chama Tirar aos nossos Reys as doces
prendas Roubando-lhe as espozas e as amantes, Hes pois acazo
chefe ou hes verdugo? Povos efeminados vil rebanho

Deixai-o nestas prayas entregar-se Ao torpe charco das cruéis
riquezas ? Longe de nos vera quanto lhe valle

O seu grande vallor que tanto ostenta Elle, que [46]
quebrantando as leys sagradas, O filho d'huma
Deoza à pouco ultrajada, Hum dos mayores
Reys q' veio a Troya, O grande Achilles, que
com justa cauza Castigar o devia temerário E se
assim o fizesse, certamente Não sofrêramos oje
os teos insultos».

«Suspende, disse Ulisses, temerário Essa
atrevida lingoa e creminoza; Suspende-te e
pondera na baixeza Dos teos discursos vaõns e
astuciozos, Acaba d'insultar aos Reys da Grécia,
Mas não profanes com cruéis injurias Os
respeitáveis nomes dos Monarcas Sobre a sorte
da armada que governo. Nos conhecemos bem o
teu destino²⁵ Como assim atrevido ao mesmo
tempo Qu'Agamenon recebe tantos prémios,
Tantos grandes presentes, recompensa Dos seos [46 v.]
grandes trabalhos, tu lhe pagas Com indignas
injurias e desprezos ? Mas se acazo outra ves tu
te rezolves A denegrir-lhe o nome com afrontas,
Pela minha cabeça e a de meu filho Eu te juro
insolente que tu sejas Aos olhos dos Gregos
castigado, E como aos vis escravos tantos
golpes²⁶ O teu corpo insolente despedacem E tu
sintas dos Reys as mãos potentes».

Acabou de falar, e co'aureo sceptro
Lh'imprimio na cabeça hum grande golpe.

O fraco então de lagrimas banhado [47]
Estremecendo todo da pancada Cujos sinais impressos lhe ficara
Promptamente se assenta combalido Mais do vil medo, q' da san-
vergonha, E os estúpidos olhos levantando, Pera o povo q' desta
acção se ria.

Hua vos d'entre a turba se levanta²⁷

A Ulisses mandada deste geito: «Ulisses he percizo nesta guerra
Porq' s'elle he tão util nos concelhos Da implacável guerra aos
soldados, Ter abatido agora o torpe orgulho Deste sedeciozo sem
prudência He a melhor acção que elle tem feito».

Desfarçada na forma dum heralto

Entre as hostes, Minerva callar manda [47v.]

Do exercito toda a vozaria, Quando Ulisses no meio se levanta
De vinte grandes Reys qu'o escutavão Tendo na mão o
formidável sceptro E deste modo a dizer comesa:

«Estes famosos Gregos q'outro tempo Amavão com ardor a
gloria ingente Te juravão ó Atrides q'a victoria Completaria o
fim dos seus trabalhos E que hirião de Troya aos altos muros Os
despojos buscar dos inimigos, Mas agora esquecidos da
promessa Tão augusta e solemne se conspirão Pera cobrir
d'infamias o teu nome, Eu chorando os contemplo temerosos

Como fracas crianças ou viúvas, Dezejando [48]
voltar a patria amada, Sem cuidar das afrontas
que recebem, E os seus pensamentos inquietos
Saudozos lastimão esta ausencia Distantes
d'huma cara e terna espoza Combatidos das
ondas sobre os mares Depois d'um mez
lastimão seus destinos. Poderei por nove annos
ja completos Que tenho nestas prayas
consumido, Aos seus corações cheios
d'angustias As lagrimas conter, parar o pranto?
Isto he cruel enfim aos nobres peitos Habitar
tantos tempos nestas prayas, Porem inda seria
mais infame Deixarmo-las sem termos a
vingança. Por nos os Deozes todos
empenhados Nos querem dar a gloria desta
empreza, Contemos logo o tempo, amigos
caros, E sem medo os obstáculos afrontando, [48 v.]
Esperemos de Calcas as promessas Que dos
santos Oráculos vierão.

Vos testemunhas fostes, vos aquelles Que dos
Deozes as mãos aquy trouxerão Para arrazar os
muros de Dardania A quem a fêa morte a vida
guarda Neste inimigo clima tão funesto. Inda
prezente na memória tenho Quando do porto
d'Aulida nos partimos Promptos pera levar a
Troya as armas, A formidável guerra e a cruel
Morte Q' debaixo d'um platano frondozo

Cujos virentes ramos e copados [49]

Huma fonte conserva fresca e pura, Onde os Gregos fazião
sacrefícios

E do sangue dos touros inundavão Dos Deozes immortaes os
seos altares, Hum prodígio espantozo e formidável, Hum imenço
dragão, fero e terrível? Velos sahindo do altar sagrado Se lansou
sobre a arvore frondente Cujos ramos c'o pezo ja curvavão, Oitto
pequenas implomadas aves, Que no cume do platano vivião Inda
no ninho entre os verdes ramos Insencivel da may aos tristes
pios, Este monstro cruel logo os devora E depois nelles mesmo a
fome ceva.

Mas o Deos cuja mão o monstro envia,²⁸ [49
v.]

Com hum novo prodígio a nossa vista Subitamente em marmor o
transforma.

Todos com esta vista horrorizados Os coraçãoes de susto lhe
palpitão, Quando Calcas por hum transporte raro, Q' no seu peito
os Deozes lhe influião, «Q' motivo, nos dis, vos gela e prende?
He hum signal sagrado com que Jove Nos manda este presagio
santo e puro, Porque da mesma forma que a serpente Oitto
pequenas aves devorando Qu'a desgraçada may lhe precederão
Assim tão bem nos outros em nove annos Nos trabalhos da
guerra fatigados Troya rechasara os nossos golpes,

Mas no decimo enfim sera vencida O tempo chegou [50]

ja caros amigos, No qual as nossas mãos fortes e
ouzadas Vão reduzir a cinzas os seos muros».

Acabou de fallar e todo o campo Com mil
aclamasoens lhe aplaude a idêa²⁹ E os confuzos eccos
retini ão Polos mares nos concavos navios.

Nestor se levantou, todos se callão Pera ouvir seos
concelhos tão prudentes. «Ó guerreiros intrépidos,
dizia, Quereis-vos parecer-vos aos pequenos Que a
arte dos combates inda ignorão ? Dizei-me amigos o
vosso juramento Q'unio os coraçãoes com tanta força
Sera inificaz, sera sem fruto ?

E as nossas libaçõeens, os holocaustos E os profundos
concelhos tanto tempo Meditados por vos serão
perdidos ? Ficarão pelos ares como fumo Qu'em
torbilhoens lançou o sacrificio? Como assim

emprehedeis com vãos discurços Deixar a nobre [50v.]
empreza dos combates Assim quereis de Troya os
altos muros Lançar por terra com infinda gloria.

Levanta-te dahy ó grande filho Do vallerozo Atreo, tu
aos combates Guia o nosso vallor e os nossos passos.
Hum ou dois dezertores não impedem Q'esta cauza
comum mais se demore, Podem elles acaso ter
vaidade De mudar o semblante da fortuna ?

Deixa que se inebriem dos furores [51]
 Qu' o medo vão lhe inspira, deixa agora Que nos vejão seos
 olhos com siume A todos vencedores dos Troyanos E guiados
 por Jupiter potente Voltar gostozos pera os pátrios lares. Este
 Deos formidável a promessa Nos fez no mesmo dia em que
 partimos Pera Dardania conduzindo a guerra.
 Elle fez qu' o trovão estrepitozo À direita s' ouvisse desta armada;
 Qual pensará tão mal d' entre vos outros, Que deixando estas
 prayas estrangeiras Nos seos triunfantes braços não pertenda
 Abraçar as troyanas fugitivas ? Sem vingar os suspiros e as
 afrontas
 Qu' a Helena tem feito tão senciveis? [51
 v.]
 Seirão na frente desta grande troppa Infinitas as mortes e os
 castigos;
 E aquelle qu' atrevido ouzar primeiro Abjurando os trabalhos
 desta guerra Pera a patria voltar arrebatado Buscando nos navios
 o refugio, Sinta o castigo horrendo deste excesso. E tu ó Rey que
 pensas com prudência Dos meos designios hoje te aproveita
 Qu' a minha vos fiel sempre te inspira. Manda qu' os teos
 soldados confundidos Novamente por tribus e alistados Debaixo
 dos seos chefes peleijando Huns a outros se excitem vallerozos
 So por honra da patria combatendo,

Tu os veras unir industria e força E julgaras melhor [52]
 polos combates ³⁰ Se t'inganão os Deozes ou
 homens».

Atrides lhe respondeo: «Ó sabio Velho Cuja
 grande prudência incomparável Todos os Reys da
 Grécia tem em preço Preza aos Deozes soberanos
 qu' nos regem³¹ E q' por nos combatem nestes
 campos Qu' eu tivesse entre mim nas minhas tropas
 Des sábios como tu, que bem depreça Os seos
 soberbos muros cahirião.

Mas pera nos mover pungentes dores, A discórdia
 inhumana nos deve E esse injusto filho de Saturno,
 Que d' Atrides e d' Achilles a querella Cruel nos
 inspirou pera a ruina, Eu o primeiro fuy q' o nó
 sagrado da união rompi e se assim não fora, Que
 seria ja feito dos Troyanos? Hide fazer qu' armada
 se refresque E que o forte combate se disponha A [52v.]
 q' o velho Nestor ja nos convida. Aguçai vossas
 lansas penetrantes, Tomai vossos escudos
 vallorozos, Armai-vos todos, adestrai os carros E
 pensai os soberbos corredores, Domina só Mavorte
 neste dia Suspenda a nossa marcha a escura noite,
 Só ella nos fara qu' o nosso campo Voltando nossos
 corpos fatigados Cubertos de suor, cheos de
 sangue, E os fortes arnezes ensopados,

E ja nas nossas maons enfraquecidas [53]
 A lansa nos escape, e os cavallos Inda prezos nos carros sem
 allento, Ja de espuma as correas branquejando Nos separe por
 força do combate. Desgraçado daquelle qu'o seu sangue Quizer
 pôpar, em dia tão brilhante No qual fundão nossas esperansas.
 Porquanto os caens e as aves de rapina Devorarão nas margens
 os seos corpos». Acabou de fallar e mil transportes Os ínclitos
 guerreiros responderão Semelhantes aquelles qu' se escutam
 Quando o mar agitado polos ventos Nos concavos rochedos
 s' espedaça E fas bramir em torno o grãao morulho.³² Ja os
 Gregos correndo se separão [53v.]
 E subindo aos navios se repartem Assendem-se as fogueiras, e os
 festejos Se dispõem promptamente pelas margens, Qualquer dos
 combatentes assustado Em segredo consagra aos altos Deozes
 Porque sejam propícios neste dia, Porem Agamenon ao grande
 Jove Implorando a justiça lhe consagra Pompozos sacrificios,
 gordas rezes.
 Todos os chefes se convocão logo³³ Pera se unirem os solemnes
 vottos. Menelau se transporta promptamente, O qual unindo
 fraternaes dezejos A seu fiel Irmão paternos ritos³⁴ Ellevão entre
 os Reys nos sacrificios:

«Senhor Eterno, Jupiter potente, (Exclama [54]
 Agamenon) que sobre as nuvens Enches o vacuo
 dos immensos ares Antes qu' o Sol as trevas
 ceda o passo, Faze q' os muros da soberba Troya
 E os grandes palacios qu' torneião, Onde vou
 conduzir o ferro e o fogo, Sejam as sepulturas
 horrorozas De Priamo vallente e de seos filhos.
 Faze qu' a minha lansa, aguda e forte, Haja de
 rebater de Heitor a audacia E quebrar sobre o
 corpo ensanguentado O seu flugido arnes e as
 feras armas; E que sem este apoio os seos
 amigos Em torno delle sobre a terra jazão.»

A supplica acabou ao grande Jove, Mas este
 Deos seus rogos não attende E a sua mão cevera
 lhe regeita Os grandes sacrificios e as offrendas;
 Mas com tudo a cabeça levantando Pera o
 Olimpo o enramado toiro Recebe o golpe e [54v.J
 sobre a terra cahe Ja dos membros a carne se
 despoja, E o vinho as entranhas purifica. Ja
 sobre os secos ramos inflamados Dos immortaes
 a parte se consome, E os grandes banquetes ja
 dispostos Vão cedendo lugar aos mais prazeres.

«Armemo-nos, Atrides, Nestor clama, E a toda
 a preça os decretos justos Do Deos que nos
 porteje se observem. Ajunta os teos soldados;
 Marte acorde.

Nos seos ouvidos soe o belicozo
Estrondo da trombeta que os inflama».

Toda a gente correo as altas vozes Com que os heraltos
chamão os guerreiros. O Rey marcha cercado dos seos chefes, E
no meyo de todos vay Minerva Com a Egida immortal dispondo
tudo, A Egida qu'a mão cruel do tempo Não pode aniquilar seos
resplendores Cujas brilhantes franjas qu'a adereção Disputavão a
luz ao claro dia.

A Deoza os vay movendo e a prompta chama Luzindo sobre os
Gregos os penetra. Huma celleste desconhecida força Os
soldados instiga ao combate, Não respirando mais do que
vingança;

Mulheres, patria, filhos, tudo esquece, [55v.]
Alterados do sangue e da carnagem Correm perceptados pera a
gloria.³⁵ Qual devorante e acendido fogo Polas mattas, que cobre
hum alto monte, O qual os ares todos torna claros, Da mesma
forma o esplendor das armas, Q' sahia do centro das falanges
Expozião de luz imennsos rayos.³⁶ E assim como nas margens do
Caistro huma nuvem de cysnes sobre as agoas, Difrentes na
figura e na plumagem,³⁷ Ressoar fazem com agudas vozes Os
valles e as montanhas convezinhas, Assim os Gregos longe dos
baxeis, Em montoens espalhado, pelo campo

Correm ao Escamandro allegremente. [56]

Debaxo geme de seos pez a terra.

Ja mais se vio nas margens deste rio
na grata Primavera tantas flores Quantos os
combatentes neste dia Cobrem a relva da
funesta praya. Na forma qu'os insectos infinitos
Em aliados enchames e enfadonhas Circulão do
pastor o pobre alvergue. Quando no quente
Estio os fundos tarros Transbordão com o leite
dos rebanhos, Da mesma forma pera Troya
correm Os Gregos esquadroens pra o combate,
Percipitando ardentes a carreira Sequiozos do
sangue dos contrários. Da forma qu'o pastor
largando o campo Quando pera a cabana move
os passos Ajunta os seos rebanhos devididos,
Assim os generaes sobre a planice Ordenavão os
Gregos em batalha. [56v.]

Atrides bem no centro das falanges Ardendo de
fúror já se avansava. Bem qual soberbo e
arrogante touro³⁸ No meyo d'hum pacifico
rebanho, Elle tinha a figura de Mavorte O busto
de Neptuno deos dos mares E a testa e olhos do
supremo Jove. Ô Muzas que reynaes no vasto
Olimpo Dizei aquellas coizas que arbitrias Só
vos podeis dizer aos mortaes todos. Vos castas
Devindades q'o mundo Hum imenço lugar
tendes aberto,

Qu'a centiluqua Fama só me guia [57]
 Pera poder a minha vos incerta Dar a tantas naçoens e a tantos
 Chefes Sem errar os seos nomes verdadeiros!
 Quando sahisse d'huma vos de bronze³⁹ Qual o trovão a lingoa
 infatigável Que podesse abalar o vasto mundo, Não poderá
 contar com harmonia Sem o vosso favor quantos baxeis, Quantos
 reys quantos chefes s'ajuntarão

*Enumeração dos principaes⁴⁰ Chefes
 de ambos os Exércitos*

Seguia de Biocia a soldadesca Eleito, Arcelilas e Peneleo
 Clonio e Pratenor, illustres cabos [57v.]
 Que tirarão dos concavos navios Sobre o rio Escamando seis mil
 homens.
 Trinta navios dos vizinhos portos As ordens navegavão de dois
 chefes, Ambos ardentes filhos do Deos Marte Ascabapho e
 Jalmeno erão seos nomes, Qu'ao Orchómeno os soldados
 transportavão. Os quarenta navios dos Phocenses Perto dos
 Beocianos combatião, Os quaes forão nascidos polos climas
 Qu'ó caudelozo Céphiro fecunda. Em Daulida, Pitone Cyparisso
 Vinhão dois filhos d'Tnhito valente Dos contornos de Bessa,
 Augeo e Lino. Ajas quarenta vellas conduzia

Qu'a Locrida mandou a esta empreza, Este [58]
 famozo e intrépido guerreiro, Q' n'arte de lansar
 o curto dardo Nenhum dos companheiros o
 igualava Os belicozos povos que na Eubea Forão
 nutridos entre as duras armas Os Abantes
 ligeiros que aterravão Os inimigos todos
 confiando Ao valente Elphenor sua fortuna Em
 quarenta navios navegavão.

Os que Athenas em seos famosos muros
 Tinha visto nascer, e qu'instruidos Forão por
 Erechtheo nas bellas artes A quem Minerva nos
 seos peitos cria E a terra pario estes soldados Em
 sincoenta navios se transportavão. He Menotheo
 seu chefe q'em sciencia De dispor o seu campo e
 a sua armada A nenhum rey cedera a
 prehinencia Se de Nestor tivera o bom
 concelho. De Telemon o filho conduzia De [58v.]
 Salamina doze bons navios, D'Estenelo ajudado
 e do valente Eurialo; marchava com Diomedes⁴²
 Com sua marchial luzida troppa, Herão moços
 Acheos q'ó império d'Argos Com sincoenta
 navios enviava A soberba Misene e Cleonea, A
 opulenta Corintho, a grande Heliacena⁴³ Q' so
 d'Agamenon as leys recebe, Com os navios q'
 Syaione envia, Fornecerão cem vellas
 importantes.

Mil vallentes heroes do seu império [59]
 Este Rey conduzia muy soberbo.
 Com o Irmão repartindo aquelle mando Vai Menelau valente q'
 respira, Só a guerra e a vingança, os seos soldados⁴⁴ São
 combatentes que mandara Esparta Pharas e a Micena cuidadoses
 De vingar as desgraças e os suspiros Da desgraçada Hellena, e os
 transportavão Em sessenta navios muy velleiros.
 Vem guerreiros de Pilos e de Arena E dos campos frios de
 Cyparisso E das margens q'as dadas enriquesem⁴⁵ Do amorozo
 Alfeo, q'brando as rega, D'Eios e Doria de muros antigos Q'
 noutro tempo Thiamares orgulhozo Illustrou com seos cantos e
 seos malles, [59vJ
 Quando o cantor de Tracia desafia⁴⁶ As Muzas castigando a sua
 audacia, As vozes com a vista lhe arrebatão.
 He o sabio Nestor quem lhes ordena As saudaveis leys pera o
 governo A rezão eloquente q' sustenta Os mayores impérios
 conduzidos Em noventa navios vinhão todos.
 Conduz Agamenon cessenta vellas⁴⁷ Q'o cuidadozo Atrides
 lhe mandara, Hera Agamenor valente filho Do grande Arceo,
 q'os Arcades regia A soberba e intrépida phalange estes
 guerreiros povos q' nutridos Longe do Reyno unido vierão

Buscar no alto mar novos combates De prayas mui [60]
 distantes os Apenas Seguirão sobre o mar com
 grande empenho Quatro guerreiros cappitoens
 famosos, Erão Thalpio, Amphimaco, Dioris E
 Palireno igual ao mesmo Marte
 Na promptidão com que lansava os dados⁴⁸ Os
 quaes da forte Elida e dos rochedos Esfarpados de
 Helvecia se partirão Em quarenta navios bem
 fornidos.
 Destas prayas os feros habitantes
 Sobre Meges juntando as suas troppas Deixarão as
 doçuras do seu clima.
 Aquelle Rey famoso que a prudência Lhe deu
 entre os mais Reys lugar tão alto O grande Olisses
 digo conduzia Os insulanos seos a esta empreza
 Sobre doze navios cujas popas
 D'alegre vermelhão erão pintadas. [60 v.]
 D'Ethiopia o habitante q'obedece A Thoas que o
 seu reyno conseguira⁴⁹ Pola morte de Oeneo, que
 desgraçado Deixara os pátrios filhos sem herança,
 Ficando d'um extranho seos vassalos.
 Idomeneo illustre e o forte Merion Sobre oittenta
 navios se apresentão Guiando dos Cretenses a
 phalange Que cem vastas cidades sustentavão.
 Theopolemo conduz tres nobres tribus⁵⁰ Dos seos
 povos de Rhodes tão guerreiros, Que dentro dos
 seos muros recebera O dia qu'esse heroe filho
 d'Alcides

Matador de Lycinio desgraçado [61]
 E temendo o furor das suas gentes Fugindo do paiz do seu delicto
 De Silles sobre as margens parar veyo A buscar seu refugio,
 amenos citios Qu' o soberano Jove fecudara Liberal entornando
 os seos thezouros. Mas depois que correo extranhos mares Mil
 ásperos trabalhos suportando De Rodes abordou à ingente ilha;
 Aquy reparte logo os seos Em bando trez os quaes se
 apozentarão Igualmente tão bem em trez lugares Favorecidos
 sendo do grão Jove Com mil riquezas dadas às mãos cheias.
 Da ilha de Sime Nereo trazia
 Trez vellozes navios, Nereo filho [61 v.]
 da Ninfa Aglaria e d'El-Rey Caropo, Nereu o mais gentil dos
 Gregos todos Que de Troya vierão à conquista, Exceptuando o
 exforçado Achilles, A quem os Ceos dotarão de belleza; Nereo
 sendo porem tão gentil moço Pocas troppas gozava, e valor
 pôco.
 Os fortes e guerreiros habitantes De Nyscipe, Carpatho, Casia, e
 Cos Onde Eurispylo tinha ja reinado A Pheidippo e Antipho
 vallerozo Do grão Thessalo filho, e illustre neto D'Hercoles
 famoso, obedição As habitadas ilhas Calydenes De belígeras
 gentes vencedoras

De quarenta navios senhor sendo.⁵¹ A ti [62]
 pertence, ó Muza alta e divina, A rellação
 fazer dos habitantes Da ingente Argos e da
 grão Thesalia.
 Os feros e soberbos Cotemaneos Da
 ingente Aios, Alope e Thrachine, Os de Phthiu
 e da famoza Grécia (De bellissimas damas
 abundante) Por Mermidoêns no mundo
 conhecidos, Nachayanos e Itellenos,
 obedição⁵² Ao vallente Achilles, o qual tinha
 Sincoenta navios, porem elle⁵³ Na guerra não
 tomava alguma parte Por carecer de chefe q' o
 levasse Ao ardente combate, antes ficando De
 seos baxeis a bordo não podia Da afronta
 consolar-se q' sofrera Polo violento roubo de
 Brisseis Dos seos trabalhos perciozo prémio E
 q' ganhado tinha no despojo Da bellicoza e [62 v.]
 inclita Lyrnesse.
 De Thebas derrubando os altos muros Às
 suas mãos matando denodado **0** valerozo
 Myneo e Epistropho Do grande Eveno filho, e
 illustre neto⁵⁴ Do Rey Selepio; estes os
 motivos Por que o divino Achilles se deixava
 Magoado ficar em fea inércia Do peito seu
 vencendo o ardente fogo.⁵⁵ De Phylace os
 fortes habitantes Os da frágil Pirrhassa
 consagrada À frugifera Ceres, a nobre Itone

De creadores gados abundantes, [63]
 A marítima Atrone e Plelia, De virentes pastagens matizada
 Protezilao valente comandava
 Em quarenta navios bem fornidos, Mas da Parca soffreo o fatal
 golpe, Laudamia espoza sua então deixando⁵⁶ De magoa
 penetrada, e sua caza Inteiramente extincta, porque apenas Em
 Troya lansou ferro, quando logo Muito antes qu'os mais Gregos
 esforçados Dardano lhe tirou a cara vida, Mas não foy sua morte
 origem triste De que faltase cheffe a suas troppas Por quanto as
 comandava o grande Poderus Seu primo irmão, e filho
 verdadeiro

D'lphilo famoso, e illustre netto [63v.]
 Do poderozo Phylaco. Este era Q'o grão Protezilao muito mais
 moço Mas não valente tanto e exforçado, E por este motivo as
 suas troppas, Embora então tivessem hú bom chefe O q' perdera
 prantiavão sempre.

De Pheris os antigos habitantes, Qu'a Lagoa Boibeide estão
 vezinhos A Boibé, Glaphires e a grande lolcos, Em belo
 terraplano edificada.

Sobre navios onze vem seguindo Eumoleo exforçado, e illustre
 filho Do grande Ameto e divina Alceste Alceste huma das filhas
 mais formozas⁵⁷ Qu'a Pelicas quis dar a mão divina.

Os que erão la das partes de Methone, [64]
 Taumachia, Melibea e d'Olizone Por chefes
 Philoteles conhecião, Dos belicozos Gregos o
 mais destro Em bem saber curvar o bélico arco,
 O qual sette navios comandava, Trazendo cada
 qual homens sincoenta No sopezar das settas
 bem scientes: Mas os Gregos deixado tinhão
 Lemnos Por causa d'huma horrível mordidura
 Qu'hiia serpente edionda Ih'empregara Fazendo-
 o padecer acerbos dores, E por esta rezão triste
 passava Seos descontentes dias sobre esta ilha
 Coberto de pezar e de disgosto, E dos seos
 suspirado a toda a hora, Embora possuíssem
 hum bom chefe Porque tinhão na testa o illustre
 Memon Do valerozo Oileo valente filho E desse
 Rhena ninfa tão formosa.

Aquelles qu'abitavão venturozos Ithome, [64v.]
 Trica e Oechalia esclarecida, Ao valente
 Euristho obedecião Sobre trinta navios bem
 fornidos. A Poladire e Macahon obedecem
 Macahon, q' d'Escolapio era filho⁵⁸ E
 n'Apolinea arte tão famosos.
 Os d'Ormeneo também e os la da fonte
 Hipperia, Asteria e os nevados cumes Desse
 monte Titão erão regidos Pelo valente Eurypilo
 que filho Do valerozo Evemon se dizia,

O qual quarenta vasos comandava. [65]
 Os d'Argissa, Gystone, Orthe e Elone Como tão bem os dessa
 branca Olosson Polyteto na testa apresentavão, Qu' filho se dizia
 de Peritho E da bella e excellente Hypodamia, A qual o deu a lus
 na mesma hora Q' Peritho seu pay, filho de Jove Os infames
 Centauros castigava, Do Pelim desterrando-os para Ehice.
 Polesteles partia com o mando⁵⁹ De Leontes valente associado
 Do famozo Corrao illustre filho E neto de Coene o qual mandava
 A quarenta navios bem velleiros.

Goneo tão bem de Cyphos conduzia
 Navios vinte e dois ao qual seguindo [65 v.]
 Do inclito Exienes então vinha.
 E desses belicozos Perebés
 Qu'as frias vezinhansas habitavão Do frigido Dodone, que
 cultivavão Os abundantes campos qu'retalha Com a sua corrente
 Titareiro Lansando-se depois no grão Penes, Sem qu'as ondas
 misture com as ondas Deste famozo rio por que suspira Nadando-
 lhe por sima como azeite, Bem a maneira das Estigias agoas⁶⁰
 Pola qual quando os Deozes então jurão No peito os coraçoes
 d'horror se gelão. Plasto q' de Theuthredon era filho Os fortes
 Magnetes comandava,

Qu'em torno de Peneo ledos habitão E dos [66]
 bosques do Pelion, os quaes todos O valorozo
 Protho vão seguindo Sobre quarenta aparatozos
 vasos. Estes os nomes são dos grandes Reys,
 Dos fortes cappitaêns das gregas troppas.

Agora tu ó Muza me declara Qual destes
 todos hera o mais vallente, Q' seguião d'Atreo o
 illustre filho, E qual cavallos tinha mais ligeiros.
 Eumelo, Rey de Pheres pessuia As mais
 soberbas e altivas egoas Do exercito todo, bem
 quaes aves Na veloce carreira parecião. No pelo
 ambas iguaes e nas idades, E da mesma feição; o
 Deos intonso⁶¹ Sobre as altas montanhas de
 Pieria Teve do seu sustento grão disvelo, A toda
 a parte supitos levavão Horrível terror do fero
 Marte.

Ajas de Telemon filho querido Dos chefes [66 v.]
 todos hera o mais vallente, Emquanto não sahia
 ao campo Achilles De todos seos navios não
 curava, Pola dor intranhavel que Agamenon
 Feito sentir-lhe tinha por Brisseis, Suas troppas
 porem se divertião Sobre as prayas do mar
 jogando o disque Lansando dardos e curvando
 os arcos, Os cavalos estavão nas barracas E os
 donos unidos aos seos⁶² Acobertados carros,
 vendo estavão

A toda a hora o Lothos e o feno, [67]
 Mas de Thessalia os chefes passivão Polo longo arrayal
 entrestecidos Por cauza qu' o seu Chefe os não levava Aos feros
 encontros de Mavorte.

O exercito todo se avançava Em ordem de batalha os
 resplendores Das refulgentes armas parecia Hum devorante
 incêndio q' assolava Toda aquella campina dillatada. Debaxo de
 seos pez mugia a terra. Bem assim quando Jupiter irado Rayos
 despede co' a fulgente dextra Sobre os soberbos montes que
 cobrindo Os barbaros Theseos estão ainda La no paiz dos
 Arimos, aonde Jazer se diz ainda a sepultura [67v.]
 Deste cruel gigante, assim a terra Com semelhante extrondo
 retinia Debaxo deste exercito potente Que contra a alta Ilion
 s'avançava Dos Deozes sublime mensageira.
 Ires que os ventos vence na presteza Anunciar da parte foy de
 Jove Esta triste noticia aos Troyanos A tempo qu' acha a todos
 apinhados As portas do palacio de Priamo Pera hum gram
 concelho convocados, Não escapando algum por velho ou moço.
 A vos toma fingida d'um dos filhos Deste Principe illustre de
 Polites Na ligeireza de seos pez fiada.

De sentinela estando onde o sepulcro Do [68]
 venerado Aiytes rezedia
 A fim de observar bem quando os Gregos De
 bordo dos navios sahirião, E contra Troya
 moverião marcha.

A vos pois deste Principe imitando
 Ao magestozo Priamo dizia:

«Possível he Senhor que percas tempo Em
 frívolos discursos assim como o Reyno teu de
 plena paz gosas;
 Hum rigido combate, inevitável, Contra ty se
 prepara; eu visto tenho Inumeráveis guerras, mas
 ainda Possível me não foy ver tantas gentes A
 hum só mando unidos, são os Gregos No numero
 tão grande assim bem como Das arvores as
 folhas, ou areas Do espantozo Oceano unidos
 correm A cometer intrépidos teos muros. A ti, o [68 v.]
 Heytor, he qu' eu determino As ordens entregar
 tu na cidade Tens estrangeiras troppas as quaes
 todas Extranhos idiomas articulão.
 Cuida de repara-las, e que logo Cada chefe
 comande as suas troppas».

Acabou de falar, mas Heytor logo Da Deoza
 conheceo a vos canora. Logo toda a assemblea
 auzentar manda As portas se desfechão vão às
 armas Em fogo honrozo todos abrazados Os de
 cavallo e infantes sahem Emudecendo o mundo
 com estrondo.

Diante da cidade pocos passos Das sublimes muralhas ha hua rocha D'ua vasta extenção em decer facil À qual os homens chamão Babcão, E os sublimes Deozes sepultura De Nerines divina e valeroza;

Neste lugar foy pois donde os Troyanos Com as troppas d'auxilio e com as suas Em rigida batalha se travarão.

O grande e exforçado Heytor estava Na frente dos Troyanos formidáveis Polo numero grande e valentia Impacientes todos se abrazarão Num devorante fogo de chegarem A arrostar co'a lansa ao inimigo.

O valorozo Eneias (a quem Venus Nos cumes do monte Ida concedendo [69v.] Seos prodígios favores a lus dera Do venerando Anchysse) comandava Os valerosos Dardanos seguido D'Antiloco e Acamas, q'era filho Do famozo Antenor, ambos vallentes E peritos em todo o mareio jogo.

Os que Zelé felices habitavão Q' perto do Ida jaz, e,as agoas bebem das profundas lagoas do Ezepo, Ao illustre Pandaro seguião, Filho de Licaon a quem Apoio Frechas e arcos ofertado tinha.

Os que erão descendentes d'Adatreia Da grão cidade Apeso e de Pithie E de Teré montanha alta e sublime,

O forte Adrasto e Amplio armados tinhão Dua [70] cota de malha em sua frente, De Percasen Meropes, ambos filhos, O qual hera o mais sabio dos adevinhos E os filhos seos acautelados prohibia D'entrarem nesta guerra tão funesta.

Mas elles os seos rogos desprezando Suportarão da Parca os fataes golpes. Os povos de Percate e os que estavam Sobre as margens de Pracio esclarecido, Os de Sesta e de Abido cos habitantes Da imortal Arribe ao grande Azio Do forte Hytaco filho, obedecião Azio em dois cavallos cavalgava D'um raro talhe e de fereza rara; Elle marchado tinha la de Arysbe Qu'o cristalino Selis rega e banha, As bandas dos Pelasgos q'habitavão Os espasios campos de Larissa, E com agudas lansas pelejavão A Hypotho e Pybo obedecião Assas dignos [70v.] deciplos de Mavorte, Pelasgo Litho, o pay hera dos dois Como tão bem avo o grande Teutamos. Acamas e Perons conduzião Os belicozos Tracios a quem fecha Com suas caudaes ondas o Helesponto.

Eufemo de Troezino illustre filho E do grande Cans neto, comandava Os fortes Ciconiêns e Piraichmês, Dos Peonios estavam na vanguarda, Os quaes com grandes dardos so pelejão.

De duríssimos couros bem forrados, [71]
 Moidos vinhão d'huma longa marcha Porque da terra d'Amydon
 partirão E das longas ribeiras do Axio ryo Qu'os campos
 serpeando rega e banha.

Do paiz dos imetes valorozos Donde vierão as selvagens mulas
 Pylimenes intrépido regia Os Passhalagon seus habitantes Os
 quaes Cyton habitão com Sesame E as bellas cidades que se
 assentão Sobre as floridas margens do Pasthanio Cromene e
 Egiale nos rochedos Dos naturaes chamados Eythinis.

O forte Odio e Epatropho região Os feros Holizonios, que
 marcharão La do remoto fim do Ponto Euxino, [71
 v.]

Do paiz dos Alybes tão famoso Polas minas de prata que
 possuhe.

Na vanguarda dos Mysios comandava Chromis e Eumonos, o
 mais sabio De todos os augures, mas com tudo Da Parca
 suspender não pode o braço, Porquanto exprimentou do forte
 Achilles Sobre as margens do Xanto os duros golpes, Porq' este o
 lugar foy onde este heroe A muitos mil Troyanos deu a morte,
 Como tão bem aos seus auxiliares.

O grande Phorco e o divino Ascanso Abrazados num fogo
 assaz guerreiro, Os Phygios conduzião la das partes Da dillatada
 e remota Ascania.

Muthelo e Antipho q'era filho Do vallente [72]
 Pylemes, e os dous fortes Cappitaêns que
 criou a gram lagoa Nomeada Gygé, regendo
 vinhão Os bélicos Monios que habitavão As
 fraldas do Temolo alto e soberbo.

Os feros carianos que fallavão Hua barbera
 lingoa e enleada, E que Miles habitão dos
 Phthires Sombreada montanha e as ribeiras Do
 famoso meandro os altos cumes Da ingente
 Micale, d'Amphimacho As poderozas ordens
 existião Como tão bem de Nartes valorozo
 Ambos de Nomion illustres filhos. Pera o
 combate Amphimacho partia De riquíssimas
 vestes adornado Qual dama dellicada, quão
 demente! Pois nada lhe vallerão, porque
 Achilles A vida lhe tirou junto do Xanto E de
 seos ornamentos s'apodera. [72 v.]

Serpedon finalmente e o valerozo E
 exforçado Glauco comandavão Os denudados
 Lycios que marchavão De Lycia que assentada
 jas nas margens Do cristalino e caudalozo
 Xanto.

Fim

CANTO 3 ° [73
]

ARGUMENTO

Postos em armas os dois exercitos, Paris dezafia o mais valente dos Gregos. Menelao lhe sahe ao encontro, e Paris se retira. Heitor o reprehende e de novo o reanima. Proposiçoens entre os exercitos confirmadas com juramentos e sacreficios. Duelo de Paris e Menelao. Sua victoria. Venus leva o rival pera Troya. Helena reprehende a Paris. Supplicas devidas a Agamenon.

CANTO 3 ° [73v.
]

Depois que estas nasçoens beligerantes ¹
Denodadas entrarão na peleja Debaxo do comando
dos seos Chefes Hum confuzo allarido as nuvens
s'ergue, Ao estrondo semelhante, qu'os grous
fazem Quando fugindo vão ao feio inverno E do
Cetentrião as grandes chuvas, As quaes enchendo
os ares de mil quebros, Parar ultimamente vão nas
prayas Do espantozo Oceano a cruel morte E o
terror levando aos Pigmeos
Sobre os quaes se despenhão la das nuvens.

Os Gregos num marcial fogo inflamados os passos [74]
vão movendo rezolutos Em seu forte vallor e
peleijarem C'os fortes inimigos, a pé firme, Ao
vento semelhantes do meyo dia, Que as montanhas
cubriendo d'hum nevoeiro Aos pastores mau, e aos
ladroens util, Deixando pouco expaço aos mortaes
olhos

Assim dos dois exercitos a marcha
Mil trubilhoens de pó alevantava
Que ver se não deixava aos circumstantes.²
Depressa se avançavão da planice E estando ja
no ponto da peleja A hum Deos semelhante logo
Paris Na testa dos Troyanos se apresenta,
Coberto d'huma pelle de leopardo, D'um arco e
d'huma espada bem fornido³ E empunhando
intrépido a dois dardos, De ferro guarnecidos, [74v.]
denudado,⁴ Dezafiava os mais valentes Gregos.⁵
Depois q' Menelao perceber pode Que ufano
s'ostentava na vanguarda, De prazer
transportado ficou todo, D'um leão esfaimado a
semilhansa, Quando no campo ve hum grão
veado Ou huma grande cabra, porque tudo
Sepulta nas entranhas esfaimado, Embora
perseguido dos caens seja, Seja dos cassadores
mais peritos;⁶ Assim Menelao fica vendo Paris
Prometendo punir o seu vil dollo. Mas ja os
contendores se aproximão.

Ligeiro Menelau do carro desce [75]
 A cuja vista Paris esfriando, Por evitar a morte se retira Ligeiro
 pera as troppas, semelhante Ao laso viajante quando encontra
 escamozo dragão dentro dum bosque, O qual retendo os passos
 enfiado Por muito tempo fica e a cor perde; Assim Paris
 chegando a ver o filho Do valerozo Atreo cheio de susto Depresa
 se retira e se baralha No centro dos troyanos batalhoens. Notando
 então Heytor sua fraqueza Nestes termos lhe dis: Infelis Paris,
 Vil e afeminado, oxala que antes⁷ Nascido não tiveras ou solteiro
 Teus dias acabases, do que oprobio [75v.]
 Passases hoje a ser dos mortaes todos!
 Oh quanto, quanto os Gregos se alucinão Em capaz te julgarem
 da deffeza Por teu gentil semblante, quando neste A força e o
 valor se dezamparão.
 E sendo tal, podesse as brabas ondas Com ligeiros baxeis rasgar
 soberbo! Os caros aliados constringidos De gentes estrangeiras
 misturado Trazer da rica Esparta rica preza⁸ Da divina Helena
 esclarecida De tão bravos guerreiros descendente A teu Pay
 motivando mil trabalhos, À tua patria e a todo o povo, Aos
 inimigos prazer, a ty infamia,

E o do filho de Atreo agora tremes.⁹ Agora veras [76]
 bem quem seja o heroe A quem roubaste a formoza
 espoza, A tua eburnea lyra, as bei las graças Com
 que Venus ornou o teu semblante, Os teos cabelos
 doiro, o teu bom talhe De nada te serão quando te
 vires Padecendo o rigor da sorte adverça, Debaxo de
 seos pez no po involto, Agora reconheço que he
 verdade Posilamines serem os Troyanos Em não
 terem punido os teos insultos, ¹⁰ Que tão tristes
 trabalhos lhe originão».

Acabou de falar. Paris lhe torna: «As tuas
 reprehensoes, Heitor, são justas, E do caracter teu
 próprias são todas; Mas o teu coração bem
 semelhante Ao polido ferro d'um machado, Que sem
 cessar derruma na montanha Nodosos freixos
 corpulentos troncos Jamais descança d'offender-me
 hua hora. [76v.]

De Venus não desprezes os seus dottes,
 Porquanto não he justo que se tenham Em pouco os
 dõns dos Deozes immortaes, Quando delles fazer-
 nos querem mimo. E quantos dos mortaes por elles
 gemem Sem q'alcansar os possão em seos dias ? Se
 ver porem me queres no combate Os Gregos e
 Troyanos vallerozos Faz que disponhão as
 guerreiras armas E qu'eu e Menelao no campo
 entremos C'os exercitos dois de nos em torno

Saber debes tão bem q'a bella Helena Com
todas suas joias a ser venha Do vencedor o [77]
prémio, logo, logo Essas duas armadas fação
alto E profundo silencio confirmando Com
juramentos firmes e solemnnes Sacrefícios
devotos se preparem. Os bélicos Troyanos
descançados Ficarão entre tanto na cidade E
pera a Caya voltarão os Gregos Acaya de
matronas abundante».

Acabou de fallar, e Heitor valente Do que
lhe ouvio ficou assas gostozo E ao centro
d'armada vindo correndo A formidável lansa
aly brandindo, Aos batalhoens troyanos formar
mãda. Mas os Gregos qu' o seu desígnio ignorão
Hua nuvem de settas chover fazem Denodados
sobre elle e de pedradas; O q' Agamenon vendo
em altas vozes Vociferando dis por este modo: [77 v.]
«A furia suspendei famosos Gregos
Attendamos d'Heitor as sabias vozes!». Acabou
de fallar no mesmo instante As tropas
suspenderão a peleja, Heytor então no centro
das phalanges Este discurso fes: «Fortes
Troyanos, E vos valentes Gregos attendei-me
No que vou a propor-vos tão somente! Pola
parte de Paris, qu' esta guerra Contra nos todos
fomentou prejueros. Elle roga que Gregos e
Troyanos
Deponhão suas armas por hum pouco, E que no
centro posto das phalanges O forte Menelao
venha disposto A sustentar hum rigido
combate, Ficando o vencedor co'a rica preza Da
bela Helena e das suas joyas Jurando então os

Gregos e Troyanos Hua aliansa firme e [78]
preduravel».

Disse e se callarão logo todos. Mas Menelao
no meyo delles posto Lhe fez este discurso:
«Ouvi attentos O que a dizer-vos vou, fortes
guerreiros, No peito o coração de dor me estala
Polos duros trabalhos que sofrido A meu
respeito tendes mas agora O mumento chegou
afortunado Em que espero livrar de tantos
malles Os vallorozos Gregos e Troyanos De tão
cruenta guerra que esgotado Os tem do proprio
sangue e vallentia Do qu' eu em parte sou a
triste origem Por minhas contençaens e pola
afronta O' recebi de Paris fementido Author
destes trabalhos tão penozos Preparados de nos
qualquer existe A viver ou morrer, como ao [78 v.]
Destino Haja de contentar mas q' o preteixto
Qu' os exercitos dous promptos estejam Para
tornar a ver os pátrios lares Logo que este
doello se termine.
Trazei pois ja de preça os dois cordeiros Mas
hum seja negro, o outro branco,

Sacreficai a Terra este primeiro, [79]
 E igualmente o outro ao Sol doirado, E nos immolaremos tão
 bem outro, Que gordo e nédio seja, ao sumo Jove, A Priamo
 trouxe aquy depreça A fim que convir haja no tratado, E hum a so
 pessoa não exista Que possa quebrantar os juramentos, Dos
 quaes o fiador sera o bom Jove Ja que seos filhos todos são
 prejueros São vários dos mancebos os juizos Quando nos seos
 discursos os convencem, Ao passado attendem e fucturo, E nada
 por fazer deixão jamais Sem que vantaje igual tenham as partes,
 Que constitue a baze dos tratados».
 Acabou de fallar e os Gregos todos [79v.]
 E vallentes Troyanos s'allegrarão Com a doce esperansa de ver
 logo O fim desta batalha tão renhida Dos alterozos carros logo
 descem, Os soberbos cavallos enfileirão E delles desmontados
 ao pe ficão Tirão-lhe as desmarcadas armaduras E as poem
 apinhadas sobre a terra Por ser limitadíssimo o espaço Entre as
 duas armadas; depois disto Heitor manda com preça p'ra cidade
 Dois heraltos a fim de conduzirem Os dois nédios cordeiros e
 chamarem O vallerozo Priamo; Agamenon A Tallhybio também
 a armada envia,

A fim que outro cordeiro logo traga, Ao que tudo [80]
 obediente o heralto parte.
 Neste tempo tão bem íris formozza Noticiar a
 Helena vay ligeira Tudo quanto se passa nas armadas
 E a forma tomando de Laodice, Que de todas as
 filhas d'El-Rey Priamo Sem mais contradição era a
 mais bella De Helicaon valente cara espoza, E filha
 de Antenor: no seu palacio A bella Helena vay achar
 bordando Com sutil arteficio tudo quanto Aos
 mizeros mortaes mandou Minerva. Ah! se vião todos
 os combates Qu'os valorozos Gregos e Troyanos A
 seu respeito sustentado tinham, A tudo prezedindo o
 Deos da guerra D'Helena ao lado posta íris divina
 Nestes termos lhe falia: «Bella dama Esta morada por
 hum pouco deixa A fim que possas ver cheia
 d'asombro O que ja mais os Gregos e Troyanos
 Poderão ver por certo nos seos dias: Pocas horas inda [80 v.]
 ha q'elles marchavão Com denodada audacia, huns
 contra os outros So sangue e mortandade respirãdo
 Mas agora porem tem feito treguas, Tudo quieto
 existe e elles firmados Nos pezados escudos dão
 alivio Aos fatigados membros, suas lansas
 Encravadas estão na dura terra So o vallente Menelao
 e Paris

He que vão a entrar num grao doello [81]
E tu do vencedor seras a espoza.

Desta arte Iris formoza Ih'inspirava ¹¹ Abrazados desejos dos
seos olhos Em seu primeiro espozoz pôr ditoza, E de tornar a ver a
Patria amada. O rosto então cum veo mal encobrimdo Que na
candida alvura a neve vence, E pondo o manto seu sahe do
palacio Banhando os olhos d'aprazivel pranto Entra de Pithé
filha e a formoza ¹² E candida Aigmena suas ayas ¹³ Apoz ella
seguindo vão seos passos As portas suas tanto que chegarão O
exforçado Priamo trazerão Ao mais alto da torre, e a Panthoo,
Rhymoetes, Alipus e Clytio [81
v.]

E o forte Hycaton, que se deriva Do magnanimo tronco de
Mavorte, Ucalegon e Antenor sábios mancebos. Os sábios
oradores, que por causa Da pezada velhice já deixavão As
carregadas armas encostados Junto das portas Seccas existião,
Mas os outros que fortes se ostentavão Em precaver os damnos
de Mavorte Com a sua sciencia abalizada, De fallar não deixavão
toda a hora, As sigarras em tudo semelhantes As quaes embora o
sangue ja nas veas Deixe de lhe faltar, alçando as vozes No mais
alto das arvores sombrias

Com roca vos os ares importunão; Assim elles [82]
fallavam do mais alto Das ellevadas torres sobre os
meyos De fazer extinguir os cruéis males Da
cruenta peleja que os oprime.

Apenas estes virão que era Helena Quem as
altas muralhas se sobia, Com baxas vozes entre sy
disserão: «Acazo não he coiza bem indigna ¹⁴ Que
os Gregos e Troyanos juntamente Tão ásperos
trabalhos queirão sofrer Por huma molher tal ? Sim
he verdade Que as Deozas immortaes bem
s'asemelha, Porem seja o que for deve ligeira
Dentro dos seos navios ser metida, E não chegar a
ultima ruina Os nossos coterraneos e seos filhos».
¹⁵

Assim fallavão estes sábios velhos Mas Priamo
chamando a bella Helena Com terna e amante vos
lhe dis desta sorte «Para aquy te aproxima o cara [82 v.]
filha Ao lado meu te assenta a fim que vejas O teu
primeiro espozoz e teos parentes ¹⁶ De tantos mil
trabalhos qu'ei sofrido Inocente seras em toda a
idade, Os deozes immortaes he que somente Os
injustos authores são da guerra Que agora contra
Troya se conspira. Depressa chega pois e me
declara Qu'ó belicozo herói aquelle seja, Em que
divizo parte de divino, Que grego aquelle seja em
quem descubro

Hum valor marcial e hum belo talhe; [83]
 Conheço bem q'os outros o excedem Na grandeza dos membros,
 mas confeso Que ver ja mais poderão os meos olhos Mais
 honesto varão nem mais prudente ¹⁷ A magestade tem dum grão
 monarca».

Então a bella Helena lhe responde: «Doce e querido sogro,
 assas magoada De medo e de respeito me estou vendo O justo
 Ceo quizesse que possivel Me fora ter a morte preferido Ao pejo
 que passei quando roubada Polo teu filho fuy, triste deixando
 Palacio, espoz e minha cara filha Como dos meos irmaons a
 companhia Que leda possuia la na Esparta.

E pois vi mal cumpridos meos dezejios,¹⁸ [83
 v.]

Por isso me desfaço em caudal pranto.

Mas pois tempo ja he que saptisfaça Ao que saber dezejias, este
 heroe, Cujoo ledoo semblante se transporta He El-Rey Agamenon,
 igualmente No sceptro admiravel e na espada, Irmão do meu
 legitimo marido Se acazo dina fuy desta ventura».

Deste modo fallou a bella Helena Do que ficando Priamo
 pasmado Assim lhe torna: «Afortunado filho Desse Atreo
 valorozo a quem os Deozes ¹⁹ Com hum semblante virão
 carinhoo, Apenas rayar vio a lus do dia Enchendo de mil
 prosperas venturas!

Q' Rey existir pode sobre a terra Q' dominado [84]
 tenha tantos povos ? Antigamente estive n'alta
 Phrigia, No tempo que as formozas
 Amazonas²⁰ Em guerra aceza andavão, e ahi
 mesmo De Phrygios grande copia vi peritos
 Nas leys de bem montar, todos vassaloo Dos
 valorozos Reys Atreo e Mygdon, Mygdon q'
 c'os Deozes se parece, Os quaes todos então
 s'abarracavão Junto das prayas do Sagar
 ameno. Eu hera então da groça armada E
 commandava aquelles q'os Troyanos Em seu
 socorro suplicado tinhão, Estas troppas poreo
 q'os campos todos De todo ver prohibião erão
 pôcas Em compração daquellas, q' Agamenon
 Com profunda sciencia comandava». Elle
 mesmo depois tendo ja visto O valorozo
 Ulisses lhe pergunta: [84 v.]

«Declara-me tão bem, ó bella filha, Que
 heroe aquelle seja, q'estou vendo, O qual
 sendo menor na estatura Que o forte
 Agamenon, tem mor espaço Nos hombros e
 nos peitos, elle agora As fortes armas tem
 postas por terra As formadas fileiras corre
 ozado A hum grande carneiro semelhante, O
 qual passa tranquillo e socegado Polo meyo
 d'um vasto e grão rebanho Conhecido do gado
 por cabeça».

De Jove a filha amada lhe responde²¹

«Este he, o caro pay, o grande Ulisses [85]
 Do bom Laertes filho, o qual suposto Que na pequena Itaca foy nado,
 Ilha groceira e tosca, não ignora Estratagemas mil do mareio jogo, Se
 bem que mor vallia tem nos sábios E prudentes concelhos. Na verdade
 (Antenor lhe responde) q' bem falias;
 Pois logo q'esse heroe ao nosso porto Por legado nos trouxe a felis
 sorte, Por teu motivo q' o vallente heroe Menelau nomeado, a fim que
 fosse²² Para os fortes Troyanos conduzida, Em meu pallacio o hospedei
 contente Com aquelle decoro que era justo; E nesta conjunctura
 venturoza
 He que então m'enteirei do seu engenho [85v.)
 Como tão bem dos seos sábios concelhos.
 Porem quando então juntos os Troyanos Reparei que se erguião
 Menelao Mais alto hera q'Olisses, e sentados Mais venerando Ulisses
 parecia. Na presença do povo discorrendo Sucintamente Menelao dizia,
 Mas solido e vallente atras ficando Ao Itaco famoso, mas Ulisses,²³
 Deliberadamente em pé alçado Sem movimento algum, representava
 Huma soberba estatua, cujos olhos Pregados tem na terra: o sceptro
 tinha Como s'immovel fosse, ou como hum homem, Que não ouza
 fallar nas assembleas,

Cujo pezado aspecto representa Abrazado viver em [86]
 cruel sanha, Porem soltando a vos aos mansos areis
 Abundantes palavras proferia Com amena
 abundancia e f'lecidade, Q' polo Inverno cae a
 branca neve, Ninguém a contender com elle ouzava,
 E então he que nos todos admiramos A divina
 eloquência que no rosto²⁴ Deixava ver, nos olhos e
 nas faces».

O valorozo Priamo então vendo
 O forte Ajaz, treceira ves pergunta:

«Que achivo heroe he aquelle tão onesto,²⁵ Qu'os
 Gregos vence todos, não somente Co'altiva cabeça,
 mas ainda C'os corpulentos e robustos membros?»
 Helena lhe responde deste geito, Q' o manto seu
 cubrindo o bello rosto:²⁶

«Este he o forte Ajaz, dos fortes Gregos O esteyo [86 v.]
 mais firme, e logo o outro Q' das cretenses troppas
 jaz no centro Idomeneo se chama semelhante A
 hum Deos immortal, em torno delle Dos Cretenses
 estão os cappitaêns Em seu palacio Menelao mil
 vezes,²⁷ Quando de Creta vinha, os hospedava.
 Vendo tão bem estou os outros dous Insignes
 cappitaêns da forte Grécia,²⁸ Os quaes conheço
 bem, e te poderá Polos seos nomes nomear agora,
 Porem unicamente o que não posso Descortinar,
 Senhor, são meos irmaõns,

Dois famosos guerreiros, cujos nomes [87]
 Castor e Polus, são ambos famosos, Nos
 combates do cesto e do cavalo.
 Não elles por certo, os que vierão I
 Nessa armada dos Gregos la da Esparta?
 Q' combater dezeção pola afronta Contra elles cometida?» Assim
 findou O seu discurso a divina Helena²⁹ Muitos tempos havia porem
 qu'estes Quietos existião nos seos lares. I

Emquanto assim dizião os heraltos ¶
 C'o as destinadas victimas chegarão |
 Pera o grande e solemne sacreficio. |
 Entre outras couzas que consigo trazem |
 Hum odre immenso trazem de bom vinho. |
 Idomeneo então hum dos heraltos |
 Sustentando nas mãos huma urna [87 v.] |
 De prata fabricada e as taças d'oiro |
 A Priamo partir o admoesta |
 Com estas sabias vozes: «Nobre filho |
 Do forte Leomedonte, sem demora |
 Deste lugar t'auzenta por hum pouco, |
 Os generaes dos Gregos e Troyanos |
 Ao campo te supplicão descer queiras, |
 A fim de confirmar com juramento |
 Hua aturada paz e favoravel.³⁰ |
 Paris e Menelao com brevidade |
 Entrar vão ambos num cruel duello, |
 Helena e as ricas joias que possue |

Nos outros voltaremos para Troya E igualmente os [88]
 Gregos para Acaya e Argos».

Acabou de fallar e o velho Priamo Coberto de
 temor, ordenou logo Aos seos comilitoêns q'enfreem
 prestes Os soberbos cavallos e no carro Os ponhão
 sem demora, elles sumissos As suas reaes ordens,
 tudo cumprem; Ligeiro então ao alto carro sobe As
 redeas toma e Antenor sentado Junto do lado seu
 enfim partirão. Polos seos portaes ligeiros passão, E
 pera o mareio campo se encaminhão. Apenas dos
 Troyanos e dos Gregos Os arrayaes tocarão, quando
 logo Do carro aly s'apeião, e no centro Dos exercitos
 dois entrão furiozos Agamenon e Ulisses sem demora
 Se levantarão logo, e os heraltos As victimas
 conduzem; lançam vinho Nas sumptuozas taças, e aos
 Monarcas, Reverentes nas maons lhes lanção agoa O
 forte Agamenon então tirando A valeroza mão q' de [88 v.]
 ordinário A bainha da espada traz unida, Da alçada
 cabeça dos cordeiros Com ella a lan lhe corta e os
 heraltos Dos Gregos e Troyanos a repartem Polos
 Principes todos; entretanto Atrides levantando as
 maõns aos Ceos Em altas vozes exclamou dizendo:
 «Júpiter, pois dos Deozes e dos homens

Do vencedor illustre ficção sendo
E completado tudo huma paz firme
Entre as duas armadas sera feita.

|
|
|

Qu'adorado foy la nesse monte Ida [89]
 De gloria e magestade revestido Estando sempre Sol brilhante
 Qu'as couzas todas vez, e ouves todas Que sobre o mar se paixão e
 na terra,³¹ Os mortaes castigando la no escuro E espantozo reyno do
 Cocito, Se por acazo alguma ves t'offendem Infernaes Divindades,
 animai-nos³² E os tratados que presentes vedes Com santo
 juramento roborados Fazei q'em todo o tempo s'observem. Se Paris
 vencedor ficar agora Do forte Menelao, a bela Helena Levarão os
 Troyanos e igualmente Todas as suas joias, e nos logo
 Levantaremos o terrível citio [89v.]
 Mandando vellas dar ao salso vento Aos Gregos ficando e aos
 Descendentes³³ Qu' forem seos, hum solido tributo Que são
 repouzo seja desta guerra. Se Priamo porem e os seos filhos
 Recuzarem pagar este tributo Pela morte de Paris, então digo,
 Qu'aqui devo tomar assento firme, E que prezista o citio tão
 somente Polo justo tributo, deste modo Findando-se de Troya a
 crua guerra».

Acabou de fallar, e alsando o ferro As victimas degola;
 esmurecidas Por terra vão cahindo palpitantes. Nas urnas se
 derrama o puro vinho,

Os copos s'enchem logo e de repente As puras
 libações todas se fazem, E os vottos aos Deozes se
 derigem. Os Gregos então juntos e os Troyanos Por
 este modo entre sy dizião:

«Augustissimo Jove q' [cercido] cercado De gloria e
 esplendor he quem prezides Aos nossos juramentos, e
 vos Deozes, Que rezedis ditosos la no Olimpo, Fazei,
 fazei qu'o sangue dos primeiros Da sua espoza e
 queridos filhos,³⁴ Qu'a audacia e vil arrojo conceberem
 De quebrantar o firme juramento Elle haja de correr
 como este vinho Qu'agora reverente aquy derramo». Deste modo fallarão porem Jove Os votos seos despreza

e dezatende. Logo q'as libações forão completas, [90]
 Levantando-se Priamo assim falia:

«Ouvi-me bem, ó Gregos e Troyanos, Porquanto
 pera Troya ja me auzento Pois me falta vallor, com que
 ver possa Meu filho peleijar com o vallente E forte
 Menelao, o grande Jove E todos os mais Deozes
 ignorão Qu'a morte o seu destino o sacrefica».³⁵

Acabou de fallar, e de repente Ao carro seu subindo
 aparatozo, As victimas poem nelle, e as redeas toma E
 Antenor ao lado seu ja posto O caminho de Troya vão
 tomando.

Heitor então e o divino Ulisses

[90 v.]

Do duello medirão o espasso Num capacete lançaõ [91]
 logo as sortes E revolvendo-as bem de ver acabão
 Se acazo he Menelao ou o forte Paris O que ha-de
 lansar mão da forte espada.³⁶ Os povos todos
 timidos alsavão Ambas as maõns ao Ceo, e aos
 altos Deozes Estes ferventes rogos, e igualmente
 Os Gregos e Troyanos os immitão Em alta voz
 dizendo desta sorte:

«Júpiter soberano, que possues Hum sumptuozo
 templo no monte Ida E que sempre prezides
 revestido De gloria e magestade, faz q'hum dia O
 auctor desta guerra tão cruenta As maons do seu
 contrario a vida perca, Descendo de Plutão ao
 negro alvergue³⁷ E que co'a sua morte então
 possamos Huma paz conservar firme e perene».

Desta arte suplicavão as armadas E para tras
 virando Heitor vallente As sortes revolvía, logo [91
 Paris A primeira tirou; então as troppas Por seos v.]
 devidos turnos s'asentarão, Junto de sy deixando as
 fortes armas E os soberbos cavallos: então Paris Da
 bella Helena espozo se reveste De ricas vestiduras,
 huns cothurnos De fivelas de prata calça logo, E a
 saya de malha q'então hera De Licaon, moldada ao
 seu talhe Hum boldre aperta do qual pende

Larga e comprida espada, e depois disto Hum grão [92]
 broquel embraça d'ação puro. Hum capacete poem
 sobre a cabeça De esquizito trabalho, em cuja
 altura Equina cauda pende por adorno, O qual
 movendo o velo a varias partes Hum formidável
 rosto lhe fazia. Huma soberba lansa emfim
 empunha A mão acomodada, e deste geito O forte
 Menelao tao bem se apresta. Logo q' prompts
 forão vão correndo Ao centro das armas, os
 Troyanos³⁸ E os Gregos igualmente conceberão So
 da vista pôr nelles horror fero.

Mas ja então no campo asinalado Correm
 primeiro atras e logo avansão Com denodado
 exforço, hum contra o outro Paris he o primeiro q'
 sopeza A demarcada lansa e a emprega De
 Menelao no escudo sem effeito, Porquanto hera
 traçada d'ua temp'ra Que os mais vallentes golpes [92
 Enristando contra elle a forte lansa A Jupiter envia v.]
 estas palavras:

«Soberano Senhor que o ceo e a terra Como te
 apraz governas, tu q' punes A fraude e a injustiça
 dos humanos. O fementido Paris faz q'eu deixe³⁹
 Com exemplar castigo bem punido Ja q' tanto
 ultrajou o meu decoro. Faze Senhor q' cahia
 infelicamente

Debaxo dos meus golpes denodados, A fim
q'os mortaes vejão n'outros tempos Qu'ofender-
se não deve com engano Hum hospede incauto e
innocente, A tempo q' lhe dava firmes provas
D'uma sãa e intrínseca amizade».

Assim dizendo vibra a forte lansa E bem no
centro do pezado escudo D'esse filho de Priamo
a emprega, A qual atraveçando o forte escudo A
coiraça lhe rompe, e a dura malha.

Mas elle apenas ve baixar o golpe Arredando
ligeiro o leve corpo Da morte se deffende; neste
tempo O forte Menelao dezembainhando A
desmedida espada, descarrega

No casco do inimigo hum fero golpe hindo-
Da lhe na mão feita em pedasos.⁴⁰ dor então
De gemendo o forte Atrides olhos levantou ao
Os Ceo sereno
E com ternas palavras assim falia: «Impossível
sera q'existir possa Hum implacável Deos qual
tu m'hes hoje; Agora qu'eu pensava ser
triumfante Do fementido Paris he q' vejo Feita
em pedaços a minha forte espada E minha aguda
lansa em vão brandida De todo o favor teu
desamparado».

Assim dizendo supito s'arroja Contra o
terrível Paris e lhe pega No forte capacete co'a
lansa irozo Contra os valentes Gregos, então
fora

[93
][93
v.]

De todo triunfante, se de Jove A magestoza e
soberba filha Lhe não cortase com a mão nevada
Hua firme correa que prendia Por baixo da
queixada o capacete. De pura dor movidos os
seos todos Do chão o levantarão porem logo
Arremete de novo ouzadamente Mas tudo foy
frustado, porque Venus (Qual Deoza poderosa)
Ih'atalhava Os golpes da vingança, e ja
cobrindoo D'uma sombria nuvem o coloca Num
thalamo fragante, calorozo. Chapar parte depois
a bella Helena,⁴¹ Qu'o cume do alcacere guiara,
A qual encontra logo tomada D'infinitos
Trojanos, de repente Do manto lansa mão e ali
tomando A forma d'hua velha corcomida Qu'a
bordar a ensinara n'outro tempo Quando na rica
Esparta rezidia E a quem terna adorava, assim
lhe falia: «Bella e divina Helena sem demora⁴²
Deste lugar t'auzenta porq' Paris Conduzir te
dezeja ao seu palacio Cheio d'um terno amor e
impaciência Esperando-te existe, os olhos teos
Em tempo algum por certo o não gozarão Tão
belo e tão gentil, os seos vestidos Excedem no
primor aos mais ricos, Disseras vendo-o agora,
q'sahia Não d'um forte combate e ariscado,

[94]

[94
v.]

Porem d'uma assemblea delicada,⁴³ [95]

Aonde as Bellas graças e os amores Soem
travar belíssimas coreas».

Todas estas palavras alterarão O coração de Helena; porem tendo Da
Deoza conhecido o niveo collo O bello peito e os refulgentes olhos
Cheia toda d'espanto e de receio Deste modo lhe diz: «Deoza
prejura, Por q' motivo enganar me queres ? À cidade de Phrigia e de
Meonia Porque levar me queres desterrada? Companheiros acazo
tens q' queirão O risco suportar desta aventura? Porquanto Menelao,
q' triunfar pode Do valorozo e desgraçado Paris Assentado comigo
tem por certo [95v.]

Dos passos me cohibir, e a seu palacio Levar-me ultimamente, e pois
ainda Depois de padecer tantos trabalhos, Nada recolho delles senão
odios, E ainda não obstante t'abalansas C'os arteficios teus a
enganar-me?

Do meu lado te ausenta para o lado Desse injusto guerreiro, e sem
demora Dos immortaes procura os apozenten E do Olimpo jamais
outra ves voltas,⁴⁴ Com elle as tuas lagrimas mistura Do seu arrimo
ser não te descuides, Athe q' finalmente te receba Por sua cara
espoza ou por escrava, Mas não, mas não esperes que te siga

Nem qu'eu inda haja ser quem torne ao leito, (Acção
cruel e indina) muito embora⁴⁵ Os barbaros Troyanos
me sensurem, E perecer eu haja às maons impias
D'hua profunda dor e cruel tristeza». De cólera
espumando, Ella lhe torna: «Mais Helena cruel, não
m'infureças Alias te deixarei ardendo em hira
Chegando a odear-te tanto quanto Te respeito e
venero, e por isso Eu passo a acender nos fortes peitos
Igualmente dos Gregos e Troyanos Os mais terrível e
sedentos odios.

E tu serás a victima por certo De seos recentimentos
e trabalhos».

Acabou de fallar e a bella Helena Ficou d'a ouvir [96]

amedrontada E cobrindo c'o manto ao bello rosto
Partio tacitamente, sem que fosse Das Deozas
troyanas persentidas Tendo por conductora a bella
Deoza.

Mas tanto que chegarão ao palacio Do famulento
Paris, quando logo [De Helena as ayas virão trabalhando Segundo os
turnos seos, nas suas obras Apenas aqui chega ao alto leito Bem de
frente de Paris toma assento Numa rica cadeira que ja Venus
D'antemão lhe guardava, e depois disto A seu esposo acuzo deste
modo:

«Inda voltar-te vejo do doello?
Quizera o Ceo que nelle terminasses

[96v.]

Os denodados golpes suportando [97]
 Desse primeiro meu querido espozo!
 He deste modo, ó fraco, que dizias Em pouco ter de Menelao o
 exforço? Dos olhos meos ligeiro te retira E cuida q'outra ves brandir
 a lansa, Contra o forte guerreiro q' te ultraja, Esse pouco vallor de
 que te prezas; Mas não, retem os passos e não queiras Debaixo de
 seos golpes dar a vida».

Avante proseguir mais lhe não sofre O famulento Paris, e desta
 arte O seu discurso forma: «Não ultrajes Bella filha de Jove, o meu
 decoro! ⁴⁶ Porque se Menelao victoriozo De mim hoje ficou, a grande
 Palias Foy quem o socorreu, porem ainda [97 v.]
 Confiado nos Deozes soberanos Espero de vingar a minha afronta,
 Pelo que bella espoza, as doces pazes Sem demora façamos pois te
 adoro Inda com mor afecto do q' quando Te roubei dessa Esparta tão
 famoza E penetrado d'um amor ardente
 La dessa ilha de Creta o porto entramos». ⁴⁷ Assim dizendo prestes se
 levanta E os passos encaminha ao apozeno, De sy apoz levando a
 bella Helena. [98 v.]

Emquanto Paris com o bello rôbo No adultero leito se reclina Qual
 sanhudo leão, Menelao corre Por entre os apinhados esquadroêns,
 O famulento Paris procurando Mas em vão procurado
 então foy delle, Como tão bem dos fortes aliados,
 Embora bem soubessem q' guarida, Não acharia
 alguma, porquanto era Mais que a terrível morte
 aborrecido.

Agamenon então a vos alçando Deste modo se
 exprime: «Olá Troyanos, Fortes Gregos e auxiliares
 troppas, Atendei meu discurso! He manifesta Do forte
 Menelao ser a victoria E deste modo he tempo que lhe
 deis Sua formoza espoza e suas joyas, E aos vallentes
 Gregos o tributo Polo firme tratado prometido Não
 deixeis de pagar». Assim dizia O vallerozo Atrides, e

os Gregos C'o seu justo discurso concordarão. [98]

Fim

CANTO 4º [99]

ARGUMENTO

Execução do tratado, desfeita e quebrantamento delle polos Deozes, principalmente por Juno e Minerva; Pandaro fere a Menelao. Macaon insigne medico o cura. Baralhamento das tropas, assim gregas como troyanas. Repreensão de Agamenon feita aos exercitos. Mattança horrível d'ambas as partes.

CANTO 4º [99v.]

Sentados neste tempo os Deozes todos No celeste Palacio a par de Jove, Sobre este ingente caso deliberão. Hebe os desirozosinhos derramava ¹ Em sumptuosos copos aos Deozes Que segundo os seus turnos se brindavão Apascentando os olhos sobre Troya. O filho de Saturno, então, q' intenta Com amorozo enfado irritar Juno, Huma odioza comparação fazendo² Deste modo lhe dis: «Eu não ignoro Duas Deozas a verem q' protegem

Ao forte Menelao, das quaes he huma Juno na [100]

ingente Argos venerada, E Minerva em Beócia, porem estas Occiozas Devindades se delleitão Em estarem notando do alto Olimpo Os temíveis combates, sem q' tenham Perigo algum, que sobrevir lhe possa; E Venus que so preza e faz apreço Dos engraçados jogos e prazeres, Ja mais o dezampara hum so momento. E neste instante de o livrar o acaba Dum desditozo lanse em q' pensava A vida perderia; mas com tudo Não levava avante o seu intento, Porquanto determino q' a victoria De Menelao so seja. Eya pois, Deliberemos sobre o fim propicio Destes sucessos todos, e vejamos S'he util que de novo se levante Hum terrível e horrido combate³ Porq' se aos Deozes isto for jucundo, Habitavel sera de Priamo o Reyno, Espera Esparta Menelao vallente Segunda ves Helena levava ditozo».

[100v.]

Acabou de fallar, porem Minerva E igualmente a indinada Juno, Qu' urdião mil trabalhos aos Troyanos, De magoa e de cólera mordião Os nacarados beiços, mas com tudo A prudente Minerva não obstante Existir irritada contra Jove, A sy mesmo se vence conservando

Hum profundo silencio, porem Juno [101]
 Não podendo conter no peito a magoa Desta arte rompe em asperas
 palavras:

«Despiadado filho de Saturno, Que terrível discurso proferistes?
 Dezejas ver innuteis meos trabalhos E q' todas as magoas que hei
 sofrido Veja agora frustradas ? Meos cavallos Qu'estafei de correr
 por toda a parte, A fim q'as marciaes tropas ajuntase Contra o
 soberbo Priamo e seos filhos E tudo ficara sem ter effeito? Em
 praxe poem embora o q'dezejas Mas tem por infalível q'os mais
 Deozes Contrários te serão neste projecto». Aquelle q'despede os
 cruéis rayos Assas lhe responde indignado: [101 v.]

«Deoza cruel e injusta, que trabalhos Priamo e seos filhos te
 forjarão A fim que tão ardente empenho tenhas De Troya em
 destruir o vasto império ? Porem s'isto te apraz entra furioza Polas
 suas muralhas e altas portas, E no sangue de Priamo te ceva No de
 seos caros filhos e vassallos. Então pode ser que tua ira Haja de se
 acalmar, enfim intenta Tudo quanto quizeres de nocivo Porq' nada
 faras qu'eu te embarase Ou q' a discórdia entre nos levante O
 petulante e azolado collo. Hua coiza porem dizer-te quero,

A qual imprimirás bem na memória Vem a ser: que
 quando eu determine Qualquer cidade destruir
 cevero, Qu'a tua protecção seja sugeita.

Não poderás oppor-te aos meos intentos Nem refrear
 as minhas cruéis iras, Pois he com bem profundo
 sentimento Qu' de Troya te entrego hoje o dominio:
 Pois de quantas cidades o Sol doira E dos Ceos
 estrelados são cobertas Dos mizeros humanos
 habitadas, Nenhuma mais se umilha aos meos
 decretos Que a inclita cidade de Dardania, Nem
 humanos existem q'eu prezasse Mais q' Priamo forte
 e seos vassallos, Ja mais os meos altares aly deixão De
 sacrificios existirem cheios, De nobres libaçõens e de

profumes, Que mores honras pois querer podemos ?⁴ [102]
 Não sera esta pois a minha gente?»

Acabou de faliar, mas logo Juno⁵ Lhe respondeu
 desta arte: «Trez cidades De que senhora sou e que
 prefiro A quantas em sy tem o Universo, Micene,
 Sparta e Argos espaçozas⁶ Se acazo te parece, poem
 por terra Apenas se odiarem, pois por certo Não me
 opporei, te juro, aos teos rayos, Porq' inda que o
 quizesse, reconheço Do teu poder a dezigual
 vantagem. Mas porem he percizo que frustado Não
 fique o meu trabalho, pois sou Deoza

[102v.]

E do teu mesmo tronco procedida, Ao annozo Saturno, ou porque visse Que gerado me tinha, ou por fazer-me De Jupiter espoza, hum dos Deozes De todos os mais Deozes poderozo, Me preferio a todas as Deidades Fazendo-me no mundo respeitável Eis pois as mãos demos neste cazo O que fara por certo que os mais Deozes Hum profundo respeito nos consagrem A inclita Minerva detremina Qu' os exercitos desça assim ligeira Dos Gregos e Troyanos e que excite Huma forte peleija quebrantando O seguro tractado que jurarão, E que os Gregos insultem dezejozos⁷ Desta sublime e imortal victoria».

Acabou de fallar, e sem demora Com Ella concordou o grão Tonante Fazendo-lhe esta falia reverente:⁸ «Ao exercito logo t'encaminha Dos Gregos e Troyanos, e faz nelle Que todos os tractados se quebrantem E que todos os Gregos orgulhosos C'o dezejado gozo da victoria Injuriados fiquem dos Troyanos.» Assim dizendo a inclita Minerva Acabou de instigar meya propença Para a triste ruina dos Troyanos.

Ja do cume do Olimpo a terra desce Co'a mesma ligeireza d'uma estrella Ou d'um grande signal q' o grão Saturno⁹ Soe mandar aos nautas, e brilhando, Bem como às densas armas dos guerreiros,¹⁰ Desta arte a Deoza Palas magestoza No centro dos exercitos soberbos Altiva se apprezenta, a cuja vista Os exercitos dois alvorçados Huns a outros dizião deste modo:

«O arbitro da guerra, o grande Jove, Sem duvida qu'agora nos envia Huma dezastrada e crua guerra

[103]

[103v.]

Ou huma paz dourada e premanente».

Desta arte as nasçoens ambas discorrião. Minerva então tomando a fiel forma Do valente guerreiro Laodozo Do inclito Antenor prudente filho Ao centro dos Troyanos s'encaminha De Pandaro em procura, o qual decerto A hum sublime Deos bem s'asemelha, E poucos passos dando logo encontra Entre as confuzas troppas baralhado Licaon o filho assaz famozo (Licaon que das margens do Ezipo Conduzira belígeras armadas) Estando pois ao seu lado, este discurso Com elloquentes vozes lhe dirige:

«inclito filho de Licaon guerreiro, Seguir queres felix os meos concelhos? Tens acazo vallor q' atirar possas Ao forte Menelao hum mortal dardo ? S'acazo isto executas, tem por certo Qu'os Troyanos te darão a paga, Principalmente o generoso Paris,

[104]

[104v.]

Enchendo-te de mimos sumptuosos, [105]
 Depois qu'haja de ver o seu imigo" Debaxo de teos golpes abatido
 E do fogo lansado as vivas chamas. Eia pois, tem vallor, e os crues
 tiros Impávido contra elle ja despede S'hua gloria imortal ganhar
 dezejas, Os rogos teus ao Lycio Apoio envia, A fim qu'as tuas
 settas bem dirija,¹² Hum completo hecatomba lhe promete Somente
 feito das primeiras crias Apenas a tocar chegues teus lares Dessa
 cidade Zelia ja voltando».

Assim falou Minerva persuadindo A Pandaro demente; sem
 demora O polidissimo arco prende ouzado, O qual feito hera das
 ramosas pontas [105vJ
 D'ua silvestre cabra, qu'incansavel Por muitos tempos perseguido
 havia Athe que finalmente a poz por terra No cume d'uma penha
 alcãtilada,¹³ Ora sus nestas pontas desmarcadas Huã implumada
 setta introduzindo Ainda não usada, porem fonte De mortíferas
 chagas, se reclina Pera a sombria terra e occultado Dos seguros
 amigos que o torneão, Dos belicozos Gregos o deffendem, E ao
 Lycio Apoio prometendo Hum hecatomba das primeiras crias
 Quando voltar de Zelia para casa, Com ingente vallor despede hum
 dardo¹⁴

O qual rasgando os carregados ares, Ao citio voava
 destinado.

Não se esquecerão, Menelao, os Deozes Do teu
 merecimento, e entre todos De Jupiter a filha foy quem
 logo¹⁵ Diante de ty posta a cruel setta D'embargar-lhe
 cuidou o triste effeito Bem como huã may terna e
 carinhoza Do filho aparta a impurtuna mosca, Quando
 de Morfeo goza os doces lasos Assim ella derige a
 mortal setta Ao robusto sinto e bem forrado Porem não
 obstante lhe trespassa A fortissima lamina de sorte
 Qu'apesar de tudo isto ainda o fere. Corre o porpureo
 sangue sobre a terra Qual dama de Meonia ou de Coria

Quando o branco marfim pinta com arte Com a [106]
 brilhante purpura algum freyo Qu'em grande apreço
 tem, sendo envejado De sublimes guerreiros e
 monarcas; Assim ó Menelao as tuas plantas, Tuas
 robustas plantas salpicadas Do teu purpureo sangue
 parecião. El-Rey Agamenon correr notando Do
 desastrado golpe o quente sangue E o forte Menelao se
 horrorizarão; Porem advertindo que não hera¹⁶ De
 mayor e ariscada consequência De novo recobrou o
 falto allento. Agamenon então enternecido Pegando-
 lhe na dextra assim dizia

[106v.]

Com profundos suspiros, os quaes todos [107]

Os ínclitos soldados acompanhão:

«Meu amavel irmão, o fiel tractado Qu'acabei de fazer ainda à pôco Foy so por te livrar das mãos da morte ¹⁷ Querendo que vallente pellejases Contra todos os Gregos e Troyanos¹⁸ Porem estes prejuros e malvados Contra ty se conspirão dezumanos As firmes alianças quebrantando, Que poderão jurar dos Ceos na face; Mas não ficara isto sem castigo O solemne tractado, o puro sangue Das victimas sagradas, a palavra, As libaçoes enfim serão depreça Dezagravadas pelos nossos braços;

Porq'inda q'o grão Jove não castigue [107v.]

Logo, logo, tão torpe falcidade, Elle a castigara quando for tempo Nos queridos consortes e seos filhos, E talvez q'isto venha a ser no dia, Naquelle triste dia e miserando Qu'a soberba cidade de Dardania C'o seu Monarca e fieis vassalos Haja de terminar envolta em chamas;

O justiceiro Jove então sentado Nas altas nuvens brandira contra elles A formidável Egida, lansando, Mil coruscantes rayos por castigo Deste espantozo e prejuro feyto.

Mas comtudo porem que grande magoa A minha não sera, s'inda te vejo

Por causa dessa chaga pereseres. Pera Argos tornarei a dar à vella De vergonha coberto, e logo os Gregos Quererão voltar todos para a patria A Priamo deixando e aos Troyanos A rica preza da formoza Helena Ficando soterrados os seos ossos ¹⁹ Nesta barbara terra, não podendo O termino avistar desta batalha. Os soberbos Troyanos com afrontas Aos pez pizarão a sepultura Do forte Menelao assim dizendo: Oh praza a Deos, que Agamenon ainda Mandase contra nos mais outra armada! Quão loco se glorieia tão somente Com o tornar a ver a patria amada Com

as varias naos, aquy deixando Ao seu Menelao por [108]

penhor rico estas soberbas e implacáveis vozes: Parece-me que escuto aos Troyanos; Porem antes qu'eu veja esta desditta Debaixo dos meos pez a dura terra Abrindo-se em bocas me soverta».

O forte Menelao então querendo²⁰ A Agamenon tirar de tanta magoa Deste modo dizia: «Toma alento Doce e querido irmão, e as gregas troppas D'amedrontar deziste, os Ceos quizerão Qu' desta cruel chaga não finasses».

«O grande Jove queira, irmão querido, Agamenon dizia, q'assim seja Quanto com doces vozes m'aceveras

[108v.]

Porem não obstante sera justo Qu'hum expriente medico [109]
 te veja A penetrante chaga e que te aplique O devido
 remedio a dor que sentes. Assim dizendo, sem demora
 chama O heralto Taltibio e assim lhe falia: «Ao vento
 iguala na velos presteza E fase que aqui venha logo, logo
 Esse filho divino d'Esculapio O famoso Macaon, porque
 quero Qu'a Menelao valente a chaga veja, Porque ferido
 existe d'huma setta D'algun dos Troyanos e de Lycios;
 Para o guerreiro author acção famosa, Como igualmente
 pera nos punivel».

Acabou de fallar e o heralto Entre as gregas
 phalanges se baralha Athe qu'o grande Macaon encontra,
 O qual então s'achava rodeado Entre hum bosque de
 cruéis guerreiros, E delle ao pe chegando assim lhe falia:
 «Divino filho de Sculapio Augusto EI Rey Agamenon
 mandar-te chama Afim qu'ajas de ver d'Atreo o filho A
 quem soube ferir dextro guerreiro Dos vallentes [109v.]
 Troyanos ou dos Gregos. Para o vallente author acção
 famosa Como igualmente pera nos punivel». Disse e de
 grão magoa o deixa cheio. No mesmo instante rompem
 furiozos Por entre os atrigados esquadrões, E ja de
 Menelao perto chegando
 Cercado o virão dos vallentes Chefes

[110]

A hum grande Deos em tudo semelhante.

Ja Macaon a setta lhe descrava Da horrivel ferida, o sangue
 enxuga E os hellos remedies qu'o Centauro Chiron tinha applicado
 com sciencia Ao doce amigo de seu pay famoso. Todos com subtil
 arte então Ih'applica. Emquanto os fortes chefes torneavão Ao
 grande Menelao, as naçoens ambas Hum horrivel combate entre sy
 travão. Agamenon então ja sem receio D'um partido seguir a sy
 contrario Quanto diante ve aballa e talha,²¹ Os soldados anima pra
 peleja, Os seos cavalos apartar obriga
 E igualmente o carro, e o deixa entregue [110v.]

Ao forte Euremidon, a quem intima Que perto delle premança
 sempre A fim que descansar então podesse Quando de regirar aly
 voltase Do exercito todo os esquadrões A intimar-lhe as ordens da
 peleja.

Assim dizia, e o escudeiro obedece As poderosas ordens, cuida
 logo D'aprestar os beligeros cavallos Os quaes de branca espuma ja
 cobertos Os ares enchem de seguidos guinchos. Agamenon então a
 pe correndo Dos Gregos todos as fieis filleiras Com estas sabias
 vozes os anima: «Vallor, fortes guerreiros e amigos!

Não hajais de temer a sorte ad'verça,
 Porquanto crer devemos q' o grão Jove Não
 ha-de proteger gente prejura. Aquelles que
 primeiro quebrantarão O devido tractado e
 sem respeito Os juramentos aos pes pisarão
 Punida vejão sua vil perfidia; Pasto seos
 corpos sejão dos abuitres E nos depois de
 termos saqueado A soberba cidade de
 Dardania Dentro de nossas naos
 recolheremos Suas caras espozas e seos
 filhos». Assim dizia aos Ínclitos guerreiros,
 Os que via porem amedrontados Com asperas
 palavras reprehendia:

«Fracos e miseraveis, que somente A
 victima sereis dos inimigos, Não vos enche
 de pejo essa fraqueza? Essa palida cor que
 vos divizo À maneira d'um corço que
 correndo Huma vasta campina, o vigor todo
 Perdendo aly por terra se reclina; Desta arte
 vos contemplo, vis cobardes; Esperas por
 ventura qu'os Troyanos Pera estas suas pray
 as fação marcha? Ou que Jupiter la do
 firmamento Com seu vai lente braço vos
 socorra?».

Assim dizendo de repente parte Por entre
 os alinhados esquadroêns Athe que
 finalmente a parar veyo Onde estava de Creta
 a soldadesca, A qual em armas posta torneava

O forte e valorozo Idomeneo, Idomeneo
 que posto na vanguarda Do valorozo
 exercito parece Hum javali soberbo e
 indomado. Na retaguarda Merião metido

As ultimas phalanges animava. Agamenon então
 alvoroçado Ao seu chefe deste modo falia:

«Valente Idomeneo, tu bem conheces
 A grande distincção que tenho feito
 Dos teos sublimes dottes entre os Gregos;
 E isto não somente em aquellas couzas
 Que pertencentes são à illustre guerra,
 Como tão bem ainda nos banquetes
 Quando d'armada os chefes mais sublimes
 Por seos devidos turnos se socião
 E o vinho lansão nas ingentes urnas;
 Aos outros quando então s'enchem os copos
 Ja por certa medida o tinhão cheio
 Como igualmente o meu a fim q' bebas
 Quanto beberes quizeres; eia pois
 Para o forte combate t'aparelha
 De sustentar cuidando aquella gloria
 Que tens athe aquy ad'quirido».

Acabou de fallar e dos Cretensses O sabio
 general assim lhe torna:

«Filho do forte Atreo, vive seguro Que fiel te serei
 em todo o tempo Bem assim como prometido
 tenho.²² Ja mais m'esquecerei nos mores lanses A q'
 impávido sempre t'abalansas De deffender-te
 ouzado a doce vida.

Os outros Gregos exortar procura [113]
 A fim q' sem demora peleijemos, Ja qu'esses vis Troyanos e
 prejuros Dos tractados a fé manchar poderão, Afirmado com sacro
 juramento.

Seja pois quem nos vingue desta afronta, Ou a leda victoria ou a
 morte».

Disse. Agamenon então movendo os passos Por entre os
 esquadroens vay ter ligeiro Ao belicozo apozento dos Ajases, Os
 quaes armados acha e guarnecidos D'uma nuvem de infantes
 belicozos; Qual o pastor qu'estando la no cume Dum sublime
 rochedo vio ao longe Hum espeço nevueiro vir trazido Por horridos
 tufoens do cruel Eulo,²³

O qual pasmado fica por hum pouco [113v_]
 Por iminente ser a tempestade E amedrontado fica a toda a pressa
 Quer recolher o gado em alguma gruta, Desta arte parecião os
 espessos Batalhoens destes Ínclitos guerreiros De vallentes escudos
 bem cobertos E d'armas guarnecidas, apos indo Dos dois fortes
 Ajazes para a guerra.

Destes brabos guerreiros a prezença O grande Agamenon
 alvoroçavão, O qual aos chefes falia deste geito: «Famozos Chefes
 das phalanges gregas, Exercitar-vos escuzo p'ra peleja Por quanto
 reconheço que frustrados Meos discursos serião, vosso exemplo

A peleijar fara vossos soldados
 Proverá ao grande Jove e à illustre²⁴
 Minerva e claro Apoio venerando
 Que deste modo estivessem todos
 Quantos Gregos devizo assim dispostos.
 Bem de preça veríamos por terra
 A soberba cidade de Dardania
 E polas nossas maos metida a saque».
 Assim dizendo velosamente parte
 A vizitar d'armada os outros corpos;

E pocos passos dando logo encontra [114]
 O sublime Nestor, dos povos Pylios
 Eloquente orador, o qual fallando
 As troppas faz entrar em guerra aceza
 E os valentes chefes reanima²⁵
 De cavalo soldados poe na frente,
 Acompanhados dos ligeiros carros,
 E poèm na retaguarda a infantaria
 A fim que ser podessem como hú valo
 Da presente batalha, e na vanguarda²⁶
 Os mais fracos soldados poe em alia;
 A fim qu'inda de todo não querendo
 Peleijar por cobardes, muitas vezes
 Receando perder a cara vida
 Entrassem no ardor do fero Marte.
 Desta arte aos de cavallo assim dizia:

«Regei e governai vossos cavallos Marchando em
 linha recta, a fim q'insano Algum ja mais s'atreva [114v.]
 confiado N'arte de bem montar, hir sem receyo Ferir o
 inimigo frente a frente, Como tão bem não lhe virar as
 costas,

Pois he por este meyo, lhe dizia, [115]
 Que podereis cansar seos esquadroêns E de todo vencellos: os
 soldados Que separados forem dos seos carros E subir detreminem
 aos outros, Os cavallos não ouzem conduzir, Que conhecer não
 saibão, nem s'exforcem Senão por peleijar co' aguda lansa.
 Estes são os perceitos com q'os velhos E ínclitos guerreiros
 n'outros tempos As cidades baterão e altos muros. Gravai pois isto
 bem nas vossas mentes O valor conservando exclarecido». ²⁷ Assim
 Nestor as troppas exhortava Nestor tão expriente nos assaltos Da
 mais terrível e medonha guerra.

Agamenon ouvindo este discurso [115v.]
 Deste modo lhe diz: «Prudente velho, O Ceo quizera q' assim como
 conservas Tanto valor no centro do teu peito Iguamente tivesses
 vigor tanto!
 A velhice porem, triste pensão Desta vida mortal, te congelou
 Dentro nas veas o illustre sangue. O quão perciso m'era hum igual
 soldado De florescente idade com os dottes De q' tua alma o ceo
 quis adornar!» Nestor então lhe torna: «Illustre Atreo Oh quanto
 possuir inda dezejo Aquella vallentia que gozava Quando vi perecer
 as minhas mãos Ereuthalião valente, mas os Deozes

Nem tudo concederão aos mortaes, Se foy então
 qu'a idade me ajudava, Hoje o pezo dos annos m'
 enfraquece; Porem inda q' velho, nem por isso
 Deixarei de marchar dos meos na frente; De lhe dar
 saõns concelhos e prudentes Dum velho militar
 fazendo o officio, E aquelles mais vallentes do q' eu
 sou As lansas brandirão e os esquadroêns Impávidos
 porão a ferro e fogo».

Disse, e Agamenon infeitiçado
 Do que dizer-lhe ouvio os passos move
 Para as vizinhas troppas, aly acha
 O filho de Peleo e Menesteo²⁸

(Insigne em mandar hum bom cavalo).
 Dos cortezãons d'Athenas bem no meyo U16]
 Sem que ja mais fizesse acção alguma
 Perto daly vivia abarracado
 O valorozo Ulisses confundido
 C'os Cephalenos destros na peleja
 os quaes estavam postos nas trinxeiras,
 Pois ouvido não tinham inquietos
 O horrível clamor do fero Marte,
 Nem que as fortes phalanges e animozas
 Assim dos Gregos como dos Troyanos
 De novo se adestravão pera a guerra.
 Nesta incerteza estando estes dois chefes
 Os exercitos dois virão que irozos
 Segunda ves recomessavão guerra.
 Agamenon então indignado
 Divizando-os estar em fuga néscia
 Com ardentes palavras os reprehende. [H6v.]

«Filho d'EI Rey Piteo e tu cobarde Que nada possues mais q' o vão
 espirito D'um falço e ardiloso enganador, Por que vizão
 amedrontado existes? Esperando qu' os outros sobrevenhão? Assas
 util não he ja dar comesso A cruenta batalha? e voar na frente Dos
 esquadroens q' reges e commandas ? Os primeiros não sois que
 sempre chamo Para os grandes banquetes q' fazemos? Entre os
 famosos e vallentes chefes ? Não he aly q' todos vos rendemos As
 mais sublimes honras e q' ledos²⁹ Vos saciais dos dõns do alegre
 Baco ? E agora sofreis que dez phalanges D'acobardados Gregos
 dezafiem Vosso grande vallor para o combate?»

Com torva e carregada catadura O valorozo Ulisses lhe
 responde:³⁰ «Illustre filho do famoso Atreo, Q' discurso foy esse q'
 deixastes Sem reflexão sahir da tua bocca? Atreves-te a acusar-nos
 de remissos Nos encontros fataes do fero Marte? S'acazo entrar
 quizeres hoje em campo Enflamado veras entre os inimigos Este a
 que chamas fraco, e pode ser³¹ Qu' o rosto teu s' turbe de enfiado.³²
 Por esta cauza guarda as tuas queixas Para os fracos que vires e
 cobardes».

EIRey Agamenon então notando S'enfurecia o sublimado
 Ulisses,

Retratando-se logo, assim dizia:

[11

8

«Divino filho do inclito Laertes,

Cuja grande sciencia se diviza Nos mais terríveis lances do
 Mavorte, Não foy por certo o fim dos meos discursos O
 reprehender-te nem admoestar-te;

O teu valor por certo não ignoro Nem a grande amizade que me
 tendes, Os sentimentos teos sei que possues. E por esta razão de
 fazer cuida Unicamente aquilo qu' o teu grande E sublime valor
 bem t'inspirar;

E s'acazo ofendi o teu decoro, Tempo vira qu' a sapttisfação

devida Como devo te renda; os Deozes queirão Que estas coizas
 frostradas fiquem todas». Assim dizendo velosamente passa

[118v.]

A Ulisses deixando e a Menesteo Athe que finalmente foy parar
 Aonde estava o forte Diomedes inclito filho de Tydeo famoso, O
 qual estando sobre o velos carro Ao lado tinha o exforçado
 Estinelo Do forte Capane illustre filho, Sem qu' as ordens dictase
 da peleja.

Apenas Agamenon o conhece O reprehendeo severo, deste modo:

«Que vejo, ó justos Deozes, he acazo O filho de Tydeo a quem
 divizo? Que t'assusta cobarde ? que destino Te faz subir ao cume
 desse carro? Acazo descub rindo estas a estrada

Por onde fugir possas ao perigo? [119]
 São estes os exemplos por ventura Que teu pay por mil vezes te
 mostrava E estes todos entrando na batalha Com desusado esforço
 e vallentia? Segundo o escutava dos soldados Que no centro das
 lanças s'embrenhavão, Que no valor a todos excedia.
 Ainda me recordo qu'em direito³³ Qu'os hospedes se deve, q' tendo
 elle Entrado em meu palacio, sucedera A Micenas chegar com
 Polinice³⁴ A procurar socorro contra Thebas, Qu'asolar pertendião,
 e que promptos Estando nos então para lho darmos E pera enfim
 convir com o q' rogava, Que Jupiter mostrou distinctamente
 [119v.]

Mil esquerdos prodígios no Olimpo,³⁵ Origem dos tractados se
 findarem. Com esta visão triste se retirão, E de Aropo nas prayas
 tomão posto;
 Por enviado aos Gregos então mandão Pera a famoza Thebas, a
 Tydeo, A fim de terminar estas desordens. Elle parte ligeiro, a
 praça investe, E no palacio entra de Etévole, À meza vay achar os
 descendentes De Caderno vallente e destemido. Não obstante
 Tydeo ver-se estrangeiro, E de todos deixado, não se turba De se
 ver entre os feros inimigos, Mas antes ao contrario lhe propunha

Mil jogos e combates em q'espera
 De Minerva ajudado, enfim vence-los.
 Os fortes Cadernos estimulados
 Desta tão grande afronta, lhe enviarão
 Sincoenta soldados no alcance,
 Guiados por dois bravos cappitaêns,
 Memon filho de Menon semilhantes³⁶
 Aos Deozes qu'abitão la n'Olimpo
 Eticophonte filho asignalado
 D'Antophone famoso; porem nada
 De tão torpe ouzadia então tirarão,
 Mais qu'huma fera e crua mortandade,

Porque tudo este heroe passou à espada,
 D'Hemon exceptuando o illustre filho, [120]
 Por singir-se aos signaes q'os altos Deozes
 Neste fero momento Ih'ostentarão.
 E por esta rezão o mandou logo
 Para a sublime Thebas, patria sua.
 Tal hera Tydeo Etolo exforçado!
 Seu filho porem sendo-lhe inferior
 Nas armas no manejo, de todo hera
 D'uma sublime e alta eloquência».
 Acabou de falar, porem Diomedes
 Polo grande respeito que lhe tinha
 As suas reprehençoens nada lhe torna.
 De Capaneo porem o illustre filho
 De cólera espumando assim lhe falia:
 «Porq' faltas Senhor a san verdade
 Em huma couza que deveras saber?
 Muito mais valorozos nos julgamos
 Do que forão por certo nossos pays.
 Notorio a tudo he que confiados

[120v.]

Nos sinaes favoraveis que os bons Deozes [121]
 Desse brilhante Olimpo nos mandarão E no firme socorro do grão
 Jove, Com bem pequenas e inferiores troppas, Inda na multidão
 àquellas mesmas Que de forte reparo lhe servirão Tomado temos
 essa grã cidade De Thebas nomeada por cem portas,³⁷ Se bem qu'ao
 mesmo passo esses heroes De que tão livremente vosiferas Pela sua
 imprudência terminarão Neste factal e lugubre assedio;
 E por isso Senhor tão grandes honras Aos nossos mayores não
 consagres».

Então o exforçado e grão Diomedes Pera elle olhando com
 pezado gesto Deste modo lhe dis: «Stonelo forte, [121v.]
 Attende-me agora e da-me assento.

Nenhum resentimento em mim concervo
 Contra El Rey Agamenon, nem pezar, Qu'os Gregos levantar
 queirão as estrellas,³⁸ Possuidor sera desta alta gloria S'os Gregos
 destruírem os Troyanos De Troya saqueando a grão cidade, Como
 tão bem sera eterna infamia Se vencedores os Troyanos forem, E
 por esta razão, eia sahiamos Com sublime valor ao mareio campo».

Assim dizendo velosamente desce Do sumptuozo carro as
 armaduras Com que traz arrayado o forte peito. Tão terrível
 estrondo então fizeram

Qu'o mais guerreiro heroe intimidara.
 Bem como quando o vento denodado
 S'enfurece do mar os vastos campos
 E as ondas agitadas s'amontoão
 Na sonoroza praya aly quebrando
 Toda a sua soberba num rochedo
 E levando-se athe aos mesmos astros
 A maneira d'um alto promontorio
 De brilhantes espumas revestindo-o,
 Desta arte s'avançavão as phalanges
 Dos Gregos que marchavão pera a guerra

Os chefes seus cada huma tem na frente,
 Os quaes seguindo vão com grão silencio [122]
 Bem como se perdido a vos houvessem.
 Por onde quer que marchão denodados
 Vay rutilando o Sol nas suas armas.
 Os Troyanos porem erão no campo,
 Bem qual d'ovelhas timido rebanho
 Que nas tapadas d'um senhor potente
 Felices s'apascentão, e no tempo
 Qu'as retezadas tetas s' lh'ordenhão;
 Com mil balidos todo o campo atroão; Assim por todo
 o exercito s'ouvia A horrível vozaria dos Troyanos
 Composta de diverços idiomas.

O sanguinozo Deos da horrível guerra A peleja
 instigava aos Troyanos E a sublime Palas aos
 guerreiros³⁹ O lugubre terror e a vil fugida.⁴⁰ A estas
 duas Deozas vão seguindo⁴¹ E igualmente a cruel
 Discórdia Irman e companheira de Mavorte, [122vJ

A qual sendo na origem limitada [123]
Correndo depois disto sobre a terra Com a cabeça fere o Ceo
rotundo.

Esta implacável Deoza Ih'incitava Sublime valentia nos seos peitos
As bem formadas linhas regirando. He ella quem acende nos
combates A crua mortandade e quem se nutre Dos horribeis
trabalhos que fomenta. Apenas as armadas s'avistarão E para
pelejar se dispozerão, Os escudos se tocão e se cruzão Com devida
c'rimonia as largas lansas. Misturão-se os gemidos e o allento Dos
fortes combatentes; hum horrível E lugubre estampido já retumba
Nas mais distantes e remotas partes, [123 v.]
E os ingentes gritos finalmente Dos vencedores como dos vencidos
Dos que ouzados se ferem e terminão Entre ambos assaltos se
confundem.

Sanguinoza corrente a terra alaga, Qual forte e invernial
innundação Qu'as balizas rompendo e fortes diques La no cume
dos montes se despenha Suas immenças agoas misturando La no
fundo valle cavernozo, A cujo son turbados os pastores D'um alto
monte olhando, estão pasmados; Tal hera o alarido e vozaria De
tantos mil guerreiros peleijando Com denodados golpes e feridas.

Antiloco primeiro que os mais todos Foy quem
lansou por terra a Echupolo Do sublime Thalycio
amado filho, Hum dos chefes mais forte dos
Troyanos, O qual com desmedida vallentia Na
primeira fileira peleijava.

O valorozo Antiloco foy logo⁴² Quem derrubou por
terra ao exforçado E vallente Echepolo que hera
filho Do inclito Thalycio, hum dos mais fortes
Chefes dos Troyanos, q' sem medo Na primeira
filleira combatia;

No qual descarregando a forte espada Com ella lhe
cortou do elmo a garça, Como tão bem os cascos da

cabeça, E esta a causa por que as negras trevas Os
olhos seos serrarão para sempre. Cahio emfim por
terra da mesma arte Qu'huma sublime torre
combatida De muitas e terríveis batarias.

EIRey Elphenor, q' de Chalcodon Seu filho se disia o
que então hera General dos Abantes exforçados Polos
pez o tomou apenas vio Que despenhado vinha sobre a
terra E dos golpes cruéis o deffendia Ardendo em
dezejos do despojo. Pouco porem gozou desta
esperança, Porque da vida Agamenon o priva.⁴³ A
morte deste chefe belicozo Enfurecer obriga o cruel
Marte. Huma nova carnagem se executa,

[124]

[124v.J]

Assim nos Gregos como nos Troyanos, [125]
E quaes famintos lobos s'arremeção Huns contra os outros em cruel
peleja.

Ajas de Telemon illustre filho

Com sua propria mão a vida rouba D'Antemion ao filho heroe
simoisio, Porque nas margens do Simois⁴⁴ Bem qual frondente
chopo q' nascido d'uma grande lagoa foy nas margens Que cortado
se vê dos feros golpes Do ferreo machado a fim que sirva Para a
forte materia d'um grão coche Deixando-se seccar do tempo
adusto; Assim se via o forte Simoisio Pola lansa d'Ajas posto por
terra. Antypho q' de Priamo hera filho, D'Antonião a morte vingar
veyo, [125v.]

E contra o matador soltando a setta, Os ares foy rasgando
innutilmente Athe que ferir foy ao grão Leuco Companheiro de
Ulisses exforçado;

Aos pes lhe cai Leuco e finalmente C'oa sua propria mão lhe tira a
vida. O valorozo Ulisses ja s'adestra Pera vingar a morte do amigo,
E coberto das armas refulgentes No meyo dos Troyanos se baralha
Indicizo sem saber aonde Haja de ensupar a forte lansa; De medo
os Troyanos se retirão A Demofonte fere ultimamente, Demofonte
que filho hera de Priamo,

O qual d'Abido tinha feito volta
Pera os duros encontros desta guerra;
Democoon também fere e despoja
Da percioza vida pera sempre;
Cahir aly se vê o forte corpo
Com horrivel estrondo sobre a terra.
Os fracos Troyanos se retirão
E igualmente Heytor; os fortes Gregos
Em altas vozes gritão e arrastrão
Ao meio do combate os corpos mortos.
Ao alto cume do alcaçar d'Iion⁴⁵

Notando estava tudo e indignado [126]
De sua cruel audacia, assim dizia,
Os valentes Troyanos exortando:
«Cavaleiros Troyanos, exforçai-vos
E os vallentes Gregos não temais;
Não são os Gregos de pedra nem de ferro
Para que suportar mil golpes possão;
Recordar-vos deveis qu'o forte Achilles
Em peleja não entra assas magoadado
Pelo terrível roubo de Brisseis.»

Assim fallou Apoio aos Troyanos, E Minerva os
seos Gregos animava. Os famulentos e cruéis
destinos A vida de Dipres terminavão D'Amaryncede
filho, por hum golpe Do valorozo Piro illustre filho
DTmbraso valorozo o qual regia Os fortes Troyanos,
descendendo⁴⁶ Da famoza cidade d'Envingente. Cai
Dioris emfim na dura terra Os braços estendendo aos
companheiros [126v.]

E os últimos suspiros derramando. Piro então
s'avança denodado Contra o cruel e duro
matador E no peito lhe crava aguda lansa.⁴⁷ As
entranhas na terra se derramão E a morte lhe
serra os tristes olhos. O forte Etolo Thoas
neste tempo Contra Piro despede o rijo dardo
Deixando-lho cravado sobre o peito Contra
elle o grande Thoas s'arremessa, E no peito
tão bem lhe crava a lansa, E tirando violento a
forte espada Com ella o atravessa e emfim o
mata. Despojar o não pode aly das armas,
Qu'os fortes Traces com agudas lansas De sy
o apartarão the q'emfim Retirando-se triste,
foy vencido. Desta arte a doce vida
terminarão Estes dois valorozos generaes.
Dos Traces hum e o outro dos Epios, Ficando
torneados de mil corpos De miseros Troyanos
e d'Achivos Qu' na crua peleja terminarão.
Todos os combatentes finalmente Cuidavam
de cumprir os seos deveres, Cada hum
repouzar ainda vigilante Os lados da batalha
sem perigo; Porque a Deoza Minerva
conduzindo-os Por sua propria mão os impelia
Aonde o fogo mais e mais s'acende, E os
defendia das terríveis lansas. Muitos emfim de
Gregos e Troyanos

[127
][127v.
]

Naquelle triste dia perecerão, Em
solto pô ficando misturados.

Fim

CANTO 5 °

ARGUMENTO

Diomedes escudado de Minerva acomete assim os Damêns como os
Deozes;¹ fere o mesmo Marte. Este Deos offendido queixa-se a Jupiter, o
qual o escuta com agastamento e lhe manda applicar os opportunos
remedios ás suas feridas.

[128]

[128v.]

CANTO 5 °

[129

]

Minerva então querendo q' Diomedes Destincto se fisesse entre os mais Gregos E que fosse acredor d'huma alta gloria, Hum fogo marcial lhe poêm no peito. Ja do seu capacete o forte escudo Relampejando sahe hum vivo fogo Àquelles semelhantes que despede O flamigero Sirio la no Pólo Quando se vay banhar no vasto Oceano.² Tal hera o resplendor com q' Diomedes Revestido se via e tal fogo Que suas fortes armas despedião.

Minerva finalmente o conduz logo [129v.]
Ao centro da peleja onde os soldados Mais e mais s'apinhoão cruelmente.

Entre a turba dos Ínclitos Troyanos Havia hum certo homem rico e nobre Que Doris se chama, sacerdote Do Coxo Deos, o qual dois filhos tinha³ Pegeo e Ideo, nomeados Ambos sublimes e vallentes chefes Em todo e qual quer genero de briga. Tomado do furor do fero Marte Os esquadroens avanção e tomando Os carros seos ouzados vão correndo Contra o sublime e inclito Diomedes Qu'intrepido e sem susto os esperava. Apenas s'avistarão quando logo

Phegeo enrasta a desmedida lansa E sobre o filho de Tydeo s'arroja, Porem o ferro em vão lhe passa os hombros;
Diomedes então soltando a setta No corpo de Phegeo a deixa preza E o despenha do sublime carro.

Cahe de cabeça abaixo Ideo vallente, Faltando-lhe porem o vallor todo As costas foy voltando ao inimigo E a vida talvez

não deffendera S'o inclito Vulcano o não cobrira Dua espeça e upaca nuvem, A fim que o velho pay não terminase Seos dezastrados dias com a vista Do seu unico Doris desditozo;⁴ Diomedis porem o despojou Dos soberbos cavallos, e os envia Polos seos companheiros para as naos. Quando os fortes Troyanos isto virão O medo lhe gellou o quente sangue, E a Deoza Minerva porque aumente Mais e mais o temor e a turbação, Tomando pola mão ao fero Marte Nestes termos lhe falia: «ímpio açoite Da geração humana a quem somente A crua mortandade so agrada E os destroços dos soberbos muros, Arbitro das batalhas, por que cauza Não deixaremos hoje combater Os Gregos e os Troyanos sem q' sejam Pelo auxilio nosso socorridos ? Athe que o sumo Jove dar-lhe agrade

[130]

[130v.]

A quem bem quizer a feliz victoria? [131]
 Por que rezão não deixaremos hoje Este lugar fugindo as nossas
 iras?⁵ Assim dizendo do combate aparta O dezastrado Deos da crua
 guerra E do Escamandro nas florentes margens Por hum ingente
 espaço o assentou.
 Os Gregos acometem aos Troyanos E em fugida os poêm, ja não
 existe Dos chefes hum somente que não arda Com a terrível morte
 dos imigos. Agamenon primeiro que os mais todos Do carro seu
 despenha ao grande Odiús Dos Alizonos chefe, e encravando-lhe A
 formidável lança polas costas Na fuga o atravessa parte a parte,
 Fazendo-lhe sahir no peito o ferro. [131 v.]
 Cahe morto o forte Odiús, a sua queda Hum horrível estrondo ao
 Ceo levanta Polas terríveis armas que vestia.

Idomeneo tão bem a Phesto mata Do grande Borus filho, e de
 Meonia,⁶ Qu' d'abundante Torne tinha vindo, E seos ayos das
 armas o despoção.⁷ Tão bem Menelao mata a Escamandro Insigne
 cassador, a Deoza Diana Insinado lhe tinha esta grande arte, Mas
 valer-lhe não pode neste lanse Em que perdeo a vida por hum golpe
 Que Menelao lhe deu indo em fugida. Cae debrusado sobre a solta
 terra, E os ares retumbão com a queda.

Merião tão bem mata ao grão Pheredo Filho de
 Armónido e assaz destro Na construção das naos mais
 alterozas Cuja grande lição do pay colhera, Amado
 ternamente de Minerva Constructor de navios em que
 Paris Aportar foy a Grécia, e então forão Origem de
 mil tristes desventuras Pera os Troyanos todos deste
 modo Os sagrados oráculos falarão. Cahe finalmente
 pois este guerreiro⁸ Ao Ceo mandando hum
 formidável grito Mas a morte o cubrio de expessas
 trevas. O grão Megis tão bem mata Pedio Do grande
 Antenor filho, o qual porq'hera Espúrio grão cuidado
 merecia Da sua criação ao grão Tebano,⁹ Bem como

se seu proprio filho fora. Megis pois perseguindo-o o
 atravessa Com a tremenda lansa, e elle cahe morto
 Com os dentes mordendo o duro ferro De sua fatal
 morte origem triste.

Euripilo tão bem lansa por terra Hypsenor
 valente, illustre filho Do exforçado e rijo Dolopião
 Que do Escamandro fora noutro tempo Do sacrificio
 padre a quem os povos Bem como hum grande Deos
 honrar sohião. Do belicozo Evemon o seu filho ¹⁰ A
 vida lhe roubou atravessando-o Com a formidável
 lansa, e a negra morte Pera sempre cerrou seos olhos
 bellos.

[132v.]

[132]

Por este modo as coizas existião [133]
 Nesta ardente peleja indicioza Estando para todos o partido Que
 tomaria o forte Diomedis S'os Gregos ou Troyanos seguiria. Polo
 campo furiozo vay correndo A hum caudalozo rio semelhante, O
 qual apos sy leva a mesma ponte, Vallados nem barreiras
 respeitando Que de limites athe aly servião, Quando Jupiter abre as
 cataratas Do espaçozo Olimpo e os suores Dos fortes lavradores se
 distraem; Assim Diomedis corre furiozo
 E se vai embrenhar no escuro centro Dos fortes batalhoens dos
 Troyanos, De todos o vallor amedrontando [133v.J
 Por mais fortes que fossem e vallentes. De Licaon o filho
 esclarecido De Diomedes notando a vallentia, Com que ouzado
 corria o campo todo Atropelando tudo com desprezo, Em dano seu
 despede hum duro dardo Ficando-lhe cravado nas espadoas, O que
 notando Pandaro, dizia:" «Valor, valor, Troyanos, que ferido Esta
 dos fortes Gregos o mais forte, E pode ser que as forças lhe faleção
 Para bem suportar a cruel chaga Se he verdade que o filho do grão
 Jove ¹² O rutilante Apoio deixar hade A deleitosa Lycia e de vir tem

A esta horrivel e cruel peleja». Assim de Lycaon o
 filho falia; Diomedes porem depois que esteve Por
 hum pouco dos seos posto em retiro Do carro e dos
 cavallos encuberto De Caponeo ao filho assim lhe
 dizia: «Estenelo famoso, caro amigo, Do carro teu te
 rogo que ja desças A fim qu' o duro ferro me
 descraves Desta cruel e lugubre ferida».

Acabou de falar, e logo, logo
 Estenelo saltou do alto carro
 E a setta lhe tira da ferida
 Qu'em turbilhoêns de sangue s'alagava.
 Disto depois o filho de Tydeo
 A Palas enviando estas palavras
 Deste modo lhe diz: «Filha de Jove

S'acazo nos mais rigidos combates [134]
 Propicia me tens sido e a meu pay,
 Agora me protege ó grande Deoza,
 A graça concedendo-me qu'eu saiba
 Quem teve a grande gloria de ferir-me
 E qu'inda ufano viva deste golpe,
 Pensando que da vida me privaria».
 Desta arte o grão Diomedis suplicava, E Minerva
 attendendo-o, lhe infundio Ligeireza nos pez, vigor
 nos membros, E posta delle a par assim lhe falia:
 «ínclito e exforçado Diomedis Contra os fortes
 Troyanos velos parte. No teu peito infundido hum
 valor tenho De que herdeiro te julgo seras digno;

[134v.]

Ja com este Tydeo em toda a parte [135]
 Mil sanhudos guerreiros por terra, Ja dos teos olhos apartei a
 nuvem Que t'encobria, os homens e os Deozes, Porque s'algum do
 Olimpo Ih'aprazer Em teu socorro descender gostozo Debaxo
 oculto da espece humana Ja mais t'arrojes combater com elles, Mas
 se Venus de Jove amavel filha Em hórrida peleja^inter insista
 Contra ella empunha a desmedida lança».

Assim falou Minerva, e se foy logo E Diomedis tornando ao
 combate C'os mais fortes guerreiros se mistura ¹³ Contra os
 Troyanos combatido tinha Mas quando o conhece, se
 Ih'aumentavão ¹⁴ Por socorro dos Deozes novas forças. [135v.]
 Qual o lião a quem o pastor fere Nas viçozas pastagens na cizão
 Que contra o seu rebanho s'avanzava Cujas feridas mais o ardor
 Ih'aumenta, E o pobre pastor amedrontado Na rústica chopana se
 Ih'esconde, E as cabras com medo aly s'apinhao.
 Elle então no aprisco vellos entrando No manço gado faz cruel
 carnagem, Assim Diomedes com igual vallor No centro dos imigos
 se mistura, E Astynous e Hypenor matando logo (Que das troyanas
 tropas hera o chefe) Com hum bote de lança formidável Acaba de
 vingar a sua offença.

Deixando estes sem vida velos parte Contra Abante
 e Poligido dinos filhos Do velho Euridamante q'dos
 sonhos Era famozo interprete, mas não pode
 Entender os dos filhos nesta guerra. O vallente
 Tydeo os matou ambos E das brilhantes armas os
 despoja. Contra Xante depois e Thono corre Do grão
 Phenopis filhos na velhice Deixando ao velho pay
 sem ter herdeiros A quem suas riquezas deixar
 possa.¹⁵ De Priamo tão bem nos filhos cahe
 Echemona e Chromio, os quaes vinhão Em hum
 famozo e brilhante carro Qual leão esfaimado que se
 lansa Sobre hum rebanho de tardios bois. A tempo

que no campo estão pascendo E na servis soltando-
 lhe igualmente Assim o maxo como a femea mata;
 Desta arte de Tydeo o illustre filho Nos dous filhos
 de Priamo se lansa Os despenha do carro aparatoso
 Das armas os despoja e aly tomando Os ligeiros
 cavalos os entrega Aos seos companheiros pera logo
 Aos baxeis dos Gregos s'elevarem. Tanto porem
 qu'Enéas vio atento A hórrida matança que fazia Em
 todas as filleiras dos Troyanos Este implacável e
 terrível Grego, Impávido no campo s'apresenta E
 empunhando a valente espada

[136]

[136v.]

A Pandaro buscar vay logo logo [137]
 Do immortal Lycoonte illustre filho
 E delle ao pe chegando assim lhe falia: «Aonde estão o Pandaro as
 settas, Aquellas tuas settas tão temiveis Qu'a morte e o terror a todos
 levão? Aonde a ingente gloria qu'aquirido Com ellas tens nos lanses
 de Mavorte? Esta gloria que tanto te reanima Qu'entrar-te faz ouzado
 nas filleiras E que em Lycia e os mais fortes sobraçavas. Apresa-te
 pois ja e ao grande Jove Dirigindo primeiro ardentes rogos Contra
 esta infernal peste as settas vibra A fim que a todos toque esta
 victoria E cece d'huma ves a triste origem
 Que produzido tem tantas desgraças [137v.]
 Aos tristes Troyanos, e tem morto Hum numero tão forte de
 guerreiros.
 Seja pois o teu arco quem suspenda A torrente de tantas
 desventuras, E quando não, diremos que Diomedes Algum Deos he
 por certo, a quem os nossos Sacreficios tem sido pouco gratos,
 Contra nos excitando voluntário Coiza por certo bem dina de pranto
 Pois he assaz difficil aplacar
 A cólera d'um Deos que he tremebundo».

De Lycia o filho assim lhe torna: «Famozo e illustre chefe dos
 Troyanos, Esse homem o vio Eneas de quem falias ¹⁶C'o filho de
 Tydeo se me parece.

Eu Ih'estou conhecendo o forte escudo O grande
 capacete e o penacho Qu'o rosto seo lhe cobre, emfim
 o carro E os ligeiros cavallos, mas com tudo Rezolver-
 me não sei s'he algum Deos, Pois s'acazo he imortal
 não acredito Que seja de Tydeo o forte filho, Pois tão
 illustres feitos ja mais s'obrão Sem o forte socorro
 d'algum Nume, E deste modo he bem de presumir
 Qu'alguma Divindade tem ao lado, Qu'o peito seu
 Ih'anime e que o cobre D'alguma espesa nuvem,
 porque seja Aos nossos olhos invizivel sempre. As

settas lhe tenho sopezado Retrocedidas todas tenho
 visto, Mas com tudo o ataquei e o feri De sorte que o [138]
 julgava ter mandado O infernal Plutão, ao escuro reino,
 Porem não obstante ainda vive, Supor devemos pois
 por esta cauza Qu'algum dos Deozes contra mim
 voltado D'entre as mãos me roubou esta victoria. Hum
 carro so não tenho nem cavallos A que subir podese,
 mas em Lycia Do meu progenitor no grão palacio
 Magnificos conservo carros onze Acabados de pouco,
 bem cubertos De sublimes tapetes, e cada hum De
 dextros corredores tem seu tiro, Com ingente fartura
 bem creados;
 O forte Lycaon meu pay querido

[138v.]

Na despedida m'ordenou cevero [139]
 Qu'os prendesse eu mesmo p'ra subir Ao sublime carro, e me
 mandava Que na frente corresse e os guiase Ao calor do combate;
 quão demente Porem vejo que fuy, pois não segui As ordens suas
 qu'observar devera, Porem dúa cidade amedrontado Que dizião
 jazer em citio posta Cheia de tantos fortes contendores Os meos
 cavalos meditei qu'irozos Costumados estando ao doce pasto E por
 isso tomei este partido E asseritei comigo d'os deixar E de voltar
 sem elles pera Troya

A fim de combater com os infantes [139v.]
 No valor do meu arco confiado.

Inútil porem este me tem sido Pois suposto que o tenha ja curvado
 E que Diomedes e Menelao ferisse Nada daqui tirei mais do
 qu'irozos Mais e mais contra mim os estar vendo E por esta razão
 ja dizer posso Qu'infrausto foy o dia em que tirei Do gabinete meu
 arco e settas E que marchei na frente dos Troyanos De Lycia em
 socorro de Dardania Em serviço do forte e grande Heitor. Mas s'eu
 daquy voltar sem vencimento E tornar ver a patria e cara espoza,
 Nas mãos do inimigo a vida eu perca

S'o arco e settas as não der ao fogo, Irozo reduzindo-
 os em mil partes Pois ja mais m'servirão finalmente
 Senão de vis e pérfidos inimigos».

Dos Troyanos o chefe assim lhe falia: «Poem freo
 aos teos discursos, pois não tem Culpa por certo
 alguma as tuas settas Deste guerreiro assim ja mais
 veremos Sem que primeiro hajamos de subir Aos
 nossos carros empunhando as armas E lhe vamos
 sahir ao encontro todos. Eia pois sobe ja ao meu carro
 E a raça veras dos corredores Que na Troya se crião,
 e que destros Existão nos encontros de Mavorte;
 Elles pois nos levarão a Troya, S'o filho de Tydeo
 nos vencer hoje As redeas toma pois e ja partamos,

Com elles me verei, ou se t'apraz Eu governo os [140]
 cavallos e tu sejas Quem o valor por terra hoje lhe
 lanses».

De Licaonte e filho assim lhe torna: «Sabio e
 famoso Eneas, a ty compete Dos ligeiros cavalos o
 governo Pois melhor obedecerão aquele punho A que
 ja estarão acostumados, Se fugir nos fizer o cruel fado
 D'ante o rosto de Diomedes forte De temer sera bem
 qu'elles s'espantem Àquella vos negando a obediência
 Que dentro das orelhas lhe soou, Entretanto de Tydeo
 o filho

[140v.]

Sabendo aproveitar-se da desordem Se lansava
furiozo sobre nos Roubando-nos a vida, e
victoriozo Pasara a reger nosos cavalos.
Conduze-os pois tu, qu'eu sem receio Esperarei
na ponta desta lança Este cruel e horrído
guerreiro».

Assim dizendo velosamente sobem Ao
sumptuozo carro e derigindo Contra o forte
Diomedes os cavallos. De Estenelo o filho
quando os vio, Por este modo a Diomedes falia:

«Meu caro e doce amigo, eu la divizo
Guerreiros dois famosos e exforçados, Que
contra a vida tua se conjurão, Hum he o forte
Pandaro famoso No atirar do arco, o outro Eneas
Qu' d'Anchises se jacta ser nascido E de Venus
formoza, Ea pois Ao carro teu ja sobe e te retira,
Dos golpes te contenta que tens dado Deixemos
da batalha o fero carro A fim que o seu valor te
não offenda E a vida não percas tão percioza A
todos os teos Gregos». Diomedes Com carregado
aspecto assim lhe fala:

«Em vão me persuades a fugida He alheo de
mim qual quer receio Ainda o meu vallor existe
inteiro, Ao carro meu não subirei por certo, Pois a
pé quero esperar a estes chefes Minerva hum
coração me deo, qual muro,

Entretanto estes meos cavallos Pola velocidade
conhecidos Das tuas maõns não saião, caro
amigo, Outra coiza tão bem dizer-te quero, A
qual inprimiras bem na memória, E vem a ser
s'acazo a grão Minerva Esta victoria me tiver
guardado Qu'evitar hajas a ligeira fuga A usar

[141]

[141 v.)

meos cavalos tendo a cargo Conduzir os de Eneas
logo, logo Para o campo dos Gregos, porque são
D'aquella grande raça de que Jove Ao belicozo
Tros deu n'outro tempo Com os quaes lhe roubou
a Ganimedes E esta a recompença então com
q'elle Remunerar-lhe soube o grande roubo, Os
cavalos por certo mais famosos Que na terra
exitir podem, desde d'onde A bella Aurora nasce
e o Sol s'encerra As escondidas o famozo
Anchises Os vejo possuir de Laomedonte Este
Rey misturando nos rebanhos Seis excellentes
egoas, felismente, Seis cavallos tirou, fortes e
dextros, Quatro guarda p'ra sy e os outros dois A
Eneas os deu, por ja estarem Nos lanses de
Mavorte exercitados; S'estes pois prezarmos,
grande gloria Por certo alcansaremos deste feito».

Em quanto assim dizião, os dois fortes E
valentes guerreiros bem fornidos Chegão de
Diomedes à presença,

[142]

[142v.]

De Lycaonte o filho assim lhe falia: «Famozo filho
desse grão Tydeo, Contra quem vejo innuteis minhas
flexas, Mas agora verei se vencedor Com esta forte
lança ficar posso».

Assim dizendo vibra a forte lança Contra o forte
Diomedes, e passando-o De parte a parte logo fez q'
fosse Correndo athe ao arnez o grande ferro. Quando o
filho de Pandaro notou O sublimado fim deste sucesso
Vociferando em alta voz dizia:

«Ferir-te pôde emfim a minha lança Tua forte
coiraça atravessou, Pocas horas teras de doce vida E
possuidor serei desta alta gloria». Sem ezitar
Diomedes lhe responde:

«Enganas-te ó infame, pois erraste O impensado
bote da perjura lança, Ea pois sabei ambos que talvez
Hum de nos sasciar haja de sangue ¹⁷ Esse implacável
nume dos combates».

Assim dizendo, sopezou a lança A qual Palas
dirigiu ao belo Pandaro E pola boca entrando-lhe
ligeira Os dentes e a lingoa lh'espedação, E a ponta do
ferro a sahir veyo, Coiza cruel e horrível a garganta.
Cahe finalmente Pandaro do carro Fazendo hum fero
estrondo em todo o campo, E os fortes cavallos lhe
fugirão.

Temendo então Eneas de que os Gregos

[143
]

[143v.
]

De seu defunto corpo s'apoderem, O escudo
embaçando e empunhando Com ouzado
valor a forte lança Do carro seu desce a
deffende-lo, E correndo contra elle o acomete.
Qual valente leão, que se confia Nas
desmedidas forças, bem coberto De
tresdobrado escudo, a lansa enrista Contra
aquelle primeiro qu' s'atreve A sahir-lhe ao
encontro temerário. Diomedes então pegando
irozo Num ingente penedo, tal que apenas
Dois homens levanta-lo mal podião Contra
Eneas sem fadiga o lança Ferindo-o
cruelmente núa perna. Sobre o joelho cae o
bello heroe A mão firmando sobre a dura terra
E os olhos seos de trevas se cobrião. Por certo
aly seos dias terminara S'essa filha de Jove, a
bella Venus O estado não visse em que seu
filho, O seu amado filho Ih'existia, O qual
teve de Achilles caro espozo ¹⁸ Na conjunção
qu'os paternaes rebanhos Sobre o inspirado
Ida apascentava. Ella pois o retira do assalto,
Nos braços seos o toma e o deffende Co'a
cobertura do sublime manto, A fim qu'algum
dos Gregos inimigos Roubar-lhe a doce vida
não podesse. De Capaneo o filho exclarecido
Inda lembrado das sublimes ordens

[144]

[144v.]

Que recebido tinha de Diomedes [145]
 Do centro da peleja o carro aparta, Ao assento as largas redeas atta,
 E de Eneas tomando-lhe os cavalos Marchar os faz ao lado dos
 Achivos, Mas encontrando a Deipilo amigo Lhos entrega e lhe roga
 qu'os conduza Para o centro da armada belicoza.
 Isto em praxe pondo ao carro sobe. Empunhando as redeas logo
 encontra Ao forte Diomedes, que corria No seu sublime carro contra
 Venus Co'a lança enristada, pois notava Qu' não hera das Deozas
 que costumão Na frente andar marchando dos esquadroens, Como
 Palas, Belona e a fea Ennyo,¹⁹
 Porem feminil Deoza que s'asusta²⁰ [145v.]
 Só d'escutar das armas o estrondo. De Venus no alcance vay
 Diomedes E o manto lhe passa, com q' cobre O seu querido filho,
 aquelle manto Qu'as Graças trabalhárão, e a ferio Na branca e alva
 mão, hú puro sangue, Hum sangue qu'imortal hera, ja corre Da
 ferida de Venus semelhante²¹ Ao orvalho ou vapor divino;
 Porquanto os immortaes não s'alimentão Dos perciozos dôns de
 Baco e Ceres, Nem tem como os mortaes hum sangue crasso.²²
 Apenas Venus vio na mão a chaga Os ares enche de cruéis clamores
 E emsima cahe do amorozo filho.

Apoio então tomando entre os braços O cobre logo
 d'huma espeça nuvem E das achivas lanças o
 deffende. Apenas isto vio o grão Diomedes Em altas
 vozes exclamou dizendo, A Venus derigio o seu
 discurço:

«Divina filha do supremo Jove, Dos marciaes
 combates velos parte, O império te, baste que tens
 sobre Os peitos femenis que dextra enredas. S'os
 combates intentas ficar vendo Não o faras sem ser
 chea de medo Pois somente da guerra o feo nome²³
 Te fara eclipsar o lindo rosto».

Desta arte a Venus falia, porem ella C'o coração

de magoa transbordando Daquella fera estancia se [146]
 retira. Quando Iris a vio toda coberta D'ua amarga
 tristeza, e q' ja hião Às rozas a murxar do seu
 semblante Entre os braços a toma e a retira Do centro
 dos horríveis contendores; E tendo então andado
 poucos passos Ao esquerdo lado dos Troyanos O fero
 Marte encontrão assentado, Tendo cobertas as
 soberbas armas E os seos cavalos d'hua escura
 nuvem. Venus se Ih'apresenta de joelhos E o carro
 seu lhe pede deste geito:
 Irmão querido tem de mim piedade, Empresta-me
 o teu carro a fim q' possa Dos Immortaes voltar ao
 doce alvergue,²⁴

[146v.]

Pois assaz magoada estou por certo [147]
Da f'rida qu'esse filho de Tydeo Sem compaixão me fez, o qual
segundo O vallor de que tem fornido o peito Peleijara por certo
contra Jove».

Acabou de fallar e Marte logo O carro lhe concede, ella subindo
D'Iris na companhia, as redeas toma, E aos cavallos soltando os
áureos frêos, Num instante chegarão a morada Dos Deozes imortaes,
aquy chegando Os corredores solta qu'inda vencem²⁵ Os furiozos e
terríveis ventos, As immortaes pastagens Ih'oferece Com qu'a vida
alimentão, despois disto Venus cahir se deixa de magoada De sua
may Dione nos joelhos. [147v.]
Ella então entre os braços a recebe E animando-a deste modo lhe
falia:

«Qual dos Deozes qu'habitão neste Olimpo Neste estado te poz
tão impiamente Como s'hum grande crime cometeses?»

«0 filho de Tydeo, Venus lhe torna, Foy quem me reduzio a este
estado, 0 meu Eneas defender querendo E assim afirmar-te ja bem
posso Que não he esta guerra sanguinoza De Gregos e Troyanos
exforçados, Mas huma guerra de temíveis Gregos Contra as
sublimes Deozas declarada».

Dione que das Deozas he a mais bella Deste modo lhe diz: «O
querida filha,

I Tolera com paciência as cruéis dores,
Pois não hes a primeira das Deidades
I A quem o sego anjo dos mortaes
I Com impio furor tenha atacado;
I Muitas são as Deidades deste Olympo
Qu'iguaes dezastres padecido temos; Muitas
vezes os Deozes lhes contenta Servirem-se dos
miseros humanos Por vingar cruéis suas offenças;
Não foy Marte ultrajado quando Otho E a forte
Ephialtes, d'Alveu filhos, Tiverão a ouzadia de o

car'garem D'eriças cadeas d'um horrível pezo, [148]
Neste estado guardando-o em huma torre ²⁶
I De bronze construída pelo espaço
De treze meses aonde este Deos fero
I Que não respira mais que guerra aceza
I Talvez qu'os dias seus aly findara
I S'a formosa Euribia sua sogra
Velos o não disse ao Deos Mercurio O qual as
escondidas o livrou A tempo que huma lugubre tristeza E dos ferros
o pezo o tinhão posto I Prostrado inteiramente e abatido?
A mesma egregia Juno não servio De certo alvo
ao furor dos homens,
I Quando o forte Anphrião o arrojo teve²⁷
I D'úa setta arrojjar-lhe de trez pontas ?
I E no peito a ferio d' qu'ella esteve
I Vencida inteiramente e angustiada
I O mesmo Deos Plutão esse implacável [148v.]
I Dos infernos Senhor pois não foy elle

Dos impios humanos atacado [149]
 No mesmo alvergue da medonha morte,²⁸ Quando o filho de Jupiter
 supremo C'úa setta o ferio e deixou posto No mais terrível e
 medonho estado? Então cheo de cólera e rancor (Pois via nas
 espadoas o far pão) De Jove a habitação ligeiro sobe Onde dos
 Deozes o medico sublime²⁹ Inteiramente o cura e o conforta. S'isto
 pois doce filha t'acontece Por Minerva se ter hoje servido Do filho
 de Tydeo por se vingar;
 Ella he quem lh'inspirou o cego arrojo De te atacar insano, frente a
 frente; Loco porem q'elle he, porquanto todo O mortal qu'acomete
 aos altos Numes [149v.]
 Pocos dias são qu'elle respira Sobre a vuluvel vida, os seos filhinhos
 Jamais s'apretarão aos seos joelhos. Nem de pay lhe darão o doce
 nome, Voltado tendo da terrível guerra.
 Porque s'o grão Diomedes he vallente Assaz deve temer qu'inda
 algum dia Algum Nume que ha mais poderozo Haja bem de punir a
 tua offença; E que apressadamente a bella Aggialea Do valorozo
 Adraste e sabia filha Espavorida na escura noite C'um fatídico
 sonho o seu palacio Em torno encha de cruéis clamores, Acorde a
 toda a gente e chame aflita

Por seu querido Espozo, hum dos mais fortes E
 valorozos cheffes dos Achivos». ³⁰ Assim falou Dione,
 e alimpando O sangue que da ferida lhe corria A sua
 amada filha em tempo breve As dores s'abrandarão e a
 chaga De todo ficou san; mas então Juno E Minerva
 que visto tinham tudo Irozas contra Jove assim dizião:

«Contra mim grande Jupiter não sejas, S'acazo te
 exposer huma aventura(:) A pôco a bella Venus
 sucedida³¹ Obrigar pertendendo algum troyano, Que
 ternamente amava, foy ferida, E por esta rezaõ jaz
 magoada».

Acabou de fallar e o Pay dos Deozes³² Sorrindo-se

chamou a bella Venus E lhe fez esta falia: «Minha
 filha, As batalhas ja mais te pertencerão; Prezide sim
 aos jogos e prazeres E aos doces amores e hymeneos,
 Deixa porem a Marte e a Minerva Dos rigidos
 combates a alçada».

Enquanto assim os Deozes practicavão Estas e outras
 coizas, Diomedes Apoz Eneas com furor se lança Não
 obstante visse qu'a seu lado O Deos Apoio escudado
 intenta.

Trez vezes sobre a terra Eneas s' despenha E outras
 tantas o fulgente Numem C'os duplicados rayos do
 escudo O expele do centro da batalha

[150]

[150v.]

Quanta ves s'abalança o grego heroe,³³ [151]
 Ao Deos dos combates semelhante. Mas offendido Apoio deste
 arrojo

C'hua terrível voz assim lhe exclama:

«Entra em ty, de Tydeo, ó digno filho, Retira-te e não queiras
 locamente Combater com as Deozas imortaes³⁴ Hua desigualdade
 ha infinita De nos, a fraca essencia dos humanos». Acabou de
 fallar, e de Tydeo o filho Hum pouco pera traz retrocedeo Por não
 s'opor a collera d'Apolo; Pegando então na mão ao pio Eneas O
 venerando Deos do centro o tira Da horrível peleja, e o leva a
 Troya Aonde elle possui hum sacro templo, Igualmente Latona e a
 Deoza Diana [151 v.]

Ao mais alto lugar o conduzirão A ferida lhe curão e o enchem
 Das mais sublimes e distintas honras.

Mas Apoio formando hum a fantasma

Em tudo semelhante ao pio Eneas Troyanos e Gregos pelejar
 obriga Enchem-se os ares d'apretadas lansas E cresce em todo o
 campo a mortandade. Apoio então chegando ao fero Marte Deste
 modo lhe falia: «Deos cruel

A quem somente apraz o sangue e a morte Destroçador de reynos e
 cidades, Porque não tiraras do mareio campo Este implacável filho
 de Tydeo Capaz de pelejar c'o mesmo Jove.

Elle ja combateu com Venus bella. [152]

Numa mão a ferio e qual grão Nume Contra mim irritado
 s'abalança».

Vociferando assim tomou assento No mais sublime alcacere de
 Troya, E a forma d'Amas Marte tomando, Amas que general hera
 dos Traces De filleira em filleira foy correndo Por entre os
 esquadroêns dos Troyanos A pelejar a todos exortando,
 Principalmente aos filhos de Priamo.

«Filhos do grande Rey, elle dizia, The quando haveis sofrer
 q'os fortes Gregos³⁵ Nas vossas tropas tanto estrago fação Esperais

porventura q'elles venhão Dentro dos vossos muros combater-vos
 ?

Eneas que tanta honra nos offerta³⁶ [152v.]

Como igualmente o mesmo Heytor divino Abatidos existem na
 poeira, Corramos pois depreça a socorrellos». ³⁷ Assim falou em
 todos acendendo

Hum sublime valor e exforço raro, E Sarpedon estando de sy fora
 Estas vozes dirige ao grande Heytor:

«Que feito foy da gente o ardor antigo Que n'outro tempo no
 seo peito tinham ? Tu heras quem então se vangloriava Que para
 deffender tua cidade Desnecessário fera por em armas Os exercitos
 teus, nem te valleres De auxiliantes troppas, mas somente Qu'os
 teos fieis parentes te bastavão.

Mas alongando a vista a qualquer parte [153]
 Hum so descobrir posso destes todos.
 Embrenhados os tem o frio medo De temerosos caëns a semilhansa
 Quando contra hum leão se vem no campo; Deste modo não ha
 quem aqui combata, Tirado se nos formos, que das troppas
 Auxiliares somos, porem eu Ainda destas sendo fuy quem prestes
 Segui a marcha de remotos climas Da grande extremidade la de
 Lycia Qu'ó cristalino Xanto rega e banha Com tortuoza e liquida
 torrente;
 Aquy deixei espoza e hum caro filho E mil infindos bens que
 possuindo Podia agora estar tranquilamente,³⁸ Capazes todos
 d'amainar por certo [153 vi
 A ambição mais cega e insaciável E não obstante isto, eu sou
 somente Quem exortando estou todos os dias Os bellicosos Lycios
 ao combate, E quem d'impaciencia arder se sente Por enrrostar o
 pérfido guerreiro, Que tão cruel estrago nos tem feito, Pois nada
 aqui possuo q'usurpar-me Os bellicos guerreiros já me possuem Tu
 porem que combates em deffeza Da cara espoza e dos doces filhos,
 Por teus bens finalmente e pola patria, Existes sem acção em fea
 inércia Nem cuidas de exortar as tuas troppas A fim que existão
 firmes, receando

Qu'apanhar-te não hajão como em rede E que venhas
 a ser faminta preza Dos fortes inimigos que por certo
 Tomarão tua inclita cidade, Athe aos fundamentos
 arrazando-a, Este o cuidado pois que desvelar-te De dia
 e noite deve, este o dever, Nenhum descanso tenhas dia
 e noite, Devendo existir firme sempre ao lado Dos
 generaes das troppas que auxilião A fim de supplicares
 que resistão Com sublime vallor ao inimigo, Por huma
 ves cuidando de evitares O duro e torpe effeito da
 cenrura».

Assim falou Sarpedon; e Heytor

Ficando estimulado do discurso [154]
 De repente saltou do carro a terra,
 E audaz vibrou a aguda lança.
 O exercito todo regirava
 Exortando a peleja as suas troppas;
 Os Troyanos de pejo envergonhados
 Entre as confusas tropas se baralhão,
 As costas não voltando aos fortes Gregos
 Cerrão seos esquadroens beligerantes
 A fim de denodados pelejarem.³⁹
 E bem como na eira a loira Ceres⁴⁰
 Dos lassos segadores torneada,
 Os quaes sendo ajudados das suaves
 E puras viraçoens alimpão ledos
 Desta sublime Deoza os puros dons
 Que benigna concede aos mortaes tristes,
 Da palha separando o louro trigo, [154v.]

Que da solta poeira ja alveja Desta arte aly se [155]
 vião os Achivos Correndo ao combate furiozos
 Cobertos de poeira que levantão Os pez dos seos
 cavallos, a qual livre Em turbilhoêns subia as
 altas nuvens Os carros se misturão e de novo
 Com ouzado vallor crese o combate Marte porem,
 querendo dar socorro Aos tristes Troyanos,
 espalhou Por todo o vasto campo da batalha
 Huma horrível e negra sarração, E foy por todo o
 exercito rompente (Bem como o loiro Deos lhe
 tinha ditto)⁴¹ O valor acender nos frios peitos
 Apenas reparou que da batalha A belicoza Palas
 s'apartava
 Palas que socorria aos seos Gregos, No espaço de
 tempo que o Deos Marte Estas ordens fiel
 executava
 Tirou Apoio do interior do Templo Ao cappitão [155v.]
 troyano e fornecendo-o D'um marcial exforço de
 repente Na testa do exercito aparece;
 Os seos soldados s'alvorção logo Apenas o
 reconhecem são e salvo E de novo o vallor se lhes
 restaura. Mas nada que falar lhe então querião, A
 furia do combate q'existia Reacendido por Apoio
 e Marte E'pola implacável e cruel Discórdia
 Somente a peleijar tudo obrigava.
 Ulisses, Diomedes e os dois Ajazes Os Gregos
 exortavão a peleija.
 Chêas as troppas d'um valor guerreiro Dos
 Troyanos desprezão suas forças, (D)E igualmente
 as altas vozarias Firmes esperão o primeiro
 assalto, As nuvens semelhantes, q' congrega O
 filho de Saturno nas montanhas Que ferem co'a

cabeça o alto Polo E os tufoens do Boreas [156]
 furibundo E todos os mais ventos espantozos
 Bem como adormentados permanecem Porq' se
 saltasem n'um instante C'os estridentes sopros
 resgarião As mais opacas e escuras nuvens;
 Assim os Gregos firmes esperavão O choque dos
 Troyanos indomados⁴² E Atrideo correndo
 velosamente
 Por toda a armada a espalhar as ordens Os
 soldados anima desta guiza:
 «Amigos, peleijar deveis como homens⁴³ E
 armar-vos d'um peito destemido Seja o respeito
 que entre vos guardaes Quem vos instigue a
 peleijar vallentes, Nua armada de guerreiros
 peitos São mais os que se salvão q'os q' morrem.
 Ja mais os fracos cobrar podem gloria. Porque a
 sua fraqueza lhes usurpa Não so algum exforço [156v.]
 que lhe resta Como os reduz a prezas do
 inimigo». Assim dizendo vibrou a aguda lança E
 o forte Deycoonte logo fere,

Deicoonte que filho hera de Pergado E caro [157]
 companheiro de Eneas, A quem Troyanos
 todos igualmente De Priamo os filhos
 estimavão Por legitimo filho de Deos
 Marte.⁴⁴ EI Rey Agamenon lhe crava a
 lança No seu pezado escudo o largo ferro
 Passando a parte a parte o atraveça, Cahe
 Deicoonte sobre o campo morto,

Acompanhado d'um cruel estrondo
 Originado das ingentes armas;
 Eneas neste tempo tão bem mata
 Dois vallentes soldados dos Achivos
 Chresotona e Orsilocho, ambos filhos Do
 rico Diomedes que habitava⁴⁵ De Phera na
 cidade exclarecida Sendo que a sua origem
 verdadeira De cristalino Alfeo se derivava

[157v.
]

O qual rega dos Pylos o terreno depois quem
 E gerou ao forte Orsilocho⁴⁶ qual hum grande
 O povo governava Orsilocho gerou o grão
 E Diocho. estes dois varoens a luz sahirão
 E
 Insignes e famosos capitães Os quaes inda
 na flor da tenra idade Embarcados nos seos
 ligeiros vasos A derrota seguirão dos
 Troyanos, Dezejosos de vingar a afronta
 D'Agamenon e Menelao guerreiros, Porem
 a Parca Ih'estorvou o intento, Como dois
 bravos e cruéis leoêns Por sua may
 nutridos la nos cumes

D'ua montanha agreste e assas ramosa [158]
 Chegando a huma idade assaz adulta Aprezão
 bois e ovelhas, devastando Dos miseros
 pastores os curraes, Mas sendo então por elles
 apanhados Os matão logo com agudo dardo;
 Assim estes guerreiros exforçados As mãos
 d'Eneas cahem semelhantes A duas altas fayas,
 do vento Derrubadas cahirão la do monte.
 Menelao cahir vendo estes dois chefes Cheio
 d'acerba magoa partio logo De fortissimas
 armas arriado, E empunhando a lansã
 s'apresenta Diante do fortissimo Eneas, porq'
 Marte Hum peito lhe aprestava dedicado Mas
 Antilocho vendo o grão perigo⁴⁷ Em que o grão
 Menelao se despenhava Logo logo em seu
 socorro vòa Já Menelao enrosta ao pio Eneas
 Medindo-o da cabeça athe as plantas Com vista [158v.]
 ameaçadora e carrancuda, Neste lanse fatal
 emfim s'achavão Quando Antilocho chega a
 Menelao, . Nada porem gelar faz a Eneas Mas
 elles cuidão de tirar do campo Creton e
 Orsilocho ja defuntos, Aos aliados gregos
 entregando-os, E depois provas darão de
 reforçados. Neste tempo tão bem da vida
 privão A Pelimenes forte, semelhante Ao
 formidável Deos da crua guerra,

O qual tinha a seu cargo a governança Dos Paphlagonos as guerreiras troppas.⁴⁸ Antilocho tão bem a Antomnio fere⁴⁹ E ao forte Midon, grão conductor Do carro de Pylimenes o qual sempre Ao lado seu estando a pé firme Sem medo peleijava; finalmente Precepitado cahe Mydon do carro O ultimo suspiro arrancando, Asoterrado ficando em solta aréa Bem athe as espadoas, porem logo D'Antilocho os cavalos valorozos ⁵⁰ Desta postura horrível o tirarão.

O exforçado Heytor vendo estes dous Grandes guerreiros, Menelao e Antilocho No calor da peleja misturados, Audas vociferando os acomete Apos elle marchavão as phalanges Dos fortes e vallerozos Troyanos Levando então na testa por seu chefe O mesmo fero Deos da impia guerra, E a respeitável e cruel Belona Esta por toda a parte vay semeando O enorme tumulto da peleija; E aquele brandia húa gram lança Qu'a todo o mundo grão terror causava. Adiante d'Heytor seos passos move E elle o vay seguindo com espanto Apenas ante sy o vio Diomedes De medo se cobrio bem como hú homem Que subindo húa ves do pátrio ninho Ao traves de vastos e imenços campos Debaixo de seos pes vio hum grão rio O qual rolando suas fortes ondas De branca espuma cheas vay levando O tributo das agoas ao Oceano, De cuja vista atonito, e pasmado Os passos retrocede; assim desta arte O filho de Tydeo moveo os passos Do centro da batalha para os seus Falando-lhe assim por este modo:

«Não he sem grão motivo, ó companheiros, Qu'o

[159]

[159v.]

braço respeitemos deste heroe, Algum dos Immortaes tem a seu lado Qu'os golpes lhe derige e o deffende; Neste momento existe acompanhado Do implacável Deos da crua guerra Debaxo estando de mortal figura. Por esta causa d'tacar deziste Oje aos Troyanos, ao inimigo⁵¹ Deixa de fazer face e aos immortaes Dedicar grão respeito e não tenhas O desmedido arrojo d'ataca-los».

Acabou de falar quando os Troyanos Sobre elle se lançarão e Heytor no centro Da rigida batalha confundidos Com sua forte espada vencedora Menates e Anchiale derriba Do sumptuoso e levantado carro, Dois fortes cappitaêns industriados Nos árduos exercícos de Mavorte De Telemon o filho exclarecido De tão crua desgrasa assas tocado S'avança em seu despique sem demora

[160]

[160v]

E chegando dos inimigos a prezença O dardo seu [161]
 arroja, o qual correndo A Amphio penetra, illustre
 filho Do inclito Selage, que habitava Na cidade de
 Parso, aonde tinha Infinitas herdades, mas os
 Deozes⁵² Para Troya o fizerão por em marcha Na
 testa dos Troyanos q' regia De Priamo cumprindo as
 reaes ordens. Cae Amphio desgraçado, e a sua queda
 Fas retumbar em torno o campo todo. No mesmo
 tempo ouzado corre ⁵³ A fim de o despojar das fortes
 armas. Os Troyanos porem fazem sobre elle Densa
 chuva de tiros descer logo, Da qual o seu broquel
 cravado fica. Ainda não obstante elle se lansa Sobre
 o cadaver de Amphio valorozo, No estomago firma
 hum pé, e irado Lhe arranca a forte lança, não
 podendo Despoja-lo das armas que trazia Neste lance
 fatal mais s'infurece Servindo de certo alvo ao
 inimigo. Vendo porem contra elle a sorte avara De [161v.]
 ajustada prudência se valeo. Emquanto assim
 Mavorte s'infurece O lugubre destino a incitar parte
 O filho do grande Hercules vallente, O forte
 Tlepolemo, destinando-o Contra Sarpedon forte e
 rezoluto. Quando ja estes grandes heroes, Hum filho
 e outro neto do grão Jove,
 Terríveis s'encontrarão, Tlepolemo Primeiro assim
 lhe falia: «Ó Sarpedon Que comandas os Lycios por
 que cauza Tua fraqueza ostentar dezejas ?
 E que não fostes nado para a guerra ? Os que te
 chamão filho do grão Jove A ty te lizongea*o e a nos
 enganão; Deves, pois, saber hoje existir huma
 Infinita diffrença a esses grandes E illustres
 personagens q' descendem Do soberano Jove. Desse
 num'ro Certamente meu Pay foy derivado,

Infatigável nos cruéis trabalhos, E invencível nesses [162]
 grãos combates, D'um sublime valor e asignalado, O
 qual aqui ja veyo noutro tempo Por cauza dos
 cavallos de Laomedon E vinha por sinal com seis
 navios, Poucas e fracas troppas, mas com tudo
 D'arrazar não deixou a ingente Troya E de tornar a
 hum campo as suas praças. Tu porem não hes mais
 do q'hum cobarde Proximo a perder as tuas troppas
 Por certo que contemplo bem inútil De Lycia pera
 Troya tua vinda, Porem quero que fosses hum
 prodigio⁵⁴ De rebustes e esforço; nada disto Te valera
 a fim que te não mande Para o sombrio reyno do
 Caronte.
 «Verdade he Tlepolemo q' o grande Hercules
 (Sarpedon lhe responde) destruirá A soberba cidade
 de Dardania

[162v.]

Por falta e imprudência de Laomedonte [163]
 Os fortes corredores regeitando⁵⁵ Que então lhe prometera pelos
 quaes Este Heroe tinha vindo de bem longe Porem enquanto a ti
 eu t'asseguro Que alheia sorte tenhas de teus Pais, Perecerás na
 ponta desta lansa De que espero cobrar ingente gloria E ir mais
 huma sombra ao reyno escuro, Assim dizendo furiozo enrrista A
 desmedida lança, ja se encontrão No bipotente ar ambas as lanças
 No ceyo do imigo de Sarpedon E o deixa passado parte a parte.
 A morte então lhe cerra os tristes olhos
 E huma escura noite lhos eclipsa Tlepolemo tão bem ouzado fere
 [163v.]

O forte Sarpedon, e o grão Jove' Das mãos da crua morte ao
 filho livra. Os fortes companheiros de Sarpedon Do centro da
 batalha o retirarão A lança que infilis vai arrastando Mil
 implacáveis dores lhe motivão De todos q'o acompanhão na
 deffeza Não existe hum somente que lh'a tire A fim qu'então
 subisse a seu carro, Tanto na vida sua se empenharão Os Gregos
 então d'outra parte o imigo tirão.⁵⁶ Com esta vista o destemido
 Ulisses Mover sentio o coração no peito Consigo delibera se
 furiozo Atras haja partir do caro filho

Do soberano Jove ou se mais util Sera fazer huma [164]
 horrenda carnagem Nos furiozos Lycios: O
 destino Do fraudulento Ulisses não consente Qu o
 filho do grão Jove dos seos golpes Fosse victima
 triste e miseranda, Porque Minerva q'as suas
 armas⁵⁷ E todo o seu valor se derigise Dos Lycios
 contra os fortes batalhoêns, No meio dos quaes
 mata ao grão Corano, Alastro, Chromio, Alcandro,
 Alio e Noemon, E finalmente Prython exforçado E
 talves ao seu furor sacrificase D'heroes ingente
 copia e excessiva S'o grande Heytor não fosse
 apercebido Do horrível destroço que fazia Nas
 ultimas fileiras apoz indo Co'as brilhantes armas
 s'avanzava Com fera e espantoza valentia
 Espalhando o terror por toda a parte. De Jupiter o
 filho, o grão Sarpedon Apenas o avistou de prazer
 cheio Coberto de temor assim lhe falia: [164v.]

«Illustre filho do egregio Priamo Não consintas
 que venha eu a ser preza Dos bellicosos Gregos,
 os meos dias Faze qu'eu os acabe na cidade.
 Isto assaz me contenta ja que a sorte Não quer
 qu'eu veja ainda venturozo, No pátrio ninho meu,
 mulher e filhos».

Acabou de fallar, porem Heytor Nada lhe
 respondeu, antes ardendo

Em forte impaciência porque via [165]
 Os Gregos existirem em repôzo, Com a terrível lança o atravessa.
 De Sarpedon os ternos companheiros O colocão debaixo d'um
 carvalho A Jove consagrado, e o forte Blagon, Seu intimo amigo,
 a larga lança Da ferida lhe tira, e o grão Sarpedon D'úa terrível
 dor jaz penetrado; De trevas os seus olhos se lhe cobrem Porem o
 falto alento então lhe cobra Por beneficio do amavel Boreas.
 Heytor nesta cizão e o forte Marte Os Gregos ferem tão
 terrivelmente Que mal o cruel choque ali suportão, Fogem sem
 ordenança pera as naus⁵⁸ Com a vista de Marte na vanguarda

[165v.]

Porem na retirada vão ferindo.

Por que exforçado heroe o Deos da guerra E Priamo entrarião
 qual foy delles⁵⁹ O que soffeo primeiro os seus fataes golpes ? O
 divino Teuthras, o grande Orestes, O generozo Trecho la da
 Ethiopia,⁶⁰ Oenomeo, Heleno, illustre filho De Enops, Oresbio
 que trazia Hum forte capacete bem armado E que habitava na
 cidade d'Hyle Na inclita Beócia sobre o lago Caphisso, grão pais
 e abundante Cultivando contente os pátrios campos; Todos estes
 heroes aqui findarão Seus preciosos dias; porem Juno

Apenas percebeo tão fortes estragos Contra [166]
 Minerva velosamente parte E assim lhe dirige
 este discurso:

«Implacável filha do potente Jove Q' scena
 he esta qu'ante os olhos temos ? A promessa
 devida a Menelao De saquear de Troya o vasto
 império E de voltar ditozo para a Grécia
 Frustrada ficará e sem effeito? Tudo tudo por
 certo assim veremos, Se deixarmos que Marte
 impunemente A morte empregue nas phalanges
 gregas. Acordemos pois ja deste lethargo E
 limite ponhamos aos seus golpes».

Acabou de fallar, e logo Palas Sumissa se
 rendeo as suas ordens. A venerável filha de
 Saturno Arrear parte logo o seu cavallo Cujas
 enterlaçadas ricas crinas Com áureos aneis
 existem prezas. Hebe por ajuda-la ao carro os [166v.]
 ata Ao fervorozo carro cujos eixos De
 riquíssimo ferro são traçados; As rodas são de
 cobre as quaes expellem No fervorozo giro
 ardentes rayos, As pinas são d'um ouro puro e
 fino E de excellente vista aos mortaes olhos;
 Torneados os cabos em redondo E de maciça
 prata fabricados A trazeira talhada em meio
 giro,⁶¹ Por diante findando em meia volta
 Suspenço emfim no ar com sublime arte

Em correas de prata e de ouro puro [167]
 A lança emfim de prata, em cujo fim A Deoza atou hum jugo de
 fino oiro Onde vão atar firmes correas. Preparado qu'esteve o
 ingente carro, Juno que não respira senão guerra, Mortandade
 somente, empunha as redeas E poem em movimento os
 corredores. De Jupiter a filha n'este tempo Das bellicozas armas
 a mão lança, Dezata o subtil véo, aquele véo Que polas próprias
 maons ella tecera De rara construção e d'licadeza, E do seu
 querido Pai veste a couraça, E ligeira s'apresta para a guerra
 (Fonte de pranto e magoadas queixas)
 As espadoas oculta co'a Egida, [167v.]
 Co'a Egida terrível d'onde pendem Áureas borlas de lavor
 sublime, Em torno do qual girão furiozos O Furor, os Combates,
 as Fugidas, A Carnagem por fim e a fea Morte. No centro tem o
 rosto de Meduza Esta cabeça enorme e formidável, Aonde mal a
 vista s'apascenta, Espantozo prodigio dos viventes E dos
 sobranos Deozes d'Olimpo. Sobre a cabeça poêm hum capacete
 De finíssimo oiro e ombreado De grandiozos penachos, bem
 capazes A cobrir mil ingentes batalhoêns D'úa real armada que
 com reynos

Tivessem posto em concertada marcha. Ao carro [168]
 finalmente emfim se sobe Em companha de
 Juno, ao grande carro Que mil reflexos do seu
 lado expelle, E toma emfim huma lança
 formidável Assaz experimentada nos combates
 Da qual se serve, quando algumas vezes
 Ingentes esquadroens de feros povos Sua sanha
 cruel desafiarão.
 Os fortes corredores Juno anima, E as redeas lhe
 solta inteiramente. As portas do Céu s'abrem por
 sy mesmas Com horrível estrondo e estampido,
 De q'as doiradas horas tem cuidado, As quaes
 desde o comesso das Idades Velando sempre
 estão no alto Olimpo No cume do palacio do
 Tunante, De a fechar e d'abrir tendo a seu cargo
 Estas portas de duração eterna Tirão e amontoão
 grande copia De carregadas nuvens q' lhe [168v.]
 servem De segura barreira; os corredores Por
 ellas velosamente logo partem E no mesmo
 instante chegão donde Jove O seu lugar ocupa
 magestozo, O qual achão dos Deozes separado
 Sobre o mais alto cume do Olimpo. Então Juno
 parando os corredores Deste modo lhe fala:
 «Grande Jove Não t'irrita de ver a mortandade
 Qu'o furiozo Marte hoje tem feito No numero
 infindo dos Achivos,

Que tendo ao teu furor sacrificado [169J
 Sem que razão alguma o acompanhe Penetrada de magoa a teos
 pes chego De Venus e Latona escarnecida
 As quaes gostão que Marte a vida rôbe Aos belicosos Gregos,
 grande Nume Poderei atrahir a tua raiva Se contra este
 implacável furioza A lança investir obrigando o insano A deixar
 d'úa vez o mareio campo ? O discurso Ih'atalha o sumo Jove:
 «Depreça ó Deoza parte e a Minerva Costumada a vencer
 deixa o cuidado De ferir esse pérfido e prejuro». Acabou de
 fallar e derrepente Juno infatigável, os cavallos
 Fustiga furioza e concitada⁶² [169v.J
 Quanto d'immenso espaço hum homem pode Sentado em alta
 rocha ver ao longe, Se polo negro mar estende os olhos;
 Tanto d'úa so ves sal tão voando Dos Deozes os intrépidos
 cavallos. Apenas chegão a soberba Troya Onde o grão Simões e
 o Escamandro Misturão suas rapidas correntes, Juno para o seu
 carro e desenfrea Os fuzozos cavallos e os cobre D'ua espeça e
 escura nuvem. O rio neste tempo as margens cobre D'úa divina
 ambrozia, desejozo Do pasto Ih'offertar; as duas Deozas Sem
 tocarem na terra vão voando

Bem a maneira de sublimes pombas E dos Gregos [170]
 s'avancão em socorro. Tocando a estancia ja onde
 o combate Mais e mais s'enfurece, húa grão parte
 Dos mais fortes guerreiros da armada, Em torno
 achão de Diomedes forte, Aos mais fortes leðens
 asemilhados, Que não respirão mais do que
 carnagem, Ou tão bem aos fortes javalis, Cujá
 força e furor deixão prostrados Os mais dextros e
 fortes cassadores. Aly Juno parou e revestida Na
 forma de Estenor, cuja vos era Mais clara inda
 que o bronze, Fazendo-se entender no mais
 remoto Bem como s'homens sincoenta fossem
 Robustos e esforçados, assim falia:
 «Que vergonha e vileza he esta ó Gregos,
 Aparentes guerreiros, não soldados, Apenas de
 Peleo o forte filho
 Aparecia no centro das batalhas Ja mais os [170v.]
 Troyanos intentavão Sahir de suas tendas
 temerozos Da sua vista so se receavão.
 Hoje pelo contrario ja pelejão Do proprio ninho
 auzentes nos navios».

Com estas novas e efficazes vozes A Deoza
 reanima a toda a armada. Minerva então se poem
 ao forte lado Do filho de Tydeo qu'então estava
 Perto do carro seu e seos cavallos. Vivendo deste
 modo retirado

Por razão de sofrer a cruel sanha [171]
E por curar a chaga que então tinha De Pandaro guerreiro
recebido.

Sobre a lança do carro a Deoza posta Deste geito lhe diz: «Na
verdade Que tem Tydeo hum filho bem pequeno E bem do caro
pay de semelhante;⁶³ Tydeo sim hera de estatura baixa, Porem
hera guerreiro e exforçado. Eu sei qu' n'outro tempo, quando os
Gregos Por legado o mandarão pera Thebas (De gentes
abundantes) que mil vezes O deffendi de se bater com elles E de
não os agravar como queria, Mandando-lhe qu'a Muza possesse⁶⁴
E negocios desses se aly tractasse, Mas nada as minhas ordens
lhe conteve [171
v.]

Seu implacável e cruel genio;

De Cadmo os descendentes orgulhosos Esteado do meu robusto
braço Ouzado e aventureiro desafia. Menos não farei hoje a teu
respeito. Aqui me tens armada ao teu lado, Eu te protejo ja e te
deffendo Mas nada disto vejo em preço teres Pois s'acazo
t'ordeno que peleijes Contra os fortes Troyanos sempre te acho
Atacado de medo e de fraqueza, E por este motivo t'aseguro Do
inclito Tydeo não seres filho».⁶⁵

O forte Diomedes a interrompe: «Do Deos Tonante reconheço
a filha,⁶⁶

Este he o motivo por que agora Sem disfarce me [172]
falias; não he medo⁶⁷ O motivo que os passos
meos embargão; Das ordens inda existe
recordado Que m'intimaste, ó Deoza, não
ouzasse Ja mais a combater aos Immortaes Com
tanto que não visse a bella Venus Baralhada no
centro das batalhas. A esta he que me deste
permissão D'atacar e ferir co'a minha lança. E
esta he só a cauza que me embarga Os valorozos
passos à peleja.

Porquanto vendo estou ao Deos Mavorte Na
testa dos contrários inimigos».

A inclita Minerva lhe responde: «Meu caro
Diomedes não t'assustes Do inclito valor do
Deos Mavorte Nem d'outro algum dos fortes
immortaes, Aqui aqui me tens em teu socorro,
Parte ligeiro pois os corredores Fustiga sem [172v.]
pavor e peito a peito A esta peste publica das
gentes Esta cruel origem de mil mortes⁶⁸ Com
ouzado valor fere e decipa Ja que prejuuro foy a
sua promessa Qu'a mim e a Juno fez de não
s'achar Em campo combatendo c'os Troyanos
Mas sim de socorrer os fortes Gregos».

Assim dizendo do seu carro desce Estenelo
tão bem em terra salta, A Deoza em cujo peito
so respira Implacável vingança e cruel odio.

Ligeira no carro sobe e aly s'assenta [173]
 A par de Diomedes; geme o eixo C'o desmarcado pezo pois
 sustenta Não so huma Deoza implacável
 Porem a hum dos mais fortes guerreiros.
 As redeas ella toma e de repente, Contra Marte dirige os
 corredores A tempo que sem vida a Periphante Caro filho de
 Ochesio e o mais vallente Dos Etholos famosos aly deixa
 Minerva então, por s'ocultar aos olhos Deste implacável Deos, o
 capacete Do horrível Plutão firma na testa Apenas Marte vio que
 Diomedes⁶⁹ Periphes deixa morto e s'encaminha Sem que medo
 tivesse a enrosta-lo, De lança um fero bote lhe despede [173v.J
 Porem foy sem effeito porque Palas Co'a propria mão a separou
 do alvo.
 Diomedes lhe responde d'igual sorte E o fere no peito com a
 lança.⁷⁰ O Deos se ve ferido e arrancando Co'a propria mão a
 lança da ferida Tão espantozo grito aly despede Qu'a vozaria
 imita d'uma armada⁷¹ Quando corre a atacar o inimigo. Os
 Gregos e Troyanos espantados Com este horrendo e formidável
 grito (Tão desmedido foy e espantozo) Bem como quando os
 ventos do meyo dia Que do caminho o ardor incitão Huma escura
 nuvem ao Ceo levantão,

Assim se Ih'asemelha a Diomedes O espantozo [174]
 Deos da crua guerra Voltando para o Olympo
 luminoso Num turbilhão envolto de pueira Em
 hum instante chega ao alto Olympo Dos Deozes
 immortaes certa morada E c'o peito de magoa
 transbordando O pe do sumo Jove toma
 assento,⁷² Aly lhe mostra o copiozo sangue Que
 d'aberta ferida lhe corria Esparzindo lugubres
 suspiros Deste modo lhe falia enternecido:
 «Poderás grande Jove ver acazo Sem justa
 indignação tanta maldade? De tantos Deozes
 quantos existimos Neste brilhante Olympo mil
 oprobios Toda a hora sofremos uns aos outros
 Por cauza tudo dos cruéis humanos; Tu es
 porem agora a fea origem, Deste mal que
 pranteo descontente Por teres enviado a umilde
 terra Hua tão louca filha e tão nociva Todos os [174v.]
 Deozes deste vasto Olympo Por sublime
 Senhor te reconhecem E todos vassalagem te
 consagrão E so com ella então he q' te poupas
 Por tua filha ser? Esta he a cauza⁷³ Porq' dina
 se faz do teu amor Mas elle tem de tudo ja
 abuzado, Ella ouzada inspira a Diomedes O
 sacrílego arrojado d'atacar Os Deozes immortaes,
 e comessando

Por Venus elle foy quem a ferio [175]
 Na nivea mão e semelhante
 A hum formidável Deos tao bem me fere Mas minha ligeireza
 então me valle, Aliaz pode ser qu'aly jasesse Penetrado de mil
 acerbas dores Entre o triste montão d'infidos mortos, Ou que
 apezar de ser hum Deos de guerra Abatidas veria as minhas
 forças Pelos contínuos botes das lançadas». Então Jupiter pondo
 nelle os olhos Com semblante pezado e carrancudo Deste modo
 lhe dis: «Pérfido Nume, Não t'aconteça mais ante meu throno
 Queixar-te d'um modo tão extranho Do sublime vallor d'um Deos
 da guerra.

De tantos quantos Deozes este Olimpo [175 v.]
 Em seu imenço bojo cerra e guarda Tu m'hes o mais odioso
 delles todos, Pois nada te desvelão nem t'agradão Senão a vil
 discórdia e crua guerra Os horridos combates e carnagem;
 E o teres herdado da may Juno Hum espirito forte e implacável,
 A qual s'as minhas leys não enfriasem Nada existira ja, assim no
 interno Como tão bem no externo do Olympo, Qu'ella não
 revolvesse e perturbasse E por este motivo hoje pranteas O fructo
 dos exemplos que tens⁷⁴ Porem não obstante estes motivos
 Lemite quero por as tuas dores.

Ja qu'es meu caro filho, pois por certo Qu'a [176]
 seres d'outro Nume derivado À muito
 qu'existias escondido Nas escuras montanhas
 do Abysmo Onde ainda jazem os Tytanos».

Acabou de fallar, e Peon manda Que a chaga
 então lhe cure; ele obedece Hum exquizado
 balsamo poem logo Que derrepente o sara,
 porque hum Deos Nada tem de caduco e de
 terreno; Como no branco leite s'observa Todas
 as vezes qu'huma mão ligeira O amargozo suco
 lhe mistura, Motivo de o coalhar, elle logo Do
 vazo toma a forma em qu'existe Assim com
 brevidade Peon cura O formidável Deos da crua
 guerra. A elle então de lhe dar teve o cuidado⁷⁵
 Hum proveitozo banho e de vestillo Com ricos
 ornamentos, deste modo Tomando a antiga
 gloria e magestade, Acento foi tomar a par de [176v.]
 Jove Minerva e Juno, tendo reprimido O impio
 furor do fero Marte, Ao palacio de Jove
 s'encaminhão.

CANTO 6 ° [177]

ARGUMENTO

Apartados dos Deozes dos bellicos combates, os Gregos e Troyanos se batem denodadamente. Hida de Heytor a Troya por ordem do Hilano a consultar Hecuba, a fim de hir ao templo de Minerva, acompanhada das principais donzelas troyanas, prometendo para este fim hum sacrificio de cem toyros, se ella apartasse Diomedes da batalha. Cambio das feras armas entre Glauco e Diomedes; [177 v.] Falia de Heytor com Hecuba. Encontro deste mesmo heroe com Paris no quarto de Helena. Entrada destes dois guerreiros no campo mareio.

CANTO 6 ° [178]

Os Troyanos e Gregos então ficão Dos Deozes sem socorro, mas com tudo De proseguir não deixa o fero choque Entre as amenas margens do Simões E do Xanto soberbo e caudalozo. Os exercitos dois ja se baralhão Com horrível e crua vallentia Ajas de Telemon illustre filho, Dos Gregos o mais forte, ante sy leva Huma phalange de cruéis Troyanos E a força movendo dos alliados Por sua propria mão derruba Achamas D'Euforo illustre filho e exforçado ¹ Como dos Traces inclito guerreiro. Hum golpe então lhe deu tão espantozo No forte capacete qu'o traspassa Deixando os olhos seos acobertados Das tristes sombras da escura morte. Diomedes Axylo aly derruba De Teuthonides filho e abitante² Na inclita cidade de Arisba, Senhor de groços bens e d'hum character Assas benino e terno c'os mais homens, E c'os hospedes ledos e carinhozo, Por ser o seu pais escalla certa Dos lassos jornaleiros, mas comtudo De nada lhe valleo ter dado abrigo Dentro dos lares seus a tanta gente Porque de todos estes hum não teve

[178v.]

Qu'ao campo então sahisse a deffendello [179]
 Diomedes o manda ao reyno escuro E igualmente o seu forte
 escudeiro.

Eurialo tão bem com vallentia A Dresos e a Opheltio denodado O
 solto po do campo morder fazem E contra Aisepeo e Pedaso vay
 logo. Gémeos ambos, os quaes Bacolion, Do grão Laumedonte
 illustre filho, Q' tido tinha d'uma bella ninfa³ A tempo que
 guardava o manço gado Que seu pay lhe deixara nas pastagens
 Da dillatada Phyrigia de Mecistiades⁴ O exforçado filho os deixa
 mortos E das brilhantes armas o despoja. O forte Polytetes tão
 bem matta

Ao vallente Astyalo, o Ulisses [179v.]
 Apidestes despenha no sepulcro

Tauro co'a forte lança a Arataon mata,⁵ Antiloco a Albero, e
 Agamenon Co'a sua propria mão ao forte Eloto Da cidade de
 Pedaso regente Nas margens posta do Satião rio Phylao não
 escapa ao forte Leito, Igualmente Melanthio a Eurialo matta,⁶ E
 Menelao ao furiozo Adrasto Co'a desmarcada lança o atravessa
 Entre os cavallos confundido estando. Quaze quaze soltando o
 doce allento De joelhos rogando assim dizia:

«Illustre filho do famoso Atreo Da vida não me prives, sim
 recebe

Do seu resgate um sumptuozo preço Meu [180]
 caro pay enserra em seu palacio Perciozas
 riquezas, todas estas Benigno hoje t'oferto, se
 quizeres ⁷ Outorgar-me piedozo a cara vida».

Acabou de fallar, e Menelao Movido dos
 seos rogos lhe concede Hum dos seos
 escudeiros qu'o conduza Depreça pera bordo
 dos baixeis Porem Agamenon sahindo ao
 encontro Transbordando-lhe o peito de rancor
 Deste modo gritava: «Menelao Que projetos
 são estes que meditas ? Que compaxão he
 esta intempestiva? Assim vingas as hórridas
 afrontas Ao teu respeito feitas ? Não pôpemos
 Em cazo algum os pérfidos imigos Não
 escape ao furor dos nossos braços Nem ainda
 os minimos inocentes Das carinhosas mãys
 ao peito unidos. Tudo pereça co'a soberba [180v.]
 Troya, Ficando os corpos seus sem sepultura
 Sem poderem gozar das finaes honras». Esta
 reprehensão dura e cevera O animo mudou de
 Menelao O qual furiozo parte e com a mão
 Ao misero Adrasto assegurando, Agamenon
 lhe crava a crua lança. Cahe o misero heroe, e
 Agamenon No vasto ventre pondo a dura
 planta Da frida arranca a ensopada lança.
 Nestor então alçando a vos aos ares

Deste modo dizia aos fortes Gregos: [181]
 Sublimados heroes da grande Grécia Protegidos do Deos da crua
 guerra Nenhum de vos em ajuntar retarde⁸ Os sublimes despojos
 nos navios
 E não penseis que vensestes senão quando Vires que vos concede
 alta Victoria⁹ O lugar do despojo dos que morrem». Estas vozes
 os Gregos reanimarão, Estando os Troyanos já dispostos A tomar
 o descanço nas muralhas E deixar a victoria aos inimigos, Mas o
 grão Menelao, filho de Priamo ¹⁰Dos agoueiros todos o mais
 sabio D'Eneas e d'Heytor chegando ao lado Deste modo lhe diz:
 «Pois he de vos
 Qu'as aventuras deste dia pendem [181 vj
 E em quem os Troyanos e os Lycios As suas esperanças firmão
 ledos, Pois vos tem por vallentes cappitaens Intrépidos portai-vos
 e retende Diante dos portais os fugitivos Antes que vão cair nos
 ternos braços Das amaveis espozas, e a ser venhão O desprezo e
 irrizão dos inimigos Depois que reanimardes as phalanges A fim
 d'enrarem no cruel combate Nosso dever então prontos faremos
 E por mais abatidos que existamos Sempre fortes seremos nas
 posturas, Pois he a precisão meyo bem forte Nos arriscados
 lances da fortuna,

Emquanto pois ao impeto sustemos Dos feros [182]
 inimigos, tu Heytor Velos parte a cidade e a
 Raynha Cuida de lhe dizer que ajuntar cuide As
 mais nobres e Ínclitas Troyanas E com tapeçarias
 sumptuozas¹¹ Pera o templo de Palias
 s'encaminha, Na testa posta deste esquadrão bello,
 E que aly submetida aos pez da Deoza Estas
 riquezas ponha e que lhe faça Hum voto de lhe
 por nos seos altares Doze grandes novilhos que
 do jugo Nunca forão tocados, s'inda acazo Esta
 Deoza quizer ser compaciva Com a cidade de
 Troya e co'as donzellas ¹²Troyanas e seos filhos,
 apartando Destas muralhas de Tideo o filho Este
 cruel e horrido guerreiro Que nas batalhas o terror
 semea E somente baralha os esquadrõens Por
 certo o mais terrível dos Achivos, Não foy por
 certo mais cruel Achylles, Por certo tão terrível e [182v.]
 nocivo E mais dino filho hera dúa Deoza».
 Acabou de fallar porem Heytor Cuida de executar
 do irmão as ordens. Ligeiro salta do sublime carro
 Brandindo na dextra as duas lanças Todas as
 tropas furiozo corre, O exforço acendendo aos
 contendores; Os Troyanos então e os al liados
 Vergonhosos da fuga c'os Gregos

Fazer rosto cuidarão; acometem [183]
 Com tão sublime e denodado exorço Qu'os firmes postos
 desertar lh'obrigão Notando-se esta supita mudança, Comessarão
 a crer qu'algum dos Deozes Em socorro descera do alto Olympo
 Dos miseros Troyanos, e por isso Heytor alevantando a vos aos
 ares As suas troppas deste modo falia:

«Magnânicos Troyanos e aliados
 Que marchaes de tão longe a socorrer-nos Dai-nos do vallor
 vosso novas provas, O combate enfreai enquanto eu parto Pera
 Troya ordenar aos vossos velhos As inclitas donzellas que
 enviem Aos Deozes immortaes ferventes vottos, Sublimes e
 honrosas hecatombas». [183v.]

Assim dizendo o forte escudo lansa
 Aos robustos hombros que o cobre. Em ambos os exercitos
 rompentes ¹³ Hyppoloco e Glauco s'ajuntarão E igualmente do
 Tydeo o filho Ardendo d'impaciencia em mareio fogo. Mas
 apenas chegarão frente a frente Diomedes a Glauco assim dizia:

«Acazo seras tu o mais vallente
 De todos os mortaes porque inda hoje Avistar-te não pude neste
 choque? O teu vallor ja notto pois t'atreves A todos excedendo
 em vallentia A cometer comigo frente a frente; Porem debes
 saber q' não existem

Ja hoje sobre a Terra os fortes pays Daquelles [184]
 que ousarão combater-me. S'acazo porem hes
 algum dos Deozes Que do sublime Olympo
 descendeu, Eu declaro já que não combato Em
 campo aberto com os fortes Numes. O filho de
 Drias, Ligurio forte Por ter o arrojo d'enrrostar
 aos Deozes Depreça foy punido e castigado
 Confuso e aturdido hum dia inteiro De Nize
 polas Íngremes montanhas De Baco as amas
 perseguio insano A tempo que as orgias
 celebravão. Cheias de medo as pavorozas
 ninfas Os Tyrsos lanção sobre a dura terra E
 Baco amedrontado se despenha No espaçozo
 campo de Neptuno, A bella Tetis no seu ceio o
 acolhe E o frio medo lhe tirou do peito, Tanta
 impreção lhe fes este Rey loco. Este espantozo
 cazo então impelle Qu'os Deozes contra elle se [184v.]
 conjurem. O filho de Saturno o torna cego E
 logo delle apoz a escura morte O fim lhe
 prescreveo a curta vida E quando não tivesse
 algum exemplo Ja mais devera hir contra os
 Imortaes Porem s'acazo hes de mortal raça E
 dos terrenos frutos t'alimentas, Chega chega
 depreça qu'o meu braço Velos te fara hir ao
 reyno escuro. De Huppoloco o filho lhe
 responde:

«Magnanimo filho de Tydeo Por que cauza [185]
 saber queres quem seja? Bem como são as folhas
 dos arbustos Assim na face da escura terra Os
 humanos contemplo desditosos. Aquellas qu'oje
 formão o ornamento Das arvores sombrias amanhã
 Passão a irrisão dos soltos ventos; Assim como a
 floresta qu'oje existe Adornada e coberta de
 verdura Polo favor da linda Primavera Assim são
 dos humanos as idades, Huma geração passa, outra
 renasce, Mas se queres saber a nobre origem Do
 nascimento meu tão conhecido Em toda a vasta
 terra, eu to declaro, Do q' não terei pejo nem
 vergonha No território d'Argos assas fértil
 D'excellentes cavallos jas Ephyro Ou Coryntho
 chamada, aonde agora De todos os mortaes reyna
 o mais sabio E prudente Sysipho, filho de Eolo.
 Este a Glauco gerou, o qual foy pay Do grão [185v.]
 Belorophonte, a quem os Deozes A belleza em
 partilhas concederão E hum vallor guerreiro e por
 isso Distincto o fes do resto dos mortaes. El Rei
 Proto então apoderado D'um horrozo crime
 destinou Destruir-lo de todo desprezando As mais
 tristes e feas consequências. E por este motivo o
 lansou fora
 De seu pátrio pais que desfructava, Porque dos
 altos principes de Argos Elle hera o mais possante
 e o grande Jove Sugeito tinha ja Bolorophonte Ao
 seu sublime império; esta a cauza Do furor de
 Proteo, e sua espoza Tomada então d'amor por
 este heroe Esquecida de sy, o solicita Porem
 Bolorophonte em quem habitão Unicamente
 pensamentos de honra Ja mais consenço deu aos

seos desejos. Ultrajada a Princeza dos repúdios [186]
 Ajunta ingente copia de calumnias E chegando ao
 espozo, assim dizia: «He percizo Senhor, que tu
 acabes Ou q' Belorophonte a vida perca, Pois o
 arrojo teve de offender-me».
 Acabou de fallar, e então Praeto Acreditando
 tudo em chamas arde D'uma cruel e hórrida
 vingança. Este príncipe logo não extingue Pois
 teme da justiça a mão divina Por manchar os
 direitos d'amizade, Porem decimulando a Lycia o
 manda, Dando-lhe pera o Rey qu'era seu sogro
 Perneciozas cartas c'o seu sello, Nas quaes lhe
 patentea a sua offença D'um vil traidor, pedindo-
 lhe vingança. Ja finalmente Belorophonte parte
 Escudado dos Deozes protectores Da candida
 inocência e brabidade. Do Xanto as ferteis [186v.]
 margens ja aferra;

O Rey decimulado aly o recebe [187]
 Com mostras d'amizade, nove dias
 A sublimes banquetes o convida, Sacrificando aos Deozes hum
 novillo Bem como em gratidão da sua viagem, Mas quando a
 bella Aurora aos mortaes trouxe O memurando dia as cartas pede
 Qu' o genro seu lh'escreve, elle depreça Logo que ler as pode a
 este heroe Envia a extinguir a grã Chymera, Monstro horrendo e
 fero, mas divino, A frente he de leão e de dragão a cauda, De
 cabra o corpo e das negras fauces Ingentes turbilhõens de fogo
 exala. Berolophonte então obedecendo Aos signaes qu' os Deozes
 lh'enviarão
 A fim de o conduzir a esta empreza [187v.]
 O horrozo monstro poem por terra.
 Contra os fortes Solymos so combate Confessando depois ter
 jamais entrado Em tão cruel e horrido doello.
 Vencidos os Solymos, emfim parte Contra as fortes e duras
 Amazonas E igualmente delles tem triumpho. Então El Rey de
 Lycia ad'vertindo Do grã Bolorophonte a vallentia, Vendo que
 deste lance se salvava Em emboscada o poem c'os fortes Lycios,
 Porem desventurados todos forão, Porque Bolorophonte a todos
 mata. Certificado o Rey das suas grandes E immortaes proezas, e
 por certo

Que dos Deozes seria derivado, Huma filha lhe da [188]
 em cazamento Com metade dos seos bens por dotte.
 Do Monarcha seguindo o exemplo os Lycios
 Igualmente lhe dão vastas campinas Aonde Baco e
 Ceres habitavão.
 Desta Princesa Bolorophonte teve Isandro,
 Laodamia e Hipolocho. De Laodamia Jove
 enamorado Sarpedon descendeu, porem depois Que
 o grã Belorophonte desgraçado A cólera dos
 Deozes atrahio, Tomado de tristeza alta e profunda
 Por ásperos dezertos so vagava Devorar vendo o
 coração de magoa. Mavorte nunca farto de
 carnagem Hum filho lhe matou em crua guerra
 Contra os Solymos feita, e Diana Qu'os bipotentes
 ares vem rasgando Num argentino carro a
 Laudamia Com suas settas despojou da vida. Destes
 tres filhos seos hoje só restão Hypolocho que ves [188v.]
 estar presente, Elle pois m'enviou pera Dardania E
 me roga na triste despedida, Mais que todas as
 coizas q' não perca Ocazião alguma de peleja
 Ainda c'os heroes mais exforçados, Cuidado tendo
 sempre a toda a hora De não escurecer o illustre
 nome De meus progenitores tão famosos Que Lycia
 e o Epyro tanto honravão;

Esta a nobre e real geanalogia [189]
 Este o famoso e esclarecido tronco De que me vangloreio ter
 nascido».

Acabou de fallar e Diomedes, De o ouvir transportado, a forte
 lança Sobre a terra firmou, e com palavras Aonde a amizade só
 respira Deste modo lhe diz: «Pois estou vendo Que do pay e do
 filho estou liado Polo sacro no da hospedagem, Porquanto o
 grande Oneo la n'outro tempo Belorophonte em seo palacio
 tendo O espaço felis de vinte dias Com grão magnificência o
 tratou sempre, Prendando-se por fim na despedida, Oneo deu ao
 sublime Bolorophonte

De rica purpura hum boldre bordado [189v.j]
 E Bolorophonte deu-lhe húa aurea taça. Eu a deixei no meu rico
 palacio, Voltando pera Troya, e he por elle Que de nossos avos
 eu sube a linha, Porquanto nunca ver pude a meu pay Pois hera
 ainda rapas quando Tydeo Pera Thebas partio, q' tão nociva Foy
 sua fatal perda aos fortes Gregos.

Tinha então por amigos neste tempo A ty na ingente Argos e a
 mim Na generosa Lycia, e por isso Deixemos a peleja, pois não
 faltão Gregos ou aliados sobre os quaes Descarregar eu possa os
 rijos golpes S'acazo me valler o grão Mavorte

Como igualmente a ty não faltarão Gregos a [190]
 quem o po faças morder. Mas antes que daqui
 hoje t'apartes Troquemos mutuamente as
 fortes armas, A fim que os dois exercitos
 conheção Desta nossa amizade o mais interno.

Fim

CANTO 7º

[190v.]

ARGUMENTO

A volta de Heitor torna a animar os Troyanos. Minerva assustada pelos Gregos desce do Olympo. Apoio se apresenta diante desta Deoza, entre sy projectão de suspender o combate. Empreendendo Heytor appresentar hum combate singular aos Gregos, nove príncipes aceitão o dezafio. Tirão-se por sorte. Ajaz he o sorteado. A noite separa os dois combatentes. Os Troyanos fazem concelho. Antenor propoêm entregar [191] Helena aos Gregos. Paris recuza este avizo e offrece todas as suas riquezas para satisfazer aos Gregos. Priamo manda ao campo de Agamenon pedir huma tregoa para sepultar os mortos. A tregoa se concede, e os Gregos se aproveitão delia para fortificar o seu campo.

1191

CANTO 7 °

Longe dos muros da soberba Troya Heytor e
 Paris os combates buscão; E assim como o
 Zéfiro mandado Por hum Deos favoravel e
 amigo Vem consolar os fatigados braços Dos
 robustos e fortes marinheiros Que cortão com
 o remo as salsas ondas, Assim aos tristes olhos
 dos Troyanos Estes bravos guerreiros parecião.
 O valor se Ih'aumenta e a esperança, E logo a
 sanguinoza e horrenda Morte

Mostra o terrível e medonho aspecto
 Ao vallente filho de Arethous¹
 Que sobre Arna empunhava o turco sceptro² Paris a cara vida
 Ih'arrebata, E logo Heytor brandindo aguda lança O valorozo
 Heneu lançou por terra E sem parar a furia do combate³ Muitos
 vallentes Gregos perecerão. Palas ve espirando os combatentes E
 do cume do Olympto a terra voa Pizando as frescas margens do
 Escamandro. Dos fortes muros da soberba Troya Tanto qu'Apolo a
 vio denso correndo,⁴ Apolo qu'os Troyanos protegia, E a sombra
 espeça d'uma branca faya Nestes termos lhe dis seos sentimentos:
 «Cara filha de Jove que motivo [192v.]
 T'obligou a baxar do alto Olympto?
 (Habitação dos Deozes sempiternos) Se a favor dos Gregos
 empenhada Vens consumir acazo as desventuras Dos mizeros
 Troyanos desditozos ? D'escutar-me te digna, e neste dia Os dois
 campos suspendão a peleja. Amanhã novamente outros combates
 Sobre elles baxarão athe qu'a morte Acabe de extinguir a triste
 raça Desta gente infilis que favoreço; Assim a cruel Juno e tu
 severa Inteiramente ficarão vingadas».
 «Sim trabalho consinto, ella responde,⁵ Pois hum igual cuidado
 aqui me trouxe.

Mas como farei eu que a cruel guerra [193]
 Prenda dos braços a terrível furia?»

«Faça o valente Heytor hum dezafo, Apoio replicou, haja hum
 combate Que seja singular entre dois chefes E provoque dos
 Gregos hum guerreiro».

O concelho d'Apolo a Deoza agrada, O
 E altamente dos Deozes inspirado
 Heleno a seu irmão falia em taes termos: «Heytor dino rival dos
 Gregos todos⁶ E dos heroes valentes, meos concelhos Hum pouco
 agora escuta, e aos combatentes No campo aplaca a sanguinoza
 furia; Hum valorozo grego se provoque A fim que te combata
 denodado. Não temas deste assalto algum sucesso Que funesto te
 seja porque os Deozes [193v.]
 A tua heroica vida me segurão.»

Heytor com estas vozes sente o peito Dum extranho valor
 fortificado E ja correndo ao forte do tumulto Pertende que se
 aplaque o campo todo, E levando na mão aguda lança, C'o gesto e
 com a vos os persuade. Com este exemplo Atrides valorozo Faz
 os seos retirar e a furia aplaca. Dum frondozo carvalho sobre os
 ramos Minerva com Apoio em companhia As aves de rapina
 semelhantes Dominando a planície s'assentárão Emquanto vião os
 batalhoens expessos Cujos fulgentes cascos implumados

O Zéfiro movia lentamente. [194]

Assim como no reyno de Neptuno O debil
 sopro do ligeiro vento Faz encrespar as
 socegadas ondas Sem que altere do mar o
 movimento; Do mesmo modo as belicozas
 gentes Os efeitos do odio serenaram.

«Povos, exclama Heytor, povos guerreiros
 Agora m'escutai hum poco attentos Qu'hum
 impulso divino a vos m'anima: Os decretos de
 Jupiter potente Cahirão sobre nos porque os
 tractados Com implacável furia existem rotos.
 Livremos d'huma guerra tão cruenta⁷ Os tristes
 povos que sofrer não podem. S'algum de vos
 s'atreve valerozo Comigo combater e corpo a
 corpo Quer ensopar a cortadora espada Eu no
 campo o espero sem demora S'o peito me passar
 c'o agudo ferro Tomo por testemunha ao grande [194v.]
 Jove Que com os meos despojos saptisfeito E ja de
 Heytor com armas tão famozas Dexe os campos de
 Troya dessolados, E tranquilas as gentes algum
 tempo⁸ E que vendo eficazes os seos vottos O meu
 corpo Ih'entreguem desgraçado A fim que na
 fogueira se consuma;
 Mas s'o favor do soberano Apoio A victoria me
 der como eu espero O meu triunfante braço à cara
 patria O trofeo levava e o sacro templo

Testemunha sera da minha gloria. [195]
 Para as fúnebres honras igualmente O corpo entregarei do meu
 contrario.

Vos lhe podeis fazer hum monumento⁹ Onde lea o piloto
 admirado: Esta foy do guerreiro a sepultura A quem Heytor
 matou, e desta sorte Imortal ficara na longa Historia». Acabou de
 fallar e os Gregos todos A confuzão mostrarão no silencio
 Combatidos de medo e de vergonha. Menelao se levanta, e a
 peleja Desejando outra ves, suspira e geme E c'os irados olhos
 sobre os Gregos Assim exalla o seu furor ardente:

«Homens afeminados cuja herança São os pompozos nomes e
 hua lingoa ¹⁰ [195 v.]

Famoza pelo mundo mas que afronta Sobre nos cahirá se nenhum
 grego S'atreve a combater Heytor vallente? Ide cobardes cheffes
 e incensiveis Esconder-vos no ceyo dos navios Onde vereis
 seguro o vosso medo.

Eu mesmo com vallor sahirei ao campo Qu'os Deozes entre as
 mãos tem a victoria».

Assim fallando toma logo as armas E o bravo Heytor
 buscando ao campo chega.

«Menelao imprudente a tua audacia Á infalível perda te levava
 S'os Reys te não domassem tanto orgulho, Correndo Agamenon
 seos passos prende.

«Meu caro irmão, lhe dis, q'ardor he este ?

Tu corres ao combate emfatuido Polos [196]
 transportes d'um furor sem tino. Generozo sim
 hes, porem hes frágil Para c'o brabo Heytor
 medir as armas, Hese Heytor valorozo a quem
 a Grécia Olha com medo, esse Heytor famozo
 Cujoo vallente braço Achilles teme. Volta pois
 socegado pera os teos, Qu'outro s'offrece ja ao
 dezafio, Porqu'a honra da Patria condecure E
 o coração vallente do Troyano Pode ser qu'hua
 vez a crua morte Abater o fara ou a fugida».

Ja Menelao suspenço destas vozes Conhece o
 seu furor intempestivo E os seos amigos ja do
 susto livres O seu arnez lhe tirão e o seu
 escudo. Nestor então com hum semblante
 irado Ja para elles correndo assim exclama:

«Dia de oprobio, dia de luto e terno Que
 desgosto cruel s'inflamaria Do ardente Peleo [196v.]
 no ardente peito Polo que perguntando-me mil
 vezes Me contava com gosto aquelles nomes
 Dos heroes escolhidos por seu filho, S'elle
 sobesse agora que Reys tantos Esquecidos da
 honra e do seu nome Diante dum Troyano
 estão tremendo E, toda a nossa fama
 lh'aniquilão, Eu creio ai! que o vejo lastimar-
 se E as maons alevantando ao Ceo benigno
 Pediria à morte q' lhe fechasse os olhos

Grande Deos q' me ouves, Jove pod'roso [197]
 Porque ja me roubaste aquella idade Em q'o sangue e a guerra
 respirava Nos campos onde o rio caudalozo Do Jardane regava as
 frescas margens ?

Aos povos de Pilos muitas vezes¹¹ O meu vallor illustra e a
 minha fama Quando Ereutalião como hum Deos forte Levando as
 armas d'Arethus famozo Os generaes insignes dezafia, Ja o medo
 e horror tinhão gellado Todos nossos heroes porem eu mesmo No
 primeiro preludio dos meos annos Quando o meu coração supria
 a idade Em combate de Palias ajudado Esse gigante monstroozo
 e fero

Que em correntes de sangue a vida exalla [197v.]
 Ensopando do campo a seca terra.

Outra ves me tornaes Deozes piedosos¹² Meu primeiro vallor a
 minhas forças Qu'eu hirei aplacar d'Heitor a furia E depreça vera
 o seo orgulho D'hua ves abatido e subjogado Ja que todos os
 Gregos tanto o temem».

Acabou de fallar e promptamente Nove ferozes gregos se
 levantão. Agamenon famozo hera o primeiro, O filho de Tideo,
 os dois Ajazes, O bravo Idomeneo, Toas, Ulisses, Eurypilo
 famozo, illustre filho¹³ D'Evemono vallente e o atrevido Merião
 tão bem vinha e denodado.

Ja todos ao combate hião correndo Quando [198]
 Nestor lhe diz, prudente e sabio: «Esperai,
 esperai; descida a sorte Qual de vos ha-de ser o
 combatente Deste pérfido heroe, deste troyano,
 Qual de vos gloriozo do combate A Grécia
 enamará de eterno loiro». Estes nove guerreiros
 s'aplacarão E seu valor domando a sorte esperão.
 No capacete concavo lansando Os grandes
 nomes dos heroes vallentes. Ja o povo assustado
 a sorte espera.

«Deozes, elle dizia, aos nossos vottos¹⁴
 Concedei-nos que Ajas ou que Diomedes Ou do
 grande Miceno o caro filho¹⁵ Seirão aquelles em
 que a sorte cahia». Parece qu'expiados os cem
 vottos¹⁶ Sobre o vallente Ajas cahira a sorte, O
 qual com rosto plácido e sereno Qu'interior
 alegria demonstrava, [198v.]

«Amigos, elle exclama, heroes da Grécia, A
 Fortuna secunda os meos dezejos.
 Ja vou do grande Heytor ser o contrario; Talves
 que vencedor me veja a sorte. Das minhas
 grandes armas vou vestir-me, E no entanto aos
 Deozes supplicando Vos por mim implorai o seu
 socorro. Não importa vos oição os Troyanos,¹⁷
 Pois debaxo do Ceo eu nada temo Nem nada me
 fara tremer de susto Nem profugo sahir d'algun
 combate Qual o mancebo a quem o medo assalta.

Aos grandes trabalhos bellicosos Logo da tenra
infancia costumado Salamina illustrei com
nobres feitos».

Acabou de fallar e toda a armada A Jove [199]
supplicando umildemente Em altas rogativas lhe
dizia:

«Júpiter soberano, cujos rayos Lansas iroso
sobre o vasto mundo Faze qu'o grande Ajas seja
triumfante E a Grécia coroe d'alta gloria;
Ou se polo Troyano t'interessas A honra se
reparta no combate». Ja neste tempo Ajas
impaciente Do escuro coberto Heytor buscava ¹⁸
E abrazado d'um vallor guerreiro Sobre elle se
lançava ardendo em ira. Assim como de Tracia o
Rey potente ¹⁹ Aos tristes mortaes a morte leva
Na discórdia cruel, na furia horrenda, Tal hoje
Ajas terrível combatente Dos Argivos apoyo e
firme esteyo Na mão brandindo a fulgurante
lança Qual hum fero gigante o campo piza Com
hironico rizo e formidável Como que da victoria
existe certo Derrama sobre os Gregos a esperança
horrorozo espanto nos Troyanos.

Ja o vallente Heytor contra o costume coração
no peito lhe palpita o impávido Ajaz o busca
ouzado.

Do refulgente escudo se cobria
Qual torre a quem deffende hum baloarte,²⁰
E pera Heytor olhando com desprezo
«Prezumido, lhe diz, eu vou mostrar-te Que
bravos combatentes nutre a Grécia; S'Achilles
nos faltou, outros guerreiros Temos de nome
igual e de iguaes forças; Entre nos te deixou
rivaes imenços».

«Comessa, diz Heytor, vem generozo
Combatente medir as nossas armas. Acaba de
insultar-me com oprobios²¹ Dignos d'hum moço
que o temor domina, Qu'eu ja mais virei costas
aos combates. Sei o jogo de Marte e as leys da

[199v.]

guerra E deffender-me do agudo ferro; Sou
ambidextro e o pezado escudo Sei passar
facilmente a hum lado e outro; Voltar sobre o
meu carro e promptamente Subir com ligeireza e
logo em terra Descendo confundir aos inimigos E
velos, surprehendellos e engana-los. Mas para ty
esta arte não percizo, Qu'a peito descoberto vou
ferir-te».

[200]

Acabou de fallar e a forte lança Valorozo
brandindo o escudo passa, O escudo de bronze
chapiado E na ultima folha dando o golpe
Amorteceu a furia que trazia.

Mas a lança de Ajas com tal violência O
escudo e a coiraça Ih'atravessa Que a morte o
seguiria, s'este phrigio Não esquivase o corpo ao
golpe horrendo. Tomão segunda ves as fortes
lanças E s'atacão vallentes e obstinados

[200v.]

Como leoêns rugentes, carniceiros. [201]

Do intrépido Ajaz o grande escudo
 S'expoem d'Heytor aos formidáveis tyros E faz qu'a lança muitas vezes dobre, Ajaz
 com violencia alternativa Os golpes duplicava fortemente.
 E ferindo-o na parte aonde as armas Hua parte não cobrem do seu corpo²² Liquido
 sangue da ferida corre. Por mais qu'o phrigio furiozo seja A cor do rosto perde e
 promptamente De rochedo hum pedaço qu'elle encontra Assaz ligeiro o toma e com
 presteza De Telamon querendo ao caro filho Deixar no campo morto, elle Ih'atira, E
 dando no metal do forte escudo
 Hum formidável som fere os ouvidos [201 v.]
 Ajaz da sua parte ao mesmo tempo Outro pedaço de rochedo enorme Avançando
 ligeiro audas Ih'atira Que do vallente Heytor o escudo quebra E por terra o derruba
 denodado.
 Isto notando Apoio cuidadozo O levantou do chão e promptamente Elles s'atação
 com horrenda furia. Ja no ar as espadas scintilando Vão decidir a gloria do combate.
 No mesmo tempo dois ministros prompts²³
 Dos Deozes que tremião deste assalto Correm em seu socorro e os separão No meyo
 delles pondo os áureos sceptros. E com doces palavras lhe dizia

O velho Ideo qu'experto aconselhava: «Socegai-vos [202]

meos filhos, porque os Deozes Os sobranos Deozes
 ja vos honrão; Ambos vallentes sois e ja famosos;
 Antes deste combate merecíeis De todos os heroes
 grande respeito;
 As sombras cedei pois qu'ella derrama».²⁴ «Ao
 soberbo Heytor, Ajas responde,
 Vay Ideo inspirar esses concelhos; Elle os Gregos
 provoca ouzadamente, Qu'eu tão bem cederei quando
 elle ceda».

«Vallente Ajaz, Heytor logo replica, Generozo
 inimigo, os Deozes querem, Dando-te tal vallor, tal
 força e arte, Qu'a prudência tão bem felix t'escudo;
 Suspenda-se o combate gloriozo E amanha
 novamente as nossas armas Decidirão dos Deozes a
 vontade; Respeitemos a noite e alegremente Aos
 chefes da Grécia e de Troya Vamos encher de gosto [202 v.]
 e de alegria. Mas antes de por termo ao desafio Ja
 com mutuos penhores seguremos O combate outra
 ves que se perciza E porque no futuro a fama cante
 Que dois nobres rivaes ambos armados Ambos
 d'igual vallor a hum grande feito Por libertar a Patria
 s'arriscarão».

Acabou de fallar e a forte espada Que no sangue
 dos Gregos tantas vezes Tinha ensopado a cortadora
 folha Nas suas maõns lhe poêm, e ao mesmo passo

Ajaz hum rico sinto recamado De refulgente oiro a Heytor entrega. Separando-se emfim a seos ^[203]
 proprios campos Marchão furiozos a alegrar as D. JERÓNIMO OSORIO
 troppas. Gostozos os Troyanos e esquecidos Do antigo temor Heytor conduzem Ao palacio do Rey com grande pompa; E Ajaz tão bem marchou entre as phalanges Para a armada dos Gregos com aplausos, E logo neste tempo em honra sua Por Atrides s'imola hum grande toyro Qu'angulatoria faca em terra lansa.²⁵ Desta res a partilhar faz Atrides E as costas da victima sagrada Dedicada a Saturno a Ajas entregão; E seguindo hum festim ao sacraficio Depois d'este acabar Nestor lhe fala:

«Atrides e vos Reys, so Escamandro²⁶ Tintas do grego sangue as mãos vira²⁷ E as errantes sombras no Cocito Devem aos corações fazer ouvir-se, Secemos algum tempo sobre a terra O sangue derramar de tantas gentes, E quando no Oriente a bella Aurora Amanha nos rayar, ja compasivos Os corpos dos guerreiros ajuntemos Qu'a morte devorou horrivelmente E diante d'armada em altas pyras Consumamos os fúnebres despojos Desses varoens illustres que morrerão A fim de que os seos filhos algum tempo Possão banhar as perciozas cinzas²⁸

D'enternecidas lagrimas ardentes Emquanto hum sumptuozo monumento O nome Ih'eternize aos vindouros. He percizo tão bem cercar o campo De portas e reparos que deffendão Os nossos batalhoens e as nossas cohortes. Aos navios tão bem ponde reparo E da parte de fora hum grande fosso Com que fique segura toda a gente Sem temer o assalto dos Troyanos».

Este sabio discurso os Reys aplaudem: Retinem os navios com clamores. Sobre a torre aos reparos sobranceira Agitadas as troppas dos Troyanos Correm confusas d'huma parte a outra E ja da novidade transportados Pera as portas do Rey vão

em tumulto. Antenor s'atreveo a vos alçando Paliar primeiro ao levantado povo E da santa equidade as leys lhe lembra.

«Cidadaons estrangeiros escutai-me, Elle lhe dis, se dos sobranos Deozes Pertendeis o favor e o seu amparo, Rendei aos Gregos a formozza Helena He ja grande a demora neste ponto, O Ceo pode punir-vos por faltares Aos santos juramentos que fizestes. Estes vossos combates sanguinozos Legítimos não são antes injustos E as vossas emprezas atrevidas, Tantos crimes serão quantos combates».

Acabou de fallar e toma assento.

Porem Paris mostrando no semblante Hum [205]
 immenço pezar que o dominava Com palavras
 d'insulto assim responde:

«Eu te julguei capaz d'outro concelho Mais
 sabio e mais conforme ao nosso cazo. Tu debes
 Antenor envergonhar-te Pois o teu coração falta
 aos deveres Qu'ó Ceo com segueira t'enfatua.²⁹

Eu sou ó cidadaõns o que E avos fallo
 candura do peito vou Eu jamostrar-vos;
 mais não darei esta Qu'óbelleza
 coração me prende e m'arrebata;
 Mas pera q' se aplaque a sua ira Posso ofrecer aos
 Gregos juntamente Os meos thesouros e os da
 mesma Hellena Acabou de fallar e o Rey augusto
 Priamo ingente, venerável velho Qu'igualmente
 os Deozes no valor parece Estas vozes tirou do [205
 experto peito: V.]

«Trojanos vallorozos escutai-me E vos Gregos
 amigos que eu pertendo³⁰ Com a justa rezão com
 que vos fallo Mostrar dos sentimentos a candura.
 Logo que a bella Aurora no Oriente Rayar na
 madrugada, aos nossos muros Vai tu Ideo a
 inimiga armada Segurar de meu filho a sua offerta
 E convidar os Gregos que suspendão Por algum
 tempo as valorozas armas E permitir qu'as
 troyanas troppas Levantando da fervida poeira Os
 corpos mortos os sepulsem todos,

E logo depois disto as nossas obras Que [206]
 suspensas estão ja renovadas Esperemos que
 hum Deos nos facelite, A victoria nos dê e
 acabe a guerra».³¹ Acabou de fallar, e o povo
 todo

As suas sabias vozes Ih'obedece; E apenas a
 Aurora tinha aberto No horizonte as portas
 quando logo Ideo aos Gregos marcha
 delligente. Aly vio os seos cheffes sobre a popa
 Do navio d'Atrides valerozo, E destes Reys
 entrando na assemblea Em pe no meyo delles
 assim falia: «Filho d'Atreo vallente e generozo
 E vos tão bem da Grécia ó Reis ouvi-me Com
 profunda attenção as minhas vozes, Pois sou
 mandado da soberba Troya. Paris nas vossas
 mãos quer entregar-vos Todos os seos
 thezouros e os q'Helena A estas prayas trouxe [206
 tão funestos N'aquelle escuro dia e horrorozo v.]
 Em que os nossos desgostos comessarão; E que
 os guerreiros todos de Micenas S'armarão
 contra nos em hira acezos. Porem quer, surdo
 as vozes do seu povo, Conservar o objecto
 qu'idolatra.

S'esta offerta de Paris não he digna De que vos
 a attandais, fazei ao menos Suspende esta
 guerra tão cruenta Emquanto damos aos
 honrados mortos Os últimos deveres da
 fogueira E s'os Deozes cruéis se não aplacão

Tomando inda outra ves as duras armas [207]
Seremos vencedores ou vencidos». ³²

Acabou de fallar e os cheffes juntos Em profundo silencio emudecerão. Porem então Diomedes se levanta E a Ideo responde nestes termos:

«Podes, velho, partir dizer a Paris
Que guarde com Hellena os seos thezouros, Porque as suas
offertas nos declarão Suas mas intençoens, porem os Deozes
Severos vingarão tanta perfidia».

Com gritos e clamores aplaudidas Forão de Diomedes estas
vozes E logo Agamenon fes escutar-se:

«Da-me attenção, Ideo, ouve os clamores Desses Gregos que
todos por mim fallão;
Elles os meos desígnios prevenirão; [207 v.
Mas o meu coração que he susceptivel De grande compaixão
privar não pode Os deveres legítimos aos mortos.

Podem-nos sepultar, assim o quero E Jupiter sera o meu
garante».

Acabou de fallar e logo os olhos
Pos na celeste esfera e ao aureo sceptro Prezenta a este Deos
por testemunha. Neste tempo os Troyanos em concelho Onde
juntos estavam assentados Esperão a resposta e o successo.

Chegou Ideo e a tregoa Ih'anuncia.
Chegarão logo as gentes apressadas A ocupar no campo as mãos
piedozas Em dar aos corpos mortos sepultura.

Em montoêns polos bosques espalhados Tão bem [208]
os Gregos todos co'a idea De porem os seos
mortos na fogueira Vão cortar na floresta os
seccos troncos.

Deixou de Thetis as seruleas grutas O
refulgente Sol, e a superficie Doira das verdes
empoladas ondas. Os Gregos confundidos e os
Troyanos Buscão entre o pó os companheiros
Sobre montoêns d'inumeraveis corpos; Com
cuidado hum amigo a outro busca E apenas o
aspeito lhe conhece Despojados os mortos dos
vestidos O sangue espeço de que estão cobertos
Com copiozas agoas he lavado.

Hum chora, outro suspira, outro lamenta, ³³ E os
fúnebres carros mansamente Com lentos passos os
seos corpos levão. Priamo não consente aos seos
soldados Das lagrimas uzar, mas o silencio Suas [208v.]
pungentes dores lhe declara;
Ardem duas fogueiras nos dois campos E os
immenços corpos empilhados A cinzas os reduz o
voras fogo. Esta acção terminada se retirão Pera
os muros de Troya os seos soldados E os Gregos
igualmente se recolhem Para buscar descanso aos
seos navios.

Ainda a branca Aurora no horizonte O seu
cândido rosto não mostrava Quando todos os
Gregos cuidadosos Hum féretro soberbo
levantavão

E d'huma soberba e espantosa cava [209]
 O cercavão de portas rodeado
 De torres altas de reparos fortes Onde a guerreira gente
 recolhião. Ja em torno de Jupiter sentados Os Deozes todos no
 sagrado Olimpo Vião dos Gregos as millitares obras E deste
 dillatado monumento A grande fortaleza contemplavão, Quando o
 forte Neptuno acezo em ira Assim fallou a todos nestes termos:
 «Que mortal poderá ó grande Jove, (Pay dos mortaes e pay dos
 Deozes todos) Nunca mais consultar nossos auspícios? S'os
 Gregos sacrificios não offertão Nem a ty nem inda a algum dos
 nossos Deozes E com propria vaidade sem apoio [209
 v.]

Sem procurar socorro nem auxilio Cercão o campo de fataes
 repairos De torres e carreiras sumptuozas Cujos nome immortal na
 terra toda S'ha-de espalhar fazendo-se famozo?

E os muros de Troya, respeitável Obra das nossas mãos e nossa
 empreza Cahirão no desprezo e no lodibrio.

«O tu cujo tridente formidável Pode romper a terra enfurecido,
 Jupiter respondeo, que modo he esse? A Deozes impotentes sem
 vallia Inda mais do que tu compete o susto. Deixa os terrores
 vaons e imaginários Qu'imortal se vera a gloria tua

Logo qu'os Gregos apartados forem Destas [210]
 soberbas prayas qu'hoje pizão Fazendo rota pera
 a patria amada, Eu t'abandono o campo aos teos
 furores. Despedaça-lhe os muros vigoros(os);
 Encrista as ondas, e subleva os ventos, Sepulta
 nas entranhas do profundo As soberbas
 moralhas dos Achivos. Não vejão os pilotos
 nestes mares Mais que tristes desertos
 horrorozos». Taes couzas entre sy vocifera vão
 Quando os Gregos a obra terminando O dia
 acabão com vistozas festas. Os navios de
 Lemnos que chegarão Mil thezouros de Baco
 lhe transportão, Dons qu'aos filhos d'Atreo se
 tinhão feito Deste licor cem vasos cristalinos
 Sobre as candidas prayas s'aprezentão Qu'os
 Gregos trocão por diverças pessas. Chegou a
 noite e os guerreiros todos Os Gregos e [210v.]
 Troyanos igual mente Gozavão- dum prazer o
 mais ditozo, Porem Jove que via estes festejos
 Do Olimpo Ih'anuncia os seos destinos: Faz
 ouvir o trovão estrepitozo, O fulgente
 relampago despede E toda a sua gloria lhe
 perturba. Os coraçoes todos do pavor feridos
 Aos esquecidos Deozes os chamavão E ja com
 libaçoes e sacrificios Pertendem que s'aplaque
 a ira ardente. E logo despois disto o favoravel

E socegado sono sobre as azas [211]
Desce ao mundo e vem fechar-lhe os olhos.

Fim

CANTO 8 ° [211v.]

ARGUMENTO

Jupiter faz huma assemblea dos Deozes e lhes proíbe de dar algum socorro nem aos Gregos nem aos Troyanos. Permite comtudo a Minerva o ajudar aos Gregos com os seos concelhos. Os dois exércitos chegam a combater-se. Jupiter pesa os seos destinos, e com os seos rayos e os seos relâmpagos lança o pavor por entre os Gregos. O seu exercito toma a fuga. Nes[212]tor fica exposto ao mayor perigo. Diomedes porem vendo-o socorre-o. Este herói asignala a sua intrepidez. Juno pertende, mas em vão, empenhar Neptuno a socorrer os Gregos. Juno fica indignada e se appreça com Minerva correr em seu socorro. Falia de Agamenon aos Gregos e a vista de hum presagio ditozo lhe torna a dar o animo. Teucro se asignala. Heytor o vence. Jupiter tropeja e lança novo susto no coração dos Gregos. Corre Juno e Minerva em seu socorro. Mas íris que Jupiter lhe manda, lhe embarga o passo e as faz entrar no Ceo. A noite poê o fim ao combate. Os Gregos se fechão [212v.] no seu campo e os Troyanos ficão acampados diante dos seos navios. Acendem fogueiras e passão a noite sobre as armas.

CANTO 8 ° [213]

A matutina Deoza do Oriente Seu doirado
explendor tinha lansado Quando o Deos que
governa os fortes rayos Na mor altura do brilhante
Olimpo Fez os Deozes juntar núa assemblea, Que
nesta grande guerra s'empenhavão E assentado no
fulgente throno Fez callar com a vista o Universo.
«Ouvi todos, disse elle, os meos decretos Que
sempre ficarão irrevogáveis;
Vos Deozes e vos Deozas juntamente Tereis o meu
furor e a minha ira S'algum de vos movido de
segueira Atrevido s'opoem aos meos desígnios
Emprehendendo dos Gregos ou Troyanos Sustentar [213v.]
nas batalhas seu exforço.

Minhas mãos invencíveis ao castigo Lhes darão
deste crime e desta ofença, E sera venturoso s'eu
irado Logo não percepite no profundo Do pavorozo
reyno do tormento Nessas cavernas que de ferro as
portas Com eternos ferrolhos são fechadas, No
Tartaro horrível e espantozo, Nessas prisoêns do
inflamado bronze, Tão distantes da terra quanto o
Olimpo Da morada dos homens he distante;

Abismo formidável e horrorozo [214]
 Que rayo nunca vio do Sol doirado. Então conhecereis qu'eu so
 domino Na morada cestelle, e vos sugeitos Ao meu poder, a minha
 omnipotência.
 Vinde vinde immortaes Deozes soberanos Disputar-me o lugar do
 alto Olimpo C'húa cadea doiro as maõns predeei-me, Arrastai-me
 violentos para a Terra Qu'eu sempre me rirei da vossa audacia E
 desses vãos projectos temerários. S'estendo sobre os fortes braços
 Estas mãos inda prezas das cadêas, Os mares e as terras
 suspendendo Ligarei co'Olimpo sempiterno;
 Tão grande he o poder qu'em mim s'encerra
 Que nem o Ceo nem a terra m'o contrasta». [214v.]
 Acabou de fallar e os Deozes todos Picão gellados de pavor e susto.
 «Sob'rano pay de toda a natura E dos immenços Ceos, Palias
 exclama Depois d'haver hum plácido silencio, Nos todos
 conhecemos com respeito O immenço poder desse teu braço, Mas
 esses Gregos todos qu'eu estimo Deplorando os seos malles
 infinitos So lagrimas terão e não remedio; Com tudo eu obedeço e
 deixo a guerra, Mas permite ao menos q'os conforte; Porque s'a
 minha vos os não socorre, Todos vão perecer nas mãos do Marte». O
 grande Jove, qu'a ternura ouvira

Da sua cara filha a consolava Com hum doce [215]
 sorriso e agradável.
 «Minha filha, lhe diz, a quem adoro, Minha
 terna amizade t'asseguro. De suprema grandeza
 entre os cuidados Nunca m'esquecerei de quanto
 t'amo».
 Acabou de fallar e neste instante Os velozes
 cavallos do seu carro Ferem com pez de bronze o
 pavimento, De brilhantes estrelas semeado. Elles
 fogo respirão, e as suas crinas Nellas o oiro brilha
 refulgente, Os freios cobrem de nevada espuma,
 As altivas cabeças levantando E impacientes dos
 doirados frêos Qu'a furia da carreira lhe
 suspendem, O filho augusto do encanecido tempo
 Ja de riquíssimo oiro as armas veste E subindo ao
 carro refulgente Da sua vos s'animão os cavallos,
 Imortaes e ligeiros corredores, E a pressa dobrão [215v.]
 da velos carreira, Fendem dos ares o azulado
 ceyo E descendendo mais promptos do q'o rayo
 Parárão dTda no montuozo cume Onde as
 benignas agoas cristalinas Regão na face as
 esmaltadas flores,¹ E no sagrado bosque onde os
 altares Deste Deos immortal são venerados Os
 cavallos do carro desprendendo Os cobria
 d'espeça e densa nuvem, E pondo os olhos nas
 vezinhas margens

A ver os dois combates s'assentava [216]
D'immortal esplendor acompanhado.

Os Gregos no seu campo impacientes À sombra das barracas
procuravão Vestir a toda a preça as suas armas² Emquanto os
Troyanos cuidadosos³ Para salvar a honra dos seus lares Os
guerreiros ajuntão na cidade. Logo que os Gregos marchão valorozos
De Troya as vastas portas se franqueão E sahindo as cohortes
infinitas, Os guerreiros e os armados carros, Cobrem os combatentes
todo o campo. Já com furor o ataque se comessa, Huns com outros
s'encontrão denodados, Outros mostram que fogem por industria

[216v.]

Pera dar a seu salvo o duro golpe, O escudo s'opoem, a espada, a
lança. Entretanto os guerreiros se misturão A quem a cruel furia
despedaça.

Responde o Ecco nos vizinhos montes Ao surdo estrondo das
soantes armas, Aos tristes gemidos e aos clamores⁴ Do vencedor
alegre e aos transportes, E aos pungentes gritos dos que morrem. O
sangue o campo ensopa e corre em rios Tanto que quando o Sol
subia ao Polo Já de sangue e poeira era regado. Tinha chegado o
astro ao meio dia Quando nas suas mãos o grande Jove Toma a
balança doiro portentosa

E peza dos contrários o destino. A dos Argivos [217]

logo a terra fere, A outra pera os ares se
levanta. E o mesmo Deos armado dos seus
rayos La dTda sobre o cume protentozo Mostra
qu'os ares abraçar pertende; Com repetido
exforço elle despede Os farpados coriscos e as
sentelhas Por entre o campo dos vallentes
Gregos. Os generaes mais fortes s'amedrontão
E o bravo Idomeneo principe d'Argos⁵ E o
vallente Ajaz ambos o apoyo⁶ De toda a Grécia
pavorozos seguem Ao Deos qu'os fere e os
acomete; Nestor gellado d'horrozo espanto
Inda estava no campo embaraçado Porque Paris
d'um dardo lhe matara O melhor corredor que
o carro tinha. Nesta desordem triste e
formidável O desgraçado velho sem acordo
Com as tremulas mãos as redeas corta Quando
por entre a fugitiva turba Sobre hum carro de
sangue já coberto Heytor chega espalhando a
negra morte; Certamente Nestor acabaria, Mas
Diomedes que o ve neste perigo Em seu
socorro voa promptamente E Ulisses chamando
no conflito O zello e a braveza Ih'inspirava.

[217v.]

«Onde corres Ulisses valorozo Se assim
buscas a afronta denegrída,⁷ Elle lhe diz, a
morte e a vergonha?

Vamos salvar Nestor, das mãos tirar Do cruel vencedor, que não s'aplaça». Mas Ulisses de medo horrorizado, Já para os seus navios vay correndo. Neste instante buscando o Rey de Pillos Diomedes lhe diz: «Velho estimável, O perigo ameaça a morte horrenda, Pera o meu carro vem, hum lugar toma. Meos cavallos intrépidos ligeiros (Já do filho d'Anchises n'outro tempo) Sabem entrar nos fervidos combates E se o pede o perigo retirar-se. Marchemos denodados aos Troyanos, Mostrarei a Heytor qu'a minha lança Sabe nas ocasiões servir seu dono».

Acabou de fallar e promptamente Nestor a quem o susto hia deixando, Já no carro subindo as redeas toma E valorozo corre aos inimigos. Logo Heytor surpreendido desta audacia A quem já na batalha tudo cede Contra elles vay correndo destemido.

O ardente Diomedes o previne E com grande presteza a aguda lança O peito traspassa do seu auriga,⁸ O qual d'Heytor o carro conduzia, E na terra cahindo os seus cavallos Voltando pera traz dezordenados Tingem o sangue de fumante sangue.⁹ Heytor movido da mais forte raiva Hum novo conductor ligeiro chama Assim como os cordeiros s'amontoão E s'ajuntão na provida cabana, Os Troyanos aflictos rechasados Nos seus reparos o asillo buscão, Porem Jupiter nelles pondo os olhos Horrozos relâmpagos lansando Hum pavorozo rayo despedia Em turbilhoens de fogo repetido

[218]

[218v.]

Que formidável sulco abre na terra, E buscando a Diomedes qu'inflamado Andava dos contrários na carnagem, De cinzas o cubrio e de sulfureas Ardentes chamas qu'o vallor lh' robão. Os seus bravos videntes corredores Fazem cahindo retinir o campo, E Nestor já das mãos largando as redeas Paliando com Diomedes lhe dizia:

«Tu não ves como os Deozes irritados Sobre nos os seus braços descarregão ? Pois qu'o Ceo nos roubou hoje a victoria, Cedamos a vontade dos destinos.

Amanha pode ser que d'outra forma A victoria nos dem os mesmos Deozes Que dispõem a seu gosto dos humanos».

«Velho, responde o heroe, essas palavras A rezão m'illuminão na verdade, Mas o meu coração despedaçado Sinto da grande dor, amarga e dura; Hum desgosto cruel me tiraniza Quando cuidoo q'hum dia c'o povo phrigio S'atrevera Heytor por exaltar-se. Dira qu'o valorozo Diomedes Fugio da sua lança receozo

[219]

[219v.]

Ah! Receba-me a terra nas entranhas Mais
depreça qu'eu sinta esta desgraça».

«Amigo, lhe responde o Rei de Pillos, Assim
não julgão tantos desgraçados, Tantas viuvias
consternadas tristes A lagrimas ardentes
condemnadas.

Este povo abatido e desolado
Com a propria experiencia te sublima».

Acabou de fallar, mas agitado D'um acerbo
temor o triste velho As redeas sacudindo dos
cavalos Que levava nas mãos e conduzia, Dos
fugitivos o tumulto busca. Os Troyanos
correndo e o seu chefe Lansão com grandes
gritos muitos dardos Seguindo ardentes o
fugitivo carro Em qu'estes dos heroes querem
salvar-se. Ja d'entre os seos Heytor a vos levanta
Porque Diomedes claramente insulte.

«Diomedes, lhe dis, os grandes feitos ¹⁰ Qu'os
Gregos algum dia te lovãrão, E nos festins mil
honras te fazião, Hoje em desprezo abatido e
forte Te mudou a desgraça de fraqueza; Depoem
a honra q' te influe a gloria E qual fraca mulher
foge e t'esconde. Se queres concervar mais
longos dias Nunca mais atacar venhas os
Gregos».

Diomedes o escuta e promptamente Quer
voltar apressado os corredores E outra ves com
Heytor vir ao combate. Tres vezes deste fogo a
nobre chama

[220]

[220v.]

No peito s'ateou, outras tantas [221 (220)]"
Jupiter lhe reprimio o seu deznio Sobre o cume do Ida trovejando.
Heytor exclama: «Povos generozos Nascidos pera a guerra e pera a
gloria, O Ceo hoje nos mostra favoravel Qu'alcançaremos immortal
victoria, E os Gregos a morte vergonhoza. Insensatos! que julgão
q'os reparos A furia domarão dessas cohortes, Das gentes a vencer ja
costumadas. Meos ligeiros cavallos ja voando Por sima dessas cavas,
desses fossos Ja hum largo caminho vos preparão. Segui-me pois
vallentes companheiros, Vereis sempre o vestígio dos meos passos E
ao arraial dos Gregos caminhando [221 v. (220v.)]
Levando ja nas maos acezos faxos As tendas lhe abrazemos e os
navios, Fazendo que pereção desta sorte De pavor e de fumo
sufocados.
E vos nobres cavallos socorrei-me D'Andromeda pagai os seos
cuidados,¹² Vosso rápido curso se duplique Porque eu possa alcançar
ditozamente O admiravel e famozo escudo ¹³ Qu'o forte Nestor goza
e o mundo admira. A obra singular e a materia Fazei qu'eu arrebate a
Diomedes A brilhante coiraça e impenetrável Desse insigne Vulcano
obra estimável. S'este nobre despojo hoje consigo

Quando a Aurora rayar na madrugada Ja a
armada dos Gregos tão soberba Hira fendendo as
inconstantes ondas. Assim se vangloriava
Heytor vallente, Porem Juno escutando aquella
audacia Com qu'elle faliava no sublime throno E
movendo-se de raiva os Ceos tremerão.

«Ô Neptuno, dis ella, ó Deos terrível Como
assim insensivel te contemplo na perda dos meos
Gregos vallorozos, Esses Gregos que tu tanto
estimavas, Esses Gregos emfim qu'os teos
altares Em Helicen levavão sacreficios.

Ah! s'os potentes Deozes que protegem Os
Gregos os seos vottos escutassem, Se todos
contra Jupiter unidos Quizessemos oppor-nos
aos decretos Ficaríamos menos encerrados, ¹⁴ Os
fogosos Troyanos sem soberba E aquelle Deos
os rayos apagando Contra a sua vontade deixaria
Ao menos huma ves por medo a terra».

«Oh temeraria Deoza, o Deos dos mares
Assim lhe respondia enfurecido, Longe de ty
concelhos tão preversos. Tão amargos discursos
não aceito Contra o Sob'rano q'os Cellestes rege.
Fujamos d'emprender a facção loca Cujos
empenhos nos serão funestos, Que ò Jupiter
possante tudo cede».

Acabou de fallar e ja neste tempo Heytor
victoriozo a armada grega

[222
(221)]

[222 v. (221
v.)]

Hia abrazar com incendidos faxos, Qu'esta acção
ministrava o grande Jove E Marte o seu espirito
lh'inflamava. Certamente este heroe fora
triumphante S'a cruel Juno não movesse Atrides
Com a esperança d'hua gloria eterna. Elle as
cohortes fende e as brigadas, Chama a honra e o
dever ao pensamento E levando na mão o grande
manto Sobe d'Ulisses ao soberbo lenho;¹⁵ E daly
dando hum grito pavorozo Voou a sua voz por todo
o campo; Dois vallorozos chefes s'aprezentão E
servem de reparo aos inimigos. Hum delles hera
Ajas, vallente e forte; Outro o filho de Thetis
vallorozo.

«Oh vergonha, oh deshonna! oh desventura!
Aonde estão, dis elle, as ameaças Que la de
Lemnos nos festins alegres Retinião nas sallas dos
convites?

Dizieis que hum so grego bastaria A combater hum
cento de Troyanos, Porem agora vejo isto mudado,
Pois hum so homem faz tremer a todos, Heytor que
hum faxo acezo e rezoluto Vay queimar os navios
sem remedio ¹⁶ Tu pai dos immortaes, por que
desgraça Vas confundir as minhas esperanças ? Eu
que nos meos projectos sempre invoco O teu
supremo auxilio e em teos altares De praya em
praya o puro incenso queimo. Livra-me grande
Deos dos inimigos

[223
(222)]

[223
v.(222v.)]

Mortaes e obstinados, livra os Gregos, [224
(223)]

Salva os últimos restos desta gente, Deixa qu'estes guerreiros vão fugindo Destas funestas desgraçadas margens».

Os seos gemidos e lagrimas ardentes
O Deos enternecerão, e logo manda
Por socegar em parte as suas penas A sua famoza aguia n'uma
nuvem, Que nas agudas unhas lhe trazia Hum pequeno viado
pendurado;
E voando no ar do vasto campo
O lansou no altar em que fazião Os Gregos todos sacrificio a Jove.
Os soldados contentes do presagio Cheios d'immense ardor cheios
de gloria Voão pera o combate destemidos.

A todos os guerreiros precedia [224v. (223v.)]
Diomedes vallente e exforçado, E ja fora dos vallos conduzia Os
ligeiros cavallos do seu carro, Diante delle a morte vay voando ¹⁷ Os
dois irmãos Atrides inflamados

No mesmo heroico ardor seos passos seguem;
Apoz delies Ajaz s'apresentava,¹⁸ O bravo Idomeneo, Xerião forte, O
filho de Evemono vallente E finalmente Teucro denodado Seguindo
o grande Ajaz entra no campo Com seu arco mortifero e retinente.
Ajaz com seu escudo lhe faz sombra, Elle o seu arco ajusta
promptamente, O qual ninguém mais qu'elle dobrar sabe
E dos Gregos ao mais vallente chefe ¹⁹ [225 (224)]

Com penetrante setta a vida rouba.
E assim bem como a timida criança O assilo da may busca
assustada, Assim ao seu heroe elle buscando Debaxo do escudo se
metia.

Atrides sobre o Teucro os olhos lansa, E cercado de mortos o ve
todo. A elle pois se chega e com palavras Afáveis o anima e
lizongea.

«Não desfaleças Teucro, lhe dizia, Prossegue tantos feitos

gloriosos Qu'eu te rezervo hum prémio dos mais dinos Que possão
offertar-se aos grandes cheffes. Acabas de illustrar a Grécia toda A
teu pay e a patria e da ternura Darás a Telemon hum justo prémio
[225v. (224v.)]

Pois bem sabes que foste o doce [filho] fruto²⁰ Dos seos ternos
amores qu'em palacio Cultivou os teos dias com disvello.
Fere fere qu'a fama cuidadoza Fiel aos teos desejos hira logo
Cingir-lhe a fronte de huma nova gloria». ²¹ «Deixa, responde
Teucro, ó Rey famozo De m'inflamar o coração censivel Para hum
combate qu'anciozo busco, Em quanto hum Deos governa os meos
esforços; Athe aos muros da soberba Troya Hirei sacrificar victimas
tristes.

Ja oitto vezes retinio meu arco E tantos bons guerreiros perecerão.
Pertendo agora ver s'Heytor famozo²²

Sera só incencível aos meos tyros». [226 (225)]

Acabou de fallar e aguda setta

Pos no ar hum resoante estrondo Mas fugindo d'Heytor o agudo ferro De Priamo vallente ao caro filho²³ O peito lhe trespassa cruelmente. Bem como na viçozza primavera No meyo dia o vento arrebatado Faz derrubar a rúbida papoila, Assim este guerreiro traspasado Deste golpe mortal cahio em terra Lançando o refulgente capacete Das laminas brunidas mil reflexos. No mesmo instante Teucro rezoluto Quer reparar o golpe que perdera, Porem Apoio nos ares o desvia, Cuja setta servindo ja traspassa [226v. (225v.)]

D'Heytor o escudeiro polos peitos.

Elle cae promptamente, e os seos cavallos Espantados do susto arreçarão. Heytor porem, a quem a dor oprime, Cercado do montão dos inimigos A governança entrega do seu carro A Cebrião q'abandonado estava, E à terra descendo infurecido Infinitos contrários apartando Hua pezada pedra a Teucro arroja Fazendo-lhe no rosto a pontaria. Teucro ferido grita, e aguda flexa Brandamente das mãos lhe foy caindo. Ajaz vendo-o no chão, corre apressado E c'o fulgente escudo o cobre logo,

Fazendo qu'os amigos o condução²⁴ Para fora do campo e do perigo. [227 (226)]

No mesmo instante Jupiter troveja E os vallentes Gregos resachados Seguidos por Heytor passão os vallos. Da mesma forma qu'o sabujo ardente Nutrido para a casa de pequeno²⁵ Hum grande javali ataca e segue, Misturando o engano co'a audacia, Ora foge, ora o segue, ora acomete E com o agudo dente o vai ferindo, Assim o grande Heytor que s'inflamava Com o mesmo furor da tempestade Ja voando na testa dos Troyanos Se lança sobre os Gregos fugitivos E com a mortif'ra e sanguinoza espada Ferindo vay aquelles que mais tardos Esgotados do medo e da fadiga Não podião fugir tão promptamente, Os quaes ja opprimidos sem recurso Com as tremulas mãos ao Ceo alçadas Lansão horríveis e espantozos gritos, Aflitos suplicando aos pátrios Deozes E aos imigos Deozes o remedio. Heytor busca passage em toda a parte Para poder saltar d'entre as trincheiras, Heytor que no semblante representa Huma fera cruel e embravecida,²⁶ O mesmo Ceo parece s'assustava, E Juno penetrada de desgosto Ostentou sua dor nestas palavras:

[227 v. (226 v.)]

«Palias filha do Deos qu'a refulgente

Egida tem nas mãos incontestáveis, [228 (227)]
 Todos os Gregos desta ves perecem E nossos coraçoes com tal
 fraqueza Se não abração com furor ardente? Ha-de somente hum
 homem a seu arbítrio Imolar tantas gentes valorozas ?
 Esse fero guerreiro que deffende Huma cidade barbara e prejura,
 Esse soberbo Heytor com mil afrontas Ha-de as cinzas cobrir de
 tantos Gregos?».

«Proverá aos Ceos, dis Palias, consternada, Que dos Gregos aos
 golpes expirando Heytor pagasse os malles que tem feito. Porem
 como podemos nos opor-nos As vistas de meu Pay e aos seos
 decretos ? Tu sabes qu' o seu odio he muy cevero, Duro seu coração
 e inflexível [228v. (227 v.)]

E que sempre aos meos rogos vive opposto Pois esquecido athe do
 proprio filho²⁷ D'Euristeo hoje s' empenha no combate.
 Hercules terminara sem remedio Se logo lhe não desse o seu
 socorro. Eu ouvi os seos gritos dollorozos E Jupiter por elle então
 s'asusta. Porem o meu socorro a tempo prompto Desta aflicção o livra
 em que jazia. S' eu sobera prever que m'hera ingrato Pode ser qu' o
 Cervero nos Infernos Não sentira as prizoens encadeado Nas duras e
 aspérrimas cadêas;

E do rio infernal as negras ondas Não deixarião em liberdade
 Alcides;

Agora me tem odio esse tyrano [229 (228)]
 E somente por Thetis s' interessa,²⁸ Por Thetis lizongeira qu' os
 enganos Ao seu espirito crédulo tecera, Mas talvez qu' algum dia elle
 recorra Ao meu coração amante e terno;
 Estou enfim rezoluta, eu vou seguir-te, Vamos vingar a Grécia
 desgraçada O teu carro prepara e ja partamos, Vamos acazo ver s' o
 nosso aspecto Fara sorrir Heytor como athe gora; Certamente de
 Troya nas planices ²⁹ Virão muitos dos seos a ser a preza Dos
 famélicos caêns e dos abuitres».

Acabou de fallar e promptamente Tomando as suas armas

fulgurozas³⁰ E ao brilhante carro ja subindo [229v. (228v.)]
 Estava prompta a sahir do alto Olimpo, Porem Jove que via
 enfurecido As iniquas idéas deste empenho, A íris ordenou que fosse
 logo

Oppor-se ao seu deznio, e assim lhe falia:

«Voa íris ligeira às minhas ordens Vai-te oppor as ideias destas
 Deozas, O combate entre nos não tem medida. Faze qu' a minha
 cólera tão justa As faça arrepende da grande empreza. Eu juro
 qu' este braço tão potente Armado com as forças dos meos rayos O
 seu carro atrevido despedace Das cellestes abobedas cahindo Sobre
 seos corpos com suplicio horrendo

Imprimirei os vingadores rayos [230 (229)]

De tal forma qu' as largas cicatrizes Dez seclos inteiros não
 s' apaguem;³¹ Então Palias vera, Palias ingrata, O quanto são minhas
 offenças De querer imitar Juno soberba, Que da minha bondade
 tanto abuza».

Acabou de fallar e a Deoza prompta Fiel de Jove as respeitozas
 ordens Ir do cume do Ida se lansava Sobre as planices do ethereo
 globo E sobindo qual negra tempestade Chegou as portas do Olympo
 e aly para.

«Aonde marchaes vos, diz ella as Deozas,
 Ferozes Divindades enganadas, Reprimi os transportes agitados
 Qu' os vossos pensamentos vos inspirão; [230v. (229v.)] Temei as
 iras do potente Jove, Temei a sua cólera tão justa.
 Este terrível Deos c' o braço armado Despedaçando no ar o vosso
 carro Sereis percipitadas sem remedio Da brilhante morada dos
 Cellestes E sobre os vossos corpos mil suplícios Imprimirão seos
 rayos vingadores, Fazendo-vos tão largas cicatrizes Qu' em des
 seclos inteiros não s' apaguem; Então Palias vera, Palias ingrata,³²
 Quanto Jove punir sabe as offenças De querer imitar Juno soberba
 Que da sua bondade tanto abuza;
 E tereis vos tão grande atrevimento³³

Contra o grande Tonante rezolutas [231 (230)]

Que levantar ouzeis as fortes armas ?».

Assim dizendo prompto vôo toma.

«Filha do grande Jove, exclama Juno, Ja de susto aterrada e confundida, Contra o potente Deos pelos humanos Viemos combater tão loucamente Vinde comigo, os Gregos s'abandonem E os Phrigios tão bem e neste empenho Deixemos que governe o grande Jove; Que nos importa a nos que qualquer delles No mareio campo morra, ó q' triunfe? E assim ocultando a grande raiva, Ella ja se retira promptamente E levando os fulgentes corredores Por cima dos ahereos pavimentos;

Logo as vozes de Juno delligentes [231 v. (230v.)]

Vem as Horas tirar-lhe os áureos freios E repartir-lhe os saborozos pastos.

Com hum passo tranquilo e magestozo As duas Devindades disfarçando A grande raiva que os coraçãoens Ih'agita Por entre os outros Deozes caminhando Com venerando e magestozo gesto Se vão sentar nos refulgentes thronos. Ja do mais alto do Ida o Deos Tonante Qual o prompto relampago subia Pera as moradas da celleste corte, E logo que chegou o Deos Neptuno Dezatando os cavallos do seu carro Os afaga e conduz, e dum veo denso A carroça imortal deixa coberta.

Ja sobre o areo throno o Deos sentado Tremer
fas as abobedas cellestes. E nem Juno nem
Palias s'atrevão Suposto que de cólera
inflamadas, A levantar para elle a sua vista. O
filho de Saturno as concidera E de vellas com
susto se sorria.

«Deozas, elle lhe dis, q' grande enfado Os
vossos coraçoes triste devora? Pera perder os
mizeros Troyanos, Que vos aborreceis tão
altamente, Tempo não faltara; assas sofrido
Tem os trabalhos do penozo Marte. Meu
grande coração he mais constante E mais firme
no votto dos humanos. Ja mais os Imortaes no
sacro Olympo Podem interromper os meos
projectos E vos de quem espera mil socorros.
O povo que de vos he protegido Inda hira ver
de Marte o duro effeito. Tendes de medo os
coraçoes gellados; Rendei graças com tudo a
este susto,³⁴ Porque cedeste a minha ley divina,
Suposto q' repugnando interiormente, Para
vingar a minha grande injuria Vos hia ja ferir
com ardentes rayos E vem longe dos Ceos
exalaríeis Vossas mumuraçoens e vosso
orgulho».

Acabou de fallar, e este discurço Dobrou a
Palias o furor cevero Ficando num silencio
devorante. Juno porem qu'a sua raiva cede

[232 (231)]

[232 v. (231 v.)]

C'os olhos fuzillando de brabura, [233 (232)]

«Severo filho do longo tempo,³⁵

Ella lhe dis com as lagrimas a pares, Proventura seremos ignorantes
Do qu'os Deozes mayores te respeitão? Mas incenciveis aos males
qu'ameação A desgraçada Grécia não podemos Mostrar mais qu'a
ternura e o dezejo. Não seria possível pelo menos Que por uteis
avizos e cautellas Se concervasse o resto destas gentes?».

«Deoza orgulhoza, Jupiter responde, O meu furor ao levantar
d'aurora Os vay inda seguir com toda a força De infatigável
vallorozo braço Costumado a ferir, Heytor vallente Os hirá atacar
nos seos navios [233v. (232v.)]

Athe qu'esse Patroclo sobre a terra Vilmente derrubado invoce
Achilles, Tal he a ley constante e irrevogável Dos meos altos
desígnios; ninguém pode Conspirar contra mim nem contra o
Olimpo Inda que vos queiraes passando o mundo Sublevar de
Japeto a sepultura, E o sombrio Tartaro e horrorozo Às penas e ao
tormento consagrado

Aonde os dias e os ventos não penetrão». ³⁶

Ja o Sol neste tempo terminado
A costumada fulgida carreira
As luzes apagava no Oceano
E o ar ja pouco a pouco escurecendo Dava lugar a denegrída noite.

O Phrigio vencedor se desgostava, Mas o Grego qu'as sombras o cobrião Havia mais tranquilo e mais contente³⁷ Estender o seu manto tenebrozo. Ja perto do Escamandro Heytor valente Em hum lugar do campo separado Qu'os ferozes de Marte inda não via Inda cobertos do humano sangue Ajuntou os Troyanos e no meyo Entrando magestoso assim lhe falia, Empunhava na mao a forte lança Semilhante ao altivo e fresco olmeiro³⁸ Qu'a margem cresce do fecundo rio:

«Vos , ó filhos de Dardano vallentes Companheiros fieis da minha gloria Nos tocamos no ultimo momento De ter huma victoria a mais completa Os Gregos destruindo e os seos navios E levarmos sucego aos nossos muros, Porem a escura noite d'envejeza Os batalhoens dos Gregos q' tremião Sobre as prayas salvou do nosso ferro. Obedeçamos nos tão bem à noite E soltando os fugozos corredores Nos campos os folgemos a pastagem. Hide ja preparar para o festejo A farinha e o pão, lansai o vinho, Degolai os rebanhos numerozos QuTlio para os festins vos enviara. Tudo respire só abundancia e gosto, O nosso vasto campo se illumine D'imensos fogos cuja intensa chama

[234 (233)]

[234v. (233v.)]

Em turbilhoêns as nuvens se levantem [235 (234)]
E o seu clarão durante a noite inteira Seja importuno aos vencidos Gregos De sorte que não possam retirar-se Por entre o cevo das cerúleas ondas, Ou s'acazo intentarem esta fuga Brebemente cercados e oprimidos Os chefes e os soldados juntamente Seirão feridos das nossas mãos triunfantes Com sanguinozos golpes nos seos muros So pera que aos mortaes sirva de exemplo Porq'a paz não perturbem destes climas.

Emquanto dura a noite aos nossos muros Conduzamos os velhos incapazes Qu'os annos distanceão dos combates E a tenra fervoroza mocidade

Que gozando dos prigos das batalhas [235 v. (234 v.)]

Os dezejão seguir ardentemente.

Nossas mulheres com cuidado assendão Nos seos telhados a brilhante chama A fim d'acautelar qu'o inimigo Emquanto existe a noite não surprensa Por escuros caminhos nossas gentes. Vos que me ouvis Troyanos vallorozos O qu'eu digo fazei sem mais demora E vereis amanhã c'o vosso exemplo³⁹ A lingoa do vallor com que vos fallo; Logo que a branca Aurora no Horizonte Abra as portas do dia os nossos dardos E a vos do combate repentino No campo dos Argivos espalhada O Deos Marte acordando d'estremeção,

Eu o juro aos Deozes favoráveis [236 (235)]
 A Priamo vallente e aos Troyanos Qu'eu lansarei os Gregos destas
 margens, Esses leõens rugentes formidáveis Que nestas pray as
 vomitou Neptuno, Do soberbo Diomedes os exforços M'arrancarão
 do corpo a cara vida E combatendo ao pe destas muralhas, Ou esta
 aguda e penetrante lança Velloz lhe passara suas entranhas, Eu
 senhor serei dos seos despojos. Elle s'atreve dezafiar-me ouzado,
 Mas a lus matutina a sua morte Lhe vira assistir e o Sol brilhante O
 vera sobre a terra ensanguentado Cercado de guerreiros infinitos
 Todo dormindo num eterno sono. [236v. (235v.)]
 Chegou aos soberbos inimigos Este dia por nos tão desejado No
 qual os nossos braços vallorozos Exterminem do mundo a Grécia
 toda. Ah! s'eu poderá izento da velhice Livre do jugo da funesta
 morte Junto aos Deozes sentar-me e igualmente Marchar com elles
 polo sacro Olympto!».⁴⁰

Acabou de fallar, e os seos Troyanos Com gritos lhe respondem
 d'alegria Qu'os eccos das montanhas lhe confundem. Os ligeiros
 cavallos espumantes Do jugo se desatão promptamente E de Troya
 os rebanhos numerosos Se conduzem ao campo com cautella.
 Logo fogos imensos s'acenderão [237 (236)]
 Os quaes o Aquilão rapidamente Em turbilhoêns de chama ao Ceo
 levava.
 Bem como sobre o carro sircundado De flamigeros astros vem
 Diana E das longas dobras da argentina rôpa Os rayos espalhando
 sobre a terra No seu vasto contorno os ares todos Deixão do Ceo a
 face descoberta, Porque a vista dillate pola esfera E o pastor solitário
 na montanha Contempla alegre os verdejantes campos, Assim se via
 o fogo ao pe dos muros, O fogo dos Troyanos que brilhava Hum
 clarão espalhando pavorozo Sobre os navios dos vallentes Gregos
 E sobre as margens do fecundo Xanto [237 v. (236 v.)] Mil fogos
 espalhados, mil fogueiras Em torno dos guerreiros resplandecem,⁴¹
 Que perto dos vallentes corredores, Anciozos da guerra formidável,

Esperavão a lus da bella Aurora.

Fim

NOTAS E OBSERVAÇÕES

Nas páginas que se seguem anotamos aspectos da versão que ajudam a melhor entender o texto na sua relação com o original grego. Privilegiamos os capítulos menos favorecidos na introdução ou aqueles em que a liberdade do tradutor correu mais folgada. Importa não esquecer que a tradução jeronimiana usa o decassílabo rigoroso, o que obriga a maior liberdade estrutural do discurso e, por outro lado, descobre os lapsos frequentes do copista.

Indicamos as notas, citando a linha de cada página da tradução e o verso do texto grego.

Não queremos esconder que grave tarefa encontrámos pela frente: comparámos verso a verso, palavra a palavra, estrutura a estrutura, o texto grego e o texto da versão portuguesa. Muitas vezes fizemos tradução pessoal da língua de Homero, já que todas as versões existentes incluem, de facto, uma interpretação do original. Desse trabalho imenso apenas recolhemos o que nos pareceu mais pertinente ao conhecimento e apreciação do inédito que agora vê a luz da publicidade. Mas insistimos: o nosso labor pretende sobretudo evitar que defeitos de tradução e, mais ainda, acidentes de percurso induzam o leitor a um conceito errado do poema homérico.

CANTO I

	Cfr. introdução.	22	17v.15.	0 tradutor aplica o gr. 283-284: Aquiles é a grande defesa dos Aqueus na guerra cruel.
	No grego 18, optativo. Donde, a leitura correcta será «concedam».	—		
	A circunstância de lugar é da responsabilidade do tradutor, «insígnias», i.é., o bastão e as insígnias que o ornamentavam. (Cfr. gr. 28).	23	28.15.	«coração e alma», binarismo característico para traduzir o vocábulo «pprjv (gr. 297).
1 — 3-3v.		—		
2 — 4.3	«labigero», lapso do copista por «lanígeros».	24	18v.15.	Reconstituição imaginativa, baseada no grego 308 9ofv (rápida).
3 — 4.15.	«velho imprudente» faz inclusão com o «velho importuno» da linha 4.	25	19.1.	«beleza» i.é., a bela Criseida (gr. 310).
4 — 4v.8.	«rutilante Deos» i.é., Apolo. A tradução identifica Apoio com o Sol. No gr. 37, o epíteto é «de arco de prata».	26	19.15.	
5 — 4v. 13.	«Favorável» aos Gregos que via morrer.	—		«qu». Devia estar no princípio do verso seguinte: que governa...; mas acrescentaria mais uma sílaba a esse verso. «As vítimas» destinavam-se a Apoio e não a Jove. (Cfr. gr. 315).
6 — 4v. 16.	O discurso é uma apóstrofe aos «filhos de Atreu» (gr. 59), os «príncipes supremos» de 6v.5.	27	19v.5-6.	Omite o nome dos «heraltos» (gr. 320), para explicar as suas funções.
7 — 5.6.	Omite o gr. 107 «sempre te agrada predizer o mal».	28	20v.2-3.	O texto grego é menos radical. Agamémnon não é capaz de ver como é que os Aqueus combaterão sem perigo junto dos navios (gr. 343-344).
8 — 6.10.	«esposa» i.é., Clitmenestra (gr. 113).	—		
9 — 6.15.	«outros tesouros», i.é., Criseida. (Cfr. gr. 127). «do claro dia» não consta do grego.	29	20v.14.	«magoas», lapso do copista por «mãos».
10 — 8v.15	«por ti». O grego 159 acrescenta «cara de cão».	30	21.10	«estando», lapso do copista por «estava».
11 — 9.3.	«oprobio de Achilles»: Aquiles recebe sempre a menor parte dos despojos.	31 -	22v.3.	O copista escreve «ferido» e «querido» sem qualquer anotação, como quem não sabe optar por um dos tais passos já difíceis de ler.
12 — 9v.14.	«teus passos». O copista escreveu «trespasso».	32	23v.1-2.	Breareo não pertencia aos Titãs. Segundo o gr. 403-404, Breareo era o nome que os deuses davam ao que os homens chamavam Egeon. Omitindo o verso, o tradutor evitou a questão intrincada que o texto grego suscita. Sabemos pela Teogonia que Breareo e os irmãos ajudaram os deuses do Olimpo na guerra contra os Titãs. Deve observar-se que, não obstante a liberdade com que o tradutor costuma verter trechos deste género e alguns erros atribuídos ao copista (como Aquiles em vez de filho de Atreu), a tradução segue de perto o texto original, formando uma perífrase literariamente muito bela e textualmente aceitável.
13 — 11v.2.	«aos navios dos Achivos». No grego 184 «tenda de Aquiles».	—		
14 — 11v.12.	Omite gr. 195, que atribui a intervenção de Minerva a Juno (cfr. 14.5).			
15 — 12v.9.	«gostava», lapso do copista por «gostosa».			
16 — 12v.16	Leitura errada do copista, a não ser que se admita um hipérbato forçado. A manter-se a locução, há que permutar a posição com «escutai»: pelo que escutai.			
17 — 13.14	«outros», mais três lápitas, cujos nomes o gr. 263-264 recorda			
	Diz Nestor que os gigantes o chamavam da sua terra, Pilos (gr. 269-270).			
			
18 — 14v.7.		33	24.13.	«em paz» corrigido no texto. Talvez a despropósito, já que em vez de Troianos, o tradutor deve ter escrito Gregos, e a métrica exige mais uma sílaba. (Cfr. gr. 422).
19 — 16v.8.		—		
		34	24v.4.	0 grego acrescenta «abraçando-lhe os joelhos» (gr. 427). (Cfr. 1.23v,4).
20 — 17.2		35-	■ 26v.4.	«cançoens», no gr. 473 naif ova, donde a forma erudita péan.
		36	-28.8.	«esclarece», na acepção de «honrar». (Cfr. gr. 505).
21 — 17.9.		37-	-28v.1.	«pelo que», hipérbato. «pelo que repara». (Cfr. 16v.9).

- 38 — 28v.3. «desolada» traduz o gr. «dá a vitória aos Troianos». O termo «desolada» não convém ao contexto, a não ser que o tradutor tenha visto na raiz da palavra a acepção de só, i.é., que Troia fique liberta dos seus inimigos.
- 39 — 29.3. «preferência» não traduz o grego 516 nem condiz ao texto, a não ser que «preferência» seja uma antífrase por desprezo (gr. átípoTá-n)).
- 40 — 30.13-30v.2. Antecipa grego 558-559.
- 41 — 30v.8. Omite o gr. 547, necessário para que se entenda o partitive «delles»: «se for razoável que tu conheças alguns (delles)». Troyanos, ler Aquivos. Lapso do copista que não entendeu o texto. (Cfr. gr. 559). «bebia», lapso por «bebida».
- 43 — 33v.2. 44 — 33v.8-II. O grego 608-611 menciona de modo particular Zeus e Hera, depois de afirmar que foi Hefesto o construtor dos aposentos dos Deuses.

CANTO II

- 1 — 34.5. Omite o verbo.
- 2 — 34v.2. O copista corrigiu a primeira mão «indolência».
- 3 — 35v.5-12. Discurso que havia de provocar o sonho de Agamémnon. Na mitologia, o sonho é que era filho do sono.
- 4 — 35v.6. Ler «muros» em vez de Mouros. Lapso do copista.
- 5 — 36.V.4-5. «as ordens cumpre». Gr. 33 guarda no pensamento (presta atenção).
- 6 — 36v.13. Crê que naquele dia a cidade tomará (gr. 37).
- 7 — 37.13-14. Imagem muito poética, mas que não traduz o primeiro acto da divina Aurora —uma divindade— que é subir ao Olimpo a anunciar o nascer do dia aos deuses imortais. (Cfr. gr. 48-49).
- 8 — 37v.9. «Phantasma». Gr. 56, divino sonho.
- 9 — 38.2. Melhor que em 36.7, pois corresponde às exigências da métrica.
- 10 — 39.4. «projectos», i.é., fazer que os Aqueus retomem as armas (gr- 83).
- jj — 30.16. (chusmas), corrigido no texto para «batalhoens».
- 12 — 39v.15. Leitura incorrecta. No original seguramente: «que de presente a Júpiter o dera». Cfr. gr. 102.

- 13 — 40.6. «assim que». Provavelmente «a fim de que». O gr. 107-108 usa o infinitivo final.
- 14 — 41.4-6. Versão pouco inteligível. Entenda-se: se se contassem os Troianos que se vêem aqui e nós os Gregos nos distribuíssemos em grupos de dez a cada um dos quais um troiano servisse vinho, várias dezenas de gregos ficariam privados de escansão, tal a superioridade numérica dos Gregos sobre os Troianos.
- 15 — 41.13. «velas». O tradutor interpreta um termo obscuro do gr. 135 oKápra: os cabos (?) estão desconjuntados.
- 16 — 41v.4. «demora», i.é., resta.
- 17 — 41v.8. «desejados». No original certamente «desejosos».
- 18 — 42.10. Comentário do tradutor.
- 19 — 42v.17/43.12. Reproduz livremente o recado de Juno a Palas, que esta transmite com as mesmas palavras daquela, segundo é costume do poema. O tradutor fugiu à monotonia e fez uma espécie de contaminação entre os dois discursos. (Cfr. gr. 173-181).
- 20 — 43v.2. Interpretação do gr. 190-191: «sentai-vos e fazei sentar os outros».
- 21 — 44.5. «Tens». Ler «tendes», como o exige a sintaxe e a métrica.
- 22 — 44.7. Vós que não contaís nem nos combates nem nos conselhos (gr. 203).
- 23 — 44v.10. Transcrição, da responsabilidade do copista, do gr. 212. (Terrestes em vez de Thercites).
- 24 — 45.12. «Onde». Erro do copista, sem métrica nem sentido. No texto original, certamente «ir ainda mais» (cfr. gr. 223). O grego diz exactamente: Na verdade os Gregos tinham em seu coração um ódio e um rancor impressionante contra Agamémnon. Thercites vai mais longe, insultando-o abertamente. (Cfr. gr. 222-225).
- 25 — 46v.1. Afasta-se do sentido do gr. 252: Nós não sabemos bem qual o êxito desta empresa.
- 26 — 46v.12. Castigo de escravos, eufemismo por uma parte do castigo, o desnudamento. (Cfr. gr. 282).
- 27 — 47.8. «uma voz ... se levanta». Gr.: iam dizendo olhando uns para os outros.
- 28 — 49v.1. «o Deos», i.é., o filho de Cronos (gr. 319).
- 29 — 50.6. «ideia», i.é., o discurso do divino Ulisses (gr. 335).
- 30 — 52.2-3. Mais claro o gr. 367-368: saberás quem te impede a conquista da cidade: se os deuses, se a malícia e a ignorância bélica dos homens.
- 31 — 52.7. «Preza», lapso do copista por praza (prouvera). O gr. 371 -372, que usa o verbo no optativo, menciona três divindades: Zeus, Atena e Apolo.

- 32 — 63.16. «morulho». Ler marulho.
- 33 — 53v.11. O gr. 404-407 enumera seis «chefes» a começar em Nestor e a terminar em Ulisses.
- 34 — 53v.15. «Paternos ritos», i.é., a ablução da vítima com grãos de cevada. (Cfr. gr. 410).
- 35 — 55v.3. Comentário do tradutor, que por outro lado, resume o ritual do sacrifício.
- 36 — 55v.9. «exporzião». Ler *esparziam*.
- 37 — 55v.12. O gr. 460-461 enumera mais duas espécies de aves: os patos e os grouis; e situa o rio nos «prados da Ásia» (Menor).
- 38 — 56v.7. Inverte a ordem do texto grego, chamando para o princípio da frase a comparação da frase seguinte, que deste modo fica mutilada.
- 39 — 57.5. O grego 489 começa: «Ainda que tivesse dez linguas, ainda que tivesse dez bocas».
- 40 — 57.11-12. O texto grego não põe título a esta secção. O tradutor trata com demasiada liberdade o catálogo, omitindo e transpondo nomes e alterando por vezes o número dos navios da armada. O atributo «principais» querera exprimir a liberdade com que ele procede aqui.
- 41 — 57.16. O tradutor enumera apenas os principais chefes.
- 42 — 58v.8. Suprimir o ponto e vírgula e também a proposição «com». Duplo erro do copista que falseia o sentido e prejudica a métrica. O sujeito da frase é Diomedes.
- 43 — 58v.13. «Heliacena». A métrica exige Heliça. (Cfr. gr. 575).
- 44 — 59.5. «vingança», texto corrigido pelo copista.
- 45 — 59.13. «dadas», leitura defeituosa do copista. Ler águas.
- 46 — 59v.2. «cantor da Trácia», isto é, Tamaris da Trácia. (Cfr. gr. 595).
- 47 — 59v,10. «Agamenon», lapso por Agapenor. (Cfr. gr. 609).
- 48 — 60.7-10. Cada chefe dispunha de dez navios. (Cfr. gr. 618-619).
- 49 — 60v.5-8. O gr. 644 refere que Toas, chefe dos Etólios, trouxera 40 navios.
- 50 — 60v.13. O gr. 654 acrescenta: em nove navios.
- 51 — 62.1. «quarenta». Do gr. 680 — trinta.
- 52 — 62.10. Transcrição errada. Seguramente, Achayanos e Hellenos. (Cfr. gr. 684).
- 53 -62.12-13. Ler «eles... não tomavão», que devia ser a tradução original.
- 54 — 62v.9. Ler: filhos... netos. (Cfr. gr. 686).
- 55 — 63.7. Ler: «vencendo por algum tempo». (Cfr. gr. 694).
- 56 — 63.7. «Laodamia» O gr. 700 não identifica a esposa.

- 57 -63.14-15. «Alceste». O copista parece ter lido Alceite.
- 58 — 64v.10. Métrica imperfeita, assim como o sentido. No original devia ler-se: «que ambos de Esculápio eram filhos». (Cfr. gr. 731).
- 59 — 65.11. «Polesteles», o Polyteto do v. 4. Insegurança do copista na leitura do texto original.
- 60 — 65v.12. Porque é um braço do Estígio. (Cfr. gr. 755).
- 61 — 66.16. «O deus Intonso», i.é., Apoio. (Cfr. gr. 766).
- 62 — 66v.15. Verso incompleto, palavras baralhadas e sentido confuso. Entenda-se: «Os homens distraíam-se, os carros estavam nas barracas e os cavalos pastavam livremente o lótus e o feno».

CANTO III

- 1—73.1. «estas nações». Gr. 1: êxao-cot, i.é., os Troianos.
- 2 — 74.11. «aos circunstantes». Gr. 12. Ninguém via mais longe do que se atira uma pedra. Confusão entre a palavra Xâaç (pedra) e kaó; (povo).
- 3 — 74v.1. «bem fornido» falta no gr. 17 que traz «arco recurvado».
- 4 — 74v.3. «de ferro», bronze no grego, mas que alguns tradutores modernos vertem igualmente por ferro.
- 5 — 74v.5. «desafiava... gregos». Omite a seguir o gr. 20: «para frente a frente lutar em terrível combate».
- 6 — 74v.13. «cassadores... peritos». No gr. 26: «homens robustos». Ou «cães velozes, fortes e robustos».
- 7 — 75.15. Omite o gr. 39 *ryceporceu-ra* «subornador de mulheres».
- 8 — 75v.11. «rica Esparta» pelo gr. 49, «terra longínqua».

- 9 — 76.1. No gr. 52: «Não queres enfrentar Menelau, amado de Ares?»
No texto gr. 57: «haver-te-iam revestido duma túnica de pedra»
i.é., teria sido lapidado.
- 10 — 76.12. «íris formosa». No gr. 139, «a deusa».
- 11 — 81.3. «entra». No gr. 144 Aíúpri uma das «ayas» de Helena.
- 12 — 81.11. «formosa e candida» no gr. 144 poawtu; (olho de vaca).
- 13-81.11-12. «bem indigna». O gr. 155-156 parece dizer o contrário, numa
oração enunciativa.
- 14 — 82.9. «coterraneos»: gr. 160, «nós».
- 15 — 82v.1. Omite «e teus amigos» do gr. 163.
- 16 — 82v.7. «honesto e prudente». No grego 169, «esbelto e venerando»,
«bela Helena». No grego 171: «a mais divina das mulheres».
- 17 — 83.5. No texto gr. 176 lê-se: «mas não aconteceu assim».
- 18 — 83v.1. Longa perífrase de um único verso grego, o 182.
- 19 — 83v.13-16. «formozas Amazonas». No gr. 189, as Amazonas são viris, que é
o seu epíteto e não «formozas».
- 20 — 84.4. «amada». No gr. 199, «Helena».
- 21 — 84v.16. «a fim que ... conduzida», omissa no grego.
- 22 - 85.12-13. «Ítaco famoso», omissa no grego. «Ulisses, no gr. acompanhado
do respectivo epíteto.
- 23 — 85v.10. Tradução livre de «deixávamos de admirar o rosto de Ulisses para
admirar a divina eloquência». (Cfr. gr. 224-225).
- 24- 86.9-10. «onesto» em vez da forma do gr. 226 «nobre e grande».
«C'o manto... rosto». No gr. 229: «de longa túnica».
- 25 — 86.13. «seu» por «nosso». «Menelau» no gr. 233, acompanhado do
epíteto habitual, amado de Ares.
- 26 — 86v.2. «insignes capitaens». No texto gr. 234: «de olhos vivos». Desta
vez «a divina Helena» que o texto grego omite. A tradução de 239-
241 é bastante confusa.
- 27 — 86v.9. «aturada paz e favorável», fórmula habitual do tradutor em vez do
gr. 252 «pacto leal».
- 28 — 86v.11. «mar (gr. rios) e terra». No texto grego pertencem à apóstrofe, tal
como «devindades infernais», embora estas pareçam deslocadas
na versão. (Cfr. gr. 276-279).
- 29 — 87.8. «animai-nos» pelo grego 280: «sede testemunhas».
- 30 — 87v.10. Falta a tradução do gr. 284-285: «Se o louro Menelau matar
Alexandre, os Troianos devem restituir Helena e todas as
riquezas». Salto do copista, resultante da simetria dos períodos
condicionais.

- 33 — 89v.3. No grego 301, o castigo das esposas é servir a outros, «ignorão»
em vez de «sabem» do texto grego. Confusão de duas partículas
kou/ou. Esta confusão persiste na tradução do verso seguinte, a qual
devia ser assim: «A qual dos dois está destinada a morte». (Cfr.
gr. 308-309).
- 34 — 90.11. «forte espada», i.é., segundo o gr. 317, «pica de bronze»,
«alvergue de Plutão», versão curiosa de «casa de Ades». (Cfr. gr.
322).
- 35 — 90v.9-10. Como de costume omite os epítetos gregos: Troianos, doma-
dores de cavalos; Gregos, de elegantes grevas. (Cfr. gr. 343).
- 36 — 91.5. «ilha de Creta». No gr. «ilheu rochoso».
- 37 — 91v.1.
- 38 -92.12-13.
- 39 — 92v.13. «fementido». No gr. 352, «divino».
- 40 — 93v.2. «da hindo-lhe». Erro do copista por «caindo-lhe».
- 41 — 94.14. «chapar». Lapso evidente do copista. Ler «chamar». (Cfr. gr. 383).
- 42 — 94v.7. «bela e divina Helena». Falta no texto grego, o qual, por sua vez,
menciona no v. anterior (389) a «divina Afrodite». O tradutor,
por seu lado, omite a menção da deusa porque já a mencionara
pouco antes.
- 43 — 95.1. «Assemblea delicada», i.é., segundo o gr. 393, um baile.
- 44 — 95v.10-11. «dos imortais procura...». A tradução converte uma frase
afirmativa em negativa. Pode suspeitar-se de erro de cópia, uma
vez que a sequência do discurso exige que a primeira frase seja
imperativa-negativa. Desta sorte, se há-de ler também «e ao
Olimpo...» em vez de «do Olimpo». (Cfr. gr. 406-407: Afrodite
devia deixar o Olimpo por Alexandre).
- 45 — 96.2-4. Leia-se: «todas as troianas voltarão a censurar-me; já tenho no coração
penas sem medida». (Cfr. gr. 411-412).
- 46 — 97.14. «bela filha de Jove». No gr. 438, apenas o vocativo «ó mulher».
- 47 — 97v.9.

CANTO IV

- 1_99v.4. «Hebe», sem o epíteto habitual Ttótvtā. (Cfr. gr. 2).
- 2 — 99v.10. «comparação», No gr. 6, «ironicamente». O tradutor atendeu à raiz TtapaPáAAeiv.
- 3 — 100v.4. Falta o segundo termo da disjunção: «ou se estabelece entre ambos a amizade». (Cfr. gr. 16).
- 4 — 102v.3-4. Duas interrogações retóricas em vez da afirmativa do gr. 49: «é um presente que recebemos todos».
- 5 — 102v.5. «Juno». O gr. 50 acrescenta dois epítetos de Hera: Pōcōitiç jtótvtā.
- 6—102.9. «Micene e Argos» permutam de lugar por necessidade métrica mas não o adjective «espaçoza» que assim fica a qualificar Argos. (Cfr. gr. 52).
- 7— 103.16. «desejosos... vitória»; comentário do tradutor. (Cfr. gr. 67).
- 8 — 103v.4. «Ihe», i.é., Minerva. Cfr. gr. 69.
- 9— 103v.16. «grão Saturno»: o filho do «astuto Saturno»: Kpóvo; ayxuXopíēra. (Cfr. gr. 75).
- 10— 104.2. Omite meio verso, explicativo de Xapwtpón (brilhante): donde irradiam muitas faúlhas (?). (Cfr. gr. 77).
- 11 — 105.2. «imigo». Identificado no original grego 98: Menelau.
- 12 — 105.9. «tuas setas dirija»: explicitação do voto sugerida pelo pedido de Apoio (o glorioso o archeiro) que o texto, aliás, introduz. Cfr. gr. 101.
- 13 — 105v.5. Omite a descrição de como archeiro prepara o arco a partir dos chifres da «silvestre cabra».
- 14— 105V.16. Omite o minucioso processo de como se disparava o tiro do arco.
- 15 — 106.5. «de Júpiter a filha». O gr. 128 acrescenta o epíteto AyeXeiii (que recolhe os despojos).
- 16— 106v.12-13. Tradução *ad sensum* do gr. 151, cuja linguagem técnica, para significar parte da flecha, era menos compreensível.
- 17 — 107.5. «Para te livrar». No gr. 156: «para a tua morte» (contra a sua intenção).
- 18 — 107.6. O grego lê: «em vez dos Gregos contra os Troianos». (Cfr. 156).
- 19_ 108.7. «seus ossos» por «teus ossos» do gr. 174.
- 20 — 108v.8. «forte» em vez de «louro» do gr. 183.
- 21 — 110.14. «aballa e talha», curiosa tautologia correspondente ao grego 225: atira-se para o combate glorioso.

- 22 — 112v.14-16. Desenvolvimento do texto grego, da responsabilidade do tradutor.
- 23— 113.16. «Eulo». No gr. 276 «Zéfiro».
- 24— 114.2-3. O gr. 287 traz «pai» em vez de «grande» e omite «ilustre... venerando».
- 25 — 114.15. Omite os nomes dos «valentes chefes» expressos no gr. 295.
- 26 — 114v.4. «vanguarda» pelo gr. 299 èç jxéuaov (no centro).
- 27— 115.13. «O valor... esclarecido». No gr. 309 refere-se aos guerreiros doutros tempos.
- 28 — 116.14. «Peleo e Menesteo» em vez do gr. 327, Menesteo, filho de Petreo. Lapso do copista.
- 29— 117.13. «as honras». No gr. 345 são «carnes assadas».
- 30— 117v.3. «valoroso» traduz um dos epítetos de Ulisses 7toXúp.Trccç (gr. 349). O tradutor tem consciência da inexactidão; mas não estava nos seus planos verter literalmente os epítetos. Cfr. Nota 35 ao Prefácio.
- 31 - 117v.II. «este... fraco». No gr. 354, pai de Telémaco.
- 32— 117V.12-14. Tradução livre da segunda parte do gr. 335.
- 33 — 119.9. «Ainda me recordo», introdução estereotipada. No gr. oò yap, mas cuja versão literal estava prejudicada pela omissão da primeira parte de 375: «na verdade eu não estive com ele nem o vi».
- 34— 119.12. «Polinice». Omite o qualificativo «divino» do gr. 377, o que faz por sistema.
- 35 — 119v.2. «esquerdos» por «funestos» do gr. 381.
- 36— 120.7. «filho de Menon» em vez do gr. 394 «Henon».
- 37— 121.8. «cem portas». No gr. 406 «sete».
- 38 — 121v.5. «levantar... estrelas». O gr. 414 diz «levar ao combate».
- 39— 122v.12. «sublime» para traduzir indevidamente o gr. 439 YXauxíómç.
- 40 — 122v.13. «terror, fugida». O gr. 440 traz «pópoç e ”Epiç (divindades).
- 41 — 122v.14. «vão» ler «vai».
- 42 - 124.7-12. Repetição de 1-6. Duas tentativas de versão que o copista conservou.

- 43 — 124v.13. «Agamenon» em vez do gr. 467 «Agenor».
 44 — 125.7. Omite o verbo «foi nascido» e bem assim os vv. 477-481. Lapso do copista devido ao modo igual como terminava o texto: «foi nascido».
 45 — 126.11. Falta o sujeito, Apoio. (Cfr. gr. 507).
 46 — 126v. «Troyano» em vez de Trácios. Erro do copista. (Cfr. linha 15).
 13. No gr. 525 «cerca do umbigo».
 «Achilles». No gr. 313 «Anquises». A circunstância de lugar

CANTO V

- 1 — 128v.1. «Damêns»; lapso do copista. Ler «homens».
 2 — 129.9. «Quando se vai banhar...» No gr. 6: «depois de se ter banhado».
 3 — 129v.7. «Coxo Deos», expressiva perífrase para designar Hefesto. (Cfr. gr. 10).
 4 — 130.15. Interpretação duvidosa do gr. 26. Em vez de «Doris», ler «Fegeu».
 5 — 131.3. «as nossas». No gr. 34 «de Zeus».
 6 — 131v.6. Suprimir «e» antes de «Meonia» i.é., Lidia.. (Cfr. gr. 43).
 7 — 131V.8. Omite grego vv. 45-46 porque começam pela mesma palavra: Idomeneu.
 8 — 132.11. Falta a tradução do gr. 66-67 que identifica Merião como autor do golpe.
 9 — 132v.1. «grão tebano». No gr. 70 «divina Theana».
 10 132V.13-16. Tradução livre dos vv. 80-83.
 11 183v.9. «Pandaro». No gr. 101 «filho de Lycaon».
 12 183v.14. No grego 104-105 lê-se: «Se é verdade que o filho todo pode roso de Zeus, que me chamou quando parti da Licia...»
 13 135.14. «mais fortes guerreiros». No gr. 134 «os combatentes da primeira linha».
 —
 14 135.16. «quando o conhece», i.é., «o socorro dos deuses». (Cfr. 135v.1).
 15 136.12. Omite o gr. 158: «colaterais dividem entre si a herança».
 16 137v.15. «vio». Ler «pio». O gr. 180 traz «conselheiro».
 17 143v.5. «nos» em vez de «vos».. (Cfr. gr. 288).
 —

- 18 — 144v.8-9. pertence ao tradutor.
 «Belona», próprio do tradutor. «Fea»: no gr. 333, «destruidora de cidades».
 19 — 145.16. Pormenor lírico do tradutor.
 «sangue... semelhante ao orvalho» traduz com rara felicidade o termo do gr. 340 ίxύç.
 20 - 145v.1-2. «sangue crasso», evita a contradição do gr. 342 àvaίffioveç (sem sangue).
 21 - 145v.10. Versão lírica do gr. 350b-351.
 23 — 146.13- «alvergue», isto é «Olimpo» do gr. 360.
 24 — 146v.16. No gr. 368 é um atributo de íris 7i:ο8r|vegoç coxéa de pés velozes como o vento
 25 — 147.12- «torre», no gr. 387 «vasilha de bronze».
 26 — 148.13. «Anphrião». No gr. 392 «filho de Anfritrião».
 27 — 148v.11. «alvergue». No gr. 395 «em Pilos».
 78 — 149 7. «dos deoses o medico». No gr. 401 «Peon».
 29 — 149.9. Identificado no grego 415: Diomedes, domador de cavalos. Versão eufemística do gr. 422-425. Vénus teria ferido a delicada mão num alfinete de ouro ao acariciar uma das aqueias de belo manto, a quem induziria a seguir os Troianos. Alusão irónica aos amores de Páris e Helena.
 30 — 150.2. «pai dos Deoses». O gr. 426 acrescenta «e dos homens».
 31 — 150.12-15. «quanta». Ler «quarta».
 32 — 150.16. No grego 446b-447a: «não queiras ter pensamentos iguais aos deuses».
 33 — 151 1. «the», com aférese do «a»; «haveis sofrer», sem preposição por necessidade da métrica. (Cfr. gr. 465).
 34 — 151.7. No gr. 466: «que nós honramos como ao divino Heitor».
 35 — 152.13. Ler «abatido... socorrello». (Cfr. gr. 469).
 36 — 152v.1-2. Anotação do tradutor.
 37 — 152v.3-4. Falta o gr. 498: «Mas os Argivos permaneceram compactos e sem temor».
 38 — 153.16. «Ceres», anacoluto que o gr. 500 evita com o genitivo absoluto: «quando os segadores procedem à limpa». A tradução retoma «Ceres» com a preposição de: «desta sublime Deosa».
 39 — 154v.9. «loiro Deos». No gr. 509: «Febo Apoio, de espada de ouro».
 40 — 154v.10.
 41 — 155.14.

- 42 — 156v.1. «indomados» é qualificativo de «Gregos» do verso anterior.
 43 — 156v.5. Mais expressivo o gr. 529: «amigos, sede homens...» «legítimo filho de Marte» i.é., acorria sempre à frente da batalha. (Cfr. gr. 536).
 44 — 157.5. «Diomedes». Lapsos do copista por «Diocles».
 45 — 157.15. O texto é de difícil leitura; mas o sentido é claro: foi Alfeu que «gerou ao forte Orsilochos». (Cfr. gr. 547).
 46 — 157v.4. Omite a filiação de Antilocho, «filho do magnânimo Nestor». (Cfr. gr. 565).
 47 — 158v.1. Omite os vv. 578-579 do grego. A indicação do feito de Menelau, vencedor de Polimes devia constar da versão original.
 48 — 159.2. «Antomnio e Midon» são o mesmo indivíduo: Midão, filho de Antimio. (Cfr. gr. 580-581).
 49 — 159.3-4. Versão confusa. Os cavalos eram Midon; dele se vai apropriar Antilocho. (Cfr. gr. 588-589).
 50 — 159.12. Versos corrompidos, como o indica a métrica. No grego correspondente (605-606): «mas sem dar costas aos Troianos, retrocedendo de modo que não pareça que tendes o arrojo de combater contra os deuses».
 51 — 160v.2-5. «Deozes». No gr. 613. «Moira».
 52 — 161.6. Omite o gr. 617, para evitar, como de costume, o realismo dos ferimentos.
 53 — 161.90. «quero que» ler: «ainda que». (Cfr. gr. 645, que menciona o feito de Ajax que corre a despojar o inimigo de suas armas). ■
 54 — 162v.10. «corredores», i.é., «cavalos») (gr. 661).
 «o imigo», isto é, Tlepolemo, inimigo de Sarpedon (gr. 658).
 55 — 163.2. Depois de «Minerva» incluir «fez». (Cfr. gr. 676).
 55 — 163v.12. O grego 700-701 supõe antes uma retirada em boa ordem, como aliás também o tradutor em 165v.2.
 57 — 164.7. «Priamo», i.é., Heitor, filho de Priamo. (Cfr. gr. 704). «Etiópia», lapsos do copista por Etólia. (Cfr. gr. 704). «a trazeira» e «por diante» são os dois círculos no gr. 726. Omite os w. 763-769 do gr.: «os dois cavalos gostosamente voavam pelo espaço, entre a terra e o céu estrelado», «de semelhante». Ler como uma só palavra: dissemelhante. Intercalar a partícula «se» entre «Musa» e «podesse».

CANTO VI

- 63 — 171.7.
 64 — 171.15.

- 65 — 171V.14. Omite o nome do avô, Oineu, transferindo o qualificativo para Tideu, «o inclito». (Cfr. gr. 813 Σαιχποβοç).
 66 - 172. «Canto Segundo» em vez de Canto V. Lapsos do copista.
 67 — 172.2. «me falias». Sem dúvida «te falo».
 68 — 172v.6-7. Cada verso corresponde a um adjectivo do gr. 831, qualificativos de Marte. O terceiro adjectivo vem em 172v.9. A tradução, porém, é livre: furioso, mal de nascença, inconstante.
 69 _ 173.14. Omitir a conjunção «que» e pontuar com vírgula o fim do verso.
 70 — 173.14. O grego 836 diz «na cintura» para onde teria feito derivar o «golpe».
 71 — 173v.9. «armada». No gr. 860: «nove ou dez mil homens envolvidos em combate».
 72 — 174.8. «o pé» i.é., «ao pé».
 73 — 174v.11. Entenda-se «só tua filha ser». Alusão à geração de Atena ou Minerva da cabeça de Zeus.
 74 — 175v.14. «tens». No original devia ler-se «te deu». Exigência da métrica.
 75 _ 176v.2. «a elle». Ler «Hebe», conforme o exige a métrica. Cfr. gr. 905. Hebe era a deusa da juventude, que precisamente prezava os banhos de mar.
 «Euforo». No gr. 8 «eussoro» i.é., rico.
 «Teuthonides» inclui, como patronímico a designação de «filho, i.é., Axilo, filho de Teuthras. (Cfr. gr. 12).
 1 — 178.16. Para melhor intelecção do texto, omitir «que».
 2 — 178v.7. «Mecistiades». Ler «Mecisteu».
 3 — 179.10. «Tauro». No gr. 31, «Teucro». A confusão de nomes era fácil num texto muito corrompido.
 4 — 179.13. «Eurialo» é quem mata a «Melanthio». Cfr. gr. 30.
 5 — 179v.3. Tradução ad sensum. Quem ofertaria em resgate essas riquezas seria o pai. (Cfr. gr. 49).
 6 — 179v.9. «retarde» i.é., «perca tempo».
 7 — 180.4-5. «Vitoria»: personificação que não consta do grego.
 «Menelao». Lapsos do copista por «Heleno». (Cfr. gr. 76).
 8 — 181.4.
 9 — 181.7.
 10 — 181.13.

- 11 — 182.6. «tapeçarias sumptuosas». No gr. 90 *nlnXov*.
 12—182.15. «donzellas troianas». São as «mais nobres e inclytas troianas» da linha cinco. No gr. 87 *yepaíaç*.
 13 — 183v.4. A partir daqui até 190 (gr. 119-236) o episódio de Beloro- fonte, com que termina inexplicavelmente a versão do Canto VI. Dele fizemos exame detalhado no Prólogo. É evidente que a tradução existiu, mas levou descaminho.

CANTO VII

- 1 — 192.2. Omite o nome do guerreiro e de sua mãe, respectivamente Menestho e Filomedusa. (Cfr. gr. 9-10).
 2 — 192.3. «o turco ceptro», i.é., «a maça de guerra».
 3 — 192.7-8. Resumo do gr. 13-16. Fenómeno de homoteleuto com o termo *fuia*.
 4 — 192.13. «denso» por «desceu». (Cfr. gr. 19).
 5 — 192V.15. «trabalho consinto» deveria traduzir o gr. *exáepye*, epíteto de Apoio.
 6 — 193.10. «rival dos Gregos todos». No gr. 46: «semelhante a Zeus na prudência».
 7 — 194.14-15. Redundância inexistente no gr. 80 que, por sua vez, prevê a alternativa do combate: Zeus determinou se vós tomareis Troia de fortes muralhas ou se, pelo contrário, perecereis junto das naus marítimas.
 8 — 194v.9. «as gentes», i.é., os Troianos e as mulheres dos troianos.
 9—195.4. Omite a localização «nas margens do Helesponto» com prejuízo da intelecção do texto. (Cfr. gr. 86).
 10— 195v.1-2. «Herança... mundo». Omisso no grego.
 11 — 197.6. Salta do gr. 135 para 151, para incluir no episódio a bela tradução de gr. 153: «o coração seguia a idade» em vez de «era o mais novo de todos». «Em combate». Ler «eu combati».
 12 — 197v.3. «tornais». No original, provavelmente, «tornai». No gr. 167: «Oh, se eu fosse jovem!».
 13 — 197v.14. Inversão da ordem do texto grego, para facilitar a feitura dos versos.
 14—198.13. «elle», i.é., «o povo». (Cfr. gr. 177 *Xaoi*).
 15 — 198.15. No grego «ou o próprio rei de Micenas».
 16— 198v.1-2. Resumo pobre do ritual conduzido por Nestor (gr. 181-190).

- 17 _ 198v.12. O grego 196 é alternativa a «não vos oiçam os Troianos», «escuro». No texto original devia ler-se «escudo».
 18— 199.14. «rey da Tracia», i.é., «Marte» (Ares) que lá era particularmente venerado. (Cfr. gr. 218).
 19 _ 199v.1. Omite a descrição da estrutura do escudo de Ajax.
 20— 199V.16. «acaba». Provavelmente «acabas».
 21 — 200.9. «Húa parte», i.é., «o pescoço». (Cfr. gr. 262).
 22 — 201.8. «dois ministros», i.é., Taltibio e Ideo, mensageiros de Zeus e dos homens, um pelos Gregos e outro pelo Troianos.
 23 — 201V.12. «ella», provavelmente «a noite».
 24 — 202.7. «angulatória» por «degoladora». (Cfr. gr. 282). O tradutor omite pormenores do ritual do sacrificio e diz que foi dedicado a Saturno, quando o foi ao filho de Saturno. Textos deste género são aqueles que o tradutor trata com mais liberdade.
 25 — 203.12. «so». Ler «s'õ».
~~29~~3v.2. «as mãos vira». Provavelmente «as águas viu».
~~28~~3v.7 203v.16. Interpretação do gr. 334-335 «para que leve cada um de nós aos filhos os ossos, quando regressarmos à nossa pátria».
 29 — 205.8. «que» tem valor causal (pois o Ceo...).
 30 — 205v.5. «Gregos», Lapsos do copista provavelmente «todos». (Cfr. gr. 368: «Troianos, Dardânios, aliados».)
 31 — 206.4. «nos dê». No grego 378 «a um dos dois» (povos). Fórmula fixa que o tradutor aqui julgou menos apropriada.
 32 — 207.2. Omite gr. 385-396 em que Agamémnon repete aos Gregos, usando as mesmas palavras, a proposta de Ideo.
 33 — 208.16. Graciosa distribuição do gr. 426: «derramando lágrimas escaldantes».

CANTO VIII

- 1 — 215v.9-12. Pormenor bucólico, da mão do tradutor.
 O copista enganou-se na leitura do texto e corrigiu-se, repetindo o verso: «vestir a toda a preça os selados, *digo*, suas armas».
 2 — 216.5. «cuidadozos», porque menos numerosas. (Cfr. gr. 56: *jcaupóitepoi*).
 3 — 216.6.

- 4 — 216v.8-10. Para melhor compreensão reduzir os versos 8 e 10 a uma só frase: «aos clamores e aos transportes do vencedor alegre e aos tristes gemidos e pungentes gritos dos que morrem».
- 5 — 217.11. Ler «E o príncipe de Argos» (Agamémnon, cfr. gr. 78). «ambos»
- 6 — 217.12. i.é., os dois Ajax. (Gr. 79).
- 7 — 217v.15. «buscar a afronta», fugindo e deixando-se ferir pelas costas.
- 8 — 218v.9. Omite o nome do infeliz «auriga», como omitirá o de seu substituto. (Cfr. gr. 93).
- 9 — 218v.13. «sangue». Leitura errada do copista. Provavelmente «terra».
- 10 — 220v.4-10. Versão muito livre. «Gregos» em vez de Troianos, confusão atribuível ao copista.
- 11 — 221. A partir desta página há duas numerações, uma correspondente à contagem exacta e outra que, erradamente, o texto apresenta e que, por isso, reproduzimos entre parêntesis.
- 12 — 221v.7. «Andromeda», lapso do copista em vez de «Andromaca», esposa de Heitor. A tradução omite o nome dos cavalos e não especifica os cuidados que com eles tinha a princesa, alimentando-os a sopas de pão e vinho. (Cfr. gr. 185-188).
- 13 — «famoso». Dizia-se que era todo de ouro. (Cfr. gr. 193).
- 221V.10. Conclusão do tradutor, não expressa no grego. (Cfr. gr. 207).
- 14 — 222v.2-3. Omite o gr. 224, que alude à posição da nave de Ulisses entre a de Telamon e a de Aquiles, «o filho de Thetis valeroso».
- 15 — 223.10.
- 16 — 223v.10. O copista deixou neste verso mais uma prova da sua presença, repetindo «rezoluto» entre «navios» e «sem remédio», e que nós omitimos no texto.
- 17 — 224v.5. Omite gr. 257-260, que referem a primeira vítima da incursão de Diomedes.
- 18 — 224v.8. Os dois Ajax. (Cfr. gr. 282).
- 19 — 225.1. Ler, provavelmente, «e qual foi o primeiro dos Troianos que o valente Teucro (irrepreensível) abateu?».
- 20 — 225v.2. «filho», lapso do copista que a seguir reproduz a leitura original «fruto».
- 21 — 225v.7. Omite o grego 286-291, com os prémios que Agamémnon oferece a Teucro: um tripé, dois cavalos ou uma mulher por esposa.
- 22 — 225v.16. «Heytor». No gr. 299 «este cão raivoso».
- 23 — 226.5. «caro filho», i.é., «Cerguitião». (Cfr. gr. 302).

- 24 — 227.1. Omite o nome dos «amigos», Mecisteu e Alastor.
- 25 — 227.7. «casa», i.é., «caça».
- 26 — 227v.12. «huma fera», i.é., Gorgona e Ares.. (Cfr. gr. 349).
- 27 — 228v.3. Referência aos trabalhos impostos por Euristeu a Hercules, filho de Zeus. O copista não entendeu o texto e leu-o incorrectamente. Seria «pois esquecido de que salvei seu filho». (Cfr. gr. 362).
- 28 — 229.2. «Thetis», que suplicara a Júpiter que defendesse a honra de Aquiles. (Cfr. gr. 372).
- 29 — 229.12. No gr. 379 começa a disjuntiva: «ou se não será um dos Troianos a ser presa...».
- 30 — 229.16. Omite o grego 385-396, sobre os últimos cuidados das deusas para a sua fuga do Olimpo.
- 31 — 230.3. «séculos». No gr. 404.418 eviautouç (longo período de tempo, ano).
- 32 — 120v.12. «Palias». No gr. 420 só o epíteto. rXauxōMnç.
- 33 — 230v.16. Omite o insulto de íris a Minerva, chamando-lhe «cadela sem vergonha». (Cfr. gr. 423).
- 34 — 232v.6. Falta no texto grego. Aliás, todo o discurso de Júpiter é traduzido com muita liberdade.
- 35 — 233.2. «longo tempo», i.é., «Saturno». (Cfr. gr. 462 xpovíSa).
- 36 — 233v.11. «os dias». Gr. 480 «os raios do Sol». O texto grego 482-483 repete a ideia da inutilidade em buscar auxílio nos abismos, terminando com um insulto a Juno, «cadela que não tem igual», linguagem que o tradutor omite, como de costume, discretamente.
- 37 — 234.3. «havia». Lapso do copista. Propomos «a via».
- 38 -234.12-13. Pormenor bucólico do tradutor.
- 39 — Transcrição duvidosa onde o texto grego 524 também oferece dúvidas. Sentido provável: «Este o discurso que mais convém dizer agora».
- 235V.10. O gr. 541 acrescentou: «como é certo que este dia trará a desgraça aos Argivos».
- 40 — 236v.9. Segundo o gr. 562 eram os guerreiros que se distribuíam em grupos de cinquenta ao redor de cada fogueira.
- 41 — 237v.3.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Justino Mendes de, *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*, T. 22, 2.^a Série.
- ALORNA, Marqueza de, *Obras Poéticas de D. Leonor d'Almeida Portugal Lorena e Lencastre*, Lisboa, Imprensa Nacional: «Iliada de Homero», Canto I, pp. 234-274.
- BRIQUET, C.M., *Les Filigranes, Dictionnaire Historique des Marques de Papier...*, 2.^a ed., Leipzig, 1923.
- BONET, Julio Palli, *Homero en Espana*, Barcelona, 1953.
- BUESCU, Maria Leonor Carvalho, *Aspectos da Herança Clássica da Cultura Portuguesa*, Biblioteca Breve, Vol. 33.
- BUFFIÈRE, Félix, *Les Mythes d'Homère et la Pensée Grecque*, Paris, «Les Belles Lettres», 1956.
- CAMINHA, A. Lourenço, *Obras Inéditas de D. Hieronimo Ozorio, Bispo de Silves no Algarve... dedicadas ao muito nobre, alto e poderoso Senhor Dom João VI por (...)*, Lisboa, 1818. ■
- CARDOSO, Jerónimo, *Oração de Sapiência*, repr. fac-similada da edição de 1550. Tradução de M. P. de Menezes, introdução do Dr. J. Mendes de Almeida, Lisboa, 1965.
- CENACULO, Frei Manuel do, *Cuidados Literários do Prelado de Beja*, Oficina de Simão Thadeo, 1591.
- CEREJEIRA, Dom Manuel Gonçalves, *Clenardo e a Sociedade Portuguesa do seu Tempo*, Coimbra Editora, 1943³.
- FARIA, Fr. Leite de, «As muitas edições de obras de Dom Jerónimo Osório», separata da *Revista da Biblioteca Nacional*, n.º 10, 1981.
- FINLEY, M.S., *The World of Odysseus*, London, 1956.
- FREIRE, António, *Estudos de Cultura Greco-Latina*, Porto, Livr. do Apostolado da Imprensa, 1960.

- GOMES, João Pereira, «Frei Manuel do Cenáculo. Da História da Lógica». Texto trad, e anotado por (...), *Brotéria*, 1958, pp. 9-22.
- GRIFFIN, Jasper, *Homer on Life and Death*, Oxford, Clarendon Press, 1980.
- GRIFFIN, Jasper, *Homer*, Oxford, University Press, 1980.
- LOPES, João Baptista da Silva, *Corographia... do Reino do Algarve*, Lisboa, 1841.
- MACHADO, José de Sousa, *Sá de Miranda...*, Braga, Livraria Cruz, 1929.
- MARTINS, Mário, «Babel e Sião, de Camões...», *Brotéria*, 1951, pp. 391-410.
- MELO, A. de Faria e, *O papel como Elemento de Identificação*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1926.
- MENDES, Manuel Odorico, *Iliada em verso* por (...), Rio de Janeiro, 1834.
- MICHAELLIS, Carolina, *Poesias de F. de Sá de Miranda*, ed. feita sobre cinco manuscritos inéditos por..., Halle, 1885.
- MONTEIRO, Francisco Xavier de Barros, *Iliada, Canto I*, traduzido livremente por (...), ms. da Biblioteca Nacional.
- PARRY, Wilman, *The Making of Homeric verse*, The Collected Papers of (...), edit, by Adam Parry, Oxford, 1971.
- PEREIRA, João Félix, *A Iliada de Homero*, trad, do original por (...), Lisboa, Imprensa de Lucas Evangelista Torres, 2 volumes, sendo o 2.º de 1890.
- PEREIRA, Maria Helena da Rocha, *Novos Ensaios sobre Temas Clássicos na Poesia Portuguesa*, Lisboa, 1988.
- PEREIRA, Maria Helena da Rocha, *Temas Clássicos na Poesia Portuguesa*, Edit. Verbo, 1971.
- PINHO, Sebastião Tavares, «Les études de Grec à l'Université de Coimbra (XVI^e siècle). *L'Humanisme Portugais et l'Europe*, Paris, Centre Culturel Portugais, 1984, pp. 87-109.
- RAMALHO, A. da Costa, *Estudos Camoneanos*, Coimbra, 1975.
- REBELO, Luís de Sousa, *A Tradição Clássica na Literatura Portuguesa*, s./d.
- RESENDE, André de, *Oração de Sapiência (Oratio pro Rostris)*, trad, de M.P. de Menezes, introd. e notas de A. Moreira de Sá, Lisboa, 1856.

- SILVA, José Maria da Costa e, *Iliada de Homero*, traduzida em verso português por (...), Lisboa, Imprensa Regia, 1811.
- SOTTOMAYOR, Ana Paula Quintela, «Acerca da Tradução dos Epítetos Homéricos por Elpino Duriense», *Revista da Faculdade de Letras*, Porto, Série Filologia, 1 (1973), 151-156.
- THORPE, Martin, *Homer*, published by Macmillan Education, London, 1973.
- VALLA, Lorenzo, *De Omeri poetae clarissimi Ilias per (...) Romanum e Graeco in Latinum translata*, Venetiis, 1502.
- VIALE, António José, *Miscelanea Helenico-Literaria*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1868.
- WAGE, Alen et alii, *A Companion to Homer*, London, Macmillan, 1962.

INDICE

PREFÁCIO	7
INTRODUÇÃO	9
Muitas promessas	11
Poucos frutos	12
Uma excepção	15
De Portimão à Biblioteca Nacional	16
O valor dum testemunho	18
I. O MANUSCRITO DA BIBLIOTECA NACIONAL É UMA CÓPIA	19
II. DO TEXTO ORIGINAL	22
A.1) Versão de D. Jerónimo Osório?	28
A.2) Versão inédita de Xavier de Barros	29
A.3) Versão de M. J. da Costa e Silva	30
A.4) Versão de A. José Viale	30
8. Episódio de Belerophonte	31
III. DO BISPO DE SILVES?	42
IV. A NOSSA PROPOSTA	44
TRANSCRIÇÃO DIPLOMÁTICA DO MANUSCRITO	47
NOTAS E OBSERVAÇÕES	289
BIBLIOGRAFIA	



ESTA OBRA FOI COMPOSTA, IMPRESSA E
BROCHADA NAS OFICINAS GRÁFICAS DE
BARBOSA & XAVIER, LIMITADA, DE BRAGA.
INICIADA EM 20 DE JUNHO, ACABOU DE
IMPRIMIR-SE EM 30 DE OUTUBRO DE 1991.